SOCIABILIDADE, CRÍTICA E POSIÇÃO

SOCIABILIDADE, CRÍTICA E POSIÇÃO

**O MEIO ARQUITETÔNICO, AS REVISTAS ESPECIALIZADAS
E O DEBATE DO MODERNO EM SÃO PAULO (1945-1965)**

PAULA GORENSTEIN DEDECCA

Dissertação apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Área de Concentração
História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo

Orientador
Prof. Dr. José Tavares Correia de Lira

São Paulo, 2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

e-mail: pauladedecca@yahoo.com

D299s Dedecca, Paula Gorenstein
Sociabilidade, crítica e posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965) / Paula Gorenstein Dedecca. --São Paulo, 2012.
402 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – FAUUSP.
Orientador: José Tavares Correia de Lira

1.Arquitetura moderna - São Paulo (SP) 2. História da Arquitetura – Brasil 3. Arquitetura (Periódicos Técnicos Científicos) – Brasil 4.Arquitetura (Crítica) 5.Instituições de ensino (Arquitetura) 6.Arquitetura (Concursos) 7.Instituto de Arquitetos do Brasil 8.FAUUSP 9.Mackenzie I.Título

CDU 72.036(816.11)

AGRADECIMENTOS

À FAPESP, pela concessão da bolsa que tornou possível a realização desta pesquisa;
Ao José Lira, pela orientação ampla, desde minha iniciação na pesquisa histórica, e pelo compartilhamento de suas inquietações teóricas, fundamentais em minha formação;

Aos membros da banca de qualificação, Silvana Rubino e Otávio Leonídio, pela leitura e pelos comentários estimulantes para o desenvolvimento final da dissertação;

Ao Tata Barossi, Milton Nakamura e Giovana Avancini, pelo apoio e compreensão durante minha ausência;

Aos funcionários da biblioteca da FAUUSP, pela ajuda nas mais diversas etapas de pesquisa;

Aos amigos do grupo de orientandos - Clévio Rabelo, Diego BIS, Dina Roldan, Felipe Pissardo, Luiz Florence, Mariana Guardani, Raquel Schenkman, Samira Chahin, e os já agregados, Felipe Contier e Eduardo Costa –, pelas leituras e pelo compartilhamento do processo de pesquisa;

Aos outros amigos que colaboraram em momentos variados, cada qual a sua maneira: Ana Castro, Beatriz Rufino, Carolina Heldt, Carolina Leonelli, Denise Inamoto, Elisa Klüger, Gabriel Pedrosa, Iris Pena, Mariana Boghosian, Rafael Urano;

Especialmente aos queridos, João Sodré e Juliana Braga pelo tratamento de imagens e elaboração de um lindo mapa, Gabriela Tamari que por feliz coincidência é encadernadora de primeira e Tomás Martins pela gentileza de me presentear com o material utilizado;

Aos meus pais, Annette Gorenstein e Claudio Dedecca, pelo óbvio;

Pela linda diagramação, pelas aulas de gramática, pelas leituras e por todo o resto, agradeço ao Joca e dedico este pequeno trabalho a ele.

RESUMO

DEDECCA, Paula Gorenstein. *Sociabilidade, crítica e posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965)*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Esta dissertação pretende discutir a unidade e a pluralidade no meio arquitetônico paulista, a partir de suas redes de sociabilidade, espaços de profissionalização e movimentações críticas, tendo como material primário as revistas especializadas publicadas na cidade no período de 1945 a 1965. Trata-se de percorrer a dupla direção das relações entre um grupo intelectual – uma parcela de arquitetos atuantes na cidade – e suas manifestações, procurando traçar o espaço particular no qual se desenvolveram parte de seus laços profissionais, de suas trocas culturais e ideológicas, e de seus posicionamentos projetuais. Operando na intersecção entre espaço urbano, organizações culturais, instituições profissionais e acadêmicas, o primeiro capítulo procura traçar as redes de sociabilidade dos arquitetos em São Paulo. O segundo capítulo busca percorrer os meandros da crítica paulista – suas aproximações, desarticulações, rupturas e deslocamentos críticos – a partir de seus diálogos internos e dos diversos olhares lançados sobre a arquitetura contemporânea no Brasil, principalmente aquela produzida no Rio de Janeiro. Por fim, o terceiro capítulo é uma tentativa de aproximação das interlocuções projetuais entre os arquitetos locais através da análise de alguns dos concursos de arquitetura realizados em São Paulo no período e que encontraram eco nas revistas de arquitetura locais.

Palavras chave: São Paulo; História da Arquitetura no Brasil (1945-1965); Arquitetura Moderna; Revistas Especializadas; Crítica de Arquitetura; Instituições Profissionais; Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB); Instituições de Ensino; FAUUSP; Mackenzie; Concursos de Arquitetura

ABSTRACT

DEDECCA, Paula Gorenstein. *Sociability, criticism and position: the architectonic environment, the specialized magazines and the modern discussion in São Paulo (1945-1965)*. 2012. Dissertation (Master Degree) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

This work intends to discuss the unity and plurality of the architectonic environment of São Paulo, through their social networks, professional spaces and critical movements, using as primary source some specialized magazines, published in the city between 1945 and 1965. The study will investigate the relationship between an intellectual group - a parcel of architects working in São Paulo - and its manifestations, seeking to understand the particular space in which some of its professional ties, cultural and ideological exchanges, and projectual attitudes were developed. The first chapter seeks to outline the social networks of those architects, through the intersection of urban space, cultural, professional and academic institutions. The second chapter studies the local criticism - their intellectual approaches, disarticulations, fractures and dislocations – across their inner dialogues and their different looks launched on Brazilian contemporary architecture, especially the one produced in Rio de Janeiro. Finally, the third chapter aims to approach the projectual dialogues between the local architects through the analysis of some architectural competition held in São Paulo in the period and that found an echo in local architecture magazines.

Keywords: São Paulo; History of Architecture in Brazil (1945-1965); Modern Architecture; Specialized magazines; Architecture criticism; Professional Institutions; Institute of Architects of Brazil (IAB); Education Institutions; FAUUSP; Mackenzie; Architectural Competitions

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

1 SOCIABILIDADE ARQUITETÔNICA EM SÃO PAULO 31

- 1.1 OS ARQUITETOS E OS ESPAÇOS DA CULTURA 37
- 1.2 O IAB COMO POSIÇÃO 53
- 1.3 ENSINO E REDIMENSIONAMENTO DISCIPLINAR 71
- 1.4 AS REVISTAS COMO NÓS DE SOCIALIZAÇÃO 78
 - 1.4.1 *Acrópole* (SP, 1938-1971) 86
 - 1.4.2 *Pilotis* (SP, 1949-1950) 96
 - 1.4.3 *Habitat* (SP, 1950-1965) 102
 - 1.4.4 *AD – Arquitetura e Decoração* (SP, 1953-1958) 112
 - 1.4.5 *Bem Estar: Habitação – Urbanismo* (SP, 1958-1960) 118

2 VISÃO DO OUTRO E AUTOIMAGEM 125

- 2.1 APROXIMAÇÕES ENTRE SÃO PAULO E RIO 127
- 2.2 INTERPELAÇÕES AO CÂNONE NACIONAL 141
- 2.3 ENTRE FORMA E SOCIEDADE 155
- 2.4 DISPUTAS PELO PASSADO 165
- 2.5 PERSPECTIVAS DA TÉCNICA INDUSTRIAL 178
- 2.6 RESSONÂNCIAS CARIOCAS 188

3	CONCURSOS DISCURSIVOS	203
3.1	OS CONCURSOS DE ARQUITETURA NAS REVISTAS	208
3.2	PERMANÊNCIA E DISPERSÃO	217
3.2.1	<i>Paço Municipal de Campinas (1956-1957)</i>	217
3.2.2	<i>Clube Atlético Paulistano (1958)</i>	233
3.3	PERMANÊNCIA E SEDIMENTAÇÃO	251
3.3.1	<i>Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (1961)</i>	251
3.3.2	<i>Sede de Campo do Jôquei Clube de São Paulo (1962)</i>	274
3.3.3	<i>Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Energia Elétrica (1963)</i>	290
3.4	CONVERGÊNCIAS E DIFRAÇÕES	303
3.4.1	<i>Sede do Clube XV (1963)</i>	303
3.4.2	<i>Clube da Orla (1963)</i>	324

CONSIDERAÇÕES FINAIS 341

BIBLIOGRAFIA 347

LISTA DE IMAGENS 361

ANEXOS 365

INTRODUÇÃO

Esta dissertação pretende discutir a unidade e pluralidade no meio arquitetônico paulista, a partir de suas redes de sociabilidade, espaços de profissionalização e movimentações críticas, tendo como material primário as revistas especializadas publicadas na cidade no período de 1945 a 1965. Trata-se de percorrer a dupla direção das relações entre um grupo intelectual – uma parcela de arquitetos atuantes em São Paulo – e suas manifestações, procurando traçar o espaço particular no qual se desenvolveram parte de seus laços profissionais, de seus diálogos projetuais, e de suas trocas culturais e ideológicas.

Ao investigarmos, em um primeiro momento desta pesquisa, os entendimentos da historiografia brasileira sobre a questão de uma possível “identidade paulista” em arquitetura, deparamo-nos com uma situação paradoxal: ainda que aparentemente muito discutida ao longo dos últimos cinquenta anos, poucos são os estudos que a tomam como objeto central e que, portanto, detêm seu olhar em um exame mais aprofundado e complexo do tema. Mais do que isso, apesar de diversas leituras, desde a década de 1940, afirmarem, ainda que indiretamente, a existência de peculiaridades mais ou menos relevantes na produção local, elas seguem algumas chaves de interpretação recorrentes, cujo rendimento, no nosso entender, parece dar sinais de esgotamento.

Neste sentido, com este trabalho buscamos contribuir para outras possibilidades de entendimento destas convergências e afastamentos entre os arquitetos locais, de tal forma que seja possível propor novas leituras históricas, mais atentas à multiplicidade de diálogos e produções, para além da afirmação ou negação de discursos que pretendam classificar tendências e reforçar, apressadamente, identidades e oposições. Sendo assim, pode ser importante um breve retorno historiográfico, de maneira a situarmos nossa dissertação neste campo mais amplo da pesquisa.

Na historiografia de arquitetura, o tema paulista emerge em meados de 1960 como parte de uma discussão mais ampla acerca da arquitetura moderna brasileira, de certa forma esmaecendo a primazia dedicada à vertente carioca¹. Até então, apesar de reconhecerem uma ou outra diferenciação regional, as análises históricas propunham uma coesão entre todas as obras nacionais tidas como modernas, interpretando-as como bons exemplares de uma produção homogênea. A partir de um olhar pautado na emergência inevitável da linguagem moderna, na valorização de sua originalidade, na articulação entre modernidade e tradição colonial e na necessidade de construção simbólica da nova nação (cujo vínculo com o esquema teórico de Lucio Costa é inegável), tais leituras delegavam a um pequeno grupo de profissionais do Rio de Janeiro um papel central no processo de renovação arquitetônica, enquanto cabia à anterior produção vanguardista de São Paulo a mera preparação de campo, difusa e pouco efetiva².

Apesar de toda a efervescência da cena cultural local, nem mesmo alguns críticos mais atentos ao cenário paulista, como Lourival Gomes Machado e Henrique Mindlin, seriam capazes de questionar a centralidade dos cariocas, embora chegassem a destacar distinções locais decorrentes, sobretudo, de singularidades culturais, econômicas e geográficas da cidade. Tais peculiaridades, – como a fisionomia topográfica; a produção voltada à problemática da moradia; a contribuição dos estrangeiros; o contato com tendências internacionais; o estudo da arquitetura norte-americana e o ensino de raiz politécnica – ainda que fossem

1. Partimos de um universo pesquisado amplo, no qual buscamos abarcar, além das grandes releituras e manuais, artigos publicados em livros e revistas, catálogos de exposição e teses acadêmicas.
2. COSTA, Lucio. “Razões da Nova Arquitetura”, *Revista da Diretoria de Engenharia da PDF*, 1, jan.1936. GOODWIN, Philip L. *Brazil Builds: Architecture new and old (1652-1942)*. New York: The Museum of Modern Art, 1943; ANDRADE, Mário. “Brazil Builds” in XAVIER, Alberto (org.). *Depoimentos de uma geração – Arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: CosacNaify, 2003. Originalmente publicado na Folha da Manhã, 25 mar.1944, SP.

dignas de nota, não davam a estes intérpretes indícios suficientes de um movimento local, conscientemente diferenciado do cânone até então estabelecido³.

Curiosamente, poucos anos mais tarde, três leituras viriam a apresentar – e de maneira enfática – uma arquitetura paulista, vista como manifestação coletiva e independente. Em 1959, Luiz Saia traçava a formação de um campo profissional local, que se organizou ao redor dos movimentos de renovação arquitetônica a partir das novas instituições de classe e de ensino formadas ao longo dos anos 1940⁴. Em 1960, em uma edição da revista italiana *Zodiac* dedicada à arquitetura brasileira, Flavio Motta identificava a existência de uma produção local, coletiva e alternativa à arquitetura carioca, alargando decisivamente a importância de Vilanova Artigas neste cenário. Se até então este arquiteto já havia merecido elogios episódicos por sua produção individual, ele passava agora a ser visto como protagonista de uma “intensa atividade doutrinária”, de proporção semelhantes à de Lucio Costa no Rio de Janeiro⁵.

Em busca de formas capazes de responder à instabilidade da indústria da construção, econômica em seus recursos, de irreverente conteúdo especulativo, humanista e socialmente comprometida, esta arquitetura de Artigas era então associada ao movimento brutalista internacional, tanto por Motta quanto pelo crítico italiano Bruno Alfieri – o que se torna, a partir deste momento, uma matriz de leitura doravante recorrente. Não só isso: Alfieri colocará, salvo engano pela primeira vez, essa produção paulista em “dramática divergência” frente à arquitetura do Rio de Janeiro: bruta, era um manifesto frente ao ambiente otimista e reafirmava valores mais próximos ao indivíduo, substituindo a “rajada ocasional de inspiração” por uma obra mais sustentável e duradoura⁶.

3. MACHADO, Lourival Gomes. *Retrato da Arte Moderna do Brasil*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1947; MINDLIN, Henrique. *Modern Architecture in Brazil*. Rio de Janeiro: Colibris, 1956.

4. SAIA, Luiz. “Arquitetura Paulista” in XAVIER, Alberto (org.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: CosacNaify, 2003. Originalmente publicado no Diário de São Paulo, 1959.

5. MOTTA, Flavio. “Rapporto Brasile”, *Zodiac*, 6, p.67, 1960.

6. ALFIERI, Bruno. “João Vilanova Artigas – Ricerca Brutalista”, *Zodiac*, 6, p.97, 1960. Tradução da autora.

Pode não ser coincidência a emergência simultânea desta nova matriz interpretativa, no final dos anos 1950, com as obras de Brasília e o encerramento de uma sequência de números dedicados à arquitetura moderna brasileira que vinham sendo publicados em periódicos especializados no exterior, desde a década de 1940⁷. De fato, o início de 1960 pontua um novo período na produção, difusão e recepção da arquitetura moderna brasileira, no qual ela, e particularmente a sua representação carioca, já não é mais vista pela crítica, interna e externa, com o mesmo deslumbramento da década anterior e no qual, simultaneamente, a produção paulista projeta-se gradualmente no cenário nacional, lida como uma alternativa às suas contradições e limites⁸.

É notável também que, se de um lado emergem neste momento três pontos interpretativos que orientam até hoje grande parte das opiniões acerca de uma “identidade paulista” (sua definição a partir da relação travada com a arquitetura moderna brasileira já consagrada, pautada no ideário carioca; sua conexão com a tendência brutalista internacional; e a centralidade de Vilanova Artigas), a chave de análise proposta por Luiz Saia, mais interessada na sociabilidade do meio profissional local, parece não produzir maiores desdobramentos nas análises subsequentes.

Curioso é que os sinais desta nova leitura histórica não ressoarão ainda nas revistas especializadas, apesar de sua intensa movimentação crítica ao longo dos anos de 1950 e 1960. Ainda assim, é preciso lembrar da atuação de Geraldo Ferraz que, ao lado da constante dedicação à obra de Warchavchik, inicia, ao longo de 1956, um “balanço” histórico do momento de renovação da arquitetura nacional, analisando, em *Habitat*, a trajetória de diversas “Individualidades da arquitetura brasileira” a partir de novas chaves, como suas preocupações urbanísticas ou suas orientações construtivas avessas aos arroubos formais, inserindo-as também no quadro da cultura⁹. Mas, é sobretudo ao analisar, em 1957, os “novos valores

7. CAPELLO, Maria Beatriz. *Arquitetura em Revista*. São Paulo: FAUUSP, 2006.

8. BRAGA, Juliana. *Ver não é só ver. Dois estudos a partir de Flavio Motta*. São Paulo: FAUUSP, 2010.

9. São publicados: sobre Gregori Warchavchik em março de 1956; Affonso Reidy em abril de 1956; Rino Levi em maio de 1956; MMM Roberto em junho de 1956; Lucio Costa em outubro de 1956; Roberto Burle Marx em novembro de 1956.

na arquitetura brasileira”, dando contornos a uma nova etapa da arquitetura contemporânea nacional e se abrindo para o entendimento de outras atuações, com novas e diferenciadas perspectivas, que Ferraz trava certo diálogo com estas intenções historiográficas que tomam forma ao redor dos anos 1960¹⁰.

Ao longo de 1970, as raras leituras empreendidas se concentram em discutir a continuidade ou a bifurcação entre uma produção paulista e a arquitetura pauta-da pelo grupo do Rio de Janeiro desde meados dos anos 1930. Ainda que algumas leituras, sobretudo paulistas, interpretassem a persistência de certos valores (como o empenho poético, o sentido criador e a atenção social e urbana), situando o movimento local na linha contínua de desenvolvimento da arquitetura brasileira – que, por sua vez, era valorizada por sua contribuição universal¹¹ –, é, contudo, a narrativa de Yves Bruand, de 1973, que parece ter maior repercussão.

Ao mesmo tempo em que se solidifica tal embate, no qual se reafirma a rivalidade entre a produção carioca e a concepção de Artigas, consolida-se uma das leituras mais influentes, constantemente revisitada, sobre esta produção, pela primeira vez identificada como uma “escola paulista” de arquitetura: ambiciosa e sem jamais desmentir suas preocupações formais (no que se aproximava da produção do Rio), caracterizava-se pela volta ao funcionalismo estrito, pelo investimento técnico que aspirava à industrialização da construção e por uma estética que valorizava “a força, o choque, a massa, o peso e os contrastes violentos”, diferindo pela importância dada ao posicionamento político traduzido em termos utilitários¹².

10. O número sobre Abelardo de Souza é publicado em fevereiro e o sobre Oswaldo Bratke em novembro de 1957.

11. MOTTA, Flavio. “Arquitetura brasileira para a Expo’70”, *Acrópole*, 372, mai.1970; MOTTA, Flavio. “João Vilanova Artigas e a Escola de São Paulo”, *Módulo*, Especial Vilanova Artigas, 1985 (publicado originalmente em 1965); ROCHA, Paulo Mendes. “Depoimento”, *CJ*, 3, 1975. Ver tb.: BRAGA, Juliana. *Ver não é só ver. Dois estudos a partir de Flavio Motta*. São Paulo: FAUUSP, 2010. p.91.

12. BRUAND, Yves. “À margem do racionalismo: a corrente Orgânica e o Brutalismo paulista” in *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981. p.295-319 (Tese defendida na França em 1973). Carlos Lemos também adota tal leitura, ainda que não afirme o contraponto Rio-São Paulo: LEMOS, Carlos. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

Se, de um lado, o ressurgimento das publicações regulares de arquitetura em meados dos anos 1980 marca a retomada de um debate mais denso (ainda que fragmentado, de curto fôlego e em formato de crítica), por outro, algumas pesquisas acadêmicas passam a se interessar pela montagem de um quadro histórico mais amplo e plural, sobretudo do ponto de vista regional, sem dúvida impulsionadas pela tendência de certa autonomização da história da arquitetura, por seus novos pressupostos historiográficos e pela consolidação dos primeiros programas de pós-graduação¹³. Respondendo a diversas manifestações que declaravam o cansaço dos cânones modernistas e negavam a história recente da arquitetura brasileira, este resgate de distintas “modernidades” soma-se, na esfera local, ao retorno de Artigas à FAU, ao seu concurso de titulação em 1984 e ao seu falecimento em 1985, que impulsionaram um olhar mais atento à obra e à atitude do arquiteto¹⁴.

Em meio a tal movimentação crítica, a ideia de uma “escola paulista” definitivamente se consolida como chave interpretativa, seja pressupondo a sua aceitação, seja recusando-se a sua novidade ou homogeneidade na análise dos diálogos arquitetônicos de meados dos anos de 1950 aos anos 1960. Os termos pelos quais esta “tendência” será lida também são decantados em meio a iniciativas de sistematização de seus princípios, afirmações de sua contraposição a uma “escola carioca”, alertas para os limites deste entusiasmo regionalista, ou interdições à ideia de um corpo de pensamento unitário capaz de ser enquadrado como “brutalista”¹⁵.

13. LIRA, José Tavares Correia de. “A história e o fazer arquitetura”, *Desígnio*, 11/12, mar.2011.

14. FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene M. *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982; WISSENBACH, Vicente. “Vilanova Artigas, 45 anos projetando, ensinando, lutando”. *Projeto*, 66, ago.1984; WISSENBACH, Vicente. “Arquitetura perde seu grande mestre: Vilanova Artigas”. *Projeto*, 71, Jan.1985; KNIJNIK, Arnaldo, RIBEIRO, Enilda, IAB. “Não abro mão de minha utopias”. *Projeto*, 72, fev.1985; SEGAWA, Hugo. “Artigas, o mestre desconhecido”. *Projeto*, 72, 1985; “Vilanova Artigas (1915-1985)”. *Módulo*, 84, 1985.

15. Por exemplo: VIEIRA FILHO, Carlos Alberto. “Vilanova Artigas e a arquitetura paulista”. *Projeto*, 66, ago.1984; ACAYABA, Marlene Millan. “Brutalismo Caboclo e as residências paulistas”. *Projeto*, 73, mar.1985; FERRO, Sérgio. “Reflexões sobre o brutalismo caboclo”, >

Neste processo, Artigas se firma como protagonista central da escola, e sua atuação política tomada frente à arquitetura emerge como eixo de compreensão de sua trajetória. A arquitetura produzida por ele e pelo grupo ao seu redor seria frequentemente distinguida pelo uso de materiais brutos (em especial o concreto), por certo vocabulário formal atento sobretudo à técnica e pela intenção ética aliada ao projeto (que justifica, por vezes, a aproximação entre arquitetos que, do ponto de vista de suas proposições formais aparentemente se distanciam). Mais do que isso, seja por distinções locais, sobretudo associadas a determinadas particularidades culturais, econômicas e geográficas da cidade (tal como elencadas por Machado e Mindlin), seja pela oposição entre eleições teóricas (como o contraponto entre técnica e liberdade formal, por exemplo), muitas dessas leituras tenderiam a definir a arquitetura produzida em São Paulo a partir de suas relações, conflitos, semelhanças, contrastes e paralelos com a arquitetura brasileira “hegemônica” ou “canônica”, representada pelo grupo do Rio. Invariavelmente, ainda que fosse consenso afirmar que a renovação arquitetônica em São Paulo não tivesse surgido atrelada a esta produção carioca, as explicações sobre os rumos tomados pela produção local se apoiariam no seu confronto (positivo ou negativo) com a arquitetura lá produzida.

Desde 1990, tanto as monografias (principalmente as que investem no estudo da contribuição individual dos diversos profissionais locais)¹⁶, quanto as leituras mais panorâmicas (que respondem à possível fragmentação decorrente

> *Projeto*, 86, abr.1986. Em dois números a revista *AU – Arquitetura e Urbanismo* levanta tal debate: “Em debate a Escola Carioca”, *AU*, 16, fev. mar 1988; “Escola Paulista: o que restou?”, *AU*, 17, abr. mai. 1988 (com destaque para KATINSKY, Julio. “Arquitetura Paulista: uma perigosa montagem ideológica” e ARTIGAS, Rosa; SILVA, Dalva. “Sobre Brutalismo, mitos e Bares (ou de como se consagrar uma impropriedade)”). Ver tb: ZEIN, Ruth V. “O futuro do passado, ou as tendências atuais”, *Projeto*, 104, 1987.

16. Não conseguiríamos citar aqui todos os títulos, mas podemos elencar: BUZZAR, Miguel A. *João Batista Vilanova Artigas: Elementos para a compreensão de um caminho da arquitetura brasileira, 1938-1967*. São Paulo: FAUUSP, 1996; PENTEADO, Fabio. *Ensaio de arquitetura*. São Paulo: Empresa das Artes, 1998; ZEIN, Ruth Verde. *Arquitetura brasileira, Escola Paulista e as casas de Paulo Mendes da Rocha*. Porto Alegre: 2000; >

destas novas pesquisas tão focadas)¹⁷, ou as leituras internacionais (que retomam seu interesse pelo debate arquitetônico brasileiro, agora incluindo a produção de São Paulo)¹⁸ adotam eixos analíticos muito similares quando abordam, mesmo que de passagem, o tema da identidade paulista. A partir de tal constatação, evidentemente, não buscamos negar a contribuição destes diversos investimentos, mas apontar a proximidade que boa parte destas narrativas ainda conservam – no que diz respeito às aproximações e afastamentos entre os arquitetos paulistas nos anos de 1950 e 1960 – com algumas chaves de interpretação, que os unifica sobretudo a partir de determinadas semelhanças entre suas posturas projetuais. Trata-se de um olhar que, se por um longo período serviu para o desenvolvimento de uma diversidade de leituras históricas, parece agora não mais render tantas inovações para a historiografia contemporânea.

Pois, alguns laços, pouco a pouco, são revisados por pesquisas recentes que, de uma maneira ou de outra, trazem outros elementos que implicam o questionamento de alguns dos pressupostos utilizados para afirmação das características

- > SUZUKI, Juliana H. *Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi em Londrina: uma contribuição ao estudo da arquitetura moderna no Estado do Paraná*. São Paulo: FAUUSP, 2000; KATINSKY, Julio Roberto. *Vilanova Artigas: invenção de uma arquitetura*. São Paulo: Tomie Ohtake, 2003; MODENESE FL., Eduardo. *Entre linhas e curvas : a teoria e a prática na obra de Zenon Lotufo*. São Paulo: FAUUSP, 2008; FIORIN, Evandro. *Arquitetura paulista: do modelo à miragem*. São Paulo: FAUUSP, 2009.
17. SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 2002; FORTY, Adrian; ANDREOLI, Elisabetta. (org). *Arquitetura Moderna Brasileira*. London: Phaidon, 2004; BASTOS, Maria A. Junqueira, ZEIN, Ruth V. *Brasil: Arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2010. Neste conjunto podemos incluir os estudos desenvolvidos pelo grupo da UFRGS que se voltam para o estudo do conjunto da produção paulista dos anos 1960, a partir de uma metodologia pautada pela análise formal das obras. P.ex.: ZEIN, Ruth V. *A Arquitetura da escola paulista brutalista, 1953-1973*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2005.
18. WILLIAMS, Richard. “The Aesthetics of poverty” in *Brazil*. Londres: Reacktion Books, 2009; FRAMPTON, Kenneth. “Vilanova Artigas y la Escuela de São Paulo” in *João Batista Vilanova Artigas*. 2G, 54, 2010.

específicas desta produção. Atuações singulares, frentes diversas de diálogo, conjuntos mais amplos de obras, modos de produção – submetidos a um novo olhar ou simplesmente estudados pela primeira vez – levam a um inevitável rearranjo do quadro antes estabelecido. No campo atual de pesquisa que vem se desenhando nos últimos anos, emerge um novo olhar para a análise da contribuição de antigos e novos protagonistas, para o papel das instâncias profissionais e de ensino, para os embates discursivos, para a forma de produção material desta arquitetura e das interações entre os âmbitos locais, nacionais e internacionais, incentivando a revisão de antigas convenções de análise do meio profissional e disciplinar e um outro arranjo de contribuições (muitas vezes dispersas) em redes mais complexas de diálogos.

A não estaqueidade dos debates, os intercâmbios constantes entre arquitetos de diversas regiões do país, as problemáticas brasileiras que reinterpretam e transformam as teorias estrangeiras, questionando e alterando sua validade no novo contexto, dificultam o traçado de uma interpretação histórica que almeje à universalidade, ou à reconstituição de discursos e posições homogêneos e coesos. Assim, as sínteses acabadas parecem ser substituídas, paulatinamente, por novos agrupamentos que suspendem – pelo menos provisoriamente – o antigo jogo de noções, fazendo aflorar outros entendimentos, outras redes de relações entre estes arquitetos paulistas.

As contraposições sem nuances – entre a produção privada paulista e a iniciativa estatal carioca; entre a matriz politécnica e o ensino de belas artes; entre a cidade industrial e a capital política ou do prazer – têm suas lacunas expostas por diversos estudos que, cada qual a sua maneira, trazem elementos diversos para esta reavaliação – como os trabalhos de Marcos Gabriel que, ao analisar o contato de Artigas com a crítica modernista e a Família Artística paulista, problematiza sua relação com a cultura politécnica¹⁹; de Ana Paula Koury, que traça a intensa relação desenvolvida nos anos 60 entre os arquitetos paulistas e o governo do

19. GABRIEL, Marcos Faccioli. *Vilanova Artigas: uma poética traduzida*. São Carlos: EESC/USP. 2003

Estado²⁰; ou o de Ana Luiza Nobre, que reconstitui todo um eixo de preocupações dos cariocas com a racionalização técnica e a produção industrial²¹.

A ideia de centralidade também nos parece problemática como eixo de análise. Por que não considerar a produção simultânea de arquitetura em diversas cidades e a diversidade interna às produções locais? O que havia em São Paulo, antes da década de 1950, e no Rio, depois de 1960? Por que olhar para diversos elementos – tais quais os imigrantes – como periféricos, se estes constroem tanto, ou mais, do que muitos dos mais prestigiados arquitetos locais? Se assumirmos que uma “escola” se configura em torno da figura de Vilanova Artigas, quais as suas diferenciações internas e quais as peculiaridades relativas ao restante da produção paulista? Seguirá ela os mesmos caminhos da arquitetura produzida no Brasil, ou portará alguma identidade local?

Generalizações igualmente podem levar a enganos e há que se ter cuidado ao afirmar, por exemplo, a partir de um possível debate entre Artigas e Niemeyer, ou entre Artigas e Lucio Costa, uma contraposição ou uma afinidade entre a arquitetura paulista e a carioca. Talvez, não se trate de optar pela existência de uma continuidade ou pela ruptura entre as diversas produções – uma chave de análise naturalmente excludente – e, sim, discutir quais são e como se dão estes diálogos, plurais e multidirecionais, entre cá e lá, evitando-se suportes demasiadamente “mágicos” para o entendimento dos fatos de transmissão e comunicação²².

Em suma, trata-se de tirar do repouso algumas destas classificações em busca de uma trama mais complexa de debates, conflitos, seleções, exclusões e interdições. A própria característica de nosso material de estudo – coletado nas revistas e por isso, com acentuado grau de dispersão – nos permite propor outra combinação de relações entre este meio profissional, aceitando o descontínuo e partindo da ideia de uma rede de relações, difícil de desembaraçar, na

20. KOURY, Ana Paula. *Arquitetura construtiva: proposições para a produção material da arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo, 2005.

21. NOBRE, Ana Luíza de Souza. *Fios cortantes : projeto e produto, arquitetura e design no Rio de Janeiro (1950-70)*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2008.

22. FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

qual transpassam lutas, desvios, inversões, conflitos e surpresas²³. Para além do verdadeiro e do falso, a pesquisa contemporânea parece apontar para novos desafios: entender por que em determinado momento tal ou qual discurso entra em pauta no meio paulista, qual o regime de validação de cada enunciado e como, em um dado momento, ele parece verdade, cânone ou hegemônico²⁴. Por isso o foco aqui nas práticas discursivas, em uma determinada região de produção de significados, em suas múltiplas dimensões e enraizamentos, disciplinares, profissionais, culturais e sociais.

§

Este estudo tem como ponto de partida a pesquisa direta em periódicos especializados em arquitetura, publicados em São Paulo e no Rio de Janeiro, no período de 1945 a 1965, e os usa como fonte prioritária na construção do texto. Os trabalhos acadêmicos foram mobilizados em um segundo momento do desenvolvimento da dissertação, à medida que nos ajudavam a compreender as diversas questões suscitadas pelo material coletado. Partindo dos pronunciamentos e manifestações, de grupos e indivíduos no interior das revistas, esperávamos trazer novos elementos para o entendimento da socialização dos arquitetos em São Paulo, da constituição de um meio arquitetônico local baseado em práticas múltiplas e entrelaçadas,

23. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

24. LIRA, José Tavares Correia de. “A história e o fazer arquitetura”, *Desígnio*, 11/12, mar.2011.

que nos permitiriam ir além da narrativa pautada em autores individuais, obras e eventos singulares. Depurado da sobrecarga de interpretações posteriores, o conteúdo destas revistas se tornou uma fonte preciosa para a compreensão das posições relativas, problemáticas relevantes, debates de época e orientações de projeto, e de fato, ajudou-nos a iluminar outras redes de sociabilidade, lugares de aprendizado e trocas intelectuais, indicando a dinâmica do movimento de fermentação e circulação das idéias arquitetônicas.

Instrumento eficaz de propagação de valores culturais, dado o seu caráter de impresso circunstanciado, condensado, ligeiro e de fácil consumo, os periódicos são um veículo importante de debate, ao atingir com presteza uma gama expressiva e diferenciada de leitores. Ao documentarem o presente através de registros múltiplos – o textual, o iconográfico, o extratextual, como o reclame ou a propaganda –, transformam-se em um gênero privilegiado pelo historiador que, ao simples folhear dessas publicações, “sente-se envolvido pelo tempo pretérito que busca reconstruir”²⁵. Seu corpo editorial e seus colaboradores, sua estrutura administrativa, o perfil de seus proprietários e consumidores, sua duração e periodicidade, sua organização formal interna, além de todos os seus componentes aparentemente corriqueiros – formato, papel, tipo, ilustração, tiragem – sugerem uma série de indagações e contêm uma carga informativa extremamente eloquente ao olhar histórico.

Nesta dissertação, tentamos tratar tais revistas em uma dupla dimensão, ou seja, como fonte e como objeto de análise, dado que cada uma delas ocupa uma determinada posição na trama social que nos propomos a reconstituir, tornando-se lugares de reflexão, criação, construção e visibilidade. Neste sentido, procuramos ter o cuidado de evitar o descolamento de frases e imagens de suas circunstâncias de produção e circulação, considerando que cada periódico se direciona a um público, converte-se em porta-voz de determinado grupo ou indivíduo e, por isso, assume objetivos variados.

25. MARTINS, Ana L. *Revistas em Revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2008. p.21.

Os periódicos de arquitetura motivaram, ao longo da última década, uma série de investigações acadêmicas, nacionais e internacionais²⁶, que, aos poucos, apontam as especificidades deste material em nossa disciplina. Mais do que simplesmente fontes, estas revistas especializadas são espaços de produção, pois inventam um presente arquitetônico, produzem e consagram tendências e significados. Se o julgamento das obras de arquitetura resulta de vários elementos, dentre eles a contribuição da crítica, ao refletirmos o modo como foram lidas, avaliadas e transmitidas, descobrimos, em parte, o valor atribuído a elas em um determinado momento²⁷. Deste modo, tal como o texto histórico, os periódicos operam como agentes de mudança²⁸. Mais do que isso, o estudo desta imprensa altera o foco recorrentemente dirigido a profissionais singulares como principais agentes da história arquitetônica

26. Tais pesquisas se concentram em alguns tipos de abordagem, sobretudo as que tomam a publicação como objeto e que, partindo de um determinado recorte – seja um programa arquitetônico ou uma problemática – abrem-se para um debate mais amplo que extrapola o periódico: PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. *Modernizada ou moderna?: a arquitetura em São Paulo, 1938-45*. São Paulo, 1997; SERAPIÃO, Fernando Castelo. *Arquitetura revista: a Acrópole e os edifícios de apartamentos em São Paulo (1938-1971)*. São Paulo: Mackenzie, 2005; STUCHI, Fabiana Terenzi. *Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 50*. São Paulo: FAUUSP, 2007; MACHADO, Paula M. *Casa e Jardim: A revista e a divulgação do ideário moderno na década de 1950*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007; ALMEIDA, Maysa F. de. *Revista Acrópole publica residências modernas: análise da revista Acrópole e sua publicação de residências unifamiliares modernas entre os anos de 1952 a 1971*. São Carlos: EESC, 2008; SILVA, Maristela Siolari. *Os periódicos de arquitetura e a formação da arquitetura moderna brasileira: tecnologia e habitação econômica (anos 1920 e 1930)*. São Carlos: EESC, 2008. Outras ainda partem do debate travado entre diversas publicações para discutir o campo da crítica (MIRANDA, Clara Luíza. *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*. São Carlos, 1998. CAPELLO, Maria Beatriz. *Arquitetura em Revista*. São Paulo, 2006) ou focalizam a atuação de um determinado personagem em suas páginas (GOUVEIA, Sônia M. M. *O homem, o edifício e a cidade por Peter Scheier*. São Paulo: FAUUSP, 2008). Internacionalmente podemos citar as pesquisas coordenadas por Beatriz Colomina: COLOMINA, Beatriz; BUCKLEY, Craig (ed.). *Clip, Stamp, Fold: The radical architecture of little magazines 196X to 197X*. Barcelona: Actar, 2010.
27. CAPELLO, Maria Beatriz. *Arquitetura em Revista*. São Paulo: FAUUSP, 2006.
28. TAFURI, Manfredo. “The historical Project” in *Oppositions*, n.17, 1979, pp.55-75.

e atribui às revistas um importante papel nas mudanças da profissão, pois, como lugares de enunciação e legitimação, inserem-se nos conflitos do meio²⁹.

Supondo que idéias e obras estão ancoradas em processos sociais concretos e meios intelectuais particulares, tentamos manter em vista (ainda como uma primeira aproximação) algumas considerações metodológicas provenientes da sociologia da cultura e da história intelectual – sobretudo a partir da leitura de alguns textos de Raymond Williams e Pierre Bourdieu. Em linhas gerais, para além da busca de princípios unificadores, feita somente a partir dos textos ou das obras arquitetônicas, buscamos uma forma relacional de pensar, na qual obras e autores existem dentro de uma rede de relações que define a posição de cada um em relação à posição dos demais, organizando assim o campo da produção cultural (ou arquitetônica) num determinado momento e lugar³⁰. Se cada campo tem regras, princípios e hierarquias próprias, se ele é definido a partir dos conflitos e das tensões acerca de sua delimitação e é constituído por redes de relações entre seus membros, ao invés de explicarmos as teorias, debates e disputas intelectuais como simples resultados do diálogo conceitual, buscamos compreendê-los também a partir da recuperação do meio social que os informa e produz.

Mais do que isso, se frequentemente os princípios e os valores que unem seus integrantes não são codificados institucionalmente e estão ancorados num corpo de práticas e de representações do grupo, para além das atividades, dos princípios e dos valores manifestos de seus membros, procuramos assim considerar as suas posições sociais e idéias implícitas. Ao lado das ideias abstratas, também nos interessaram as relações concretas no interior do grupo analisado

29. HOGGEN, Paul; FUNG, Stanislaw. “Reading Australian architectural journals as historical sources”, *Journal of the department of Architecture*. Sydney: University of Sydney, abr.1997. p.16

30. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974; BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

e dele com a totalidade do sistema social, pois é somente em um espaço particular, histórico, que oposições e aproximações recebem sua definição completa³¹.

É neste sentido que tomamos as revistas como nós de sociabilidade de todo um campo, e não somente como fontes, por mais ricas que elas sejam. Através delas pretendemos reconstituir um conjunto mais amplo de relações no âmbito da disciplina e da profissão, posições relativas entre atores e grupos de atores, alianças, concorrências, limites, consensos e rupturas. Elas são, portanto, vistas aqui como universo de enunciados e como suportes de enunciação.

Tendo em vista que as articulações entre sociabilidade e crítica local se intensificam sobretudo ao longo dos anos de 1950, a delimitação temporal entre 1945 e 1965 busca dar certa margem ao nosso olhar. Com este recuo, poderemos investigar um conjunto de movimentações que redefiniam os contornos do meio profissional paulista a partir de outras coordenadas, encaminhando-lhe a uma prática cada vez mais autônoma na cidade face a outras profissões e metiers, e estabelecendo uma nova rede de relações locais que se constitui e dá solo aos diálogos que se adensam em seguida. Com o avanço, poderemos estabelecer certos diálogos deste ambiente crítico com novos parâmetros para a prática projetual, que se evidencia, sobretudo, nas obras publicadas a partir do início da década de 1960. Os três capítulos, ainda que não organizados cronologicamente, conversam com este recorte temporal.

Nas intersecções entre espaço urbano, organizações culturais, instituições profissionais e acadêmicas, o primeiro capítulo procura traçar as redes de sociabilidade dos arquitetos na cidade de São Paulo. Em um momento de embate local pelos limites da atuação profissional, no qual novas problemáticas arquitetônicas ganham espaço, percorreremos os lugares do arquiteto na cena cultural metropolitana, para, depois, buscarmos a posição ocupada pelo departamento local do IAB nesta rede de relações profissionais; discutiremos, em seguida, o papel desempenhado pelas novas instituições de formação no alargamento do campo, na constituição de uma nova vida acadêmica e na renovação dos padrões de

31. WILLIAMS, Raymond. "The Bloomsbury fraction" in *Problems in materialism and culture*. London: Verso Editions, 1980.

expressão intelectual; e, por fim, analisaremos os lugares ocupados nesta trama pelas revistas especializadas de arquitetura, que se colocam como polos de reflexão, criação, construção e visibilidade.

Ao considerar as movimentações percebidas no primeiro capítulo, o segundo busca traçar os meandros da crítica paulista – suas aglutinações, desarticulações, rupturas e deslocamentos – a partir de seus diálogos internos, mas, sobretudo, através dos diversos olhares para outras produções arquitetônicas. Neste sentido, se a historiografia já discutia uma aproximação paulista nas suas relações com a arquitetura centrada na produção do Rio de Janeiro a partir de 1930, pudemos perceber a grande importância que tal diálogo assume nas movimentações críticas e profissionais locais e, ao mesmo tempo, procuramos entender a complexidade desta troca intelectual, de modo mais sutil e menos consensual, buscando compreender seus espaços, mecanismos e conteúdos de intermediação, diálogo e divergência.

Sem almejar uma correspondência imediata ou arbitrária com os caminhos da crítica escrita, o terceiro capítulo é uma tentativa de nos aproximarmos das interlocuções entre o debate crítico e a atividade projetual dos arquitetos locais, ao analisarmos alguns concursos de arquitetura realizados em São Paulo, do modo como ecoaram nas revistas ao longo dos anos de 1950 e meados dos anos de 1960. Tais competições, vistas como catalisadoras de um debate e como momentos de concorrência, consagração e demarcação de posições, ajudaram-nos a refletir sobre possíveis convergências, diferenciações e afastamentos da prática profissional, a partir do confronto de diversas soluções apresentadas simultaneamente para um problema idêntico.

Estas três partes apesar de articuladas, são relativamente independentes e procuram, com abordagens diferentes, iluminar algumas facetas do meio profissional em São Paulo tal como ele então se redefinia. É, portanto, um quadro intencionalmente aberto e busca expor uma imagem significativa do emaranhado de caminhos abertos no período através da intersecção entre sociabilidade arquitetônica, debate crítico e posições projetuais. Nas considerações finais, esperamos ser capazes de entrelaçar alguns dos apontamentos levantados, pontuar certas contribuições da dissertação e, com elas, possíveis perspectivas que se abrem para futuras pesquisas.

1 SOCIABILIDADE ARQUITETÔNICA EM SÃO PAULO

No segundo pós-guerra, o otimismo gerado pelo recente surto desenvolvimentista, a retomada das instituições democráticas no país, bem como a convivência entre os trunfos materiais e a permanência de singularidades locais abrem novas perspectivas de ação, por certo permeadas de ambiguidades, a distintos setores sociais no Brasil, entre os quais as camadas profissionais. Em meio à aceleração dos processos de urbanização e industrialização do país, à diversificação dos padrões de consumo e das formas de comportamento e à intensidade e heterogeneidade das compreensões e intenções características do momento, em grande parte compartilhadas coletivamente, novos papéis, desafios e significados eram colocados à produção da cultura¹.

A cidade de São Paulo, que então emerge como polo econômico e industrial do país, revela-se como solo e referência para essas novas concepções. Com efeito, esses anos de transição para a condição metropolitana marcam uma nova etapa de sua organização físico-espacial e uma nova correlação de forças sociais. Ainda que acompanhado de planejamento e obras de modernização, o crescimento da cidade – sede de uma estrutura social que se diversifica com a ascensão da burguesia industrial, das classes médias e de proletários, migrantes e imigrantes – acentua o caos urbano face ao intenso processo de expansão horizontal e vertical². Um cenário contraditório de crise e progresso, impulsionado por um outro modo de produção e apropriação do espaço, onde o velho e o moderno, o provinciano e o cosmopolita se chocam, definindo novos padrões de vida cotidiana, de comportamento e de pensamento.

1. ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio do século XX*. São Paulo: EDUSC, 2001.
2. REIS FILHO, Nestor Goulart. *Metropolização em São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 1971; MEYER, Regina Maria Prosperi. *Metrópole e Urbanismo: São Paulo anos 50*. São Paulo: FAUUSP, 1991; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. *A identidade da metrópole: a verticalização em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, EDUSP, 1994.

Embora palco de certa homogeneização cultural da população, do crescente enquadramento normativo e da “negociação de identidades”³, outros modos de sociabilidade surgem, intimamente vinculados às mudanças de usos e formas dos espaços construídos da cidade. Neste momento de crescente complexidade da vida social e de rotinização do moderno, o centro novo é o terreno onde se desenvolve grande parte das movimentações artísticas e culturais paulistanas⁴. Ao lado da eclosão de novas linguagens, plurais e heterogêneas, a constituição das organizações de cultura, os museus, bibliotecas, cinemas, teatros, livrarias e galerias conferiram lastro material à produção e adensaram o debate, local e internacionalmente. Em um perímetro facilmente percorrido a pé, os bares, restaurantes e confeitarias que pontilhavam o centro expandido se tornavam pontos de encontro com importante papel socializador, reunindo jovens, estudantes, professores, intelectuais, artistas e políticos⁵.

Este momento em que São Paulo assume grande proeminência em tal trama de circulação e produção cultural, gestando um abrangente leque de manifestações em grande parte fruto do desenraizamento e da mistura de seus habitantes, já foi amplamente explorado sob diversos matizes pela historiografia. Interessamos aqui percorrer brevemente o modo de inserção local dos arquitetos nesta rede de sociabilidade e os diferentes papéis que eles exercem nas instituições e espaços de promoção, produção e debate cultural, para além de sua participação na formulação física dos abrigos de tais atividades. Pois, ao mesmo tempo em que este espaço social e cultural mais amplo dá âmbito e forma à sua experiência sócio-cultural, os arquitetos deixam suas marcas na cena cultural, em um

3. RAGO, Margareth. “A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950” in PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. Vol.3: a cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
4. MOTTA, Renata Vieira da. *O MASP em exposição: mostras periódicas na 7 de abril*. São Paulo: FAUUSP, 2003; NASCIMENTO, Ana Paula. *MAM: museu para a metrópole*. São Paulo: FAUUSP, 2003; COSTA, Sabrina Studart Fontenele. *Relações entre o traçado urbano e os edifícios modernos no centro de São Paulo. Arquitetura e cidade (1938-1960)*. São Paulo: FAUUSP, 2010.
5. GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950*. São Paulo: SENAC, 1998.

1
Centro de São Paulo:
rua direita com a praça
do patriarca na década
de 1950.

momento em que tais trocas se entrelaçam intimamente com a vida pública na cidade⁶.

Ainda que de maneira breve – nas intersecções entre espaço urbano, instituições profissionais e acadêmicas, organizações culturais – procuraremos situar o lugar destes profissionais ao longo dos anos, sua inserção e movimentação, buscando entender os ecos deste sistema cultural moderno, implantado na cidade de São Paulo no decorrer dos anos de 1940 e 1950, em suas redes de sociabilidade, em suas ideias e realizações. Deste processo, as revistas de arquitetura oferecem testemunhos valiosos.

6. Neste sentido o olhar de Heloísa Pontes sobre o grupo Clima foi extremamente sugestivo para esta pesquisa: PONTES, Heloísa Andrade. *Destinos mistos: os críticos do grupo clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998; PONTES, Heloísa Andrade. “Cidade e Intelectuais: os “nova-iorquinos” da Partisan Review e os “paulistas” de Clima entre 1930 e 1950”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.18, 53, out.2003.

2

*Vista aérea do centro
de São Paulo, publicada
em Acrópole em 1950.*

3

*Vista aérea do
Anhangabaú, publicada
em Acrópole em 1950.*

1.1 OS ARQUITETOS E OS ESPAÇOS DA CULTURA

De antemão, é notável a relação de vizinhança entre seus espaços de trabalho (quando não de moradia), quase todos nas cercanias desta área central, muitas vezes aglutinados no mesmo edifício, ou mesmo compartilhados em uma mesma sala – prática comum, sobretudo entre jovens arquitetos. À Rua Barão de Itapetininga, por exemplo, instalam-se os escritórios de Gregori Warchavchik, Carlos Millan e Eduardo Corona, que divide o mesmo andar com David Libeskind. A algumas quadras, na Rua Major Sertório 84, atuava Abelardo de Souza e, a alguns metros dele, com a inauguração da seção local do IAB à Rua Bento Freitas 306, estabelecem-se Alfredo Ernesto Becker, Ariosto Mila, Eduardo Kneese de Mello, Gastão Rachou Junior, Hélio Pasta, Ícaro de Castro Mello, João Clodomiro de Abreu, João Cacciola, Rino Levi e Vilanova Artigas. Poderíamos listar muitos outros arquitetos que se distribuíam nestas ruas centrais – como a Conselheiro Crispiniano, João Brícola, São Bento e Ipiranga –, permitindo uma sociabilidade imediata, intensamente vivenciada no andar pelas ruas e nas trocas e alianças possíveis graças à proximidade espacial⁷.

Inserida no plano traçado pelo Departamento de Cultura, comandado então por Mário de Andrade, a Biblioteca Municipal, sob direção de Sérgio Milliet desde 1943 e construída na Praça Dom José Gaspar segundo projeto de Jacques Pilon (que desde meados de 1940 instala seu escritório na Rua Marconi 107), assumiu um relevante papel em meio a esta efervescência cultural, ao ampliar sua atuação didática e sua política de aquisição, além de abrigar, desde 1946, a primeira coleção pública de arte moderna da cidade, antes mesmo da fundação do MAM e do MASP. As atividades desenvolvidas em seu auditório – que acolhe ao longo destes anos uma série de comunicações e debates significativos entre intelectuais importantes no meio artístico local, como o próprio Sergio Milliet, Lourival Gomes Machado, Luís Martins, Luiz Saia, Osório César – motivam

7. Tais informações foram retiradas dos Indicadores Profissionais publicados ao longo dos anos 1940 e 1950, tanto na revista *Acrópole* como na revista *AD*. Trata-se de uma listagem de arquitetos atuantes na cidade, com seus endereços e telefones. Não foi possível identificar se tal divulgação era cobrada.

uma nova geração de intelectuais, à qual poderíamos incluir os novos arquitetos identificados com as questões da arte moderna e ainda carentes de espaço de formação⁸.

4
Indicador Profissional
de São Paulo, publicado
na revista Acrópole

5
Indicador Profissional
de São Paulo, publicado
na revista AD

8. Projeto Memória Oral da Biblioteca Mário de Andrade disponível no seu website (acesso em 21/10/2011).

6 >
Localização dos escritórios de arquitetura e demais instituições profissionais e de cultura no centro de São Paulo em 1954 (informações fornecidas pelas revistas e complementadas por: NASCIMENTO, Ana Paula. MAM: museu para a metrópole. São Paulo: FAUUSP, 2003)

1. R. Dona Veridiana, 410
Sylvio Jaguaribe Eckman

3. R. Itambé, 88
*FAU-Mackenzie**

5. R. Bento Freitas, 306
IAB-SP

David Otoni (5°)
Gastão Rachou Filho (5°)
Heitor Ferreira de Souza (5°)
João Cacciola (5°)
João Vilanova Artigas (5°)
Hélio Pasta (7°)

2. R. Maranhão, 88
FAU-USP

4. R. Major Sertório, 666
Ícaro de Castro Mello

Alfredo Ernesto Becker (3°)
Oswaldo Correa Gonçalves (3°)
Italo Eugênio Mauro (4°)
Ariosto Mila (5°)

* localizações aproximadas

10. Av. Ipiranga, 879
Frederico During Filho (8°)

Revista Habitat (8°)

11. R. 24 de Maio, 250
Carlos A. C. Lemos (3°)

14. R. Bar. de Itapetininga, 140
David Libeskind (8°)
Eduardo Corona (8°)
Franz Heep (4°)

12. R. 7 de Abril, 252
Rubens Monteiro (10°)

Galeria Benedetti
Galeria Rio Branco

13. R. 7 de Abril, 216
MASP

15. R. Bar. de Itapetininga, 120
Gregori Warchavchik (7°)
Otávio G. Moraes (6°)

R. 7 de Abril, 230
MAM-SP (2°)

Galeria Guatapará

16. R. Bar. de Itapetininga, 93
Plínio Croce (9°)
Roberto Aflalo (9°)
Revista Acrópole (5°)

20. R. Xavier de Toledo, 94
Jarbas Karman (6°)

17. R. Marconi, 107
Jacques Pilon (10°)

21. R. 7 de Abril, 34
Rodolpho Ortenblad Fl. (2°)

18. R. Marconi, 87
Luiz Saia (4°)

22. R. C. Crispiniano, 344
Majer Botkowski (9°)

19. R. Cons. Crispiniano, 69
Francisco Beck (12°)

9. R. da Consolação, 94
Biblioteca Pública Municipal

42. Rua Bráulio Gomes, 66
Studio d'Arte Palma (13º)

É no auditório desta biblioteca que se celebra a fundação da delegacia local do IAB e onde se realizam, em 1945, alguns dos debates do I Congresso Brasileiro de Arquitetos, para muitos um marco na afirmação de uma nova geração de arquitetos atuantes em São Paulo. Acompanhado por atividades no Hotel Excelsior, localizado na Avenida Ipiranga, 770, por uma exposição de trabalhos na Galeria Prestes Maia (que um ano antes havia abrigado a passagem de Brazil Builds pela cidade) e por momentos de confraternização oferecidos na primeira sede do IAB-SP no edifício Esther, à Praça da República, o evento simboliza um primeiro momento de união dos arquitetos paulistas em torno do recém criado Instituto, uma aproximação aos debates da arquitetura moderna e a constituição de um intercâmbio mais estreito com os profissionais do Rio de Janeiro, que há pouco vinham assistindo com entusiasmo a enorme repercussão de que suas obras eram objeto, nacional e internacionalmente⁹.

Em diversas ocasiões, arquitetos vieram a público nestes espaços da Biblioteca Municipal em defesa de novas coordenadas para a produção, quase sempre sob o patrocínio do IAB. Sobretudo no final dos anos 1940, alguns dos mais vigorosos pronunciamentos por uma atitude moderna frente à arquitetura foram enunciados em seus recintos, como, por exemplo, Eduardo Kneese de Mello que proferiu, em 1946, a conferência Porque arquitetura contemporânea e, por ocasião da I Exposição Internacional de Arquitetura, em 1948, Carlos Alberto Gomes Cardim Filho e Marcelo Roberto que apresentaram “Por que arquitetura moderna?” e “Arquitetura, urbanismo e o muro das lamentações”, respectivamente¹⁰.

Com o aumento da luta pela autonomia profissional desde a fundação do IAB, os arquitetos se afastam dos espaços de debate politécnico (como o Instituto

9. “O I Congresso Brasileiro de Arquitetura”, *Acrópole*, 81-82, jan.fev.1945.

10. Não foi possível encontrar mais informações a respeito desta Exposição que parece ter movimentado em grande medida as discussões locais acerca da arquitetura moderna em 1948. MELLO, Eduardo Kneese de. “Porque arquitetura contemporânea”, *Acrópole*, 102, out.1946; CARDIM FILHO, Carlos A.G. “Por que arquitetura moderna?”, *Acrópole*, 121, mai.1948; ROBERTO, Marcelo. “Arquitetura, Urbanismo e o Muro das lamentações”, *Acrópole*, 125, set.1948.

de Engenharia que ocupava o Palácio Mauá, no atual Viaduto Dona Paulina) e passam a frequentar, com regularidade crescente, outros meios voltados à discussão mais ampla da cultura. Um novo convívio que, além de lhes libertar das amarras beaux-artianas, permitiu aos jovens arquitetos uma atualização e uma união sensível e comportamental à inteligência mais viva na cidade naqueles anos.

Assim, não é desprezível a importância da frequência dos artistas pelos arquitetos e dos escritórios dos arquitetos pelos artistas que, ao longo da década de 1940, torna-se fato corriqueiro¹¹. Uma aliança diretamente ligada à associação de ambos os grupos a um clube comum, o Clube dos Artistas e Amigos da Arte, que logo se instala na antiga sede do IAB, iniciando uma longa convivência. Reunindo em 1945 mais de 120 associados, o “clubinho” se destacava como um dos

11. SAIA, Luiz. “Arquitetura Paulista” in XAVIER, Alberto (org.). *Depoimentos de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: CosacNaify, 2003. Publicado no Diário de São Paulo em 1959.

principais centros da boemia artística e intelectual paulistana, lugar de encontro informal para discussão das “coisas” de arte.

Com frequentadores e direcionamentos diferentes, algumas galerias, ao longo dos anos 1940 e 1950, também passam a expor o moderno com certa regularidade, assim como fazem algumas livrarias, tal qual a Brasiliense, que será uma das principais importadoras e vendedoras de livros de arquitetura do período. Entre galerias como Casa e Jardim, Benedetti e Itapetininga, a Domus, criada em 1946, é a primeira a apresentar predominantemente artistas modernos, tornando-se referência para a classe artística, incluindo os arquitetos a ela alinhados, como é possível notar nas diversas notas publicadas nas revistas especializadas sobre suas atividades¹². Com a abertura dos primeiros museus – e, portanto, de salas de exposição gratuitas – estes espaços privados perdem parte de sua importância, ainda que ampliem seu escopo ao longo dos anos 1950 e descentralizem suas atividades para outros bairros da cidade¹³.

Do mesmo modo, os institutos de intercâmbio cultural – como a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, a Aliança Francesa à Praça Bráulio Gomes e a União Cultural Brasil Estados Unidos – eram frequentados com certa regularidade, pois, para além da difusão do ensino da língua, exerciam um papel relevante na promoção de uma série de eventos que buscavam a troca cultural internacional (dentre eles são mais conhecidas as atividades promovidas pela União Brasil-Estados Unidos, entremeadas pela política de Boa Vizinhança levada a cabo no período). Nestes momentos, em que se viam de frente a públicos heterogêneos, frequentemente composto de leigos no assunto, os arquitetos enveredavam em suas falas por temas mais amplos, como os problemas urbanos, o lugar do arquiteto na sociedade ou simplesmente a apresentação de relatos de viagens¹⁴.

12. *Habitat*, por exemplo, saía em defesa da Galeria que, apesar de sua importância para o meio cultural da cidade, ameaçava fechar suas portas devido à ausência de um público consumidor, ainda em formação. “Domus”, *Habitat*, 6, jan.mar.1952; “Domus”, *Habitat*, 8, jul.set.1952;

13. AMARAL, Aracy A. *Arte para que? a preocupação social na arte brasileira 1930-1970*. São Paulo: Nobel, 1987; LOURENÇO, Maria Cecília França. *Maioridade do moderno em São Paulo: anos 30/40*. São Paulo: FAUUSP, 1990.

14. Por exemplo: CARDIM Fl., Carlos A. Gomes. “Profissões de Engenheiro, arquiteto e >

Na Rua Sete de Abril, 230, o edifício dos *Diários Associados*, também de autoria de Pilon, destaca-se por abrigar duas das mais importantes instituições culturais criadas na época: o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o Museu de Arte Moderna (MAM), inaugurados respectivamente em 1947 e 1948. É curiosa tal proximidade entre entidades que disputam desde o início a centralidade no campo da produção artística da cidade e que, ao longo de suas vidas institucionais – objeto de diversas pesquisas acadêmicas nos últimos anos – colecionam múltiplas narrativas de convergências e, sobretudo, divergências¹⁵.

O MASP é fruto da associação de Assis Chateaubriand, paraibano e proprietário de uma sólida e influente rede de meios de comunicação de massa, com um casal italiano recém imigrado (o jornalista e comerciante de arte Pietro Maria Bardi e sua esposa arquiteta Lina Bo) que, desde sua chegada à cidade, mantém presença constante na imprensa local, nem sempre sob um olhar positivo, seja pelas notícias acerca do novo museu, seja pela sua defesa de outras posturas sociais ou por sua circulação em eventos sociais e culturais¹⁶. Com evidente intenção civilizadora, o museu investirá no caráter educativo de informação e formação da arte, através de um abrangente acervo adquirido das falidas coleções particulares europeias com o capital doado por famílias abastadas locais¹⁷. Cada nova aquisição era festejada com recepções no museu e na casa dos doadores,

> agrimensor”, *Acrópole*, 93, jan.1946; MELLO, Eduardo Kneese de. “Impressões de uma viagem a Bahia”, *Acrópole*, 96, abr.1946; STEINHOF, Eugênio. “Método de Ensino da arquitetura criadora”, *Acrópole*, 110, jun.1947.

15. Poderíamos citar: LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem moderno*. São Paulo: FAUUSP, 1997; NASCIMENTO, Ana Paula. *MAM: museu para a metrópole*. São Paulo: FAUUSP, 2003; MOTTA, Renata Vieira Da. *O MASP em exposição: mostras periódicas na 7 de abril*. São Paulo: FAUUSP, 2003; LEON, Ethel. *IAC, Instituto de Arte Contemporânea: Escola de Desenho Industrial do MASP (1951-1953): primeiros estudos*. São Paulo: FAUUSP, 2006; CANAS, Adriano Tomitao. *MASP: Museu laboratório. Projeto de museu para a cidade: 1947-1957*. São Paulo: FAUUSP, 2010

16. RUBINO, Silvana. *Rotas da Modernidade: trajetória, campo e história na atuação de Lina Bo Bardi, 1947-1968*. Campinas: UNICAMP, 2002.

17. MOTTA, Renata Viera da. *O MASP em exposição: mostras periódicas na 7 de abril*. São Paulo: FAUUSP, 2003.

contando com ampla cobertura dos Diários Associados e da revista *Habitat*, neste momento intimamente vinculada à instituição¹⁸.

Instalado em uma área de mil metros quadrados, com projeto arquitetônico e museográfico de Lina, o museu acolhia, além da pinacoteca, uma sala de exposições didáticas, duas salas para mostras temporárias, um laboratório de fotografia coordenado por Geraldo de Barros e um auditório com 100 lugares, onde eram ministrados os cursos que seriam o embrião do Instituto de Arte Contemporânea (IAC, 1951-1953). Dentre os mais de 200 candidatos ao programa – que deveria abrigar todos os cursos do museu, de desenho industrial, propaganda, cinema, tapeçaria e tecelagem, dentre outros – constam diversos alunos que já cursavam as recém criadas escolas de arquitetura, ainda que poucos tenham sido selecionados. Um interesse que demonstra a insuficiência destes cursos universitários – ainda conservadores em grande medida – diante das ambições destes novos estudantes¹⁹.

Ainda que possamos encontrar, no corpo docente e na estrutura administrativa do MASP, arquitetos com proeminência no cenário local – Eduardo Kneese de Melo, Rino Levi, Oswaldo Bratke, Giancarlo Palanti, Roberto Burle Marx, Lina Bo Bardi, Alcides da Rocha Miranda e Jacob Ruchti –, é de se notar o caráter mais agregador do MAM, inclusive entre esta classe profissional. Ao longo dos anos de 1940, a instituição é objeto de uma causa coletiva, defendida por diversos artistas e intelectuais paulistas – arregimentados seja em torno da SPAM e do CAM, seja do Departamento de Cultura, da Biblioteca Municipal ou dos Salões de Maio²⁰ – que a fundam entre tratativas com o poder público e o empresariado local. Com uma amplidão menor de escopo (em grande parte ao redor da arte moderna, sobretudo abstrata), sua coleção inicial era composta por obras doadas pelo Museu de Arte Moderna de Nova York – que se torna

18. CHATEAUBRIAND, Assis. “Obras de arte recebidas como personagens”, *Habitat*, 6, jan.mar.1952.

19. LEON, Ethel. *IAC Instituto de Arte Contemporânea: Escola de Desenho Industrial do MASP (1951-1953): primeiros estudos*. São Paulo: FAUUSP, 2006

20. MACHADO, Lourival Gomes. *Retrato da arte moderna do Brasil*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1947; ALMEIDA, Paulo Mendes de. *De Anita ao museu*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

8

Luiza Sambonet -
"Animadora da moda
brasileira" - no IAC em
outubro de 1952.

9

Exposição de Burle
Marx no MASP.

uma referência e cujo apoio pessoal do empresário norte-americano Nelson Rockefeller aos mecenas Francisco Matarazzo Sobrinho e Yolanda Penteado (ele, rico industrial, ela, de tradicional família paulista) são fundamentais para sua criação²¹.

Até sua transferência para o Parque Ibirapuera, em 1958, o MAM se instala no edifício à Rua Sete de Abril, ocupando metade da área destinada ao MASP, o que faz com que alugue imóveis nas redondezas para instalação de suas atividades, como a Escola de Artesanato – onde se formam, por exemplo, os arquitetos Abrahão Sanovicz e Flávio Império²². Estas iniciativas realizadas fora do recinto de exposição são, aliás, responsáveis pela constituição de boa parte de seu público, interessado em sua Filmoteca (antes Clube de Cinema, fundado em 1941, por Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado e Lourival Gomes Machado) ou no burburinho do Bar do Museu, que se torna elemento catalisador de vários debates que se travam na instituição, além de ponto de encontro disputado.

A presença dos arquitetos na instituição é significativa e diversificada, tanto no momento da assinatura da escritura de sua fundação, como também no seu dia-a-dia, compondo sua diretoria, seu conselho de administração e suas comissões específicas. Em sua composição se encontram Vilanova Artigas (que faz também o projeto de adaptação do edifício), Carlos Cascaldi, Eduardo Kneese de Mello e Luiz Saia (responsáveis pelo projeto do pavilhão da I Bienal de Arte, no Trianon), Jacob Ruchti e Miguel Forte (que elaboram o projeto museográfico desta I Bienal), Galiano Ciampaglia, Gilberto Junqueira Caldas, Giuseppe Severo Giacomini, Gregori Warchavchik, Leo Ribeiro de Moraes, Manlio Cosenza, Rino Levi, Roberto Cerqueira César, Roger Henri Weiler, Salvador Candia e Virgílio Isolda²³. É notável que muitos pertençam aos quadros da seção paulista do IAB, o que nos sugere um vínculo razoavelmente sedimentando entre as duas entidades

21. NASCIMENTO, Ana Paula. *MAM: museu para a metrópole*. São Paulo: FAUUSP, 2003.

22. SILVA, Helena A. Ayoub. *Abrahão Sanovicz: o projeto como pesquisa*. São Paulo: FAUUSP, 2004.

23. NASCIMENTO, Ana Paula. *MAM: museu para a metrópole*. São Paulo: FAUUSP, 2003.

que, em grande parte, será desfeito com o acirramento da Guerra Fria, quando vários destes arquitetos acusarão a posição pró-imperialista do Museu²⁴.

Na ausência de outros espaços culturais aos quais estes museus modernos pudessem se contrapor, as duas instituições travam um conflito por discernimento que, por menores que fossem as diferenças, parece opor, recorrentemente, de um lado, o MASP e o galerista imigrante e, de outro, o MAM e os intelectuais locais, muitos dos quais ligados à Universidade de São Paulo. Um sistema de oposições muitas vezes extremamente sutil, que se encontra por toda parte, entre os jornais ou os críticos favoráveis a um ou outro, entre os autores representados, entre os conteúdos das obras e até na disputa por espaços físicos²⁵.

Contudo, tal contraponto não parece orientar uma diferenciação de tais instituições quanto às posturas arquitetônicas defendidas (com exceção talvez do olhar atento do MASP às manifestações populares), mesmo porque poucos são os eventos relacionados diretamente à arquitetura moderna dentro da programação do MAM paulista. Se, de um lado, podemos enumerar diversas iniciativas promovidas pelo MASP sobre o tema arquitetônico (como as aulas de Rino Levi e Pier Luigi Nervi, ou as exposições de Lucio Costa, Flávio de Carvalho, Max Bill, Richard Neutra, Burle Marx e Le Corbusier), de outro, salvo o destaque dado a este segmento nas Bienais, não temos notícias de exposições, debates, publicações e conferências promovidas pelo MAM, revelando uma ausência curiosa, sobretudo se contraposta ao grande número de arquitetos presentes em sua história institucional.

Aliada à atualização artística gerada pela nova cultura urbana, a Bienal do MAM-SP, em suas cinco edições realizadas ao longo da década de 1950, amplia os horizontes da produção brasileira ao romper o círculo local em que se de-

24. São célebres, por exemplo, as manifestações de Artigas e Luiz Saia. ARTIGAS, João B. Vilanova. “A bienal é contra os artistas brasileiros”, *Fundamentos*, 23, dez.1951; SAIA, Luiz. “Editorial”, *AD*, 12, jul.ago.1955. Ver também o capítulo “A polêmica sobre a função social da arquitetura” em AMARAL, Aracy A. *Arte para quê? a preocupação social na arte brasileira 1930-1970*. São Paulo: Nobel, 1987.

25. RUBINO, Silvana. *Rotas da Modernidade: trajetória, campo e história na atuação de Lina Bo Bardi, 1947-1968*. Campinas: UNICAMP, 2002. P.121. Ver também: LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999.

senrolavam as atividades e referências artísticas²⁶. A coexistência de louvores e críticas negativas – por problemas de organização ou por divergências curatoriais e ideológicas – não impede certo acordo acerca da importância e do alcance do certame paulista, principalmente por permitir tal multiplicidade e complexidade de intercâmbios que arejavam o ambiente artístico do país²⁷.

Neste evento, a colaboração do IAB, sobretudo na organização da Exposição Internacional de Arquitetura, é de grande destaque. Para tal, os arquitetos Eduardo Kneese de Mello e Armando Ciampolini, especialmente incumbidos de sua divulgação, viajam à Europa divulgando a arquitetura brasileira através de diversas conferências, esclarecendo as condições de participação e convencendo os profissionais estrangeiros a integrarem a exposição²⁸. Por estes e outros motivos – são os anos de grande entusiasmo internacional com a arquitetura brasileira – ao longo de suas edições, os estrangeiros comparecem em peso às bienais, expondo suas obras, compondo júris e recebendo prêmios.

Profissionais como Alvar Aalto, Max Bill, Walter Gropius, Siegfried Giedion, Junko Sakakura, Eugène Freyssinet, Matthew Nowicki, Auguste Perret, Frank Lloyd Wright, Ernesto Nathan Rogers, Josep Luis Sert, Le Corbusier, Kenzo Tange, Marcel Breuer e Phillip Johnson trazem consigo suas inquietações que, a partir daí, ganham vida própria em meio aos arquitetos paulistas²⁹. Frente a

26. MILLIET, Sérgio. “A importância e o alcance do certame paulista”, *Habitat*, 22, mai. jun.1955; Ver também: PEDROSA, Mário. “Bienal de cá para lá” in *Política das Artes*. São Paulo: EDUSP, 1995.

27. Por exemplo: CORONA, Eduardo. “O júri de arquitetura da bienal e as soluções criadoras”, *AD*, 3, dez.jan.1954; “Editorial”, *BAC*, 4, 1954; “O abstracionismo na Bienal”, *Acrópole*, 184, jan.1954; BENTO, Antonio. “Características da Bienal de São Paulo em face da arte contemporânea e da arte moderna”, *Habitat*, 22, mai. jun. 1955; MACHADO, Lourival Gomes. “Propósito da III Bienal: os prêmios nacionais”, *AD*, 12, jul.ago.1955; MACHADO, Lourival Gomes. “A IV Bienal de São Paulo”, *Acrópole*, 226, ago.1957.

28. “I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo”, *Acrópole*, 159, jul.1951; “I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo”, *Acrópole*, 160, ago.1951.

29. Temos como exemplos: “Exposição Internacional de Arquitetura na Bienal do Museu de Arte Moderna”, *Acrópole*, 159, jul.1951; “I Bienal”, *Acrópole*, 162, out.1951; “Regulamento da II Exposição Internacional de Arquitetura”, *Acrópole*, 170, jun.1952; “Dois mestres da arquitetura contemporânea falam aos arquitetos brasileiros”, *Habitat*, 14, jan.fev.1954; >

esta grande frequência, é de se estranhar o pequeno comparecimento de arquitetos de outros estados brasileiros – seja como expositores, conferencistas, jurís ou visitantes ilustres –, o que pode ser explicado pela deficiência de divulgação ou ainda por dificuldades de interlocução, motivadas talvez por divergências profissionais³⁰.

Na periferia imediata do centro novo, o bairro da Vila Buarque vai ganhando fisionomia própria no final dos anos 1940 e início dos 1950, graças à agitação dos estudantes das escolas secundárias, dos frequentadores da biblioteca infanto-juvenil da Rua General Jardim e das novas faculdades que se instalam em suas redondezas, como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e a Faculdade de Economia da USP, a Escola Livre de Sociologia e Política, ou as escolas de arquitetura (a da USP, na Vila Penteado à Rua Maranhão, 88, e a do Mackenzie, a poucos metros de distância), criadas no final da década de 1940, e que assumirão imediatamente um papel importante nas disputas do meio arquitetônico local.

De fato, ao lado deste breve percurso pelos lugares do arquiteto na cena cultural metropolitana, parece-nos relevante lançar um olhar para o papel desempenhado por estas recentes instituições de formação arquitetônica, que dão início a uma nova vida acadêmica e a padrões renovados de expressão intelectual, assim como para a posição ocupada pelo departamento local do IAB nesta rede de sociabilidade profissional. Da pujança material e cultural da cidade, que permitia maior dedicação às atividades intelectuais e artísticas, decorre a intensificação da atividade editorial que contou, nos anos 1950, com 203 revistas e 91 jornais que circulavam regularmente nas mais variadas línguas, aos quais se somavam 45 casas editoras e 106 livrarias³¹. Assim, trata-se de traçar, ao final deste capítulo, como as revistas especializadas de arquitetura se somam ao Instituto de classe e às novas escolas, constituindo-se lugares de reflexão, criação, construção e visibilidade.

> CORONA, Eduardo. “O júri de arquitetura da bienal e as soluções criadoras”, *AD*, 3, dez. jan. 1954.

30. HERBST, Hélio. *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: contribuições para a historiografia brasileira (1951-1959)*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011.

31. QUEIROZ, Suely Robles Reis de. “Política e poder público na cidade de São Paulo: 1889-1954” in PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*, Vol.3: a cidade na primeira metade do século xx. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

1.2 O IAB COMO POSIÇÃO

A primeira definição legal brasileira das atribuições do arquiteto foi determinada em 1933, pelo decreto no 23.569, que serviu, sobretudo, para delimitar as fronteiras entre a atuação dos “diplomados” e a dos práticos licenciados e mestres de obras. Contudo, neste momento, ao atrelá-la ao fazer politécnico, não se estabeleceu uma visão distinta, social ou legal do arquiteto como um profissional específico e diferenciado, sendo suas competências exclusivas o paisagismo, a grande decoração e as obras de caráter essencialmente artístico ou monumental. As insatisfações com tal coincidência legal – fiscalizada dentro do “mais genuíno espírito politécnico” pelo sistema CREA-CONFEA³² - permanecerão durante todos os anos de 1950 e serão central na luta dos arquitetos pela definição dos contornos de sua atuação no período³³.

Neste conflito evidente por distinção simbólica e material – sobretudo na disputa pela partilha dos negócios da construção civil, em um momento de expansão do parque industrial paulista, na qual não raramente o arquiteto figurava deslegitimado e em desvantagem –, a adoção da atividade exclusiva de projetista como condição de vinculação verdadeira à profissão abre a possibilidade a uma parte dos arquitetos locais de superar as falhas que percebiam no estabelecimento de sua individualidade profissional, autonomizando-se e atribuindo ao seu trabalho valor artístico³⁴. Vinculada quase indissociavelmente a uma nova opção estética, pautada no referencial moderno, a adoção da atividade liberal permite a

32. SANTOS, Roberto Eustáquio dos. *A armação do concreto no Brasil: história da difusão do sistema construtivo concreto armado e da construção de sua hegemonia*. Belo Horizonte: 2008. p.32.

33. Tal conflito pode ser percebido, por exemplo, nas seguintes reportagens: “O I Encontro de estudantes e arquitetos realizado em São Paulo”. *Bem Estar*, 03, nov.dez.1958; LEVI, Rino. “Os arquitetos e a regulamentação profissional”, *Bem Estar*, 04, mar.abr.1959. Tal luta pela desvinculação das profissões entre engenheiros e arquitetos, apesar de passar por nova regulamentação em 1966, verá somente seu desfecho em 2010, com a criação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo – CAU.

34. CARDIM FL., Carlos A. Gomes. “As profissões de engenheiro, arquiteto e de agrimensor”, *Acrópole*, 93, jan.1946. Nesta análise adotamos o olhar proposto por: BOURDIEU, >

definição dos limites entre o arquiteto convencional (desenhista ou construtor), o engenheiro e o profissional com prática exclusiva de projetos³⁵.

O departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil, criado em 1943, se tornará uma instância agregadora e um instrumento de luta destes profissionais locais, até então unidos por fracos laços corporativos em entidades consideradas pouco representativas de suas ambições: o Instituto de Engenharia (IE-1911), que apesar de sua seção de arquitetura mantinha um evidente predomínio politécnico; e o Instituto Paulista de Arquitetos (IPA-1930), liderado sobretudo por engenheiros-arquitetos de tendência acadêmica. A partir da articulação entre Eduardo Kneese de Mello e os arquitetos cariocas reunidos ao redor da Direção Nacional do IAB, então sediada no Rio de Janeiro, um grupo de associados paulistas organiza uma delegacia local e elege uma diretoria provisória – composta por Kneese de Mello³⁶, presidente, João B. Vilanova Artigas³⁷,

> Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974; BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

35. FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2005.

36. Eduardo Kneese De Mello (São Paulo, 1906-1994) forma-se engenheiro-arquiteto pelo Mackenzie em 1931, ocupa diversos cargos no IAB-SP ao longo de sua carreira e leciona no Mackenzie (1937) e na FAUUSP (1955 a 1976), onde se torna responsável pela cadeira de Arquitetura no Brasil. (MONTENEGRO FL., Roberto A. de Lima. *Pré-fabricação e a obra de Kneese de Mello*. São Paulo: FAUUSP, 2007; REGINO, Aline N. *Eduardo Kneese de Mello: Do eclético ao moderno*. São Paulo: FAUUSP, 2011).

37. João Batista Vilanova Artigas (Curitiba, 1925 – São Paulo, 1985) transfere-se para São Paulo em 1934 e se forma engenheiro-arquiteto pela Escola Politécnica da USP em 1937. Atua intensamente no IAB, leciona desde 1948 na FAUUSP a disciplina de “Composição de arquitetura” e exerce atividade docente na escola politécnica até 1956. Sua trajetória já foi amplamente estudada, podemos citar, por exemplo: BUZZAR, Miguel Antônio. *João Batista Vilanova Artigas: Elementos para a compreensão de um caminho da arquitetura brasileira, 1938-1967*. São Paulo: FAUUSP, 1996; THOMAZ, Dalva. *Um olhar sobre Vilanova Artigas e sua contribuição à arquitetura brasileira*. São Paulo: FAUUSP, 1997; GABRIEL, Marcos Faccioli. *Vilanova Artigas: uma poética traduzida*. São Carlos: EESC/USP, 2003.

10
Eleições no IAB -
Departamento de São
Paulo.

Hélio Duarte³⁸ e Oswaldo Correa Gonçalves³⁹, Aldo Ferreira⁴⁰ – que comanda as atividades da entidade em São Paulo até 1947, quando ela começa a se renovar anualmente⁴¹.

38. Hélio de Queiroz Duarte (Rio de Janeiro, 1906 - São Paulo, 1989) forma-se arquiteto pela ENBA em 1930 e se muda para São Paulo em 1944. Assume a direção da Comissão Executiva do Convênio Escolar da Prefeitura de São Paulo, entre 1948 e 1952; leciona na FAUUSP desde 1949 e na EESC/USP entre 1953 e 1955. (SEGAWA, Hugo. “Moderno, peregrino, educador”, *AU*, 80, out.nov.1998).

39. Oswaldo Correa Gonçalves (Santos, 1917- São Paulo, 2005) se forma engenheiro-arquiteto pela Politécnica da USP em 1941 e desde então se estabelece em São Paulo. Entre 1945 e 1946, escrevendo sobre urbanismo semanalmente, junto com Leo Ribeiro de Moraes, no *Jornal de São Paulo*. Junto com Ícaro de Castro Mello será responsável pela cadeira de Grandes Composições entre 1954 e 1955 na FAU-USP (OLIVEIRA, Elaine Rodrigues de. *A contribuição de Oswaldo Correa Gonçalves para a arquitetura moderna brasileira*. São Carlos: EESC, 2000).

40. Não foi possível encontrar qualquer informação biográfica de Aldo Ferreira.

41. “Notas sobre o IAB São Paulo”, *Acrópole*, 184, jan.1954

Neste novo agrupamento profissional, que se posiciona como um dos grandes promotores da nova tendência, a adesão à matriz moderna se torna condição de entrada para seus novos associados que, “gentilmente”, afastavam os aspirantes eventualmente não alinhados. De fato, excluídos das negociações travadas entre os jovens arquitetos do Rio e de São Paulo pela criação desta delegacia local e insatisfeitos com tal manobra, os arquitetos “não modernos”, em geral mais velhos, ensaiam durante os anos 1950, sem grande sucesso, diversas tentativas de retomada do IPA, que, segundo um de seus expoentes, Christiano Stockler das Neves⁴², havia apenas “cessado suas atividades”⁴³.

Tendo por finalidade estatutária a promoção cultural do grupo e a associação voluntária, a ampliação do corpo associativo do IAB local nos anos 1950 expressa, de um lado, o grande alargamento do meio profissional paulista – de 38 sócios em 1943, para 243 sócios em 1950 e, finalmente, 715 em 1960 – e, de outro, sua provável centralidade como principal órgão da classe no período, ainda que não representasse a totalidade dos arquitetos que atuavam na cidade⁴⁴. De seu corpo diretivo⁴⁵ – no qual Eduardo Kneese de Mello, Oswaldo Arthur Bratke,

42. Christiano Stockler das Neves (Casa Branca SP 1889 - São Paulo SP 1982) ingressa no curso de engenheiro-arquiteto na Politécnica da USP em 1907, mas, insatisfeito, transfere-se para o Instituto de Belas Artes da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos (1909-1911). Retorna ao Brasil em 1912, quando passa a lecionar na Escola de Engenharia Mackenzie e a partir de sua proposta, cria-se o departamento de arquitetura desta instituição em 1917. Com a criação do curso autônomo em 1947, Christiano se torna diretor da unidade, de onde só sairá aposentado em 1957. (PEREIRA, Gustavo. *Christiano Stockler das Neves e a formação do curso de arquitetura no Mackenzie College: um estudo sobre a disseminação dos métodos da “École des Beaux-Arts de Paris” e das “Fine-arts Schools” norte americanas*. São Paulo: Mackenzie, 2005).

43. “São esses que valem”, *Habitat*, 11, jun.1953; “Histórias para a história”, *Acrópole*, 207, jan.1956. Ver também: FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2005.

44. Estes dados foram retirados de DURAND, José Carlos Garcia. *A profissão de arquiteto: estudo sociológico*. Guanabara: CREA, 1974. Foram considerados neste período 800 recém-formados pelas faculdades locais e o grande número de arquitetos migrantes e imigrantes que a eles se somavam.

45. Composição das diretorias do IAB (1943-1960), seguindo a ordem de informação presidente, vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, tesoureiro e conselho fiscal: 1943-1946 >

Armando Ciampolini, Rino Levi e Ícaro de Castro Mello⁴⁶ se revezam na presidência nos anos 1950 – há que se destacar a grande recorrência de figuras já estabelecidas na atividade profissional e a ausência de arquitetos mais jovens (o que, conforme nota Durand, pode indicar uma concentração de poder intraclasses),

> (Eduardo Kneese de Mello, Aldo Ferreira, João B. V. Artigas, Hélio Duarte, Oswaldo Correa Gonçalves); 1947-1948 (E. Kneese De Mello, Abelardo De Souza, Hélio Duarte, Plínio Croce, Oswaldo C. Gonçalves, Luiz Anhaia Mello, Francisco Kosuta, Carlos A.G.Cardim Fl.), 1949 (E.Kneese De Mello, Abelardo De Souza, Lauro de Souza, Carlos Cascaldi, Wilson M.Fina, Luiz I.A.Mello, Francisco Kosuta, Carlos A.G.Cardim Fl.); 1950-1951 (Oswaldo A.Bratke, Roberto Cerqueira César, Armando Ciampolini, Plínio Croce, Wilson M.Fina, Rino Levi, Dácio A.Moraes, Rubens Gouvea Carneiro Vianna), 1952-1953 (Armando Ciampolini, Marcial Fleury De Oliveira, Philip Lohbauer, Gilberto J. Caldas, João S. de Albuquerque, Oswaldo Bratke, Rino Levi, João Cacciola), 1954 (Rino Levi, Galiano Ciampaglia, Mário Pucci, Arnaldo Paoliello, Alberto J. Schaefer, Dácio A.Moraes, Alfredo E.Becker, Mauricio S.Cruz), 1955 (Rino Levi, Ícaro de C.Mello, Oswaldo C.Gonçalves, Rubens G.C.Vianna, Wilson M.Fina, Oswaldo Bratke, E.Kneese de Mello, Roberto C.César), 1956 (Ícaro de C.Mello, Walter Saraiva Kneese De Mello, Rodolpho Ortenblad Filho, Ruy Gama, Lauro da Costa Lima, Eduardo Corona, José Augusto Belucci, Plínio Croce), 1957-1958 (Ícaro de Castro Mello, Lauro da Costa Lima, Luiz Roberto de Carvalho Franco, Ruy Gama, José A. Belucci, Victor Reif, Rino Levi, Francisco Beck, Eduardo Kneese De Mello, Alberto Botti, Rodolfo O. Fl., Walter S. K. de Mello, Alfredo Paesani, Ariosto Mila, João B.V. Artigas), 1959-1961 (Ícaro de Castro Mello, João B.V.Artigas, Alfredo Paesani, Joaquim Guedes, Victor Reif, Fábio Penteado, Lauro da Costa Lima, Francisco Beck, E. Kneese De Mello, Carlos Millan, Eduardo Corona, Luiz R.C.Franco, Oswaldo C. Gonçalves, Pedro Paulo Saraiva, Rosa Kliks). Informações recolhidas no website do IAB-SP, acessado em 08/01/2012.

46. Oswaldo Arthur Bratke (Botucatu, 1907 – São Paulo, 1997) forma-se no Mackenzie (1926) e não chega a exercer atividade docente (SEGAWA, Hugo. *Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: Pró-Editores, 1997); sobre Armando Ciampolini não foi possível encontrar qualquer informação biográfica; Rino Levi (São Paulo, 1901 – Lençóis, 1965) forma-se arquiteto pela Escola Superior de Arquitetura de Roma (1926), estabelece parcerias ao longo de sua carreira com Roberto Cerqueira César (1945) e Luís Roberto Carvalho Franco (1951), além de lecionar na FAU-USP (1954-1959). (*Arquitetura e Cidade*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001); Ícaro de Castro Mello (São Vicente, 1913 – São Paulo, 1986) forma-se engenheiro-arquiteto pela Politécnica da USP (1935) e leciona “Pequenas Composições” e “Grandes Composições” na FAUUSP de 1950 a 1957. (FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2005)

ainda que tenhamos que considerar que, através de comissões especiais, fossem incorporados os novos profissionais e boa parte de suas expectativas⁴⁷.

Dentre os periódicos locais, o departamento paulista do IAB se manifesta quase exclusivamente na revista *Acrópole*, em cujas páginas vinha ampliando a presença desde 1948. Trata-se de uma relação que provavelmente se estabelece, de um lado, pela coincidência de cargos ocupados por Eduardo Kneese de Mello no período, compondo simultaneamente o conselho técnico da revista e a diretoria da entidade, e, de outro, por ser *Acrópole* a única revista paulista especializada no final dos anos 1940. Tal realidade, contudo, consolida-se nos anos seguintes, quando, de janeiro de 1954 a maio de 1959, são publicados nesta revista os Boletins oficiais da secção local do Instituto, com o intuito de unificar a divulgação de tudo aquilo que pudesse interessar a seus associados, almejando abarcar com “espírito crítico” as mais diversas esferas da atividade profissional – do ensino à arte, da legislação ao urbanismo –, de modo a promover o debate das questões envolvidas no fazer do arquiteto⁴⁸.

Ainda que seu conteúdo se altere, em parte, seguindo as orientações da diretoria vigente ou de seu redator responsável – os arquitetos Jorge Wilhelm, Luiz Roberto de Carvalho Franco, Telésforo Cristofani, Bernardo Castelo Branco, Pedro Torrano, Alfredo Paesani, Carlos Lemos, Eduardo Corona e Rodolpho Ortenblad Filho se sucedem na redação⁴⁹ –, de um modo geral, veicula assuntos

47. DURAND, José Carlos Garcia. *A profissão de arquiteto: estudo sociológico*. Guanabara: CREA, 1974.

48. “Apresentação”, *Acrópole*, 184, jan.1954.

49. Jorge Wilhelm (Trieste, 1928) se forma no Mackenzie em 1952, publica a revista *Pilotis* no final dos anos 1940, e atuará intensamente nas demais publicações especializadas e no IAB-SP (*A obra pública de Jorge Wilhelm: 50 Anos de contribuição às cidades e à vida urbana*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003); Luiz Roberto Carvalho Franco (Araras, 1926-2001) forma-se na mesma turma de Millan, também publica *Pilotis*, leciona na FAUUSP de 1958 a 1965 e será sócio de Rino Levi e Roberto Cerqueira César (*Rino Levi: arquitetura e cidade*. São Paulo: R.Guerra, 2001); Rodolpho Ortenblad Filho (Rio de janeiro, 1927) transfere-se para São Paulo em 1946 e se forma arquiteto pelo Mackenzie em 1950. Será diretor responsável da revista *Acrópole* entre 1953 e 1955. Não exerce atividades didáticas e atua intensamente no IAB, ocupando inclusive cargos em sua diretoria. É chamado para o cargo através do contato travado com os proprietários >

11
Primeiro Boletim do
IAB, publicado em
Acrópole em janeiro de
1954.

> por seu trabalho na redação do *Boletim do IAB* (PEREIRA, Sabrina S. Bom. *Rodolpho Ortenblad Filho: Estudos sobre as residências*. São Paulo: Mackenzie, 2010); Telésforo Giorgio Cristófani (Itália, 1929-2002) forma-se no Mackenzie em 1952. Foi professor na FAU-USP, na FAU-Santos e no próprio Mackenzie além de participar ativamente do IAB-SP (ARAUJO, Fanny Schroeder de Freitas. *Telésforo Cristófani (1929-2002): contribuições à arquitetura paulista*. São Paulo: Mackenzie, 2009); Alfredo Paesani (1931-2010) forma-se arquiteto em 1954 pelo Mackenzie, participa ativamente do IAB compondo cinco de suas diretorias, sendo também conselheiro do CREA e primeiro presidente do Sindicato de Arquitetos. Em 1956 se torna professor do Mackenzie (Entrevista concedida a Fernando Serapião e Vicente Wissenbach, publicada na revista *ProjetoDesign*, 299, jan.2005); Pedro Torrano (1929) forma-se arquiteto pelo Mackenzie na década de 1950; Carlos Alberto Cerqueira Lemos (São Paulo, 1925) forma-se no Mackenzie em 1950, quando chefia a filial paulista do escritório de Oscar Niemeyer. Em 1954 ingressa como assistente de ensino na FAUUSP a convite de Eduardo Corona, onde se torna professor titular. Sobre Eduardo Corona ver nota 167, mais a frente neste capítulo. Não conseguimos encontrar informações biográficas sobre Bernardo Castelo Branco.

de maneira condensada, em forma de notas, divulgando e discutindo, além dos informes do Instituto (de eleições do corpo diretivo a notícia de casamento de seus associados), palestras, congressos, debates, exposições, livros e revistas recém lançados, críticas de arte e arquitetura, dentre diversos outros interesses afins. Distribuído direta e gratuitamente a seus associados, a inclusão do encarte em *Acrópole* almejava um alcance maior do *Boletim*, pois, onde quer que houvesse um exemplar da revista, o Instituto de Arquitetos conseguiria noticiar seus problemas, anseios e conquistas⁵⁰.

São estas notícias que nos dão pistas das práticas sociais do IAB local no período estudado por esta pesquisa. Acompanhando-as podemos perceber a estruturação e legitimação crescente da entidade ao longo dos anos 1950 que, ao mesmo tempo em que abre espaço entre profissionais e estudantes de arquitetura, projeta-se na vida da cidade e nacionalmente, opinando e interferindo publicamente nos mais variados assuntos, sobretudo nas iniciativas oficiais de planejamento e urbanismo, sendo consultada por instâncias autárquicas e governamentais sobre honorários, carreiras, composição de comissões, diretrizes de ensino, esclarecimentos quanto a questões de arquitetura e urbanismo, chegando até a ministrar um curso de esclarecimento para candidatos a vereador⁵¹.

De maneira precária, logo após sua fundação, a diretoria local se reunia nos escritórios de arquitetura dos próprios diretores, até 1944, quando alugam o subsolo do edifício Esther, marcando o início das atividades sociais da entidade⁵². Neste momento, o edifício, inaugurado em 1938 como um dos marcos iniciais do modernismo arquitetônico paulista, já abrigava inquilinos “charmosos, boêmios e excêntricos”, proeminentes na sociedade paulista, como médicos, empresários, procuradores, jornalistas, como Oswaldo Chateaubriand, artistas, como o casal Di Cavalcanti e Noêmia Mourão, e arquitetos, como Rino Levi – que provavelmente fizera a ponte para o início das atividades da entidade no edifício⁵³. Em

50. “Cinquenta números de nosso boletim”, *Acrópole*, 235, mai.1958.

51. Um boa descrição deste conjunto de ações é dada nos relatórios de gestão: “Relatório da diretoria 1955-1956”, *Acrópole*, 214, ago.1956

52. “Notas sobre o IAB São Paulo”, *Acrópole*, 184, jan.1954.

53. ATIQUE, Fernando. *Memória de um projeto moderno: a idealização e a trajetória do Edifício Esther*. São Carlos: EESC, 2002.

uma época de grande efervescência política e cultural na região do centro novo, o salão do IAB logo se tornaria ponto de encontro de intelectuais e artistas de toda a cidade – como Oswald de Andrade, Aldo Bonadei, Tarsila do Amaral e Aldemir Martins –, onde se realizariam diversas exposições, além de acolher audições de movimentos musicais, como o Música Viva, e recepcionar personalidades estrangeiras⁵⁴.

É o Congresso Brasileiro de Arquitetos, realizado em 1945, que impulsiona o movimento para construção de uma sede própria, antes “um sonho que parecia irrealizável”, superado pela “força de cooperação dos arquitetos paulistas” que o torna possível⁵⁵. Alguns contos de réis, recebidos pela cessão do subsolo do Edifício Esther para a Boate Oásis, foram suficientes para a aquisição do terreno onde seria construído o edifício, financiado pela Caixa Econômica Federal e projetado por Rino Levi, Roberto de C. César, Abelardo de Souza, Hélio Duarte, Zenon Lotufo, Jacob Ruchti, Galiano Ciampaglia e Miguel Forte, selecionados em um concurso interno de 13 anteprojetos analisados por um júri composto por Hélio Uchoa, Niemeyer, Gregori Warchavchik e Fernando Brito. Em 1950, com a sede pronta – e quitada após a venda das unidades e andares excedentes a arquitetos e amigos –, inicia-se um novo ciclo de realizações de caráter social, almejando se tornar um “ponto de reunião de todos os artistas e amigos da boa arte”⁵⁶.

A tentativa de conformar uma unidade entre a classe, principal diretriz de suas diretorias ao longo da década, estruturava-se, de um lado, na luta pelo estabelecimento de condições legais do exercício profissional, de prestígio dos arquitetos e de uma expressão política da categoria, e, de outro, em eventos de confraternização que buscavam estabelecer uma sociabilidade independente da pluralidade de pontos de vistas – ainda que predominasse uma clara tendência de esquerda⁵⁷.

54. “Notas sobre o IAB São Paulo”, *Acrópole*, 184, jan.1954

55. “Sede do Instituto de Arquitetos do Brasil – departamento de São Paulo”, *Acrópole*, 121, 1948.

56. Ibidem. Não fica claro onde o departamento paulista do IAB exerce suas atividades entre 1947 e 1950.

57. “Relatório da diretoria 1955-1956”, *Acrópole*, 214, ago.1956

12 e 13

Jantar comemorativo
da instalação do núcleo
do IAB em Campinas
e almoço rotineiro
da secção paulista do
Instituto.

Assim, ao lado do debate pela regulamentação da profissão, sobretudo em sua prática liberal; do estabelecimento do direito autoral; da consolidação de normas para a realização de concursos de arquitetura; da elaboração de um código de ética profissional – sempre em sintonia com os debates internacionais – proliferam-se os eventos sociais, impulsionados pela nova sede⁵⁸. Com ela, retoma-se a prática dos almoços semanais, que antes se realizavam no *roof* da gazeta ou no Hotel Excelsior, organizam-se jantares dançantes, exposições de pintura de arquitetos pintores, bailes de arquitetos, coquetéis para recepcionar recém-formados ao lado de seus familiares, sessões de projeção de filmes em acordo com a filmoteca do Museu de Arte Moderna⁵⁹.

As iniciativas de formação – escassas no início das atividades da entidade e centradas em algumas palestras e excursões culturais, possíveis pelo pequeno número de associados⁶⁰ – são ampliadas a partir da segunda metade da década de 1950, impulsionada por uma maior aproximação da entidade com os diretórios acadêmicos das escolas de arquitetura, o DAFAM e o

58. Por exemplo: “Os princípios éticos da classe dos arquitetos”, *Acrópole* 161; “Princípios standard que regem o exercício da profissão de arquitetos nos Estados Unidos”, *Acrópole*, 162, out.1951; “Exercício ilegal da profissão”, *Acrópole*, 165, jan.1952; CÉSAR, Roberto Cerqueira. “Normas básicas para concurso de arquitetura”, *Acrópole*, 166, fev.1952.

59. “Almoço no IAB”, *Acrópole*, 191, ago.1954; “Almoço das quintas-feiras”, *Acrópole*, 203, set.1955.

60. “Excursão cultural de arquitetos à Europa, sob o patrocínio do IAB”, *Acrópole*, 109, mai.1947. O roteiro abarcou Portugal, Itália, Alemanha, Suíça, França, Bélgica, Holanda, e Inglaterra em 57 dias.

14
Arquitetos partindo de São Paulo para uma excursão cultural à Europa, em 1947, sob o patrocínio do IAB.

15 e 16
Aula do Curso de Termologia e Iluminação e Vilanova Artigas falando em seu encerramento.

17 e 18
"Exposição livre de jovens arquitetos" promovida pelo NEDAB-RJ no MES em 1954.

19 e 20

Contagem de votos nas eleições no IAB-SP e Inauguração da Exposição de Brasília, organizada pelo IAB sob patrocínio da NOVACAP, em Jaboticabal (1959).

21 e 22

Inauguração da Exposição de Frank Lloyd Wright (1959) e homenagem do IAB ao arquiteto mexicano Luiz Gonzalez Aparicio (1960)

23 e 24

Visita dos participantes do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos à Il Blenal e passeio na praia de Pernambuco (1954).

25 e 26

Também como parte dos encontros sociais deste IV Congresso, um churrasco na chácara de Kneese de Mello e a festa de gala na residência de Warchavchik

GFAU, combinando atividades de interesse comum⁶¹. São diversos os cursos organizados – de história, planejamento, urbanismo, geografia, sistemas estruturais, climatologia, acústica – que forneciam certificados de frequência e apostilas, suprimindo conscientemente algumas deficiências do ensino formal de arquitetura destes anos. Em paralelo, inicia-se a organização de uma biblioteca – montada, sobretudo, com doações de associados e entidades da imprensa especializada – com serviço regular de empréstimos de livros e revistas⁶².

Assim, se os estudantes de arquitetura lá encontravam um ambiente capaz de lhes fornecer não só facilidades de ordem material (como refeições a preços reduzidos), mas também oportunidades de confraternização e participação em atividades culturais, eles traziam, por sua vez, um frescor aos debates estéticos e políticos do IAB⁶³. Não só: a presença desses “sócios aspirantes” solucionava, em parte, os recorrentes problemas financeiros da entidade, pois, ainda que lhes fossem cobradas anuidades a preços módicos, garantia-se a futura expansão do Instituto.

O braço paulista do NEDAB – Núcleo de Estudo e Divulgação da Arquitetura Brasileira, criado em 1954 por estudantes e jovens arquitetos no Rio de Janeiro para contribuir com “o aprimoramento do nível cultural da classe” – parece ser um elo importante entre as gerações que orbitavam em torno do IAB⁶⁴. Inicialmente criado como uma entidade independente, a ampliação de suas atividades incorre, no final de 1954, no risco de desenvolvimento de uma entidade paralela, frente ao que se decide por sua integração ao Instituto, ainda que mantivesse sua autonomia e direção coletiva⁶⁵.

61. “Boletim Mensal do IAB-SP no45”, *Acrópole*, 229, nov.1957.

62. “Boletim Mensal do IAB-SP no23”, *Acrópole*, 207, jan.1956.

63. “Boletim Mensal do IAB-SP no21”, *Acrópole*, 205, nov.1955.

64. SOUZA, Abelardo. “Núcleo de estudos e divulgação da arquitetura brasileira (NEDAB)”, *Habitat*, 17, jul.ago.1954. Ver também: “NEDAB”, *Acrópole*, 193, out.1954; No Rio de Janeiro, o núcleo organizava debates e exposições - Exposição Itinerante de Arquitetura Brasileira, Exposição Livre de Jovens Arquitetos no Ministério da Educação; Jovens Arquitetos no Rio de Janeiro – aos quais comparecia numeroso público com presenças notáveis, como Oscar Niemeyer, Eduardo Reidy, Alcides da Rocha Miranda, Paulo Antunes Ribeiro, Jorge Moreira, Carmen Portinho, dentre outros.

65. “NEDAB - Relações com o IAB”, *Acrópole*, 195, dez.1954

27 e 28
Aspecto da entrada da
exposição do NEDAB,
no MASP e seus
visitantes (1955).

O núcleo local – inicialmente composto por Gastão Marcondes, Gilberto Junqueira Caldas, Ney Marcondes, Alfredo de Divitiis, Telésforo Cristofani, Cássio Pinheiro Gonçalves, Castelo Branco, Hoover Sampaio, Nestor Lindenberg, Ervin Hochenberg, Wilson Moraes, Roger Zmekhol, Ruy Gama, Roberto Mello, Kurt Hollaender, Fanny Schenkman, Maria Tereza B. Camargo, Alfredo Paesani, Jorge Wilhelm – reunia-se semanalmente, organizando mesas redondas, como “Arquitetura nacional” e “Ensino de arquitetura”, promovendo exposições como a “Jovens Arquitetos Paulistas”, além de organizar jantares de confraternização com delegações de estudantes de outros estados e países, de modo a fomentar a criação de entidades similares no exterior⁶⁶.

Por outro lado, é de se notar as iniciativas do Instituto que visam promover, nacional e internacionalmente, o arquiteto paulista, através do estímulo e coordenação de sua participação em concursos e congressos, ambos em intensa proliferação no meio arquitetônico da época, designando usualmente um ou mais representantes, que, no momento da volta, relatavam seus principais pontos de debate. Tal intercâmbio também se dava por meio da publicação de notas e correspondências de viagens dos arquitetos locais e na acolhida a arquitetos

66. “Realizações do NEDAB”, *Acrópole*, 196, jan.1955; “Um Debate: Ensino de Arquitetura”, *Acrópole*, 198, abr.1955.

estrangeiros que aqui chegavam, promovendo palestras e confraternizações com os que estavam de passagem ou facilitando sua “colocação” no mercado de trabalho, a partir de anúncios específicos no *Boletim* para os que aqui pretendiam ficar⁶⁷.

Em 1954, um incêndio causado por um curto circuito destrói parcialmente o edifício da Rua Bento Freitas e é o início de uma longa série de problemas financeiros enfrentados pelo Instituto, na segunda metade da década. São diversas as notas veiculadas no *Boletim* que clamavam pela colaboração de seus sócios na ajuda pela recuperação de sua sede, que volta a funcionar em 1956, após empréstimo tomado na Caixa Econômica⁶⁸. Parece ser neste momento – em que se traça um plano de reerguimento econômico com taxaço de serviços, regularização de mensalidades atrasadas e prospecção de novos sócios – que o IAB cogita o encerramento de algumas relações mantidas a “título precário”, como a cessão de suas instalações para o “Clube dos Artistas e Amigos da Arte”. Um plano que aparentemente não se efetiva, dado que, em 1962, o “clubinho” continuaria a manter “o galardão de ponto vespertino e noturno das rodas artísticas de São Paulo, sua atmosfera e frequência lembrando, guardadas as proporções, as rodas dos cafés parisienses”⁶⁹.

Ao longo destes anos, o departamento local do IAB se amplia e se consolida como entidade representativa, desfazendo-se, em parte, das relações informais inicialmente estabelecidas e traçando planos que indicam este novo alcance da entidade, como, por exemplo, a criação de uma seção de previdência social, a construção de uma Estância de Férias para seus associados no litoral paulista e a instituição de uma assessoria jurídica permanente – que será responsável, mais à frente, pela criação do Sindicato dos Arquitetos⁷⁰. Ao mesmo tempo, na

67. Por exemplo: “Plínio Croce foi aos EEUU”, *Acrópole*, 192, ago.1954; “O encontro de arquitetos em Varsóvia”, *Acrópole*, 192, ago.1954

68. “Boletim Mensal do IAB-SP no27”, *Acrópole*, 211, mai.1956

69. “Coletiva no ‘Clubinho’”, *Habitat*, 67, mar.1962. Ver também: “Clube dos artistas e amigos da arte”, *Acrópole*, 203, set.1955; “Fundação da UAP: União de Artistas Plásticos”, *Acrópole*, fev.1956.

70. “Boletim Mensal do IAB-SP no23”, *Acrópole*, 207, jan.1956; “Boletim Mensal do IAB-SP no62”, *Acrópole*, 245, mar.1959.

medida em que a entidade adquire força nos cenários local e nacional, amplia-se o descontentamento com o Departamento Central do Instituto – que na opinião dos paulistas nada mais era do que um “Conselho do Rio de Janeiro” – e intensifica as manifestações para que este órgão assumisse sua centralidade, o que ocorre somente em 1957, desvinculando-se dos arquitetos da Guanabara e se concentrando nos assuntos de caráter nacional⁷¹.

No final da década, ao se propor “a divulgar de maneira mais eficiente e apresentável as manifestações culturais e profissionais de todos os arquitetos e artistas brasileiros”, novos planos são traçados para seu *Boletim*, que passa a ser separadamente impresso pela Editora *Acrópole* e chefiado por Brenno Cyrino Nogueira – antes secretário de redação da revista *Bem Estar*⁷². Tratava-se de fortificar os instrumentos do IAB em um momento em que se abria “francamente a luta pela profissionalização do arquiteto, principalmente com o projeto de regulamentação profissional” (que apesar de tramitar no congresso não chega a

29
O Boletim do IAB, já
separado de *Acrópole*
(1959)

71. “Convenção do IAB”, *Acrópole*, 175, nov.1952; “IAB - Departamento Central”, *Acrópole*, 190, jul.1954.

72. “Boletim Mensal do IAB-SP no62”, *Acrópole*, 245, mar.1959. Brenno Cyrino Nogueira formou-se em 1957 na FAUUSP, foi professor assistente doutor na área de planejamento urbano e regional do curso de pós-graduação desta instituição e secretário do IAB-SP entre 1962-1963 e, ao lado de Gustavo Neves da Rocha Filho, editou a revista *Bem Estar*.

ser aprovado), em um momento em que a profissão se propunha a assumir um papel fundamental frente às perspectivas de desenvolvimento do país⁷³. Tomando como exemplo os editoriais de Corona, em *Acrópole*, ou os de Geraldo Ferraz, em *Habitat*, tal debate acerca das perspectivas profissionais não mais se restringia aos círculos internos do Instituto e de seus Boletins, ganhando, de maneira autônoma, grande espaço nas páginas das demais revistas especializadas.

O programa Arquitetos na TV – com duração de 30 minutos semanais, produzido pelo Instituto e organizado por Eduardo Kneese de Mello, Oswaldo Correa Gonçalves e Fábio Penteado⁷⁴ – nos dá uma imagem de um ajustamento, dialético e em andamento, entre este processo de definição e luta por autonomia na atuação do arquiteto e as perspectivas externas, do mundo social ampliado. Nele, Anhaia Mello discursava sobre a “Importância da Arquitetura”, Paulo de Camargo e Almeida explicava o novo plano para a Cidade Universitária, Eduardo Kneese de Mello discutia Brasília, Flávio Leo da Silveira relatava a Arquitetura no Exterior, Henrique Mindlin discorria sobre sua viagem à Inglaterra e Estados Unidos, Marcelo Roberto debatia a questão das casas populares, Oswaldo Correa Gonçalves apresentava a próxima Bienal, ao lado de entrevistas com arquitetos de passagem pela cidade e apresentação de cerimônias de divulgação de resultados de concursos – como o da Assembleia Legislativa de SP. Tal perspectiva de atingir “o grande público”, discutindo tudo “aquilo que a arquitetura, como ciência e arte, refletia da vida nacional e da atividade humana” parecia ter encontrado certa correspondência, ao conseguir uma grande audiência interessada, até hoje não recuperada⁷⁵.

73. “Editorial”, *Boletim do IAB*, 65, jul.1959. Trata-se de um projeto de regulamentação profissional proposto pelo IAB e que enfrentará ampla oposição do CREA. “Os pareceres do CREA 5ª região e do CREA 6ª região sobre o projeto de regulamentação”, *Boletim do IAB*, 65, jul.1959.

74. Fábio Penteado (Campinas, 1929 - São Paulo, 2011) forma-se arquiteto em 1953 pelo Mackenzie, atuará no IAB e desenvolverá atividades didáticas no Mackenzie entre 1961 e 1964. Neste período, foi diretor da seção de Arquitetura e Urbanismo da revista Visão (1956-1962) (PENTEADO, Fábio. *Fábio Penteado: ensaios de arquitetura*. São Paulo: Empresa das Artes, 1998).

75. “Arquiteto na TV”, *Boletim IAB*, 75, jun.1961

30

*Arquitetos na TV:
entrevista a um
arquiteto nigeriano em
visita a São Paulo. Da
esquerda para a direita:
Eduardo Kneese de
Mello, Fabio Penteado,
Oswaldo Correa
Gonçalves (responsáveis
do IAB pelo programa),
Leo Ribeiro de
Moraes, Maurício T.
Schneider e o visitante
(10/05/1961)*

31

*Arquitetos
acompanhando o
programa inaugural
da série "Arquitetos
na TV" quando Luiz
Ignácio de Anhaia
Melo foi convidado
a fazer uma palestra
sobre Arquitetura e
Planejamento*

1.3 ENSINO E REDIMENSIONAMENTO DISCIPLINAR

No final dos anos 1940, nas revistas especializadas, são poucos os ecos das movimentações em torno do embate pela autonomia do ensino de arquitetura, até então ministrado na cidade por instituições politécnicas. Seja pela nova estruturação legal do ofício ou pela recente legitimação da produção arquitetônica brasileira, o aumento expressivo na procura por tal formação – consolidada sobre novas bases a partir da fundação da Faculdade Nacional de Arquitetura, em 1945, que destacara o curso de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro – abre caminho para o surgimento das primeiras faculdades autônomas de arquitetura na capital paulista: em 1947, no Instituto Mackenzie e, em 1948, na Universidade de São Paulo⁷⁶.

Se os cursos anteriores não se destacavam pelo número de engenheiros-arquitetos diplomados, com uma média de menos de cinco por ano, as novas graduações assistem, no final da década, um afluxo de cerca de cem novos alunos e aproximadamente oitenta profissionais formados anualmente⁷⁷. Trata-se de um significativo alargamento do número de arquitetos locais que transformará, inevitavelmente, o estilo da reflexão teórica, a produção arquitetônica e a própria ideia do fazer profissional, a partir de um conflito pela definição dos limites desta atuação e pela produção de novos significados da obra arquitetônica, em um meio no qual as novas faculdades se instalam como locais de debate, dentro ou fora das salas de aula.

No Mackenzie, onde a criação da unidade independente ia ao encontro do desejo da instituição de se transformar em universidade, os alunos e professores do antigo curso são automaticamente transferidos para a nova faculdade, que continuará a ser dirigida até 1957 por Christiano Stockler das Neves, considerado

76. Estas novas faculdades têm como antecedente o curso de arquiteto na Escola de Belas Artes de São Paulo, fundado por Alexandre Albuquerque e que funcionou de 1928 a 1934, tendo como objetivo a formação especializada do arquiteto.

77. “Aumenta o ensino da Arquitetura”, *Habitat*, 28, mar.1956. Dados também informados por FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2005 e DURAND, José Carlos Garcia. *A profissão de arquiteto: estudo socio-lógico*. Guanabara: CREA, 1974.

o principal “entrave” para o abandono do paradigma beaux-artiano assumido pela escola durante boa parte dos anos 1950⁷⁸. De modo contrário, os estudantes do curso de arquitetura da Escola Politécnica da USP – que entra em um programa de extinção programada, encerrando suas atividades somente em 1954 – não são transferidos automaticamente para a nova Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que, no entanto, carrega boa parte de suas diretrizes didáticas e membros do corpo docente⁷⁹.

Este descompasso entre os parâmetros de ensino e o novo entendimento acerca da atuação do arquiteto será o motivo de grande parte dos embates internos nestas instituições, ao longo do período estudado. Mais do que próprios somente à esfera interna, estes conflitos ganham um lugar importante nos debates extra-escola (como não poderia deixar de ser em um momento de redefinição profissional), repercutindo, por exemplo, nas revistas especializadas, sobretudo em *Acrópole* e *Habitat*. Na primeira, através da aproximação gradual do IAB com as instituições de ensino ao longo da década e, posteriormente, com a entrada de Eduardo Corona; e, na segunda, a partir da presença de Abelardo de Souza e, após, de Geraldo Ferraz, que assume um grande engajamento, noticiando greves, clamando por apoio aos estudantes e exigindo da classe profissional um olhar mais atento para o problema do ensino na cidade⁸⁰.

78. BREIA, Maria Teresa de Stockler e. *A transição do ensino da arquitetura Beaux-Arts para o ensino da arquitetura moderna na Faculdade de Arquitetura Mackenzie - 1947-1965*. São Paulo: FAUUSP, 2005; PEREIRA, Gustavo. *Christiano Stockler das Neves e a formação do curso de arquitetura no Mackenzie College: um estudo sobre a disseminação dos métodos da “École des Beaux-Arts de Paris” e das “Fine-arts Schools” norte americanas*. São Paulo: Mackenzie, 2005.

79. É interessante notar que a notícia de tal extinção acarreta um aumento na demanda do antigo curso por engenheiros em busca da última oportunidade de uma dupla formação, agora exigida por lei. Ou seja, até meados dos anos 1950, a USP formaria, por instituições diferentes, profissionais similares. Albuquerque, Roberto Portugal. *Uma escola de arquitetura - FAUUSP: edifícios e ensino*. São Paulo: FAUUSP, 2004.

80. São muitos os textos, mas podemos citar como exemplo: LEVI, Rino. “Os arquitetos e a regulamentação profissional”, *Bem Estar*, 4, mar.abr.1959; SOUZA, Abelardo. “Ensino da Arquitetura”, *Habitat*, 18, set.out.1954; FERRAZ, Geraldo. “Ensino de arquitetura e urbanismo”, *Habitat*, 23, ago.set.1955.

Em 1949, com a instalação definitiva da FAUUSP nas dependências do casarão doado pela família Penteadó, à Rua Maranhão 88, as duas escolas passam a distar entre si pouco mais de cem metros. Os laços resultantes desta proximidade não são ainda claros, mas passam por relações de cooperação – admiração pelos mesmos professores, formação de grupos de estudo mistos, organização conjunta de concursos, utilização da biblioteca da Vila Penteadó, mais atualizada em seus títulos – e por lembranças de divergências intelectuais, especialmente com o acirramento das posições políticas no decorrer destes anos⁸¹.

Neste sentido, a grande convivência no IAB indica o papel não desprezível deste órgão como instância agregadora no meio estudantil. Muitas vezes organizados por solicitação direta dos alunos, seus cursos e debates cumpriam uma função formadora e, ao mesmo tempo, aproximava estudantes e profissionais a temas comuns, sobretudo em torno das novas perspectivas para a prática profissional – o que leva o Instituto a ser considerado “porta-voz” das reivindicações por mudanças mais profundas no ensino⁸². Alia-se a isto o fato de que sua biblioteca e restaurante, acessíveis aos arquitetos aspirantes, eram locais de encontro de jovens que por ali circulavam, seja pela proximidade das escolas, pelas inúmeras atividades culturais do centro da cidade ou pelo início de suas rotinas de estágio nos próprios escritórios sediados por lá ou em suas cercanias⁸³.

Desde a fundação da FAUUSP, uma geração de arquitetos modernos formados no Rio de Janeiro vinha ingressando em seu corpo docente, tornando-se polo importante de informação dos estudantes de ambas as escolas, sobretudo acerca da produção carioca mais recente. Excluídos das atividades didáticas em

81. “Concurso de arquitetura entre estudantes da FAU e Mackenzie”, *Habitat*, 36, nov.1956; BREIA, Maria Teresa de Stockler e. *A transição do ensino da arquitetura Beaux-Arts para o ensino da arquitetura moderna na Faculdade de Arquitetura Mackenzie - 1947-1965*. São Paulo: FAUUSP, 2005; PEREIRA, Gustavo. *Christiano Stockler das Neves e a formação do curso de arquitetura no Mackenzie College: um estudo sobre a disseminação dos métodos da “École des Beaux-Arts de Paris” e das “Fine-arts Schools” norte americanas*. São Paulo: Mackenzie, 2005.

82. “Comunicam-nos do IAB”, *Acrópole*, 171, jul.1952; “Boletim Mensal do IAB-SP no44”, *Acrópole*, 228, out.1957.

83. “Sobre a campanha do aluno estagiário”, *Acrópole*, 169, mai.1952

razão do conservadorismo ainda dominante na FNA, Abelardo de Souza, Hélio Duarte, Eduardo Corona e Alcides da Rocha Miranda se transferem para São Paulo e se juntam a alguns professores com os quais coincidiam nos anseios por novos horizontes para o ensino e para a prática, dentre eles, Luis Ignácio de Anhaia Mello, Vilanova Artigas, Zenon Lotufo e Ícaro de Castro Mello, todos engenheiros arquitetos formados pela Escola Politécnica da USP e que haviam desempenhado papel importante na luta pela criação da faculdade autônoma. Ao longo da década de 1950, a este grupo “moderno” se juntam diversos outros novos professores – muitos deles egressos de seu corpo discente, como Nestor Goulart, Abraão Sanovicz, Júlio Katinsky, Benedito Lima de Toledo – que constroem nas mais variadas áreas um novo corpo de conhecimento, cativando os alunos e alterando substancialmente a divisão interna de poder desta instituição⁸⁴.

Já no Mackenzie, a atualização do corpo docente teria de esperar a saída do diretor Christiano Stockler das Neves e a decorrente reestruturação gradual do currículo para que se iniciasse, paulatinamente, a substituição dos professores Beaux-Arts. Sobretudo ao longo da segunda metade dos anos 1950, Eduardo Corona, Carlos Millan, Fábio Penteado, Franz Heep, Brenno Cyrino Nogueira, Philipp Lohbauer, Alfredo Paesani, Laszlo Zinner, contratados ali como professores, apontam um novo enfoque, diminuem em parte a distância hierárquica entre alunos e docentes, tornando-se responsáveis por algumas alterações no método de ensino, ainda que pontuais, como a proposta de um atelier vertical⁸⁵.

84. Além dos já citados, podemos listar mais alguns membros que integram (mesmo que por pouco tempo) o corpo docente da FAUUSP ao longo dos anos 1950 e 1960: Carlos A. G. Cardim Filho, Lourival Gomes Machado, Miguel Badra, Plínio Croce, Carlos Lemos, Flavio Motta, Dayse Igel, Jacob Ruchti, Jean Maitrejean, Rino Levi, Roberto Cerqueira César, Lina Bo Bardi, Eduardo Kneese de Mello, Carlos Millan, Luiz Gastão de Castro Lima, José Cláudio Gomes, Abrahão Sanovicz, Júlio Katinsky, Rodrigo Lefevre, Flávio Império, Sérgio Ferro, Nestor Goulart Reis Filho, Ariosto Mila, Ernest Robert de Carvalho Mange, Américo Campiglia, Juarez Brandão Lopes, Mário Vagner Vieira da Cunha, Rino Levi, José de Souza Reis, Renina Katz, Lauro Birkholz, Roberto Tibau, Lucas Nogueira Garcez, Lúcio Grinover, Luís Roberto Carvalho Franco, Giancarlo Gasperini, Miranda Maglioli e Paulo Mendes da Rocha. Informações fornecidas pela FAUUSP em listagem histórica dos docentes.

85. CORONA, Eduardo. “Uma experiência didática”, *Acrópole*, 303, fev.1964.

Se é evidente a importância que a incorporação de ex-alunos no corpo de professores da escola tem na mudança dos conteúdos e métodos adotados por tais instituições para a formação do arquiteto, a rápida absorção de recém-formados ilustra, ao mesmo tempo, esta renovação do campo que, ao se afastar das diretrizes do ensino e do fazer politécnico, enfrentava a carência de novos quadros docentes. De fato, não parece ser coincidência que, ao lado destes jovens professores, sejam contratados alguns profissionais que na década anterior haviam travado o embate pela renovação profissional na cidade – como Rino Levi ou Eduardo Kneese de Mello que ingressam na FAU-USP respectivamente em 1954 e 1955 –, mas que só têm a oportunidade de se estabilizar no meio acadêmico à medida em que ele se afasta de suas diretrizes conservadoras. Neste sentido, tampouco poderíamos desconsiderar a coincidência entre boa parte deste novo corpo docente e a lista de associados do departamento local do IAB.

As iniciativas estudantis cumprem papel fundamental nas duas escolas, ao mobilizarem novos conteúdos e preocupações, tendo inclusive relevância na formação de grande parte destes jovens docentes. Na FAU-USP parecem ter cumprido uma função importante na abertura de novas perspectivas de formação do arquiteto em uma escola que prometia, ao mesmo tempo, ultrapassar o referencial Beaux-Arts dominante no país e a matriz local enraizada na Escola Politécnica de São Paulo⁸⁶. O acentuado caráter técnico do curso em seus primeiros anos motiva os estudantes a procurarem por outros meios de aprendizado, para além das salas de aula. A partir de tal descontentamento com o ensino e da tomada de consciência da necessidade de repensar a inserção do pensamento e produção arquitetônica no debate contemporâneo sobre o país, os estudantes empreendem uma série de iniciativas, quase todas em torno do GFAU (1948), complementares, mas decisivas em sua formação⁸⁷. Dentre elas, poderíamos citar a criação do Centro de Estudos Folclóricos (CEF), posteriormente denominado Centro de Estudos Brasileiros (CEB), a organização de “viagens de formação”,

86. SODRÉ, João. *Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962)*. São Paulo: FAUUSP, 2010.

87. *Ibidem*, p.15.

o investimento nas publicações estudantis⁸⁸ e a montagem de exposições, como a “artistas de domingo”⁸⁹.

No Mackenzie, ao lado de algumas tentativas formais de renovação didática por parte do corpo discente e da forte recusa do diretor Christiano Stockler das Neves em atualizar o sistema de ensino – arcaico e descolado da realidade para grande parte dos alunos –, decorrem, sobretudo, movimentos paralelos de embates e aprendizados, através de estudos coletivos, leitura de revistas estrangeiras, viagens internacionais de estudo, aproximação a arquitetos da nova tendência, visita a obras admiradas ou publicação de revistas, como a *Pilotis*. Em paralelo, com o objetivo de ampliação da voz estudantil, os alunos Carlos Millan, Jorge Wilhelm e Luiz Roberto Carvalho Franco fundam, logo em 1947, o diretório acadêmico (DAFAM) que passa a organizar exposições de trabalhos escolares e extra-escolares do grupo discente e, principalmente, coloca-se como interlocutor com diversas outras entidades no debate acerca do ensino no país e na instituição.

No entanto, a incerteza acerca dos contornos e perspectivas da profissão e a ânsia de mudança nos padrões de ensino não podem ser vistas como preocupações restritas aos cenários locais, pois repercute com igual intensidade nas demais faculdades do país: do Rio Grande do Sul, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro. Neste sentido, ao mesmo tempo em que os Congressos Nacionais de Estudantes, de arquitetura ou não, cumprem papel importante na militância, também são tomados como uma oportunidade de formação, uma vez que, a partir destas viagens, os estudantes entravam em contato direto com outras escolas de arquitetura, com as obras, tradicionais e modernas, com culturas diferentes e

88. Estas atividades editoriais, vinculadas quase exclusivamente ao GFAU e ao CEF, se atinham predominantemente à transcrição de artigos e não de textos próprios. Seu interesse inicial era voltado para a arquitetura tradicional mas, ao longo dos anos 1950, amplia o foco para a arquitetura moderna, a partir da publicação de Estudos e Depoimentos. SODRÉ, João; DEDECCA, Paula Gorenstein. “Cultura e Política nas Publicações dos Estudantes da FAU-USP: 1950-1972”. *Revista CPC*, 9 (No prelo).

89. “Iniciativa dos estudantes de arquitetura (FAU)”, *Habitat*, 34, set.1956; “Artistas de domingo no grêmio da faculdade de arquitetura e urbanismo”, *Acrópole*, 228, out.1957; “Depoimentos 1 – Valiosa publicação do Grêmio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo”, *Boletim IAB*, 72, abril.1960; FERRAZ, Geraldo. “Depoimento”, *Habitat*, 59, mar.abr.1960.

outros modos de pensar⁹⁰. O Bureau Nacional, criado em 1951, coordenava os Diretórios Acadêmicos, ampliando as iniciativas de interesse para o ensino de arquitetura, sempre com a colaboração do IAB, e, a partir destes encontros, saíram inúmeras reflexões adotadas nas reformas e nas reestruturações dos cursos⁹¹.

Tal reivindicação pela renovação do ensino culmina em alguns episódios tensos ao longo da década e no acirramento dos embates que resultam em momentos de paralisação estudantil. Estas agitações ganham escala, tanto no Mackenzie quanto na FAUUSP, repercutem no noticiário da cidade, em jornais e revistas especializadas, e surtem efeitos de maior ou menor escala na reformulação de seus ensinoss⁹². Mais ou menos corajosos, eram notáveis os esforços pela mudança na formação profissional, seja através de reformas didáticas de grande porte, modificações na estrutura do ensino ou transformações pontuais de matérias. Na FAUUSP, a partir de certa conciliação de pontos de vista entre professores e alunos, inicia-se, em 1955, um processo de reforma que passará por etapas importantes em 1957, 1962 e 1968. No Mackenzie, aos poucos, inserem-se mudanças pontuais que, entretanto, não resultam propriamente no estabelecimento de novos marcos pedagógicos⁹³.

Assim, apesar das semelhanças notadas, os dois cursos ampliam suas diferenças ao longo dos anos 1950 e 1960. De certa maneira, o Mackenzie, ainda que desfeito de suas amarras acadêmicas, não abandona a proposta de um currículo

90. ROCHA, Gustavo Neves. “Arquitetura Brasileira através dos congressos nacionais”, *AD*, 13, set.out.1955; “O I Encontro de estudantes e arquitetos realizado em São Paulo”, *Bem Estar*, 03, nov. dez. 1958.

91. CORONA, Eduardo. “Executiva nacional de estudantes de arquitetura de urbanismo”, *Acrópole*, 318, jun.1965

92. FERRAZ, Geraldo. “De arquitetura, no Mackenzie”, *Habitat*, 30, mai.1956; “Conferência sobre o ensino da arquitetura provoca uma greve na faculdade Mackenzie”, *Habitat*, 36, nov.1956; “Reforma do ensino de arquitetura”, *Habitat*, 37, dez.1956; “Editorial”, *Habitat*, 46, jan.fev.1958; “Manifesto do Instituto de arquitetos”, *Acrópole*, 282, mai.1962.

93. CORONA, Eduardo. “Sobre o ensino de arquitetura”, *Acrópole*, 297, jul.1963; FERRAZ, Geraldo. “*Habitat* inicia um levantamento sobre as condições do ensino universitário em exposições feitas pelos responsáveis das diversas cadeiras de FAU”, *Habitat*, 26, jan.1956; FERRAZ, Geraldo. “Ensino da arquitetura na FAU da Universidade de São Paulo”, *Habitat*, 38, jan.1957.

voltado de maneira quase exclusiva à prática projetual de edificações⁹⁴. Neste sentido, difere das perspectivas de ensino da FAUUSP que, ao longo dos anos 1950, abre espaço em seu currículo para uma presença importante da história, do urbanismo e, mais à frente, do desenho industrial⁹⁵. Apesar de tal ampliação de interesses, esta gama de novas atribuições não será sentida na forma de inserção destes estudantes no mercado de trabalho do final da década de 1950: em um inquérito realizado entre os jovens formados nas cinco primeiras turmas da FAUUSP, era evidente a predominância de sua inserção no setor privado e espantosa a ausência de projetos públicos e trabalhos no campo do urbanismo⁹⁶.

1.4 AS REVISTAS COMO NÓS DE SOCIALIZAÇÃO

“O alto sentido polêmico que deveria empolgar as reuniões de classe; o trato costumeiro dos assuntos de interesse profissional que servem de base a uma consciência cada vez mais esclarecida das questões relacionadas, próxima ou mediatamente, à prática da arquitetura; a divulgação sistemática das experiências de cada um; a seleção natural daqueles problemas que apontam as novas diretrizes para o exercício profissional; o entrechoque de opiniões; tudo, enfim, que possa revelar a vitalidade da classe, só encontra guarida, entre nós, nas revistas especializadas”⁹⁷.

Até junho de 1963, tinham sido publicadas no Brasil trinta revistas de arquitetura, sendo dezoito cariocas, nove paulistas, duas de Belo Horizonte e uma de Porto Alegre⁹⁸. Destas, 16 estiveram presentes na década de 1950 – *Acrópole* (SP, 1938-1971); *Anteprojeto* (RJ, 1945-1959); *Arquitetura e Engenharia* (BH, 1946-1965);

94. PEREIRA, Gustavo. *Christiano Stockler das Neves e a formação do curso de arquitetura no Mackenzie College: um estudo sobre a disseminação dos métodos da “École des Beaux-Arts de Paris” e das “Fine-arts Schools” norte americanas*. São Paulo: Mackenzie, 2005.

95. PEREIRA, Juliano Aparecido. *Desenho industrial e arquitetura no ensino da FAU-USP (1948-1968)*. São Carlos: EESC, 2010.

96. CUNHA, Mário Wagner Vieira. “A margem de um inquérito entre jovens arquitetos”, *Bem Estar*, 4, mar.abr.1959.

97. SAIA, Luiz. “Mais um ano de luta”, *AD*, 18, jul. ago. 1956.

98. Tais dados foram colhidos no levantamento feito pela revista *Acrópole*, em 1963 (“Revistas de arquitetura no Brasil”, *Acrópole*, 295/296, jun.1963) e complementados com >

Arquitetura (BH, 1947-1951), *Pilotis* (SP, 1949-1950), *Habitat* (SP, 1950-1965); *Brasil Arquitetura Contemporânea* (RJ, 1953-1958); *AD- Arquitetura e Decoração* (SP, 1953-1958); *Forma* (RJ, 1954-1955); *Módulo* (RJ, 1955-1965/1975-1986); *Brasília* (RJ, 1957-1962); *IAB* (RJ, 1958-1959); *Bem Estar* (SP, 1958-1960); *Arquitetura Mackenzie* (SP, 1958-1958); *IAB* (SP, 1959-1961); *Espaço-Arquitetura* (Porto Alegre, 1958-1959) – e somente *Guanabara*, posteriormente denominada *Arquitetura* (RJ, 1961-1966), inicia suas atividades na década seguinte⁹⁹.

Mais ou menos comerciais, vinculadas ou não a entidades representativas ou de ensino, interessadas nas artes plásticas, mais próximas da decoração ou da construção civil, esta grande gama de periódicos indica a agitação e ampliação da atividade editorial brasileira voltada às revistas de arquitetura nos anos 1950 e sua concentração no eixo Rio de Janeiro- São Paulo. O alargamento do número de profissionais redefinía e ampliava os campos de interesse e atuação do arquiteto, multiplicando simultaneamente o público para tal diversidade de publicações que, por sua vez, atraía pelo frescor e intensidade rápida de suas informações, em um meio ainda parco de ofertas editoriais em assuntos de arquitetura e urbanismo. Tal cenário efusivo – que permitia à revista *Acrópole* equiparar, em 1958, a imprensa brasileira de revistas especializadas às suas congêneres dos “maiores centros internacionais”¹⁰⁰ – perde força e praticamente fenece ao longo da década seguinte, como sugerem os lamentos de tais publicações a respeito da redução e mesmo anulação do grande movimento editorial em que se formaram¹⁰¹.

> a seguinte pesquisa: RABELO, Clévio. *Arquitetos na cidade. Espaços profissionais em expansão* (Rio de Janeiro, 1925-1935). São Paulo: FAUUSP, 2011.

99. Segundo o levantamento de *Acrópole* são publicadas antes deste período: *Architectura no Brasil* (RJ, 1921-1926); *A Construção em São Paulo* (SP, 1923-1926); *A Casa* (RJ, 1923, 1949); *Architectura e Construções* (SP, 1929, 1932); *Revista de Arquitetura* (RJ, 1934-1944); *Arquitetura e Urbanismo* (RJ, 1936-1940); *Urbanismo e Aviação* (RJ, 1938-1943). Devemos ainda complementá-lo com a pesquisa feita por Clévio Rabelo, que relata a existência de *Técnica e Arte* (RJ, 1928-1929); *Architectura: mensário de arte* (RJ, 1929-1930); *Revista da Diretoria de Engenharia da Prefeitura do Distrito Federal* (RJ, 1932-1937); *Cimento Armado* (RJ, 1930-1931); *Forma* (RJ, 1930-1931) e *Base* (RJ, 1933).

100. “A função das revistas técnicas...”, *Acrópole*, 235, mai. 1958

101. “Arquitetura, publicidade e literatura especializada”, *Arquitetura*, 29, nov. 1964.

A vida curta de várias destas iniciativas demonstra que, apesar de tal efervescência, não eram estáveis suas condições de produção. Ainda que alguns impedimentos recorrentes das décadas anteriores em parte tivessem sido superados – como as dificuldades de comercialização e aquisição de assinantes¹⁰² –, as publicações continuavam a enfrentar frequentes problemas de custo, recorrendo à inclusão de grande quantidade de publicidade em suas edições e repetitivos apelos à adesão de novos anunciantes – manobra cujo prejuízo à qualidade formal destas revistas não passará despercebido por seus próprios editores¹⁰³.

Tais obstáculos financeiros explicam em grande parte o caráter local de produção da maioria dos periódicos – mais viável em seu custo, prazo e rapidez na troca de informações e distribuição – que não será completamente superado por nenhuma destas publicações (o que, evidentemente, não significa dizer que o debate nas revistas paulistas de São Paulo seja o debate paulista). Ainda que certas revistas consigam estabelecer laços rotineiros com representantes ou colaboradores de outras partes do país, sobretudo através de conselhos técnicos regionais, estes parecem atuar mais na divulgação e, por vezes, na distribuição dos exemplares, do que propriamente na fatura da publicação “a várias mãos”, ainda que enviassem esporadicamente um ou outro projeto para ser noticiado.

Deste modo, não é surpreendente o predomínio de obras projetadas para a própria cidade onde o periódico era editado, ou por arquitetos estabelecidos localmente – características coincidentes na maior parte das vezes –, sendo poucos os projetos publicados de outros estados e países. Duas exceções nesse sentido são *Habitat* e *Arquitetura*. Deliberada ou não, tal primazia local não restringe a ambição de algumas destas publicações de superarem suas fronteiras imediatas, de falarem e repercutirem em públicos mais amplos, como sugerem os cadernos anexos de tradução, a lista de distribuidores internacionais e os valores fixos para assinaturas no exterior.

102. MIRANDA, Clara Luíza. *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*. São Carlos: EESC, 1998.

103. “A publicidade nas revistas técnicas”, *Acrópole*, 239, set.1958

32
Origem dos arquitetos
com projetos
publicados nas revistas
(fonte: levantamento
da autora)

ACRÓPOLE

BEM ESTAR

HABITAT

AD

PILOTIS

MÓDULO

GUANABARA/
ARQUITETURA

FORMA

BAC

■ sp ■ rj ■ demais estados ■ origem mista ■ internacionais □ origem não ident.

Anteprojeto
Rio de Janeiro
1942 - 1959 (2)
P. D. Costa, Acadêmicos da
Arq. do Faculdade Nacional de
Arq., D. Edgar Sraffa, Mar-
celo Juncovich e Narciso
Rosa
22 x 24 cm

Arquitetura e Engenharia
Belo Horizonte
Melo, 1946 - (65)
P. D. Costa, G. Costa
31 x 23 cm

Arquitetura
Belo Horizonte
1947 - 1951 (12)
P. D. Costa, Acadêmicos da Escola de
Arq. da UFMG, D. João K. de Fi-
gueiredo, Nelson S. Tito, Claudio C.
P. de Silva e Jefferson Lind
27 x 18 cm

Arquitetura
São Paulo
1948 - 1949 (3)
P. D. Costa, Milton, Jorge
Wilhelm, Paulo Tagliacozzo,
Roberto C. Franco, Salvador
Candia e Sidney da Fonseca
32 x 20 cm

Brasil Arquitetura Contemporânea
Rio de Janeiro
Agêta, 1953 - 1958 (13)
P. D. Costa, Edições Contemporâneas
Ltda., D. Joaquim de A. Ma-
fai e Mario Borata
30 x 23 cm

Habitat
São Paulo
Outubro, 1955 - (70)
P. D. Costa, Editora Ltda., D.
Arq. Lima do Prado
30 x 22 cm

Forma
Rio de Janeiro
Junho, 1954 - Abril, 1955 (5)
P. D. Costa, E. Mafai
28 x 23 cm

AD
São Paulo
Agêta, 1953 - Março, 1958 (27)
P. D. Costa, G. Costa, G. Arq.
Edições Contem-
30 x 22 cm

Módulo
Rio de Janeiro
Março, 1955 - 33
P. Editora Módulo Ltda.,
Dr. Joaquim Cardozo, Os-
car Niemeyer, Rodrigo M.
F. Franco, Rubem Braga e
Zeus Lufu
24 x 26 cm (maior) em
1959 para 30 x 23

Brasília
Rio de Janeiro
Janeiro, 1957 - Abril, 1961 - 32
P. Cia. Urbanizadora de Novo
Capital
28 x 22 cm

IAB
Rio de Janeiro
Janeiro, 1958 - Julho, 1959 - 19
P. Instituto de Arq. do Brasil,
Dept. do Rio de Janeiro, C. J. R.
Geddy Quintão
28 x 21 cm

Bem Estar
São Paulo
Fevereiro, 1958 - 1960 - 4
P. Gustavo N. da Rocha F.,
Dr. Breno C. Nogueira
29 x 22 cm

Arquitetura Mackenzie
1958 - 1959 - 2
P. Comissão Acadêmica da
Fac. de Arq. Mackenzie,
Dr. Geraldo C. Hungria, De-
da F. de Almeida, Cláudio
Berger e Maurício N. Lima
32 x 24 cm

IAB
São Paulo
Julho, 1959 - Junho, 1961 - 76
P. Instituto de Arq. do Brasil,
Dept. de São Paulo, Dr. Arq.
Breno C. Nogueira
28 x 20 cm (publicado anterior-
mente - desde Janeiro, 1954
- como suplemento da Revista
Acrópole)
28 x 20 cm

Espaço
Porto Alegre
1959 - 13
P. Faculdade de Arq. e Ur-
banismo da U.R.G.S., Dr. Arq.
Edgar Goff e Nelson Souto
30 x 22 cm

Guanabara
Rio de Janeiro
Março, 1961 - 12
P. Instituto de Arq. do Bra-
sil, Dept. do Guanabara,
Dr. Arq. Maurício Roberto,
Maurício S. N. Batista, Al-
fredo L. Brito, Carlos Ishi-
kawa e Carlos E. Mira
30 x 24 cm (passou a deno-
minar-se "Arquitetura" em
Dezembro, 1962, tornando-se
órgão do IAB nacional em
Junho, 1963)

O corpo crítico destas redações se apoiava majoritariamente em colaboradores voluntários, não remunerados, intermitentes e frequentemente locais que, por sua vez, ganhavam experiência e visibilidade, construindo, aos poucos, uma atividade crítica ainda muito incipiente. Além disso, boa parte do material escrito não era elaborado especificamente para tal ou qual revista, sendo muitas vezes transcrições de pronunciamentos e entrevistas, ou extratos de textos veiculados anteriormente em outros meios, como jornais, livros ou revistas estrangeiras.

Assim, para além da dificuldade de sustentação econômica, o problema da formação de um corpo crítico e a valorização de tal trabalho – visto recorrentemente “como ‘hobby’ ao qual se dedicam alguns visionários que teimam em prosseguir-lo”¹⁰⁴ – são igualmente considerados entraves para uma atividade mais constante, rigorosa e consistente das revistas especializadas. Ao longo dos anos 1950, ainda que se possa perceber que o conjunto crítico inicial, com um caráter intempestivo de “crítica de última hora”, seja aos poucos substituído por uma reflexão mais especializada, capaz de inserir a produção num quadro mais amplo de referências históricas e teóricas, ele não deixará de ser lembrado, por várias das publicações, como um obstáculo para uma atuação mais fluida. Os primeiros frutos de uma mudança, que se inicia com a abertura das faculdades de arquitetura em São Paulo no final da década de 1940 e que ampliará o quadro de profissionais e a especificidade de sua formação e intervenção, abrindo espaço para um desenvolvimento significativo da teoria, crítica e história da arquitetura e do urbanismo da cidade, poderão ser percebidos, mas assumem um viés mais acadêmico, que não se adequará completamente à necessidade de uma atividade crítica melhor instrumentada no interior das revistas.

Tal intermitência de colaboradores ocasionais pode nos ajudar a compreender as alternâncias de conteúdos na trajetória interna das diversas publicações – ora com extensas reportagens críticas, ora com uma larga predominância de conteúdos informativos –, bem como a dificuldade delas em traçar, e manter, uma diretriz teórica e crítica mais afinada e coesa. De fato, nenhuma destas revistas se apresenta, ou pelo menos não durante todo o seu período de publicação, como veículo de um corpo teórico de um grupo estabelecido, com princípios manifestos

104. “Arquitetura, publicidade e literatura especializada”, *Arquitetura*, 29, nov. 1964.

e voluntariamente codificados, ainda que existam valores compartilhados entre membros de uma mesma publicação – e entre membros de publicações diferentes.

Pois, como não poderia deixar de ser, é comum a estes produtores boa parte dos esquemas de percepção, de apreciação e de expressão, em um momento de estabilização da problemática moderna na vida cultural local. Em meio a uma série de recursos materiais e intelectuais, a determinadas opções oferecidas pela história e pela profissão, estes arquitetos tinham intenções e se inclinavam para o futuro de maneira semelhante¹⁰⁵. Imersos no embate pela renovação das diretrizes arquitetônicas – portanto em meio a uma gama de juízos estéticos distintos – e por uma nova constituição profissional, estes arquitetos e estas publicações se aproximam na eleição de seus problemas e resoluções, alinhando suas condutas à problemática da arquitetura moderna e da prática projetual autônoma. De fato, ao longo dos anos 1950, não há, nas páginas destas revistas, sequer um arquiteto que saia em defesa de uma arquitetura conservadora, apesar de ainda praticada em larga escala na cidade.

Exceto em raríssimos casos, as revistas não dialogam entre si diretamente e tampouco podemos perceber uma situação de concorrência – comercial ou intelectual – explícita entre elas. As menções de uma à outra se restringem em noticiar algum conteúdo de suas últimas edições – normalmente em tom positivo – e quase nunca manifestam desacordos ou interdições às opiniões expressas. De certo modo, como veremos, ainda que parte de seu público alvo seja coincidente, estas publicações ocupam espaços distintos no mercado editorial de arquitetura, ao elegerem conteúdos, objetivos e formas de linguagens diferentes.

Assim, se *Acrópole* parecia interessada no mercado de informação profissional mais pragmático, *Habitat* se colocava como uma revista de artes que, dentre outros conteúdos, dedicava parte de seu espaço à arquitetura (ainda que tal proporção se altere ao longo dos anos). Já *Pilotis* ou *Bem Estar* eram iniciativas de arquitetos em vias de profissionalização, com uma estrutura ainda frágil e, portanto, sem qualquer capacidade de fazer frente, do ponto de vista comercial,

105. BAXANDALL, Michael. *Padrões de Intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

a *Acrópole* ou a *Habitat*. *AD* parece ocupar um lugar singular, entre um diálogo com o meio profissional e a informação de um público consumidor mais amplo, interessado em arquitetura e decoração.

Apesar de principiante – com algumas exceções – este ramo da imprensa periódica brasileira ganhará um peso importante na estruturação das mudanças em andamento no campo intelectual e arquitetônico nestes anos 1950. Estas publicações ocupam posições centrais no debate arquitetônico do período, enquanto espaços privilegiados de produção e difusão de conteúdos críticos, local e nacionalmente. Neste meio em transformação, as revistas se instalam na rede de sociabilidade dos arquitetos, como uma de suas instâncias de articulação e debate, legitimação e diferenciação. Por isso, interessa-nos entender – para além dos temas debatidos, que serão discutidos no segundo capítulo – quais os círculos que se formam em torno de cada revista, como esta profusão de editores, colaboradores, arquitetos se relacionam e se aglutinam, que posições assumem nesta teia, obtendo assim mais elementos para entender, em parte, de onde falam e por que falam.

1.4.1 ACRÓPOLE (SP, 1938-1971)

A *Acrópole* – *Arquitetura, Urbanismo e Decoração* se caracteriza por ser a revista especializada em arquitetura de maior circulação no período estudado, com uma periodicidade regular, publicada ora mensal, ora bimestralmente. Criada nos “difíceis tempos de guerra” – atributo recorrentemente evocado em seus editoriais – apresentaria em sua primeira fase um conjunto eclético de projetos publicados que se embaralha frequentemente com os volumosos anúncios de construção e decoração. Este tênue limite entre propagandas e assuntos revela o foco comercial da revista, orientado por um conteúdo descritivo e informativo que focava a instrumentalização do arquiteto a partir de um viés repertorial, no qual as obras eram publicadas de forma pragmática, com pouca intenção analítica.

Esta orientação difusa e imprecisa de sua primeira fase – na qual a redação informava total isenção de responsabilidade pelos conceitos emitidos na revista – resulta na raridade de textos históricos, teóricos e críticos sobre arquitetura. Ao lado dos projetos publicados, aparecem relatos de fatos ocorridos na cidade que

OUTUBRO
1950

ARQUITETURA
ORGANISMO
CONSERVAÇÃO

ACROPOLE

34

Último número de
Acrópole com este
padrão de capa,
utilizado durante toda a
década de 1940.

privilegiam um traço mais noticioso (nos quais a opinião do periódico raramente se enuncia) e uma grande quantidade de reportagens fornecidas por agências de notícias, como a British News Service ou a Press Information Service, cujos assuntos se restringiam a temas internacionais, sobretudo relatos técnicos sobre os trabalhos de reconstrução no pós-guerra¹⁰⁶.

Publicada de 1938 a 1971, a revista é criada por sugestão do engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello ao então dirigente do Cadastro Imobiliário de São Paulo, Roberto Correa de Brito, que o havia procurado com o intuito de publicar um álbum de suas obras¹⁰⁷. É este empresário, que ocupa o cargo de diretor geral até 1952, que definirá o acento inicial da revista, principalmente em sua primeira década de existência, voltado ao mercado imobiliário e aos seus altos valores patrióticos¹⁰⁸, como sugerem os inúmeros projetos residenciais, as reportagens louvando o crescimento da cidade e a publicação mensal do caderno “São Paulo imobiliário” – um registro das transações mensais de imóveis, dedicado ao Sindicato dos Corretores da cidade.

35
O encarte “São Paulo Imobiliário” que acompanhava todas os números da revista, em sua primeira fase.

106. Por exemplo: “A indústria de após-guerra na Grã-Bretanha”, *Acrópole*, 86, jun.1945;

ROBERTSON, Howard. “A ressurreição das cidades”, *Acrópole*, 87, jul.1945.

107. “Vida e morte de uma revista”, *Acrópole*, 390-391, dez.1971.

108. BRITO, Roberto A. Correia de. “Maio 1938-Maio 1946”, *Acrópole*, 97, mai.1946.

O corpo editorial – selecionado pela direção da revista em função da projeção e do valor de seus membros em meio aos profissionais locais¹⁰⁹ – permanecerá até 1942, estruturado ao redor de um pequeno conselho técnico paulista: Eduardo Kneese de Mello, Alfredo Ernesto Becker, Walter Saraiva Kneese, Carlos Gomes Cardim Filho e Francisco Kosuta¹¹⁰. Embora reunidos “involuntariamente” (ainda que se deva levar em conta a similaridade de suas formações e o parentesco entre Eduardo e Walter) é curioso notar a semelhança entre as trajetórias pessoais de cada um destes engenheiros-arquitetos que, com mais ou menos convicção, deslocam-se no decorrer da década de 1940 da posição de produtores de uma arquitetura eclética para a defesa de uma tendência moderna, na arquitetura e no urbanismo¹¹¹. O abandono da imagem do Erecteu da Acrópole de Atenas – que compôs todas as capas até a edição de novembro de 1950 – ilustra este movimento de substituição das referências clássicas, que davam inclusive origem ao nome da publicação.

109. “Ecos do 8º aniversário da revista ‘Acrópole’”, *Acrópole*. 98, jun.1946

110. Alfredo Ernesto Becker (Porto Alegre, 1895-?) foi autor de diversos projetos residenciais nas décadas de 1930 e 1940 nos mais diversos estilos e desemboca, já nos anos 40, em uma arquitetura pragmática e pouco retórica (WOLFF, Sílvia. “O moderno como opção estilística”. *Anais do III Docomomo Brasil*, São Paulo: 1999; HILTON, Ronald. *Who’s Who in Latin America*. Califórnia: Stanford University Press, 1948). Walter Saraiva Kneese (–) formou-se engenheiro-arquiteto em 1934, na Escola de Engenharia Mackenzie, onde exercerá posteriormente atividades didáticas. Assim como seu primo, Eduardo Kneese de Mello, ocupará cadeiras importantes nas diretorias do departamento paulista do IAB. Carlos Alberto Gomes Cardim Filho (São Paulo, 1889 – 1990) ingressa no corpo editorial de *Acrópole* em 1941. Forma-se engenheiro-arquiteto pela Escola Politécnica em 1925 e atua de maneira variadas na Prefeitura Municipal de São Paulo, assumindo cargos de diretorias. Leciona a cadeira de “Arquitetura no Brasil” na FAUUSP entre 1952 e 1955 (FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2005). Francisco José Esteves Kosuta (–) forma-se engenheiro-arquiteto no Mackenzie, onde será professor e diretor, entre 1961 e 1962. Apesar de aparecer formalmente no conselho técnico de São Paulo somente em abril de 1951, fora convidado desde o início das atividades da revista e “já se considerava conselheiro de *Acrópole*” desde o início (“Prof. Francisco J. E. Kosuta”, *Acrópole*. 156, abr.1951).

111. PINHEIRO, Maria L. Bressan. *Modernizada ou moderna?: a arquitetura em São Paulo, 1938-45*. São Paulo: FAUUSP, 1997.

Apoiados em um discurso de integração arquitetônica do país – “sem cor regional”¹¹² ou “face provinciana”¹¹³ – são criados a partir de 1942 os conselhos regionais, quando a revista já contava com um grande rol de distribuidores nacionais, além de ser vendida no Uruguai e na Argentina: Rio Grande do Sul com José M. de Carvalho, Orpheu de Albuquerque, Hermínio da Silva Lima; Rio de Janeiro com Henrique Mindlin, Sebastião Luís Telles, Victor Canongia Barbosa, José Otacílio de Saboya Ribeiro; Ceará com Sylvio Jaguaribe Eckman e José J. da Silva Mello; Pernambuco com Jorge Martins e João Pereira Borges; e Paraná com Raul Iwersen, Mário de Mari, Samuel Chamecki e José Bittencourt de Paula¹¹⁴. Apesar de terem atuações relevantes em seus meios de origem e de enviarem ocasionalmente um ou outro projetos para publicação, estes conselheiros parecem pouco influir na orientação editorial do periódico, o que nos leva a considerar que exerciam, sobretudo, um papel de representação regional, divulgando e legitimando a revista localmente¹¹⁵.

Realizada no “aristocrático restaurante do Hotel São Paulo”, a celebração do oitavo aniversário da revista contou com a presença de diversos amigos e colaboradores, dentre os quais numerosos engenheiros, representantes da imprensa e empresários, como o comerciante, industrial e hoteleiro Othon Lynch Bezerra de Mello – “cercado de particular atenção por todos os presentes” e louvado em diversos momentos do relato¹¹⁶. Tais convidados deixa-nos uma imagem do modo de inserção da publicação na sociedade paulistana de meados da década de 1940. Por diversas razões – dentre elas a mudança de direção da revista – tal rede de relações será modificada ao longo dos anos 1950,

112. “Conselho Técnico de *Acrópole* no Rio de Janeiro”, *Acrópole*, 129, jan.1949.

113. “Conselho Técnico de *Acrópole* no Paraná”, *Acrópole*, 133, mai.1949.

114. Os conselhos regionais são irregulares, aparecendo e desaparecendo a cada nova edição. É também notável a ausência de Minas Gerais. Complementam o corpo técnico: Cyro Ribeiro Pereira, diretor secretário por todo o período de publicação, e os fotógrafos: Leon Liberman (a partir de 1945) e Zanella (1947). Na segunda gestão, ampliam-se os fotógrafos: Ernesto Mandovski, Fernando Albuquerque, Francisco Adorjan. Em 1954, extingue-se tal informação pela grande quantidade de fotógrafos agora atuantes na publicação.

115. O conselho técnico de *Acrópole* para de ser informado na ficha técnica em 1956.

116. “Ecos do 8º. Aniversário da revista *Acrópole*”, *Acrópole*, 98, jun.1946

36, 37, 38, 39
Interior da publicação
no ano de 1945

40, 41, 42, 43
Interior da publicação
no ano de 1955

quando *Acrópole* gradativamente se aproximará dos arquitetos paulistas e da arquitetura moderna, assumindo ao mesmo tempo um conteúdo mais técnico.

Em seu 14º aniversário, em 1952, pouco antes de mudar de mãos, a revista festejava seu estabelecimento como “órgão técnico prestigiado” de maior circulação do Brasil, superando, segundo ela, o ceticismo em torno das revistas de arquitetura, ao se colocar como veículo de reflexão e difusão do desenvolvimento arquitetônico e urbano paulista¹¹⁷. Buscando gerar em seus leitores um apreço pela cidade de São Paulo, esforçava-se para se tornar “moderna”, procurando distinguir racionalidade e inteligência em obras novas e antigas; “informativa”, sem cair na aridez de um relatório ou de um guia; e sobretudo “útil”, pois seu objetivo primordial era prestar aos arquitetos, construtores, urbanistas e decoradores um serviço “eficiente”¹¹⁸.

A despeito de tal conquista, em outubro deste mesmo ano, Roberto Correa de Brito deixava a posição de mando para Max Gruenwald¹¹⁹, até então, “esforçado e dedicado diretor de propaganda”¹²⁰. Ao se afastar, justificando “afazeres e interesses particulares, com consequente carência de tempo”, o ex-proprietário apelava aos amigos, profissionais, leitores, representantes e anunciantes da revista para que cerrassem fileiras com *Acrópole*, apoiando-a para que mantivesse o lugar conquistado¹²¹. Assim como seu antecessor, o linotipista austríaco Max guardava pouca afinidade com a arquitetura e com o meio arquitetônico paulista. Chegado ao Brasil junto com sua família em 1936, aos 41 anos, começara a trabalhar na gráfica que imprimia a revista e, por causa de sua ligação com a tipografia, passa a trabalhar na *Acrópole* em 1939. Junto com seu filho Manfredo, antes joalheiro, compra a revista com o objetivo de “sobreviver, ganhar dinheiro para sustentar a família”¹²².

117. GARCIA, Heitor A. Eiras. “*Acrópole* e seu fundador”, *Acrópole*, 174, out.1952.

118. PEREIRA, Ciro Ribeiro. “Quatorze anos”, *Acrópole*, 169, mai. 1952.

119. MAX GRUENWALD (Viena, 1895- São Paulo, 1974).

120. PEREIRA, Ciro Ribeiro. “Como se fundou *Acrópole*”, *Acrópole*, 174, out.1952.

121. BRITO, Roberto Correa. “Passei às mãos de infatigável companheiro...”, *Acrópole*, 174, out.1952.

122. Entrevista concedida a Fernando Serapião por Manfredo Gruenwald. *Projeto Design*, 312, fev.2006

44 e 45
Roberto Correa de Brito
e Max Gruenwald.

Apesar de tal distanciamento – com o fim de *Acrópole*, Manfredo se manterá no ramo das revistas, porém com publicações como *Mundo elétrico*, *Mundo mecânico* e *Controle de Instrumentação*, consideradas por ele “mais importantes no dia a dia”¹²³ –, a nova fase de *Acrópole* tece aos poucos um contato mais intenso com os arquitetos de São Paulo, entrelaçando-se com o próprio movimento de estruturação do campo profissional local, que ganhava autonomia ao longo destes anos 1950, aprofundando seus debates estéticos, éticos, políticos e profissionais. Chegando a uma tiragem em torno de 3 a 4 mil exemplares, a revista se aproximava das novas problemáticas arquitetônicas, na medida em que os profissionais locais se habituavam com seu modo de funcionamento, entregando plantas e textos, e percebendo-a como meio de debate e de visibilidade.

Segundo Manfredo Gruenwald, os diretores responsáveis – Rodolfo Ortenblad Filho (1953-1955), Juvenal Waetge Jr. (1955-1958), Roberto Fontes

123. ALMEIDA, Maysa Fonseca. *Revista Acrópole publica residências modernas*. São Carlos: 2008. p.448

Gomes (1958-1962), antes redator responsável, e Américo Pellegrini Filho (1963-1971)¹²⁴ – não exerciam quaisquer funções na publicação, cumprindo um papel meramente legal, perante a impossibilidade de seus proprietários estrangeiros assumirem a direção de um órgão de imprensa¹²⁵. Pai e filho dividiam o trabalho de edição da revista: Max exercia funções administrativas e mantinha uma relação com os engenheiros-arquitetos mais velhos; Manfredo selecionava o material, diagramava e travava relações com a nova geração. Segundo ele, por sua falha formação específica, era o contato pessoal que levava à publicação de projetos, selecionados mais pela pessoa do que pela qualidade do trabalho¹²⁶. A revista providenciava as fotos e a clicheria, os arquitetos apresentavam seus próprios projetos, e os textos críticos e teóricos provinham de colaborações ocasionais, até 1963, quando Eduardo Corona assume a responsabilidade pelo editorial.

Algumas relações tecidas pela revista são importantes e explicam grande parte do material publicado em determinados períodos. Entre 1945 e 1955, poderíamos citar, por exemplo, a forte presença do Departamento de Urbanismo da Prefeitura Municipal e sua Divisão de Divulgação – provavelmente pelo contato de Carlos Alberto Gomes Cardim Filho, simultaneamente membro do conselho editorial e diretor deste setor municipal – que se pronunciavam na revista, divulgando dados e editais, fazendo apelos e solicitando cumprimento às leis urbanísticas e de construção, sobretudo no contexto dos preparativos para o IV Centenário da cidade em 1954.

Além disso, um estreito contato se trava entre a revista e o departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil que, como dissemos, publicará o boletim oficial do órgão em suas páginas, de 1954 a 1959. Uma relação de mão dupla, pois, ao mesmo tempo em que permitia ao IAB atingir públicos mais

124. Sobre Ortenblad ver nota 49 deste capítulo. Não pudemos encontrar informações biográficas sobre os demais diretores.

125. Trata-se de uma informação também confirmada por Ortenblad em entrevista: PEREIRA, Sabrina S. Bom; GUERRA, Abílio. “Rodolpho Ortenblad Filho. A arquitetura moderna paulista olhando para Wright e Neutra”, *Entrevista*, São Paulo, 11.048, Vitruvius, out 2011 (Acessado em 11/01/2012).

126. ALMEIDA, Maysa Fonseca. *Revista Acrópole publica residências modernas*. São Carlos: EESC, 2008. p.448

amplos, tal proximidade com o órgão de classe correspondia à consolidação de um importante vínculo para a revista, sobretudo para a coleta de material a ser publicado – frequentemente escasso¹²⁷. Outros fascículos mensais, como o *Boletim do IBA* (Instituto Brasileiro de Acústica), “Notas sobre a evolução da morada paulista”, de Luiz Saia, ou “Dicionário da Arquitetura Brasileira”, de Eduardo Corona e Carlos Lemos, teriam sido pensados como uma maneira de fidelizar os consumidores e ampliar as vendas da revista.

Em seus últimos anos, a publicação chegou a ser enviada por intermédio do Itamarati a todas as embaixadas e consulados do Brasil no exterior e mantinha permuta com cerca de 53 revistas internacionais. Em dezembro de 1971, por questões financeiras, publicava-se o último número de *Acrópole*, única das publicações que chega a anunciar seu fim. Com declarada melancolia, por ser a última revista de arquitetura que desaparecia, Eduardo Corona lamentava a perda de um espaço no qual os arquitetos brasileiros se acostumaram a ver “de quando em vez um projeto seu aqui publicado”; cuja redação tornara-se ponto de encontro eventual de arquitetos paulistas que manuseavam livros e publicações de toda a parte¹²⁸.

Se podemos apontar algumas diretrizes comuns aos projetos publicados (85% dos projetos são paulistas, 7% do Rio de Janeiro, 5% de outros estados, 2% são internacionais, voltados em sua grande maioria para programas residenciais) devido ao extenso arco temporal e à ampla variedade de profissionais que comparecem na revista, a sistematização e a análise deste corpo de projetos se tornam um trabalho à parte, que já começa a ser empreendido por algumas pesquisas, como as de Fernando Serapião ou Maysa Fonseca¹²⁹. Contudo, podemos elencar algumas figuras com maior presença no seu conjunto escrito: Carlos Alberto Gomes Cardim Filho e Heitor Eiras Garcia na segunda metade da década de 1940 (por sua relação com a gestão municipal); Oswaldo Correa Gonçalves, Zenon

127. BRATKE, Oswaldo. “A arte de bem construir”, *Projeto*, 106, dez. jan. 1988.

128. CORONA, Eduardo. “Vida e morte de uma revista”, *Acrópole*, 390-391, nov.dez.1971.

129. SERAPIÃO, Fernando Castelo. *Arquitetura revista: a Acrópole e os edifícios de apartamentos em São Paulo (1938-1971)*. São Paulo: Mackenzie, 2005; ALMEIDA, Maysa F. de. *Revista Acrópole publica residências modernas*. São Carlos: EESC, 2008

Lotufo, Eduardo Kneese de Mello no embate pela renovação arquitetônica; Carlos Lemos e Luiz Saia com seus olhares para a arquitetura tradicional paulista (Saia também se aventurará no estudo do urbanismo); ou Jorge Wilhelm e Eduardo Corona, no final dos anos 1950 e começo dos anos 1960, investindo em temas variados, dentre eles os debates ao redor da profissão. Teremos a oportunidade de abordar estas contribuições ao longo do capítulo 2.

Pelo olhar adotado por esta pesquisa – que abarca a revista de 1945 a 1965 –, *Acrópole* se mostrou ocupando um espaço intermediário entre a revista que “nasce comercial e morre vanguardista”¹³⁰ – como é frequentemente lida pela historiografia da arquitetura brasileira – e o “espelho fidedigno dos ciclos da arquitetura nacional”¹³¹, como a publicação sempre se declarou. Se, de um lado, ela nunca se desfaz de uma perspectiva comercial e, salvo em curtos instantes, tampouco se posiciona de maneira precursora no movimento arquitetônico paulista, de outro, é evidente a importância que ela exerce neste momento de reordenação entre os arquitetos locais. Mais do que uma mudança de postura ligada estreitamente à alteração em sua orientação editorial, poderíamos olhá-la como uma publicação que, durante seus 33 anos, há que necessariamente se reposicionar na trama de mudanças no meio arquitetônico paulista, à qual não poderia ficar inerte, alterando-se e alterando o conjunto de relações no qual inevitavelmente se insere.

1.4.2 *PILOTIS (SP, 1949-1950)*

A revista *Pilotis*, editada por seis estudantes da recém-criada Faculdade de Arquitetura do Instituto Mackenzie – Carlos Millan; Jorge Wilhelm; Paola Tagliacozzo; Luís Roberto Carvalho Franco; Salvador Candia e Sidney Fonseca¹³² – terá vida curta, contando com apenas quatro números, publicados ao longo de 1949 e 1950.

130. SERAPIÃO, Fernando C. *Arquitetura revista: a Acrópole e os edifícios de apartamentos em São Paulo (1938-1971)*. São Paulo: Mackenzie, 2005

131. “Editorial”, *Acrópole*, 200, jun. 1955

132. Carlos Barjas Millan (São Paulo, 1927-1964) se formou arquiteto em 1951 pelo Mackenzie e lecionou nesta instituição a partir de 1957 e na FAUUSP a partir de 1959 (MATERA, Sérgio. *Carlos Millan: um estudo sobre a produção em arquitetura*. São Paulo: >

46

Capa desenhada por
Calder para o terceiro
número de *Pilotis*,
publicado em setembro
de 1949.

Tal brevidade não impedirá, contudo, que a publicação, apesar de criada na esfera circunscrita das movimentações estudantis de embate à postura conservadora vigente no curso, ultrapasse em um curto espaço de tempo o âmbito da escola e, ao travar contato com outros grupos e instituições como o IAB e o MASP, insira-se no embate pela consolidação das artes modernas na cidade e por outros modos de produção arquitetônica¹³³.

Neste sentido, parece se afastar da perspectiva estudantil presente em outras iniciativas contemporâneas de formação paralela (grupos de estudos coletivos, leitura de revistas estrangeiras, viagens internacionais de estudo, aproximação a arquitetos da nova tendência e visita a obras admiradas), tanto do Mackenzie quanto da FAUUSP, aproximando-se das preocupações do meio profissional. Assim, apesar de ser editada majoritariamente por estudantes, com exceção de Salvador Candia formado em 1948, a revista não direciona suas atenções para a formação do arquiteto, mas, tampouco, para o debate da regulamentação e legitimação da profissão, buscando, acima de tudo, discutir matrizes projetuais que pudessem informar pragmaticamente suas práticas – em sintonia com as atividades extra-curriculares de seus editores que já começavam a estabelecer suas primeiras relações de trabalho¹³⁴.

> FAUUSP, 2005); Salvador Candia (Campo Grande, 1924 – São Paulo, 1991) se forma pelo Mackenzie em 1948 e retornará à instituição em 1964 para lecionar Composição. Ainda como estudante participa das movimentações do IAB (FERRONI, Eduardo Rocha. *Aproximações sobre a obra de Salvador Candia*. São Paulo: FAUUSP, 2008). Sobre Wilhelm e Carvalho Franco ver nota 49 deste capítulo. Não conseguimos encontrar informações biográficas de Sidney Fonseca e Paola Tagliacozzo.

133. LEMOS, Carlos A. Cerqueira. *Viagem pela carne*. São Paulo: EDUSP, 2005.

134. FERRONI, Eduardo R. *Aproximações sobre a obra de Salvador Candia*. São Paulo: FAUUSP, 2008.

A existência de representações regionais – Marjan Glogowski e Maria Laura Osser no Rio de Janeiro, Hécio Salles Tito em Belo Horizonte, Dêlcio Lima no Recife, Eduardo Neira Alva em Lima e Dayse Igel em Chicago¹³⁵ –, ao lado da razoável quantidade de anúncios de seus dois últimos números e a melhora de suas qualidades materiais (suas duas primeiras edições, não encontradas, eram aparentemente mimeografadas) parecem apontar seu maior alcance que, ao extrapolar os limites estudantis, superava em parte sua estrutura inicial, precária e informal, ainda que mantivesse como endereço de correspondência a casa de Salvador Candia, à Rua Caio Prado, 365¹³⁶.

Seus editoriais, não assinados, revelam-nos os anseios da pequena revista: tratava-se de “equipar” o público, os profissionais e os alunos para a compreensão da arte, libertando-os dos clichês da “arquitetura passada, comercial ou da pseudo-arquitetura” e ampliando, consequentemente, as conquistas da produção moderna, ainda realizada somente por um “punhado de bravos”¹³⁷. As “quatro bestas” – a má fé, a presunção, a ignorância e a desonestidade – faziam a sua derradeira e feroz cavalcada a serviço das “velharias sem sentido, do mau gosto e dos preconceitos morais e formais”. À nova geração de arquitetos cabia o “dever moral” de se lançar à procura, modesta e humilde, dos verdadeiros

135. Maria Laura Osser (Varsóvia, 1922-?) forma-se na FNA e, ainda como estudante, atua como desenhista para Francisco Matarazzo Neto, onde inicia sua colaboração com Lucjan Korngold, acompanhando-o posteriormente no momento de sua parceria com Francisco Beck (1943 e 1944). Trabalha também com Henrique Mindlin (FALBEL, Anat. *Lucjan Korngold: a trajetória de um arquiteto imigrante*. São Paulo: FAUUSP, 2003). Eduardo Neira Alva (Trujillo 1924 - Salvador, 2006) foi arquiteto e urbanista, com formação no Peru e Inglaterra e atuação em vários países. Foi professor visitante na UFBA (SANTANA, Marcos Jorge Almeida. “Eduardo Neira Alva: o amigo, o professor, o apaixonado, o visionário, o sonhador, o atleta”, *RUA*, vol.7, n.1, 2006). Daisy Igel (Brasil, 1927-) forma-se arquiteta na “New Bauhaus” do Illinois Institute of Technology, em Chicago, onde teve aulas com Mies van der Rohe (com quem fará estágio), Buckminster Fuller e Konrad Wachsmann, e contato próximo com Josef Albers. Lecionará na ESDI. (NOBRE, Ana Luiza de Souza. *Fios Cortantes: Projeto e produto, arquitetura e design no Rio de Janeiro (1950-1970)*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2008).

136. Os dois únicos exemplares da revista, n.ºs. 3 e 4, estão disponíveis na Biblioteca Mário de Andrade. Suas edições iniciais não foram preservadas por nenhuma biblioteca.

137. “Outra vez *Pilotis*”, *Pilotis*, 3, set.1949.

mestres, a fim de manter o “espírito jovem e esclarecido”, tomando conhecimento de sua “verdadeira posição e responsabilidade na sociedade atual”¹³⁸.

O olhar da publicação é direcionado principalmente para o referencial moderno norte-americano, evidente nos projetos e textos publicados – nos quais Marcel Breuer e Richard Neutra ganham amplas reportagens, e Le Corbusier ou a arquitetura moderna do Rio de Janeiro, no entanto, quase não são citados¹³⁹. Uma vinculação que pode ser olhada à luz das motivações de um grupo maior de profissionais paulistas – organizados, segundo a historiografia, sobretudo a partir do Mackenzie e de seus ex-alunos – que, ao tentar abrir caminho em um meio até então dominado por arquitetos formados na tradição acadêmica, elege tal referencial como orientação alternativa¹⁴⁰. Esta preferência, no entanto, não impede que, em meio aos poucos projetos publicados, apareçam um edifício de apartamento de Osvaldo Bratke, um Hospital em Londrina de Vilanova Artigas e o vestiário do Clube IPÊ de Ariosto Mila, frente somente a um projeto carioca: a Agência de tratores dos irmãos Roberto.

Se a chegada de tais conhecimentos deve grande parte de sua penetração no Brasil aos meios de comunicação, sobretudo à matéria impressa, não é de se estranhar a referência de revistas locais a algumas publicações estrangeiras. Segundo Ferroni, para além da convergência em suas balizas projetuais e teóricas, a linguagem gráfica adotada por *Pilotis* dialoga diretamente com *Arts & Architecture* – revista publicada entre 1929 e 1967, que desenvolve um importante papel no debate da produção moderna da Costa Oeste dos Estados Unidos – que circulava entre parte dos alunos da Faculdade, ao lado de outras publicações de mesma origem, como *Architectural Fórum* ou *Architectural Record*¹⁴¹.

138. “As quatro bestas”, *Pilotis*, 4, fev.1950

139. “Uma casa inédita de Neutra”, *Pilotis*, 4, fev.1950; CANDIA, Salvador. “Marcel Breuer: da Bauhaus a casa no jardim”, *Pilotis*, 4, fev.1950.

140. IRIGOYEN DE TOUCEDA, Adriana Marta. *Da Califórnia a São Paulo: referências norte-americanas na casa moderna paulista 1945-1960*. São Paulo: FAUUSP, 2005.

141. FERRONI, Eduardo Rocha. *Aproximações sobre a obra de Salvador Candia*. São Paulo: FAUUSP, 2008. p.29

47, 48, 49, 50
Interior do quarto
número de *Pilotis*,
publicado em fevereiro
de 1950.

Mais do que isso, assim como a revista estadunidense, a publicação local buscava não se restringir aos assuntos de arquitetura, aproximando-se de outras manifestações intelectuais e artísticas, ao publicar artigos de figuras importantes na vida cultural da cidade e que, talvez não por acaso, circulavam em torno do recém-criado Museu de Arte de São Paulo – como Morandi: o grande lírico da pintura italiana contemporânea de Roberto Sambonet, Introdução à arte do cinema de Francisco Luiz de Almeida Salles, ou Schoenberg e o expressionismo de Hans-Joachim Koellreutter¹⁴².

142. Roberto Sambonet (Itália, 1925 - Milão, 1995) estuda arquitetura na Escola Politécnica em Milão, mas interrompe o curso devido à 2ª Guerra Mundial. Entre 1949 e 1953, leciona desenho e pintura no IAC do MASP, regressando à Itália em 1953, onde chega a dirigir a Revista Zodiac. Francisco Luiz De Almeida Salles (1912-1996). Formado em direito, crítico de cinema do Diário de São Paulo, funda e dirige o Clube de Cinema de São Paulo, criado em 1947, além de ser membro da Filmoteca do MAM. Hans-Joachim Koellreutter (Alemanha, 1915 – São Paulo, 2005) foi compositor erudito, maestro e crítico de arte. Fixa residência no Brasil em 1937 e organiza o movimento Música Viva.

De fato, este escopo ampliado pode ter sido o motivo da relação travada com o MASP que, mesmo antes da criação de *Habitat*, divulgará a programação da instituição em *Pilotis* através de anúncios sobre suas próximas exposições, além de publicar artigo de Pietro Bardi, projeto de Lina Bo Bardi e Giancarlo Piretti e propaganda do Studio de Arte Palma. Tal contato – estabelecido provavelmente por Jorge Wilhelm, à época funcionário do Museu – também permitirá a *Pilotis* obter um “ilustre” desenho de Alexander Calder para a capa de seu terceiro número, feito durante sua passagem pela cidade, em razão da montagem de sua primeira exposição no MASP. A opinião de Jorge Wilhelm ao comentar o desenho, que valia mais por sua assinatura do que por sua beleza¹⁴³, explica em parte o caminho adotado pelos editores da revista que, inseridos na luta contra o conservadorismo, elegiam colaboradores e temas com certa voz no debate artístico da cidade, endossando seus posicionamentos a partir da legitimidade de seus colaboradores.

Apesar da revista não justificar seu fim, poderíamos considerar a entrada de seus editores no meio de atividade profissional como um dos motivos de encerramento, ao vislumbrarem em outras atuações novas possibilidades de travar o mesmo embate: Jorge Wilhelm logo participará ativamente do Instituto dos Arquitetos do Brasil e será o primeiro redator de seu *Boletim Mensal*; Salvador Candia e Carlos Millan, além de se envolverem com esta entidade de classe, em breve atuariam intensamente em seus próprios escritórios.

1.4.3 *HABITAT* (SP, 1950-1965)

Rodolfo Klein, que organizara a seção comercial de *Acrópole* em seus primeiros anos, será o proprietário da Editora *Habitat*, que edita, de outubro de 1950 a dezembro de 1965, a revista de mesmo nome. Assim como os Gruenwald, de *Acrópole*, Klein, por ser estrangeiro, não poderá assumir a frente de *Habitat - Revistas das Artes no Brasil* – que somou 84 números publicados, ora bimestral

143. MATERA, Sérgio. *Carlos Millan: um estudo sobre a produção em arquitetura*. São Paulo: FAUUSP, 2005.

8 HABITAT

revista das artes no Brasil

51

Capa da edição de
Habitat de julho-
setembro de 1952.

ora trimestralmente – atribuindo ao jornalista Geraldo N. Serra o cargo de diretor-responsável por toda a vida da publicação¹⁴⁴.

Apesar de tal atribuição, não há qualquer sinal de interferência deste último na orientação editorial da revista, que pode ser dividida em duas fases: 15 números iniciais, publicados de 1950 a 1954, nos quais uma organização centralizada se exerce a partir da figura do diretor geral – cargo exercido pelo casal italiano Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi – e um segundo período no qual os diretores de seção substituem esta presença de uma figura central. Nesta ocasião, o crítico José Geraldo Vieira assume o segmento de artes plásticas; sua esposa, a escritora Maria de Lourdes Teixeira, o de literatura (no 19 ao 21); Ruggero Jacobi, o de teatro (no 19 ao 21); Ernesto Mandowski, o de fotografia (no 16 ao 24) e Abelardo de Souza, o de arquitetura até março de 1955, deixando posteriormente o cargo para o crítico de arte Geraldo Ferraz¹⁴⁵, que dará as diretrizes até o encerramento das atividades da publicação¹⁴⁶.

144. STUCHI, Fabiana T. *Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 1950 em São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 2007. p.177

145. Geraldo Ferraz (São Paulo, 1905-1979). Escritor, Jornalista e crítico de arte, atuou em diversos segmentos e periódicos, como o diário da Noite, A tribuna e O Estado de São Paulo. Participou ativamente dos eventos de arte, compondo júris e analisando-os criticamente. (FERRAZ, Geraldo. *Depois de Tudo*. São Paulo: Paz e Terra, 1983; NEVES, Juliana. *Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão: a experiência do Suplemento Literário do “Diário de S. Paulo”, nos anos 40*. São Paulo: Annablume, 2005; HOFFMANN, Ana Maria Pimenta. *Crítica de arte e bienais : as contribuições de Geraldo Ferraz*. São Paulo: ECA-USP, 2007).

146. José Geraldo Vieira (Rio de Janeiro, 1897- São Paulo, 1977), apesar de sua formação inicial em medicina, foi romancista, crítico literário e de artes plásticas, poeta e tradutor. Chega a São Paulo em 1949, abandona sua formação inicial e passa a atuar como crítico de arte, simultaneamente em *Habitat* e na Folha de São Paulo. (*José Geraldo Vieira no quadragésimo ano de sua ficção*. São Paulo: SCCT, Conselho Est. de Artes e Ciências Humanas, 1979). Ruggero Jacobi (Veneza, 1920 – Roma, 1981) foi um dos pioneiros do teatro paulista. Diretor, teórico, cenógrafo e autor, pertence à geração de encenadores italianos que chegam ao Brasil nos anos 1950. Liga-se a diversas experiências de renovação do panorama teatral local, especialmente o Teatro Popular de Arte e o Teatro Brasileiro de Comédia. (PONTES, Heloísa. *Intérpretes da metrópole: história social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940 – 1968*. São Paulo: Edusp, 2010). Maria De Lourdes Teixeira (São Pedro, 1907 – 1989) foi escritora e primeira >

A revista, em seu primeiro momento, pode ser lida como parte de um projeto maior de ação no campo da cultura idealizado pelos Bardi, cujas atividades exercidas desde sua chegada no Brasil, em 1946, caracterizaram-se, em boa parte, pelo investimento no caráter educativo da arte, de informação e formação, inserido no largo espectro no qual a ação abrangente com intenção civilizadora do Museu de Arte de São Paulo, criado em 1947, pretendia atuar. Um projeto de modernidade estruturado na tríade museu- revista- escola que, por sua vez, entrelaçam-se e colaboram entre si, compartilhando o espaço físico no edifício dos Diários Associados, à Rua 7 de abril¹⁴⁷.

A ousadia, gráfica e discursiva que se nota desde os primeiros números, pode ser explicada pelo caminho que já havia sido percorrido pelo casal de imigrantes que, ao chegar a São Paulo, em 1947, trazia uma larga experiência em atividades editoriais e nos debates europeus a respeito da cultura moderna¹⁴⁸. Contudo, os primeiros passos de fundação da revista – inicialmente planejada

> mulher a ser eleita para a APL. Na capital paulista se torna colaboradora constante de diversos órgãos de imprensa paulista (COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002). Ernesto Mandowski, como fotógrafo, também registrava os eventos ocorridos no museu.

147. Não fica claro qual a relação entre Rodolfo Klein e Assis Chateaubriand, e por que tal empresário, que já possuía diversos órgãos de imprensa paulista no período, não é o proprietário da revista, intimamente vinculada ao Museu.

148. Lina Bo Bardi (1914 -1992), após formar-se na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma e, já tendo iniciado sua vida profissional, muda-se para Milão, onde começa a trabalhar no escritório do arquiteto Giò Ponti (1891 -1979), diretor da Triennale di Milano e da Revista Domus. Durante a II Guerra Mundial, já em seu escritório próprio, a escassez de trabalho leva Lina a atuar como ilustradora e colaboradora de jornais e revistas como *Stile*, *Tempo*, *Grazia*, *Vetrina* e *l'Illustrazione Italiana*, além de editar a coleção *Quaderni di Domus*. Em Roma, com o fim da guerra funda a revista semanal A - Cultura della Vita, com Bruno Zevi. Pietro Maria Bardi (1900 -1999), por outro lado, inicia sua carreira jornalística em 1917 em alguns artigos e colaborações a jornais como *Gazzetta di Genova* e o *Indipendente* e com a publicação, aos 16 anos, de seu primeiro livro, um ensaio sobre o colonialismo. Atuaria no *Giornale di Bergamo* e mais tarde, integraria a equipe do *Popolo di Bergamo*, *Secolo*, *Corriere della Sera*, *Quadrante*, *Stile* e muitos outros. (RUBINO, Silvana. *Rotas da Modernidade: Trajetória, campo e história na atuação de Lina Bo Bardi, 1947-1968*. Campinas: Unicamp, >

como uma “ponte Rio- São Paulo”, pretendendo incluir em seu corpo editorial figuras como os arquitetos Oscar Niemeyer, Eduardo Kneese de Mello, Giancarlo Palanti e o artista Cândido Portinari – revelam que o casal, apesar da vivência prévia e da tutela de Assis Chateaubriand¹⁴⁹, buscavam se cercar de credibilidade através do contato com artistas já estabelecidos no meio cultural brasileiro¹⁵⁰.

Visto que tal perspectiva inicial não se concretiza, as diretrizes da publicação passam a orbitar em torno de Lina, Pietro e Flavio Motta – que da posição de assistente de Bardi no MASP, torna-se professor de história da arte no IAC, ganhando cada vez mais espaço ao lado da dupla¹⁵¹. Ainda que não se possa falar de um grupo estável ou coeso, é possível perceber uma unidade entre os colaboradores da revista – como o historiador da arte alemão Wolfgang Pfeiffer, o cineasta Alberto Cavalcanti ou os arquitetos Giancarlo Palanti, Oswaldo Bratke e Jacob Ruchti – que, além de se organizarem em torno do projeto editorial da publicação e de guardarem afinidades de discurso e ação profissional, atuam simultaneamente nas demais instituições da “tríade”: o IAC e o MASP¹⁵².

> 2002; GRINOVER, Marina Mange. *Uma ideia de arquitetura: escritos de Lina Bo Bardi*. São Paulo, 2010; RUBINO, Silvana. “A Escrita de uma arquiteta”, In: *Lina Por Escrito: Textos Escolhidos*. São Paulo: CosacNaify, 2009)

149. Assis Chateaubriand (Umbuzeiro PB 1892 - São Paulo SP 1968) foi jornalista, empresário, mecenas, advogado, político e diplomata. Forma-se pela Faculdade de Direito do Recife em 1913, da qual mais tarde é também professor. Proprietário da maior rede de comunicações do Brasil no período, formada por diversos jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão e uma agência de notícias. (MORAIS, Fernando. *Chatô - o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994)

150. STUCHI, Fabiana T. *Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 1950 em São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 2007.

151. Flavio Motta (São Paulo, 1923) foi professor, historiador da arte, desenhista e pintor. Forma-se em filosofia na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e será docente de história da arte e estética na FAUUSP de 1954 a 1969. (BRAGA, Juliana. *Ver não é só ver. Dois estudos a partir de Flavio Motta*. São Paulo: FAUUSP, 2010).

152. O historiador da arte alemão Wolfgang Pfeiffer e o cineasta Alberto Cavalcanti lecionavam no IAC; os arquitetos Giancarlo Palanti, Oswaldo Bratke, Rino Levi e Jacob Ruchti, além de comporem o corpo docente, eram integrantes da congregação deste mesmo Instituto; o livre docente da Faculdade de Direito, Renato Cirell Czerna, era uma espécie de consultor de Bardi no MASP para assuntos relacionados à história; >

Ao contrário das demais publicações, talvez por este círculo ampliado de relações ou pelo maior escopo de seus interesses, *Habitat* não se depara com o problema da escassez de material a ser veiculado (que chega a se acumular em alguns momentos), motivo pelo qual, apesar da ausência dos Bardi em função de sua viagem à Europa em 1953 – quando acompanham a apresentação do acervo da pinacoteca do museu em grandes museus do velho continente –, não há qualquer sinal de mudança na linha editorial, assumida provisoriamente por Flavio Motta.

Aliás, tal viagem dá os primeiros indícios de certo incômodo do casal com a publicação – Fabiana Stuchi sugere certo desconforto com a orientação editorial que vinha sendo imposta¹⁵³. De fato, ainda que em seu retorno continuem figurando em mais alguns números como diretores, é Flavio Motta que efetivamente encerra a gestão dos Bardi em *Habitat*. É de se notar que a revista, no penúltimo número sob o comando do casal, ao comemorar seu êxito no Brasil e no exterior, anunciava sua nova periodicidade bimestral e o começo de uma nova fase, menos experimental, mais “construtiva e sem incertezas”, inserindo-se na “normalidade de todas as revistas”, em que, pela primeira vez, vem a público justificar sua atitude inicial de enfrentamento:

*“Se alguma vez a polêmica de ‘Habitat’ se valeu de meios julgados um tanto demasiado violentos para atingir o seu escopo, essa dureza e essa violência foram empregados por motivo notório, para atacar adversários atacáveis, apenas por aqueles meios; aliás, conforme dissemos, meios polidos, desinteressados, sem segundas finalidades, isto é, com uma segunda finalidade claríssima, límpida, que não admite tergiversações nem compromissos, um fim ao qual dedicamos a nossa vida e que é o único a que veneramos: a cultura”*¹⁵⁴.

> Roger Bastide dava seminários, dentre diversos outros casos semelhantes. (MOTTA, Renata Vieira Da. *O MASP em exposição: mostras periódicas na 7 de abril*. São Paulo: FAUUSP, 2003).

153. STUCHI, Fabiana T. *Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 1950 em São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 2007.

154. “Editorial”, *Habitat*, 14.

De fato, se desde a sua chegada a São Paulo – cidade que, por sua produção arquitetônica em expansão e destino de muitos estrangeiros, parecia mais amigável ao estabelecimento do casal, frente ao campo mais saturado ou autossuficiente do Rio de Janeiro – nem toda recepção ao casal foi positiva, eles tampouco pareciam interessados em ser uma unanimidade na opinião pública paulistana¹⁵⁵. Sobretudo simbolizada pelas notas de Alencastro, a atitude polêmica desta primeira fase, que assume uma distância do meio cultural local ao qual faz severas e recorrentes críticas, pode ter sido um dos motivos de substituição do corpo editorial que parece ter enfrentado certa resistência na recepção por parte seus leitores que, com seu “espírito de porco reinante”, segundo notas da própria revista, expressava críticas ao “péssimo português” da publicação (o que demonstra certa intolerância aos estrangeiros recém-chegados) e descrenças quanto à sua longevidade¹⁵⁶.

Ao exigir mudanças editoriais e desagradando assim os antigos diretores, Rodolfo Klein parece ter exercido um papel mais efetivo do que normalmente lhe creditam na mudança de direção geral da revista¹⁵⁷. No momento da troca de comando, pela primeira e única vez, o proprietário manifesta-se, ao assegurar a continuidade da postura da publicação, independente e pautada em uma crítica construtiva, agora estruturada em torno de uma nova e ampliada equipe¹⁵⁸. Alegando, por um lado, falta de tempo devido à intensa atuação no Museu e, por outro, a perda de potencialidade crítica da atitude polêmica inicial, Pietro e Lina Bo Bardi anunciam sua saída do corpo editorial em março de 1954. Consideravam-se satisfeitos com o “longo e profícuo caminho percorrido” pela publicação, que abrisse portas para diversas revistas de arquitetura e arte, sem, no entanto, assumir um olhar simplificado e exageradamente otimista sobre a produção artística¹⁵⁹.

155. RUBINO, Silvana. *Rotas da Modernidade: Trajetória, campo e história na atuação de Lina Bo Bardi, 1947-1968*. Campinas: UNICAMP, 2002.

156. “Notas”, *Habitat*, 6; “Espírito”, *Habitat*, 7.

157. Entrevista concedida a Fabiana Stuchi por Luiz Hossaka. STUCHI, Fabiana T. *Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 1950 em São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 2007.

158. KLEIN, Rodolfo. “Os editores desta revista...”, *Habitat*, 15, mar.abr.1954.

159. BARDI, Lina, BARDI, Pietro Maria. “Declaração”, *Habitat*, 15, mar.abr.1954.

52, 53, 54, 55
Interior de Habitat em
maio-junho de 1952.

56, 57, 58, 59
Interior de Habitat em
janeiro de 1956.

Com exceção de dois textos de Pietro, o casal Bardi não mais escreverá na publicação¹⁶⁰. Nesta outra etapa, apesar de se afastar nitidamente da postura controversa assumida anteriormente, os novos editores continuam aferindo traços característicos de suas orientações. Sem perder o olhar para as artes plásticas, *Habitat* se aproximará com ênfase cada vez maior do debate arquitetônico e urbanístico, transformando-se na *Revista de arquitetura e artes no Brasil* - em detrimento do grande investimento anterior dedicado a outros campos de interesse, como o teatro, a literatura, a dança, o cinema e a fotografia.

Pouca mudança pode ser notada em sua linha editorial no curto interregno comandado pelo arquiteto Abelardo de Souza, a não ser sua maior aproximação com as atividades da FAUUSP, onde ele era professor – fato que, aliás, será justamente o motivo de seu afastamento, ao verificar a impossibilidade de conciliar as atividades exercidas na instituição e a responsabilidade pela seção de arquitetura de *Habitat*¹⁶¹. Geraldo Ferraz, que assim como Abelardo de Souza já colaborava com a revista em sua fase inicial, assume o posto de diretor geral em maio de 1955 e, ao contrário de seu antecessor, imprimirá traços marcantes à sua última fase.

Menos de um ano depois, a revista anunciava o início de uma nova etapa, através de um programa direcionado ao debate do ensino e do campo profissional, em arquitetura e urbanismo, sem perder sua extensão para os domínios das artes plásticas. Ao abrir suas páginas e propor uma nova relação – construtiva e colaborativa – com o ambiente arquitetônico paulista, a revista se sentia “à altura de um papel a interpretar”, local e internacionalmente, fazendo um apelo por uma atenção recíproca por parte do meio técnico profissional, ao abrir as portas da redação a “um cordial e produtivo encontro de sugestões e opiniões”¹⁶² e acolhendo os múltiplos e opostos posicionamentos. Uma convocação que, contudo, parece não ter interessado boa parte dos arquitetos paulistas:

160. São de Pietro Maria Bardi: “Arquitetura brasileira”, *Habitat*, 48, mai.jun.1958 e “O jardineiro Burle Marx”, *Habitat*, 78 jul.ago.1964.

161. “Arq. Abelardo de Souza”, *Habitat*, 21, mar.abr.1955.

162. “Por uma participação ativa nestas páginas”, *Habitat*, 26, jan.1956.

*“Este ano que passou foi um dos mais difíceis para esta publicação. (...) Efetivamente, com os elementos com que contamos, ser-nos-ia mais fácil manter, ampliar e desenvolver esta publicação, se um apoio mais generalizado, mais ativo, mais uniforme, acompanhasse os trabalhos que tentamos desenvolver em benefício da cultura, nas artes plásticas e na arquitetura e urbanismo. A essa altura verifica-se a formação de blocos fechados, em cujas fronteiras se encerram todas as possibilidades de cooperação, tornando-se os meios de divulgação e de sugestão e estímulo, como o nosso o é, elementos restritivos de propaganda, em que um individualismo danoso exhibe as suas próprias e limitadas faculdades”*¹⁶³

Tal recusa faz com que, no que diz respeito à arquitetura e ao urbanismo, os debates publicados na revista girem, de maneira quase exclusiva, em torno das iniciativas e interesses de seu novo editor, com uma presença pequena de outros colaboradores. Geraldo Ferraz – que, sem instrução formal, a partir da década de 1920 construiria uma intensa carreira na imprensa, aproximando-se das artes – ao assumir *Habitat*, para nela implementar uma crítica de arquitetura e urbanismo mais especializada, já poderia ser considerado um dos principais críticos de arte em atividade na cidade¹⁶⁴.

Se pouco fala na revista de outros campos artísticos, aproxima-se com fôlego do debate urbanístico, até então praticamente ausente da revista. Ainda que não se aproxime do IAB, dialoga constantemente com o debate pela regulamentação profissional, ao lado de um grande espaço dedicado às movimentações estudantis da cidade, sobretudo em seus momentos de reivindicação pela atualização do ensino profissional. É em *Habitat*, também, que Geraldo Ferraz publica suas famosas séries *Individualidades da Arquitetura Brasileira*, entre março e novembro de 1956, e *Novos valores da Arquitetura Brasileira*, entre fevereiro e novembro de 1957. É um dos primeiros esforços sistemáticos de análise histórica da nova arquitetura local, na forma de um “balanço”, no qual, ao analisar algumas tra-

163. “Mais uma etapa vencida”, *Habitat*, 45, nov.dez.1957.

164. LIRA, José Tavares Correia de. “Crítica Modernista e Urbanismo: Geraldo Ferraz em São Paulo, da semana a Brasília”. In: *Anais do XI Encontro Nacional da ANPUR*. Salvador: ANPUR, 2005; NEVES, Juliana. *Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão: a experiência do Suplemento Literário do “Diário de S. Paulo”, nos anos 40*. São Paulo: Annablume, 2005.

jetórias profissionais – Warchavchik, Reidy, Rino Levi, irmãos Roberto, Lucio Costa e Burle Marx, Abelardo de Souza, Oswaldo Bratke –, buscava inserir suas atuações e obras em um quadro mais amplo da cultura, de modo a discutir o seu significado para a cidade e para o campo específico da arquitetura, enquanto, paralelamente, pretendia problematizar algumas das chaves mais recorrentes de leitura de tal produção.

A revista, em seus últimos anos, amplia suas seções, dando destaque a temas que, no decorrer dos anos 1950, tornam-se assuntos do fazer do arquiteto: o paisagismo e o desenho industrial. *Habitat* tampouco anuncia seu fim, mas é de se notar a coincidência entre a data de seu último número, dezembro de 1965, o cerceamento da liberdade de expressão após as inflexões políticas de 1964, e o pessimismo de seus últimos artigos publicados acerca da falta de perspectiva profissional.

1.4.4 AD – ARQUITETURA E DECORAÇÃO (SP, 1953-1958)

Em seus 25 números, a revista *AD – Arquitetura e Decoração* mantém praticamente inalterado seu corpo editorial. As funções administrativas eram desempenhadas por um grupo local – Expedito de Castro Godoy, diretor responsável, Isabel Figueiredo Godoy, assistente, e Rui Veloso Versiani dos Anjos, secretário – e uma rede de diretores regionais – Geraldo Godoy Castro, de Belo Horizonte (também diretor da revista *Arquitetura e Engenharia*), José Godoy Castro, do Rio de Janeiro, Waldecy Fernandes Pinto, do Recife, e José Felipe Engles, de Curitiba¹⁶⁵ – figuras sobre as quais constam pouquíssimas informações a respeito de suas atuações e trajetórias (o que já informa sobre uma inserção diferenciada da publicação, se comparada com as revistas anteriores). Por outro lado, apesar de figurarem alguns conselhos técnicos de outros estados na ficha de cada edição – tendo Aldary Toledo, Carmem Portinho e Marcos Konder Neto representando o Rio de Janeiro, Ubirajara Ribeiro em Salvador e Jefferson Lodi e Charles Simão representando Belo Horizonte – existem poucos indícios de sua participação

165. Apesar de não ter sido possível encontrar qualquer informação a respeito destas figuras, é de se notar a provável relação de parentesco entre eles.

60
Capa de janeiro de
1954.

efetiva na edição do conteúdo da publicação, que parece ficar quase inteiramente a cargo de seu diretor técnico, Eduardo Corona¹⁶⁶.

Este arquiteto – que em 1963 irá assumir cargo semelhante em *Acrópole* – inicia sua atuação em *AD* com alguma experiência editorial e grande trânsito entre os arquitetos, cariocas e paulistas¹⁶⁷. Gaúcho, formado pela Escola Nacional de Belas Artes, sua inserção no debate entre “acadêmicos e modernos” lhe permite travar contato com alguns dos personagens mais proeminentes da vida arquitetônica e cultural do Rio de Janeiro. Indicado a Abelardo de Souza por Oscar Niemeyer (cuja amizade será “decisiva” para sua vida e carreira¹⁶⁸), Corona se transfere para São Paulo em 1949, para iniciar sua carreira docente como professor de Teoria da Arquitetura para a turma de segundo ano na FAUUSP, estabelecendo, em paralelo, forte atuação nos órgãos de classe e como arquiteto projetista.

Não é de se estranhar, portanto, a presença de Abelardo de Souza¹⁶⁹ no conselho diretivo da revista, ao lado de Ícaro de Castro Mello e Oswaldo Correa Gonçalves, aos quais posteriormente se juntarão o arquiteto João Batista Vilanova Artigas e o crítico de arte, Osório César¹⁷⁰. Estes profissionais, estabelecidos e reconhecidos localmente, davam peso e legitimidade a uma publicação que, desvinculada de uma instituição e dirigida por personagens sem qualquer destaque

166. Tais conselhos são informados na ficha técnica até o número 13.

167. Eduardo Corona (Porto Alegre, 1921 – São Paulo, 2001). Muda-se para o Rio em 1942 e se forma pela FNA, em 1946. Sua postura de “estudante dissidente” no embate entre “acadêmicos e modernos” do curso permite que faça contato com alguns dos personagens mais proeminentes na vida cultural do Rio de Janeiro do período. Como recém-formado, é desenhista no escritório de arquitetos cariocas já estabelecidos – como Affonso Eduardo Reidy, Sérgio Bernardes, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer. Ocupará cargos diretivos de diversas instituições da categoria. (CARRANZA, Ricardo. *Eduardo Corona: Arquitetura Moderna em São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 2000).

168. CARRANZA, Ricardo. *Eduardo Corona: Arquitetura Moderna em São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 2000. p.99-101.

169. Abelardo De Souza (Rio de Janeiro, 1908 - São Paulo, 1981) forma-se arquiteto pela ENBA (1932) e se transfere-se para São Paulo em 1939. Leciona na FAUUSP de 1948 a 1978. (XAVIER, Alberto (org.). *Depoimentos de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: CosacNaify, 2003)

170. Osório César (Paraíba, 1895 – SP, 1983)

61
Capa de setembro de
1953.

62, 63, 64, 65
Interior da revista em
1957.

no meio cultural local, incluindo Corona que ainda era um recém-chegado, poderia não ter a recepção almejada. Tal “independência” era louvada por Luiz Saia:

“Uma revista de arquitetura, no Brasil, que consiga sobreviver aos seus primeiros números, sem contar com uma retaguarda mecênica ou oficial, equivale a uma revelação de uma inteligência organizadora, cujo portador deveria ser imediatamente encampado, como patrimônio de primeira essencialidade, pelo instituto de classe” ¹⁷¹.

Se, de um lado, estes conselheiros emprestavam sua legitimidade à AD, em sentido de mão dupla, apesar da pequena colaboração escrita dos mesmos (com exceção de um texto de Oswaldo e dois de Artigas), são diversos os projetos publicados por eles assinados, aos quais se somava a presença constante de obras de David Libeskind, vizinho de Corona e autor de diversas capas da publicação¹⁷².

Iniciada em 1953, em um momento de certo estabelecimento da problemática moderna na cidade, a revista AD se mostrará, desde o início, mais sintonizada com as questões contemporâneas de arquitetura, seja em suas capas, nos projetos selecionados ou nos textos apresentados. As obras publicadas, fotografadas por De Boer¹⁷³, concentram-se principalmente em São Paulo e, contudo, talvez pela falta de enraizamento local de Eduardo Corona, a revista não assume – ao contrário de *Habitat* e *Acrópole* – a cidade como tema de discussão ou de preocupação, privilegiando as questões profissionais em âmbito nacional.

Ao dar espaços muito semelhantes aos conteúdos de edificação, sobretudo residencial, e decoração, AD parece se estabelecer a partir de um duplo objetivo,

171. SAIA, Luiz. “Mais um ano de luta”, AD, 18, jul.ago.1956.

172. David Libeskind (Ponta Grossa, 1928) forma-se arquiteto pela UFMG (1937-1942) e neste período matém uma atividade próxima ao IAB. Atua também como artista plástico (BRASIL, Luciana Tombi. *A obra de David Libeskind: ensaio sobre as residências unifamiliares*. São Paulo: SENAC, 2007).

173. Sjoerd De Boer (?). Em algumas pesquisas, De Boer está relacionado ao lado de outros fotógrafos que se dedicavam à fotografia de arquitetura. Sobre este ofício ver: GOUVEIA, Sônia Maria Milani. *O homem, o edifício e a cidade por Peter Scheier*. São Paulo: FAUUSP, 2008; GUARDANI, Mariana Gonçalves. *Fotógrafos estrangeiros na cidade: campo profissional e imagem fotográfica em São Paulo, 1930-60*. São Paulo: FAUUSP, 2011.

buscando atingir tanto o público especializado quanto uma demanda mais leiga. Uma diretriz editorial – agradável tanto aos arquitetos quanto aos lares ansiosos pelos “ensinamentos que comportam as assinaturas de famosos artistas em suas páginas e transmite às famílias o ar de serenidade tão necessário aos dias atuais”¹⁷⁴ – que aponta para um alinhamento entre as perspectivas de produção e demanda em torno da “arquitetura moderna”, nestes meados nos anos 1950. Seja como for, é evidente o nítido entrosamento entre as questões de projeto de arquitetura e de desenho de objetos, o que parece atualizar referências então correntes no meio cultural paulistano às tendências construtivas europeias da primeira metade do século e que, em parte, talvez explique a grande abertura dos últimos números da revista ao debate da arte concreta paulista.

Assim, apesar de se focar na divulgação de projetos, não dando prioridade a textos e reportagens, a revista *AD* jamais se inserirá no grande mercado de informação profissional e, portanto, não parece ter alcançado um público especializado tão amplo quanto suas congêneres. O próprio preço da revista, mais acessível ao grande público (menos disposto a investir grandes somas para adquirir algumas informações sobre arquitetura e decoração) indica um tipo de circulação diferenciada: ao cobrar 15 cruzeiros o exemplar, *AD* é a mais barata dentre as revistas paulistas, em um momento em que *Acrópole* era vendida a C\$35; *Habitat* por C\$40 e, em 1958, *Bem Estar* por C\$50.

Curiosamente, apesar desta posição híbrida assumida pela publicação – entre profissionais e não profissionais – e da não transparência de sua orientação política, é em suas páginas que serão publicados alguns dos textos mais contundentes do período, do ponto de vista do debate político a respeito da produção arquitetônica: “Considerações da arquitetura brasileira” e “Aos Jovens Arquitetos” de Artigas; “O problema social da arquitetura” de Oscar Niemeyer, um editorial de Luiz Saia altamente crítico à Bienal e sua postura “imperialista”, além de diversos textos do arquiteto gaúcho, formado no Rio, Edgar Graeff¹⁷⁵.

174. SALLES, Edna. “*AD* está no seu terceiro ano de vida”, *AD*, 18, jul.ago.1956.

175. Como por exemplo: GRAEFF, Edgar. “Arquitetura – Fenômeno Social”, *AD*, 16 mar,abr.1956; GRAEFF, Edgar. “Três categorias artísticas na arquitetura”, *AD*, 22 mai.jun.1957.

1.4.5 *BEM ESTAR: HABITAÇÃO – URBANISMO (SP, 1958-1960)*

Lançada dez anos após a criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, a revista *Bem Estar: Habitação-Urbanismo* está intimamente entrelaçada às atuações de seus alunos recém-formados – e de alguns de seus estudantes em vias de profissionalização –, pretendendo publicar, quase exclusivamente, a produção destes novos arquitetos. Longe de ser institucional ou estudantil, é criada por um jovem profissional, Gustavo Neves da Rocha Filho¹⁷⁶, que, sem ainda ter concluído o curso e já contando com um volume razoável de obras projetadas, depara-se com a inexistência de “divulgação de arquitetura” no meio paulista¹⁷⁷. Uma situação que sugere, de um lado, a ausência de interesse por parte das revistas especializadas de maior porte – como *Habitat* e *Acrópole* – pela produção destes novos arquitetos ainda não estabelecidos profissionalmente e, de outro, aponta para o papel exercido por tais publicações na luta pela legitimação destes jovens profissionais no meio arquitetônico.

Em suas edições, que somam 6 números, publicados irregularmente ao longo de 29 meses, destina-se um amplo espaço aos textos e projetos, cada qual ocupando diversas páginas com longos memoriais, diversos desenhos e detalhes. Seu interior, publicado todo em preto e branco, com exceção da capa, tem um desenho sóbrio, ainda que atento a algumas finezas de diagramação. A ausência da questão da decoração, a raridade de publicidade, a linguagem de seus textos e as imagens de capa – desenhos técnicos e croquis de arquitetura, com exceção de um desenho de Odiléia Setti Toscano no terceiro número – apontam para o foco voltado mais a um público especializado: de arquitetos para arquitetos.

Com exceção de seu primeiro editorial, a revista pouco fala sobre si mesma. Nele, fazendo referências a grandes nomes e eventos da arquitetura internacional, *Bem Estar* se mostra atenta ao debate moderno e, no entanto, já assume certo distanciamento, ao considerar que, a partir da atuação de profissionais em todo o

176. Gustavo Neves Da Rocha Filho (São Paulo, 1928) ingressou na FAUUSP em 1949, mas se formou apenas em 1962. Posteriormente se tornará professor da FAUUSP na área de história da urbanização.

177. Entrevista concedida a João Sodré por Gustavo Neves da Rocha Filho, em 15/12/2008.

bem estar

HABITAÇÃO

ano 1
número

URBANISMO

66

Capa de fevereiro de 1958.

mundo “no sentido de ascensão e progresso da sociedade”, tal discussão superava as amarras de grupos ou indivíduos determinados, ganhando independência em seus locais de produção. Assim, ao considerar superado um primeiro estágio de desenvolvimento da “arquitetura contemporânea brasileira”, agora já estabelecida e renomada, a publicação anunciava seus dois principais eixos temáticos: a habitação do homem encarado coletivamente e o planejamento que assegurasse o seu bem-estar dentro da sociedade¹⁷⁸.

Ao lado destas duas preocupações centrais, é evidente o interesse pelo estudo e documentação da arquitetura tradicional brasileira, indissociável da orientação acadêmica de seu diretor-proprietário e de suas atividades ligadas ao Centro de Estudos Folclóricos do GFAU (CEF)¹⁷⁹. Ao lado de Brenno Cyrino Nogueira¹⁸⁰, secretário de redação, Gustavo Neves exercerá papel central na publicação, administrando-a, definindo os projetos e textos a serem publicados (nunca redigidos especificamente para a revista), escrevendo introduções e análises sobre o material veiculado e ilustrando reportagens com suas fotografias.

Ainda que seu lançamento tenha sido pautado por um largo inquérito a respeito das condições de sua atividade profissional, curiosamente a revista não discute em larga escala a formação e a profissão do arquiteto, o que seria provável em uma revista de jovens profissionais¹⁸¹. Os textos são majoritariamente de autoria de recém-formados pela FAUUSP – Gustavo Neves da Rocha Filho, José Cláudio Gomes, Lúcio Grinover, Luiz Gastão de Castro Lima, Roberto Franco Bueno, Eugênio Monteferrante Neto, Brenno Cyrino Nogueira – e é interessante notar como os assuntos abordados coincidem em grande parte com as áreas de atuação em que posteriormente estes arquitetos exercerão suas atividades profissionais e acadêmicas. Além disso, são transcritos alguns pronunciamentos – como os de Rino Levi, Pedro Bento José Gravina, Robert Smith – e republicados alguns textos que iam ao encontro dos interesses editoriais – como os estudos de

178. “Ao leitor”, *Bem Estar*, 1, fev. mar. 1958

179. SODRÉ, João. *Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962)*. São Paulo: FAUUSP, 2010.

180. Ver nota 72 deste capítulo.

181. CUNHA, Mário Wagner Vieira. “À margem de um inquérito entre jovens arquitetos”, *Bem Estar*, 4, mar.abr.1959

67 e 68
Capas de 1958.

69, 70, 71, 72
Interior da revista em
1959.

arquitetura tradicional brasileira de Louis Vauthier e Luiz Saia, um texto sobre Brasília de Mário Wagner Vieira da Cunha (então professor da FAU e da FEA e membro da equipe de projeto para a nova capital liderada por Vilanova Artigas) e um apelo urbanístico de Ariosto Mila.

Os recém-formados arquitetos da FAUUSP não só forneceram uma boa porção do material veiculado – textos, projetos, fotos –, como também, em grande parte, viabilizaram financeiramente sua publicação, assumindo o compromisso de assinatura dos futuros números. Ao lado deste comprometimento prévio, o capital necessário para o início da publicação fora composto, de um lado, pelas reservas pessoais de Gustavo, e, de outro, pela “colaboração” dos “sócios remidos”, categoria criada pelo arquiteto na qual o assinante, mediante o pagamento de um alto valor inicial, receberia a revista por tempo indefinido, sem necessidade de qualquer desembolso posterior¹⁸².

Somando 34 membros em seu segundo número, este grupo de “patrocinadores” era composto por ex-alunos, assim como por arquitetos que já dispunham de certa proeminência no cenário local, como Rino Levi, Abelardo de Souza, Vilanova Artigas, Roberto de Cerqueira César, Plínio Croce, Roberto Aflalo, Eduardo Kneese de Mello, Oswaldo Correa Gonçalves, Ícaro de Castro Mello, Alfredo Paesani e Gregori Warchavchik¹⁸³. Boa parte destes arquitetos apareceria com destaque, em página inteira, na terceira edição, anunciando que, talvez, mais do que “colaboradores financeiros”, também validassem as atividades da revista recém-criada.

Apesar de tal apoio, a tiragem inicial de 4.000 exemplares não pôde se sustentar nos números posteriores, sendo reduzida pela metade. A receita proveniente quase exclusivamente da venda de exemplares não foi suficiente para a viabilidade financeira da publicação, ainda que contasse com uma centena de assinantes, quase exclusivamente paulistas, pontos de venda em todas as capitais

182. Entrevista concedida a João Sodré por Gustavo Neves da Rocha Filho em 15/12/2008. Evidentemente no caso de *Bem Estar*, ser um assinante remido não foi bom negócio, pois foram publicados somente 6 números, vendidos a 50 cruzeiros cada, e a assinatura “vitalícia” custava cerca de 2 mil cruzeiros.

183. “Arquitetos de São Paulo patrocinadores deste número”, *Bem estar*, 3, nov.dez. 1958.

do país e um intercâmbio estabelecido com cerca de 30 revistas internacionais.

É interessante notar como a diagramação acompanha as possibilidades financeiras da revista, que, ao longo de seus números, substitui as amplas e desiguais margens, as fotos de página inteira por um maior aproveitamento de suas páginas em busca de uma economia de material.

§

A partir destas instituições – profissionais, culturais, acadêmicas – tentamos acompanhar a redefinição do meio profissional arquitetônico paulista ao longo dos anos de 1940 e 1950. Aos poucos, um pequeno número de profissionais com uma estrutura de sociabilidade restrita e frágil – ainda vinculado aos espaços de debate artístico mais amplos, reunindo-se em escritórios particulares ou em espaços alugados – ganha tamanho e independência: constrói sua sede, se fortalece e se organiza institucionalmente, discute as novas escolas e as toma como espaço de embate, diversifica suas atividades editoriais e adensa suas movimentações críticas.

A estes poucos profissionais se juntam paulatinamente novos arquitetos que já não necessitam travar tal embate com igual intensidade, dada a rotinização das novas perspectivas arquitetônicas. Tal alargamento do campo e sua crescente autonomia permitem a qualificação e a complexificação de um debate próprio – acadêmico ou não – acerca de suas inquietações profissionais e um fortalecimento da voz destes novos arquitetos perante a sociedade. Neste percurso de crescente fortalecimento do meio profissional local, aproximações e distanciamentos intelectuais, interdições e inclusões teóricas são processadas a todo momento. São estes meandros da crítica local que nos interessa percorrer no *Capítulo 2*.

2 VISÃO DO OUTRO E AUTOIMAGEM

2.1 APROXIMAÇÕES ENTRE SÃO PAULO E RIO

O I Congresso Brasileiro de Arquitetos, inaugurado em 26 de janeiro de 1945, no auditório da Biblioteca Municipal de São Paulo, em sessão coordenada pelo carioca Paulo de Camargo e Almeida, então presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, merece destaque nos números publicados por *Acrópole* nos quatro primeiros meses daquele ano. Ainda que não possa ser analisado enquanto fato isolado, este “acontecimento ímpar no cenário arquitetônico pátrio”, nas palavras da revista, parece de fato representar uma inflexão importante nas movimentações coletivas em torno da arquitetura, sobretudo localmente¹.

O lugar central ocupado pelas inquietações por melhorias das condições de vida no país era fato notável para vários participantes que louvavam a extrapolação dos debates, até então supostamente limitados à defesa dos interesses corporativos mais restritos. Ligada ao embate pela legitimação da profissão e a um novo imaginário que informava a renovação da prática, emerge uma dimensão cívica na qual o arquiteto passa a discutir, a partir de prismas variados, sua função social e sua participação no problema da organização nacional, em meio ao processo de redemocratização do país. Neste movimento, o homem, brasileiro, era alçado a assunto de primeiro plano no conclave, pelo menos na face mostrada por *Acrópole*, ao publicar sequencialmente algumas de suas conferências e teses².

Se há um predomínio de argumentos técnicos e estéticos nas raras manifestações por uma renovação arquitetônica encontradas de maneira espaçada até meados dos anos 1940 – que tentam abrir espaço em meio ao ecletismo, ao

1. “I Congresso Brasileiro de Arquitetos”, *Acrópole*, 81-82, jan.fev.1945.

2. SZILARD, Adalberto. “A fixação do homem nos núcleos industriais”, *Acrópole*, 81-82, jan.fev. 1945; “Construção de Casas populares e Organização das coletividades humanas”, *Acrópole*, 81-82, jan.fev. 1945; MORAIS, Leo Ribeiro. “Por uma vida melhor”, *Acrópole*, 83, mar.1945; PRADO, Carlos da Silva. “Urbanismo – problema de arquitetura”, *Acrópole*, 84, abr.1945.

tradicionalismo e à estilização³ –, a partir daí, o aumento do número de tais intervenções é acompanhado por um deslizamento em busca de vínculos históricos, culturais e sociais com a sociedade brasileira, seguindo coordenadas já traçadas por alguns profissionais do Rio de Janeiro. De fato, o período assinala uma aproximação local mais coletiva ao repertório de vanguarda, sobretudo a partir da criação do departamento paulista do IAB em 1943, que fermenta um movimento profissional e institucionalmente estabelecido de reconsideração das origens da arquitetura contemporânea nacional, repercutindo na construção de um novo laço com os arquitetos cariocas, reunidos em torno de Lucio Costa, e comprometidos com a mobilização de um repertório técnico e estético internacional para o enfrentamento da especificidade brasileira.

É importante ter em mente que a possibilidade de diálogo entre as bases modernas, com necessidades mais voltadas às questões emocionais e simbólicas; a conciliação entre determinações técnicas e respostas particulares, geográfica ou culturalmente informadas; e a inserção da política vinculada ao problema construtivo não eram, contudo, especificidades do projeto brasileiro. Na esfera

1
Cartaz do I Congresso
Brasileiro de Arquitetos
(1945)

3. PINHEIRO, Maria L. Bressan. *Modernizada ou moderna? a arquitetura em São Paulo, 1938-45*. São Paulo: FAUUSP, 1997.

internacional, na medida em que aumentavam as reticências ao movimento moderno, emergiam diversas alternativas, progressistas ou não, que geravam um intenso debate acerca de outros rumos a serem eleitos. No fundo, constituíam arestas do debate em torno do futuro das vanguardas, em um momento em que seus pressupostos transformadores e críticos se diluíam nas perspectivas produtivistas, e as bandeiras da razão, da técnica, da pureza, pareciam cooptadas pelo Estado ou pelas camadas dirigentes⁴. Ao fim e ao cabo, tal rediscussão faria com que se abrisse o olhar para produções marginais, como a brasileira ou a finlandesa, que surgiam então como promessas de libertação, inseridas numa discussão de valorização da cultura tradicional, de uma harmonia com o local e com a paisagem, e de uma retomada da valorização da questão plástica para além do racionalismo estrito⁵.

Doravante, ao lado de argumentos que clamavam pela mudança nos paradigmas de projeto por um viés técnico formal, uma outra argumentação desencadearia tal aglutinação dos arquitetos paulistas. De fato, a repercussão da produção moderna brasileira no exterior, no início da década de 1940, referenciada

2 e 3

Interior da exposição do I Congresso Brasileiro de Arquitetos.

4. RIGOTTI, Ana Maria. “Brazil Deceives”. *Block*, 4, Buenos Aires, 1991.

5. Diversos são os trabalhos que destacam a maneira como a arquitetura brasileira e sua consagração internacional durante os anos 1940 se localizam nesta discussão mais ampla: QUESADO DECKKER, Zilah. *Brazil built: the architecture of the modern movement in Brazil*. London, New York: Spon Press, 2001; GORELIK, Adrian, *Das vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005; CAPELLO, Beatriz. *Arquitetura em Revista*. São Paulo: FAUUSP, 2006; TINEM, Nelci. *O Alvo do Olhar Estrangeiro o Brasil na historiografia da arquitetura moderna*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2006.

sobretudo no “grupo do Rio”, e a decorrente irradiação de críticas positivas em diversos periódicos internacionais parecem transformar a opinião pública interna, abrindo as portas para sua aceitação, inclusive em outros estados brasileiros, como São Paulo⁶. Em pouco tempo, a vertente carioca – já confortável em afirmar sua importância e autossuficiência – atingirá, no plano doméstico, uma legitimidade social inédita para a prática profissional no Brasil, até então pensada como derivação da engenharia ou atividade decorativa associada à construção.

A escolha de São Paulo como sede deste primeiro encontro – e não do Rio de Janeiro, o que seria mais natural dada a projeção já alcançada pela sua produção – é forte indício do empenho dos arquitetos aglutinados no IAB-SP em promover a renovação da arquitetura local e do interesse da diretoria central em ampliar o alcance destas novas premissas arquitetônicas no território nacional. Neste sentido, enquanto primeiro grande evento promovido pela secção paulista, o Congresso exerce um papel simbólico neste caminho de reconexão, nacional e, sobretudo, local, em um momento ainda pleno de anúncios de insatisfação e posições de embate com o conservadorismo reinante.

Não são de se estranhar, portanto, as escolhas formais para o cartaz do Congresso: uma montagem com planos desconstruídos do Ministério da Educação e Saúde, obra emblemática desta nova produção, entrelaçada por esquemas viários, uma provável referência ao prestígio de um urbanismo de matriz rodoviarista na capital paulista. Curiosamente, tal composição revela um ruído que rapidamente se tornará latente para os profissionais locais: ainda que o prefeito Prestes Maia pudesse ocupar uma tarde inteira com um passeio pela cidade, apresentando os melhoramentos urbanísticos aos visitantes, na exposição de arquitetura nacional, inaugurada na mesma manhã, ficava evidente o descompasso dos edifícios paulistas, sobretudo públicos, se comparados com as inovações e audácia dos cariocas⁷.

6. SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 2002.

7. “I Congresso Brasileiro de Arquitetos”, *Acrópole*, 81-82, jan.fev.1945.

Trata-se de um lamento já presente, ainda que esporadicamente, nas publicações da primeira metade dos anos 1940 e que ganha força nos discursos daí em diante⁸. Se a emergência da arquitetura moderna começaria a ser descrita, também em São Paulo, na referência ao processo de síntese entre o local e o internacional, caberia à coletividade de arquitetos paulistas a luta pela superação desta situação de “atraso”, para eles incompatível com a liderança econômica da cidade no cenário nacional⁹.

É interessante pontuar a descontinuidade entre este cenário e aquele que se forma em torno de Gregori Warchavchik – e outros arquitetos locais de vanguarda – entre o final de 1920 e o início de 1930. Com ar de manifesto, suas obras se lançavam como notas dissonantes e eram observadas, em São Paulo e no Rio de Janeiro, por profissionais entusiasmados com a nova tendência. A importância do contato com Warchavchik para a emergência de uma produção moderna no Rio de Janeiro – que contava com uma ambiente profissional já razoavelmente movimentado – não é nada desprezível, ainda que uma desalinhamento conceitual levasse, mais à frente, a um engajamento diverso com relação à produção internacional contemporânea, que ocorre simultaneamente a uma mudança no eixo dos acontecimentos arquitetônicos de maior repercussão¹⁰.

Através das revistas e publicações, das atividades do IAB e das novas escolas de arquitetura, dos momentos institucionalizados de encontro como os congressos e exposições, dos contatos informais a partir das migrações internas, das viagens nacionais ou internacionais, da intensificação da chegada de estrangeiros vindos ao país definitiva ou temporariamente, conformam-se laços plurais e heterogêneos de troca que expandem os círculos de informação dos profissionais locais, entrelaçando os referenciais modernos – europeus e

8. MORAES, Leo Ribeiro de. “‘Brazil Builds’ e os edifícios públicos paulistas”, *Acrópole*, 73, mai.1944.

9. CARDIM FL., Carlos A. Gomes. “A Exposição ‘Brasil (sic) Builds’ em Jundiaí”, *Acrópole*, 92, dez.1945; “Prestes Maia em entrevista ao Diário da Noite”, *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 26/01/1945.

10. LIRA, José. *Warchavchik: Fraturas da Vanguarda*. São Paulo: CosacNaify, 2011.

norte-americanos – e o contato com a própria “arquitetura moderna brasileira” em desenvolvimento, de viés carioca, cujo contato antes de 1943 era quase inexistente¹¹.

Assim, ao lado da mudança nos padrões arquitetônicos decorrente de uma modernização pragmática – que mobilizava novos valores estéticos e princípios como a funcionalidade dos espaços e a priorização da técnica, algo visível, por exemplo, nas propagandas e nos novos programas de uso veiculados nas revistas – são plurais as referências teóricas que informavam a renovação da prática destes profissionais paulistas. Pois, ainda que exista de fato certa predominância da matriz corbusieriana tão enaltecida no Rio de Janeiro – e que a historiografia explicaria por sua maior adequação ao estágio produtivo local e ao ambiente físico e cultural brasileiro do que as ambições românticas de Wright ou a relação arte-indústria proposta por Gropius¹² –, outras tendências modernas estarão presentes em *Acrópole* e *Pilotis*. De fato, era por vias as mais diversas que este grupo de profissionais locais se aproximava da produção internacional – do expressionismo ao funcionalismo, do racionalismo ao organicismo –, sem ainda ser capaz de fazer frente à grande maioria das obras que continuavam a se pautar pelos interesses e hábitos estilísticos em vigor, os quais, contudo, já adotavam de maneira conservadora as inovações técnicas.

No entanto, em momentos de intervenção pública em defesa desta nova arquitetura, a consagração externa se torna argumento de legitimação interna e de estímulo, repetidamente utilizado por alguns arquitetos locais, quase todos vinculados ao IAB-SP. E ainda que se possa questionar a identidade de um tal grupo do Rio¹³, suas obras são eleitas pela crítica paulista como exemplares, e

11. As movimentações deste período em *Acrópole* são analisadas por: PINHEIRO, Maria L. Bressan. *Modernizada ou moderna? a arquitetura em São Paulo, 1938-45*. São Paulo: FAUUSP, 1997.

12. Por exemplo: BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

13. Evidentemente a unicidade desta arquitetura produzida pelo “grupo do Rio” e a noção de uma “escola carioca” é questionável, como vem sendo demonstrado pela recente historiografia, por exemplo por KAMITA, João M. *Espaço moderno e país novo: arquitetura moderna no Rio de Janeiro*. São Paulo: FAUUSP, 1999.

seus princípios e elementos formais são organizados de maneira razoavelmente clara nestes fins de 1940. Sem mais reivindicar qualquer vínculo com as primeiras obras modernas paulistas dos anos 1920, a renovação local era atrelada à arquitetura moderna brasileira, que se desenvolvera, sobretudo, depois do episódio do Ministério da Educação e Saúde. Cardim Filho comemorava:

*“Com o fim de apresentar um fato novo nos centros culturais é que foi preciso o estrangeiro inteligente, para revelar ao mundo o nosso potencial de tradição do passado e as revelações do presente, no campo das construções arquitetônicas. E então, dentro do Brasil, também começaram a ver melhor as suas próprias realizações”*¹⁴.

Nesta etapa inicial de difusão de tal ideário, um importante papel cabe às versões itinerantes da mostra Brazil Builds realizadas entre 1943 e 1946 em diversas cidades brasileiras, dentre elas São Paulo, Santos, Campinas, Jundiaí e Franca no estado paulista. Ainda que Zilah Quezado Deckker nos informe que tais mostras tinham cerca da metade do tamanho da exposição original, apresentada no MoMA em 1943, nenhuma informação temos a respeito do conteúdo selecionado entre os painéis fotográficos, maquetes, mapas e slides originais lá exibidos¹⁵. Patrocinados pelo IAB, amplamente divulgados pela imprensa da região e viabilizados pelo forte empenho do poder público local e de parte de sua elite, tais eventos podem ser lidos como “cruzadas modernizantes”¹⁶ – inaugurais de um procedimento amplamente utilizado por esta entidade de classe na segunda metade dos anos 1940, em busca da consolidação e ampliação desta nova conduta profissional e estilística.

De fato, as iniciativas do departamento local do instituto, realizadas de forma direta ou sob seu patrocínio, são momentos-chave para divulgação e debate

14. CARDIM FL., Carlos A. Gomes. “A Exposição ‘Brasil (sic) Builds’ em Jundiaí”, *Acrópole*, 92, dez.1945.

15. QUEZADO DECKKER, Zilah. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. London: Spon Press, 2001.p.226.

16. ZAKIA, Sílvia A. Palazzi. “Brazil Builds em Campinas: uma ferramenta simbólica da estratégia de legitimação de implantação do plano de melhoramentos urbanos”, *Pós*, v.17, 27, jun. 2010.

deste ideário moderno, sempre relacionado com a emergente produção carioca. Ao mesmo tempo em que se divulgam alguns documentos importantes sob encomenda do IAB-SP, como a Carta de Atenas, traduzida em 1947 por Kneese de Mello, exposições e palestras são realizadas em todo o Estado e, posteriormente, divulgadas em *Acrópole*. Tais pronunciamentos transcritos correspondem à maior parte dos debates publicados na revista nesta segunda metade da década e, de modo geral, caracterizam-se pelo tom de explicação e convencimento – tal como uma aula direcionada para um grande público, em grande parte leigo, pelo menos em relação à “arquitetura moderna”.

Com tais intervenções, o que era esporádico ganha volume. O ano de 1948, sobretudo com a Exposição de Arquitetura Internacional, organizada pelo diretório acadêmico da FNA e exibida na Biblioteca Municipal de São Paulo neste mesmo ano, preenche *Acrópole* com notícias e falas variadas¹⁷. Nela, Oswaldo Correa Gonçalves discursa sobre Oscar Niemeyer – “valor incontestável da arquitetura nacional e do mundo” cujas obras tornavam o Brasil “mais conhecido no exterior do que qualquer propaganda oficial” ; Henrique Mindlin sai em defesa da “verdade em arquitetura” tomando como exemplo o esforço dos jovens arquitetos brasileiros e seus estudos honestos e perseverantes de “nossa gente”¹⁸; o carioca Marcelo Roberto anuncia os “tempos novos” de “grandes trabalhos” que vinham substituir as soluções parciais a partir da “aventura do urbanismo moderno” e Carlos Gomes Cardim Filho discorre sobre o porquê da arquitetura moderna¹⁹:

17. Não foi possível encontrar mais informações sobre tal exposição.

18. Henrique Ephim Mindlin (São Paulo, SP, 1911 – Rio de Janeiro, RJ, 1971) é diplomado na Escola de Engenharia do Mackenzie em 1932. Leciona na FNA entre 1961 e 1967, e participa ativamente das entidades representativas. Teve escritório em São Paulo desde 1933 e, a partir de 1944, no Rio de Janeiro (CAVALCANTI, Carlos. *Dicionário brasileiro de artistas plásticos*. Brasília: Mec, 1973).

19. GONÇALVES, Oswaldo Correa. “O Arquiteto Oscar Niemeyer”, *Acrópole*, 118, fev.1948; MINDLIN, Henrique. “Verdade e Mentira em Arquitetura”, *Acrópole*, 124, ago.1948; ROBERTO, Marcelo. “Arquitetura, Urbanismo e o Muro das lamentações”, *Acrópole*, 125, set.1948.

*“Porque ela é luz, é verdade, é distribuição racional, é segurança, é conforto, é vitalidade, é regionalismo e, além de tudo, é um alarme da inteligência para dizer ao mundo que o Brasil existe, cheio de talento, Brasil brasileiro que sabe rasgar as nuvens de sua terra, com seus arranha-céus e suas residências modernas, criando uma expressão valente para a nova arquitetura que já atravessou as nossas fronteiras, fazendo com que as suas realizações tornassem o Brasil mais conhecido pelo mundo afora. (...) É uma escola brasileira que sabe o que quer e tem confiança no seu destino”*²⁰.

Neste sentido, na medida em que a silenciosa convivência com a variedade estilística é substituída gradualmente pela vigorosa defesa de uma atitude moderna frente à arquitetura, a herança construída – sobretudo colonial – passa a ser recuperada a partir de outros princípios que se contrapunham ao uso formal da história, ecoando uma disputa travada, sobretudo nos anos 1930, pela legitimação de uma linguagem arquitetônica nacional e pela construção simbólica do passado e do patrimônio²¹. Um olhar afinado com o elo traçado por Lucio Costa entre moderno e tradicional e que se ampara na estima pela criação de uma tradição própria ao tempo presente²². Na procura de solução para os problemas contemporâneos, Carlos Gomes Cardim Filho saía em defesa de um “confronto feliz com a beleza simples do nosso passado”²³; Henrique Mindlin defendia a “reconquista” da história somente “no espírito”²⁴ e Kneese de Mello explicava didaticamente: “O avião fabricado hoje tem que ser tipo 1950, a casa construída hoje tem que ser tipo 1950”²⁵.

20. CARDIM FL., Carlos A. Gomes. “Porque Arquitetura Moderna?”, *Acrópole*, 121, mai.1948.

21. PESSÔA, José; VASCONCELLOS, E.; REIS, E.; LOBO, M.(Org.). *Moderno e Nacional*. Niterói: EDUFF, 2006; PESSÔA, José (Org.) . *Lucio Costa: Documentos de trabalho*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.

22. RUBINO, Silvana Barbosa. “Gilberto Freyre e Lucio Costa, ou a Boa tradição. O Patrimônio intelectual do SPHAN”. *Oculum*, 2, set.1992.

23. FILHO, Carlos G. Cardim. “A exposição Brasil Builds em Jundiaí”, *Acrópole*, 92, dez.1945.

24. MINDLIN, Henrique. “Verdade e Mentira em Arquitetura”, *Acrópole*, 124, ago.1948.

25. MELLO, Eduardo Kneese. “Centro de debates culturais”, *Acrópole*, 152-153, dez.jan.1951.

As palestras intencionalmente proferidas em “linguagem simples e despretensiosa” que acompanhavam as Exposições de Arquitetura Contemporânea do IAB-SP, circulantes entre 1949 e 1950, procuravam provocar a discussão acerca da “verdadeira arquitetura”, demonstrando-a como um “reflexo fiel” das condições técnicas, sociais e artísticas de sua época²⁶. Passando por Ribeirão Preto, São Vicente, Campinas e Jundiaí – quase o mesmo percurso, diga-se de passagem, da exposição Brazil Builds –, estas exposições alcançariam sucesso “invulgar”, na leitura do IAB, expondo as mais destacadas obras da arquitetura nacional e levando milhares de visitantes a conhecer de perto “a constante evolução da arquitetura brasileira e o alto grau de sua eficiência”²⁷. A exemplo da mostra local de Brazil Builds, tais exposições eram compostas por fotos de projetos, com programas de uso variado, desenhos e maquetes (na maioria de pequenas dimensões, de modo a facilitar seu caráter itinerante).

Kneese de Mello, então presidente da sessão local, parece encabeçar as conferências que acompanham estas exposições, proferindo palestras como “Porque Arquitetura Contemporânea”, “Considerações sobre a arquitetura moderna”, “Rotary e arquitetura” e “Arquitetura, urbanismo e democracia”, nas quais repetidamente insiste na necessidade da generalização da produção moderna que, apesar de já contar com numerosos “fans” brasileiros, sobretudo após os elogiosos comentários estrangeiros, não poderia ainda representar a produção nacional²⁸. Ainda que o solo brasileiro, por sua pequena tradição arquitetônica, fosse “propício à semente” e incapaz de fazer frente às novas forças, o alcance desta nova arquitetura era ainda muito limitado²⁹. Nos últimos anos de 1940, a Kneese se juntam outros palestrantes, quase sempre vinculados ao IAB local, como Zenon Lotufo e Oswaldo Correa Gonçalves, que percorrem o estado de São Paulo em defesa desta outra postura para a prática arquitetônica.

26. Ibidem.

27. “Exposição da Arquitetura Contemporânea”, *Acrópole*, 132, abr.1949

28. MELLO, Eduardo Kneese. “Rotary e arquitetura”, *Acrópole*, 138, out.1949.

29. MELLO, Eduardo Kneese. “Maio 1938-maio 1949”, *Acrópole*, 133, mai.1949

4
*Exposição de
Arquitetura
Contemporânea em
Campinas (1949)*

5 e 6
*Exposição de
Arquitetura
Contemporânea em
Campinas e em Santos/
São Vicente (1949).*

7
 "Porque Arquitetura Contemporânea", de Eduardo Kneese de Mello, publicado em 1946 na revista Acrópole.

8
 "Arquitetura, Urbanismo e Democracia", também de Kneese, publicado em 1948 na revista Acrópole.

Assim, se no início da década, a presença da produção contemporânea brasileira não é tão forte nas manifestações em defesa dos princípios modernos em São Paulo, a partir de certo momento, por volta do final dos anos 1940, seria difícil achar referências a tal renovação que não se reportassem à produção do “grupo do Rio”. Nas páginas especializadas, a pequena familiaridade do meio profissional local, ou pelo menos de *Acrópole*, com o vocabulário e com a história desta nova produção em meados da década – notável pelas argumentações frequentemente simplificadas e permeadas por pequenos erros como as citações a “Phillip Lippcot Goodynk”, “Walter Grompi” e “Miess Van des Rohel”³⁰ –, é substituída por narrativas cada vez mais desenvoltas e corriqueiras.

De fato, daqui por diante, um grupo regular de autores, obras e ideias se revezam no interior das revistas, até pelo menos meados da década de 1950, ligando intrinsecamente arquitetura moderna e arquitetura moderna brasileira, que agora passavam a abarcar também a produção dos arquitetos paulistas, mas, ainda assim, não deixam de se referir às realizações cariocas internacionalmente legitimadas. Do ponto de vista da crítica, se podemos constatar a consolidação de um grupo moderno local, não há qualquer indício de diferenciações voluntariamente declaradas em relação ao “modelo” proposto pela vertente carioca, até pelo menos 1954.

Podemos relembrar o primeiro capítulo: indissociável da criação do IAB e da formatura das primeiras turmas das faculdades autônomas de arquitetura em São Paulo, no início da década de 1950, os arquitetos começam a se reconhecer enquanto grupo e, mais do que isso, um grupo local de arquitetos modernos, que se identificavam por contraste com as figuras do arquiteto tradicional ou a do engenheiro politécnico que, cada vez mais, parecem se distanciar do universo das revistas de arquitetura. Diversas manifestações já declaram a tendência moderna como aceita e reconhecem a existência de uma “escola brasileira de arquitetura”, não mais como algo particular à produção carioca, mas difundida e praticada Brasil afora³¹.

30. “I Congresso Brasileiro de Arquitetos”, *Acrópole*, 81-82, jan.fev.1945.

31. “VIII Congresso Panamericano de Arquitetura”, *Acrópole*, 172, ago.1952

Ao inaugurarmos os anos de 1950, tais manifestações abrem espaço para o debate acerca da regulamentação urbana e do planejamento das cidades. Ao seu crescimento desordenado e à crise habitacional emergente, são dedicadas inúmeras páginas nos periódicos, refletindo as variadas leituras do processo naquele momento em São Paulo. Arquitetos, engenheiros e órgãos estatais se revezam em defesa do estabelecimento de planos e regulamentações para o ordenamento da cidade, em um momento em que estas questões se politizavam como em raras ocasiões na história do país, substituindo o acento pragmático dos anos 1940³².

2.2 INTERPELAÇÕES AO CÂNONE NACIONAL

O alvo das falas será outro a partir dos primeiros anos da nova década, resultando na transformação das fórmulas discursivas em defesa da moderna arquitetura brasileira, largamente adotadas nos anos anteriores. Não mais guiados pela necessidade de convencimento de um público ainda distante das novas proposições arquitetônicas, os novos pronunciamentos passam a se dirigir a leitores mais especializados, já reunidos por um vocabulário e uma conduta em grande parte comum. De arquitetos modernos para arquitetos modernos, neste início da década de 1950, em que *Habitat* se junta a *Acrópole* no mercado editorial especializado da cidade (e *Pilotis* encerra suas atividades), as discussões acerca da produção arquitetônica brasileira dividem o espaço destas publicações com diversos outros temas, destacando-se o ordenamento urbano, a regulamentação profissional e – no caso da revista estreante – a produção cultural mais ampla.

Uma nova gama de manifestações circunscritas ao debate interno de um grupo de profissionais modernos, agora em maior número, substituía gradualmente as intervenções fragmentadas por um discurso mais coletivo, seja nas

32. BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004. Por exemplo: GARCIA, Heitor A. Eiras. “Urbanismo”, *Acrópole*, 145, mai.1950; “Do pequeno ao grande, numa corrida”, *Habitat*, 1, out. dez.1950; FINA, Wilson M. “Rainha Destronada”, *Acrópole*, 173, set. 1952; GARCIA, A. Eiras Garcia. “A opinião pública”, *Acrópole*, 167-68, mar.abr.1952.

intervenções escritas ou projetuais. De tal estabilidade e rotinização da nova prática, que por um período determinado produz uma única arquitetura brasileira no entendimento deste grupo, decorrerá a perda na intensidade combativa de seus textos sobre arquitetura, agora menos necessária, e, com algumas exceções, entre 1950 e 1953, o confronto percebido anteriormente por novas diretrizes para a atividade projetual parece se amortecer, distanciando-se ao mesmo tempo do público não especializado.

Pontualmente, poderemos notar em *Acrópole* algumas críticas esparsas a esta produção contemporânea, emitidas por figuras distanciadas deste círculo de profissionais arregimentados em torno dos novos princípios e que, talvez por isso, não parecem ecoar em suas reflexões. São discordâncias iniciais, sobretudo de um antigo colaborador da revista, José de Almeida Santos, que se concentram no prejuízo da qualidade construtiva, decorrente da demasiada importância atribuída ao critério formal, em detrimento da técnica e do detalhamento adequado³³. Descontente com a “obsessão pela novidade”, por exemplo, lamentava o esquecimento do sentido humano e das “lições dos arquitetos antepassados”, atentos à subordinação do edifício ao panorama e ao espaço confinado³⁴.

Se tais queixas pareciam não repercutir em *Acrópole*, *Habitat* se mostrará mais atenta, desde suas páginas iniciais, às complexidades das obras nacionais, conciliando o elogio e o alerta³⁵. Agora que alcançavam aceitação ampla, era hora de abrir espaço para sua teorização em meio à euforia e assumir uma pausa para reflexão acerca deste louvável surto. Ao notar certos sinais de um descontentamento por parte da crítica internacional, o primeiro texto de Lina Bo Bardi é representativo da posição assumida pela revista durante sua gestão ao lado de Pietro Maria Bardi que, a partir de um olhar mais distanciado do que *Acrópole*, apontava alguns riscos da difusão ampla desta nova prática e buscava incentivar

33. SANTOS, José de Almeida. “A marinha e a arquitetura moderna”, *Acrópole*, 172, ago.1952.

34. SANTOS, José de Almeida. “Exposição de arquitetura realizada no Ministério de Educação em agosto de 1952”, *Acrópole*, 170, jun.1952.

35. “Prefácio”, *Habitat*, 1, out.dez.1950

o combate “à rotina, ao lugar comum” moderno, contra a “generalização de seu espírito”, que nada tinha a ver com “as formas exteriores e as acrobacias formalísticas”³⁶:

*“Esta falta de polidez, esta rudeza, este tomar e transformar sem preocupações é a força da arquitetura contemporânea brasileira, é um contínuo possuir em si, entre a consciência da técnica, a espontaneidade e o ardor da arte primitiva; por isso não concordamos com nossos amigos da Europa sobre o fato da arquitetura brasileira estar no caminho da academia.(...) A arquitetura brasileira nasceu como uma bela criança, que não sabemos por que nasceu bonita, mas que devemos em seguida educá-la, curá-la, encaminhá-la, seguir sua evolução”*³⁷.

Assim, se Abelardo de Souza louvava a produção local – que a cada dia ganhava independência de suas semelhantes internacionais, superando as formas rígidas, humanizando-se e acalorando-se – e, simultaneamente, alertava para o uso indiscriminado de certos elementos construtivos como o *brise soleil*³⁸, diversas outras reportagens não assinadas, ao mesmo tempo em que julgavam positivamente a difusão da nova arquitetura por todo o país, esperavam que esta, “escondendo-se entre as árvores e as florestas”, não se aproveitasse da recepção favorável para se entregar ao livre “arbítrio e à licença”³⁹.

Por volta de 1953, no momento em que o IAB comemorava seus 10 anos de existência e *Acrópole* trocava de mãos, tais alertas enunciados ocasionalmente parecem se difundir e passam a ser proferidos – não só em São Paulo⁴⁰ – por arquitetos mais proeminentes e próximos da produção moderna. A desejada

36. BARDI, Lina Bo. “Bela Criança”, *Habitat*, 2, jan.mar.1951

37. Ibidem.

38. SOUZA, Abelardo. “Nossa arquitetura”, *Habitat*, 3 mai.jun.1951

39. “Casa na Bahia”, *Habitat*, 8, jul.set.1952. Ver tb: “Construir com simplicidade”, *Habitat*, 9, out.set.1952.

40. Em 1952, o GFAU, ao lançar *Estudos*, republicava “Muita construção, pouca [sic] arquitetura e um milagre” de Lúcio Costa, originalmente redigido para o Correio da Manhã em 1951, no qual observava “graves sintomas de doença latente” decorrentes de um arremedo “inepto e bastardo, caracterizado pelo emprego avulso de receitas modernistas”.

ampliação da esfera de atuação do “arquiteto moderno”, territorial e programaticamente, deveria ser acompanhada por medidas que impedissem a cristalização de um vocabulário formal, sua vulgarização e a perda de suas ambições teóricas originais.

Ainda que inseridos em uma malha de debates muito mais complexa, os eventos realizados na virada de 1953 para 1954 – o IV Centenário de São Paulo, a Exposição Internacional de Arquitetura da II Bienal e o IV Congresso Brasileiro de Arquitetos – funcionam como momentos de alargamento e adensamento deste debate que se instaurava em torno da arquitetura brasileira, ao viabilizarem o contato diversificado entre arquitetos das mais variadas procedências e impulsionarem a elaboração de uma reflexão formal a ser submetida à discussão pública – que fornece grande parte do material veiculado nas revistas especializadas nestes anos.

Entre 8 de dezembro de 1953 e 12 de janeiro de 1954, a II Bienal Internacional de Arte de São Paulo se instalava no Palácio das Nações e dos Estados, projetado por uma equipe encabeçada por Oscar Niemeyer e localizado no recém inaugurado Parque do Ibirapuera. Foco de grande atenção por parte dos arquitetos, os preparativos para a Exposição de Arquitetura eram, de um lado, permeados pela ambição de sustentar o alto conceito internacional sobre a produção brasileira – pretendendo até rivalizar com as demais salas destinadas aos grandes nomes das vanguardas modernistas⁴¹ – e, por outro, alvo das esperanças de alguns, como Rodolpho Ortenblad Filho, ansiosos por um “sopro de ar fresco revigorante no ambiente já viciado de academismos decadentes e arquiteturas fáceis”, almejando a ampliação do olhar local ainda fortemente arraigado nos princípios de Le Corbusier⁴².

De fato, a Bienal trará um novo sopro que, contudo, não se mostrará tão amigável como esperavam os arquitetos paulistas, os quais exprimem, ao longo de 1953, seu entusiasmo nas mais variadas reportagens de *Acrópole*, seja pela

41. LINS, Paulo de Tarso Amendola. *Arquitetura nas Bienais Internacionais de São Paulo (1951-1961)*. São Carlos: EESC, 2008. P.108

42. ORTENBLAD Filho, Rodolfo. “Arquitetura de após guerra nos Estados Unidos”, *Acrópole*, 183, jul.1953.

vinda de figuras proeminentes do cenário internacional, seja pela oportunidade de exibir as novas obras brasileiras, em um momento no qual as opiniões favoráveis sobre a arquitetura local ainda superavam em larga escala algumas manifestações negativas que vinham emergindo, sobretudo a partir das opiniões emitidas por Bruno Zevi, na Itália, e por Max Bill, em sua passagem pelo Rio de Janeiro e São Paulo, em 1953⁴³.

Divulgadas somente por *Habitat*, estas duas manifestações parecem anunciar, nas revistas especializadas, uma reversão no sentido das leituras, estrangeiras e locais, sobre a produção nacional – dramatizando o tom de alerta percebido anteriormente. Contudo, embora alvo de controvérsias e discussões em outros meios, estas opiniões não merecerão, durante o ano de 1953, sequer uma menção nas demais publicações locais paulistas – embora o “grande escândalo” de Max Bill, nas palavras de *Habitat*⁴⁴, tenha recebido uma vigorosa resposta de ninguém menos que Lucio Costa⁴⁵.

*“Os jornais – depois das declarações de Max Bill – chegaram à conclusão de que ele é um simples industrial designer. Por que convidar, então, um simples industrial designer para fazer palestras nos templos dos museus de arte moderna e nas escolas de arquitetura?”*⁴⁶

43. A primeira é informada por Jorge Wilhelm que, durante sua viagem à Itália, participa de uma reunião da *Associazione Per una Architettura Orgânica* e narra o desconforto de parte dos arquitetos italianos com a arquitetura brasileira, sobretudo com o “formalismo” e o excesso de arbitrariedade na construção, desligada da produção feita espontaneamente pelo povo (WILHEIM, Jorge, “Jovem Brasileiro na Europa”, *Habitat*, 7, mai.jun.1952). A segunda se refere a uma sequência de manifestações de Max Bill veiculadas por *Habitat* e pronunciadas em 1953 no Rio de Janeiro (BILL, Max. “Max Bill, o inteligente iconoclasta”, *Habitat*, 12, 1953) e em São Paulo (BILL, Max. “O Arquiteto, A arquitetura e a Sociedade”, *Habitat*, jan.1954). Nestas intervenções, Bill alertava para o risco de um “terrível academicismo antissocial” da produção brasileira, amparado em fórmulas e pautado por uma doutrina inadequada ao país. Com pouca seriedade, sobretudo construtiva, padecendo de “amor ao inútil” e de um uso abusivo da liberdade formal, servia mais ao capricho individual do que à coletividade.

44. BILL, Max. “Max Bill, o inteligente iconoclasta”, *Habitat*, 12, 1953.

45. COSTA, Lucio. “Oportunidade Perdida”, *Manchete*, 60, 13 jun.1953.

46. “Max (II)”, *Habitat*, set.12, 1953.

*“Antes – Max Bill: um sujeito formidável, uma flor, um grande arquiteto, um grande pintor, etc. Depois – (depois das famosas declarações sobre a arquitetura brasileira): um sujeito cacete, um chato, um arquiteto que não vale nada, etc.”*⁴⁷

*“Não aparece mais na lista do júri da exposição de arquitetura da II Bienal, o nome (no passado tanto glorificado e desfraldado) de Max Bill. Quem teve a ideia de riscá-lo do Senatus, sem dúvida por causa de sua sinceridade?”*⁴⁸

De fato, ainda que com focos diferentes, as opiniões de Bill e Zevi antecedem um olhar que ganhará intensidade com a visita de diversos estrangeiros ao país nestes anos, quando, ao tomarem contato direto com a “miragem” criada, passariam a lhe atribuir sérias críticas⁴⁹. Ainda que pontualmente, desde meados dos anos 1940, existam notícias da passagem de diversos profissionais de outros países pelo Brasil – como Richard Neutra, Siegfried Giedion, Gio Ponti, vindos em função de palestras ou trabalhos – a Exposição Internacional de Arquitetura concentra uma presença sem precedentes de arquitetos estrangeiros, ao menos desde o início de nosso recorte temporal. Rogers, Le Corbusier, Josep Luis Sert, Alvar Aalto, Max Bill, Walter Gropius, dentre outros, inauguram com o evento uma temporada de palestras, entrevistas, viagens e visitas em solo nacional, cuja repercussão vai muito além da mera participação na Bienal.

Coincidência ou não, a alteração dos critérios de premiação retirava qualquer vantagem da produção brasileira, abrindo espaço para outros enfoques projetuais emergirem na exposição, para além inclusive dos dogmas corbusianos, sensivelmente melhor acolhidos na I EIA⁵⁰. Conforme noticiado por Eduardo Corona na recém-criada *AD*, o júri da Bienal (composto por muitos destes estrangeiros) adotara um claro e preciso critério ao premiar obras que concilhassem técnica e estética com “qualidades sociais”, “dando preferência às

47. “Antes e depois”, *Habitat*, set.12, 1953.

48. “Max (I)”, *Habitat*, 12, set.1953.

49. RIGOTTI, Ana Maria. “Brazil Deceives”, *Block*, 4, Buenos Aires, 1991.

50. HERBST, Hélio. *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: expressões da arquitetura brasileira expostas nas bienais paulistanas (1951-1959)*. São Paulo: FAUUSP, 2007.

11 e 12

Giedion em companhia de Warchavchik e do pintor Lasar Segall, em visita ao MASP (1952); Walter Gropius ao lado de Rino Levi, Jorge Machado Moreira e Ícaro de Castro Mello, em um almoço no IAB-SP oferecido simultaneamente a I Bienal (1951)

soluções criadoras, evitando o formalismo” que penetrava “perigosamente, na arquitetura moderna”⁵¹. Em sua leitura, com tal alinhamento, o júri demonstrava preocupação com a realidade social, reafirmando a premissa da criação da arquitetura a partir do homem, em sua escala e como uma “contribuição efetiva para a evolução da sociedade”. E concluía:

“A luta contra o formalismo que agora estamos presenciando na arquitetura deve ser coisa real, orientada sempre no sentido de ser preservada a tradição de cada lugar a par do desenvolvimento técnico e da consciência ampliada”⁵².

Também para Hélio Herbst, a consagração de Walter Gropius com o Prêmio São Paulo sinaliza uma mudança nos parâmetros estabelecidos pelo Júri de premiação, revelando um evidente confronto entre a abordagem formal e o rigor funcional de determinadas vertentes arquitetônicas, com nítida desvantagem nas

51. CORONA, Eduardo. “O Júri de arquitetura da Bienal e as soluções criadoras”, *AD*, 3, jan.1954.

52. Ibidem.

atribuições de prêmios aos defensores do “formalismo”⁵³. É curioso notar que, a partir de então, ao crescente silêncio das revistas em torno de Le Corbusier corresponda um aumento do espaço dedicado à arquitetura de raiz alemã – sobretudo por meio da publicação de obras e textos de Gropius –, ao pensamento de Wright e às propostas da costa oeste norte-americana por arquitetos como Neutra⁵⁴.

Tal coincidência, no entanto, não iguala a maneira como estas críticas estrangeiras repercutem nas publicações. Se *Habitat* abre suas páginas para as conferências locais de Alvar Aalto, Gropius e Bill, *AD*, através de Corona, apesar de se alinhar ao debate da valorização formal, responderá com rispidez às questões colocadas pelos participantes da Bienal, seja no próprio evento ou em suas manifestações posteriores⁵⁵. Inevitavelmente, os ecos de tal debate não tardarão a aparecer também em *Acrópole*, que inicialmente faz certo silêncio em torno do evento, publicando somente a lista de prêmios concedidos. Ainda que todas estas revistas sejam unâнимes ao afirmar que a emergência destes questionamentos

53. HERBST, Hélio. *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: contribuições para a historiografia brasileira (1951-1959)*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2011. p.195.

54. GROPIUS, Walter. “O arquiteto na sociedade industrial”, *Habitat*, 14, jan.fev.1954; FERRAZ, Geraldo. “Walter Gropius: o homem e a obra”, *Habitat*, 25, dez.1955; GROPIUS, Walter. “Um Plano para o ensino de arquitetura”, *Acrópole*, 194, nov.1954; LOHBAUER, Philipp. “S. Giedion - Walter Gropius: Mensch und Werk”, *Acrópole*, 217, nov.1956; LEVI, Lívio E. “Giulio Carlo Argan: Walter Gropius y el Bauhaus”, *Acrópole*, 248, jun.1959; “A vida e o habitat humano, A arquitetura residencial de R. Neutra”, *Habitat*, 30, mai.1956; LOZANO, Eduardo. “Evocando Richard Neutra”, *Habitat*, 60, mai.jun.1960; FERRAZ, Geraldo. “Richard Neutra permanece renovador aos 70 anos”, *Habitat*, 69, set.1962; NEUTRA, Richard. “Edificações futuras - transcendental assunto humano”, *Acrópole*, 231, jan.1958; LEVI, Lívio E. “Richard Neutra: Realismo Biológico”, *Acrópole*, 249 jul.1959; TSELOS, Dimitri. “Frank Lloyd Wright e a arquitetura mundial”, *Habitat*, 27, fev.1956; “Frank Lloyd Wright, mestre da arquitetura moderna”, *Habitat*, 52, jan.fev.1959; FERRAZ, Geraldo. “Posição de Frank Lloyd Wright”, *Habitat*, 53, mar.abr.1959; BRETON, Pierre. “Toronto: Entrevista com Frank Lloyd Wright”, *Acrópole*, 243, jan.1959; “Frank Lloyd Wright”, *Acrópole*, 246, abr.1959.

55. Em sua incisiva resposta a Max Bill, Corona se colocaria enfaticamente contra os posicionamentos do arquiteto suíço, que teria formulado sérias críticas à arquitetura brasileira sem ao menos ter entrado em contato verdadeiro com a produção (CORONA, Eduardo. “O testamento tripartido de Max Bill”, *AD*, 4, mar.abr.1954).

13
"A vida e o habitat humano: a arquitetura residencial de Richard Neutra" publicado por Habitat em 1956.

14
"Posição de Frank Lloyd Wright" de Geraldo Ferraz (1959)

locais não decorriam das intervenções estrangeiras – pois há algum tempo já vinham sendo gestados nos debates internos dos profissionais locais – é evidente a ampliação do número de opiniões que agora ecoavam as novas problemáticas.

Novamente, a ampliação do debate coincide com a realização do Congresso Brasileiro de Arquitetos, cuja quarta edição trazia o evento de volta à capital paulista, realizado entre 17 e 24 de janeiro de 1954, cinco dias depois do término da II Bienal. Dentre os 428 congressistas presentes, contavam-se 175 arquitetos de São Paulo, 116 do Rio de Janeiro, 84 de outros estados e 53 estrangeiros, sobretudo da América do Sul. Tais números mostram, de um lado, a polarização do cenário arquitetônico nacional entre São Paulo e Rio de Janeiro que, apesar de amenizada, mantinha-se e, de outro, uma expressiva presença estrangeira – com destaque para Walter Gropius e Alvar Aalto, que se tornam sócios honorários do IAB-SP em sessão solene capitaneada por Rino Levi – viabilizada provavelmente pela simultaneidade do evento com as demais comemorações que se realizavam na cidade.

15
*Acrópole dedicada ao
IV Congresso Brasileiro
de Arquitetos.*

16
Sessão do IV Congresso
Brasileiro de Arquitetos.

17 e 18
Participantes e
comissão de estudo do
IV Congresso.

Se sua primeira edição se configurara como um instrumento importante para a defesa de uma renovação da prática arquitetônica local, fortemente vinculada à produção moderna realizada pelo Rio de Janeiro, os motivos que levavam à programação de um novo congresso eram outros. Ao anunciá-lo, *AD* alertava, através de Eduardo Corona, sobre a urgência da montagem de um quadro analítico da evolução das realizações da arquitetura no Brasil – alvo intenso de discussão e admiração estrangeiras – e a evidente necessidade de elaboração de sua justificativa, buscando entender sua expressão nas condições atuais da vida brasileira⁵⁶.

De fato, o enfrentamento proposto para o IV Congresso recolocava em pauta a arquitetura e o urbanismo brasileiros, substituindo a temática das duas edições anteriores – Porto Alegre (1948) e Belo Horizonte (1953) – majoritariamente centradas em torno das questões de ensino e dos interesses profissionais⁵⁷. Tendo em vista o objetivo de “debater com espírito crítico” as realizações brasileira, descrito no regulamento do encontro⁵⁸, o presidente da Comissão Organizadora, Leo Ribeiro de Moraes, ao abrir a sessão de instalação declarava:

*“Já nessa ocasião [o I Congresso] tivemos oportunidade de debater, aqui em São Paulo, os mais importantes problemas do nosso desenvolvimento, econômico e cultural. Depois de uma certa resistência por parte de nossa sociedade, a arquitetura moderna – vamos dizer assim porque é a linguagem que todos compreendem – começou a conquistar um lugar ao sol. Hoje ela tem no Brasil um lugar definido, e o grande receio que nos assalta neste momento é justamente o da sua aceitação – vamos dizer – demasiada”*⁵⁹.

Segundo ele, frente às sérias acusações proferidas contra as obras arquitetônicas nacionais, o Congresso – palco de um “drama” do arquiteto brasileiro afastado das necessidades reais do povo – deveria proceder a um balanço da

56. CORONA, Eduardo. “Um novo congresso de arquitetos”, *AD*, 2, out.nov.1953.

57. Congressos Brasileiros de Arquitetos organizados pelo IAB. Documento disponível no website acessado em 25/10/11.

58. *Anais do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos*. São Paulo: IAB, 1954.

59. MORAES, Leo Ribeiro de. “A sessão de instalação” in: *Anais do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos*. São Paulo: IAB, 1954.

produção brasileira, buscando entender se o caminho adotado até então era “certo” ou se novos rumos deveriam ser buscados⁶⁰. Ainda que realizado sob um clima de intensa e calorosa sociabilidade – com excursões, descidas ao litoral, coquetéis e recepções de gala⁶¹ – ao final, o plenário concluía, amparado pelas diversas teses apresentadas, ser indissociável o alcance de uma expressão arquitetônica própria e a correlata existência de uma “consciência nacional”. A satisfação das necessidades materiais e espirituais do povo deveria ser a semente para o desenvolvimento da arquitetura brasileira que, simultaneamente, deveria iniciar uma autocrítica de seus fundamentos, “sem moldes preconcebidos e sem exageros de escola”⁶².

De fato, a ideia de construção e defesa de uma cultura nacional passa a permear diversos discursos – coletivos e individuais – em posições de maior ou menor conciliação com as demais nações, emergindo na agenda ideológica do Instituto de Arquitetos do Brasil⁶³. Neste mesmo ano, assim como o I Congresso Brasileiro de Intelectuais, também realizado na cidade, que colocava em pauta as “condições extremamente dolorosas” enfrentadas pelo povo brasileiro que com-

60. MORAES, Leo Ribeiro de. “A sessão de instalação” in: *Anais do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos*. São Paulo: IAB, 1954.

61. Paralelamente às sessões do congresso, foram realizados eventos de cunho cultural e de lazer, como excursões à Praia de Pernambuco, um circuito ao Embu, ao sítio do padre Inácio e à chácara de Kneese de Mello, uma visita a II Bienal, a “Festa Warchavchik”, um coquetel promovido pelo GFAU e páreos especiais no Jockey. “IV Congresso Brasileiro de Arquitetos”, *Acrópole*, 185, fev.1954.

62. “Sexta sessão plenária” in: *Anais do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos*. São Paulo: IAB, 1954; “IV Congresso Brasileiro de Arquitetos – Arquitetura e Tradição”. *Acrópole*, 185, fev.1954. Neste sentido, foram apresentadas, por exemplo, as teses “A tradição na arquitetura brasileira” de Gustavo Neves da Rocha Filho; “Arquitetura, Tradição e realidade brasileira” de Mário Barata; “Situação da Arquitetura Brasileira” de Demétrio Ribeiro, Nelson Souza, Enilda Ribeiro; “Características da Arquitetura Brasileira” de Fernando Corona; “Da necessidade de uma consciência (ampla e objetiva) nacionalista para consolidar uma arquitetura nacional” de Corona.

63. “O I Congresso Brasileiro de Intelectuais”, *Acrópole*, 186, mar.1954. Ver também: MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ed.34, 2008.

prometiam a preservação e o desenvolvimento da cultura⁶⁴, outros eventos, como o debate “Arquitetura e nacionalidade”,⁶⁵ organizado pelo IAB-SP, evidenciam a ausência de consenso e a convivência de diversos pontos de vista que questionavam as fronteiras da identidade brasileira, na qual cultura e nação se entrelaçavam no tom acalorado do debate, permeado pelo acirramento político⁶⁶.

Diferentemente da II Bienal, é imediata a repercussão do debate do teor crítico do IV Congresso nas revistas especializadas e na grande imprensa. Ao mesmo tempo em que Luiz Saia declarava na Folha da Manhã o esgotamento da “fase heróica” da arquitetura contemporânea brasileira, o mesmo alerta era feito por Roberto Cerqueira César em um texto dedicado à análise da produção arquitetônica paulista, o primeiro publicado nas revistas especializadas locais⁶⁷. Introduzindo o número de *Acrópole* dedicado ao IV Congresso Brasileiro de Arquitetos – que curiosamente faz um compêndio de obras somente de profissionais atuantes em São Paulo – o arquiteto alertava para o risco do abandono das “verdadeiras finalidades” da arquitetura brasileira, ao constatar uma “compreensão quase total dos princípios da arquitetura moderna”: o êxito internacional impulsionava a adoção de soluções “espetaculares e decorativas” descoladas da lógica construtiva e de sua funcionalidade, sobretudo pelos jovens arquitetos.

*“Estes perigos, muito mais sérios que quaisquer que tenham sido até agora enfrentados pela arquitetura brasileira, são os sinais tradicionais da decadência de todos os movimentos artísticos. Esperemos que sejam devidos a falhas individuais esporádicas e não ao esgotamento prematuro de um período brilhante da arquitetura paulista e brasileira”*⁶⁸.

64. “O I Congresso Brasileiro de Intelectuais”, *Acrópole*, 186, mar.1954.

65. “Arquitetura e nacionalidade”, *Acrópole*, 195, dez.1954.

66. “Arquitetura e Nacionalidade”, *Acrópole*, 196, jan.1955; SOUZA, Abelardo de. “Debate sobre arquitetura”, *Habitat*, 20, jan.1955.

67. SAIA, Luiz. “A Fase heróica da arquitetura contemporânea brasileira”, *Folha da Manhã*, 31/3/54.

68. CÉSAR, Roberto Cerqueira. “A arquitetura de São Paulo”, *Acrópole*, 184, jan.1954

Especialmente a partir de 1954, tais ressalvas à produção brasileira se ampliam e serão pronunciadas de maneira plural por profissionais que, no entanto, não devem ser entendidos como um grupo coeso. De fato, se as reprimendas pontuais enunciadas em meados da década ganham força nas revistas especializadas paulistas, revelando certa hesitação na adesão aos rumos propostos pela arquitetura contemporânea recentemente consagrada, são frágeis os acordos no que se refere aos elementos criticados e às novas diretrizes a serem seguidas.

2.3 ENTRE FORMA E SOCIEDADE

Sem negar a estas obras o reconhecimento de sua qualidade e da sua contribuição, eram salientados equívocos na escolha de certos caminhos, discutindo-se, em esfera nacional, outros parâmetros para seu redirecionamento. Desordenado, o alastramento da “arquitetura moderna brasileira” por todo o país parecia desfazer a leitura de uma única produção – concordante e de igual qualidade. Por ora, raramente assumindo um tom de acusação, diversos profissionais parecem estabelecer certo distanciamento, a partir de falas heterogêneas que normalmente têm entre si um único ponto comum de debate: o valor a ser atribuído à dimensão formal na obra de arquitetura.

Assim como parte das críticas estrangeiras enunciadas em meados dos anos 1950, de um lado emerge um apelo local por outra hierarquia, na qual razão e função fossem os elementos condutores do desenho, substituindo a excessiva valorização de sua face plástica. No entendimento de alguns arquitetos, a racionalidade construtiva e a funcionalidade dos espaços deveriam ser retomadas como princípios prioritários de projeto, afastando a concepção arquitetônica do ato genial e aproximando-a de um trabalho técnico e coletivo, lógico e não arbitrário. Agora, a tão louvada “ausência de tradição”, que antes permitira o desenvolvimento franco e livre da arquitetura contemporânea nacional, era, na leitura de tais críticos, facilitadora da ampla aceitação e difusão de uma prática maneirista, sem conteúdo e sentido.

“Mal resolvida do ponto de vista funcional”; “Perigosa subordinação ao simples requisito plástico”; “Uma nova academia”; “Vício ao fachadismo”; “Obsessão

com a constante preocupação inventiva⁶⁹: as reprimendas divulgadas pelas revistas especializadas locais eram variadas e pronunciadas por figuras tão diversas e distantes, como Gregori Warchavchik e Hélio Duarte, arquitetos atuantes localmente; os professores da FAUUSP José Vicari e Eduardo Corona; o crítico de arte Geraldo Ferraz; o arquiteto mineiro Eduardo Guimarães e os profissionais cariocas Elias Kaufman e Jorge Machado Moreira⁷⁰.

Mesmo *Habitat*, que no início dos anos 1950, com a publicação das aulas do engenheiro italiano Pier Luigi Nervi no MASP, iniciara um debate em torno de uma outra razão construtiva do concreto armado, não o traz à tona neste momento em que a irracionalidade da arquitetura local entra em pauta⁷¹. Se outrora defendera a racionalidade do concreto conjugada à expressão inventiva, tomando como exemplo obras de Niemeyer e Reidy⁷², a revista (já sob comando de Geraldo Ferraz) parece não mais se alinhar com o ponto de vista de Nervi – de defesa das estruturas resistentes pela forma que, ainda que racionais, não eram planas e não excluía as formas curvas, enrugadas ou aparentemente fantasiosas.

Contudo, apesar de tal querela, a ideia do uso exclusivo de critérios técnicos na concepção arquitetônica quase nunca é enunciada, pois, tampouco, tratava-se de negar a arquitetura enquanto prática artística. Discutia-se um ponto de equilíbrio entre praticidade, técnica e forma, sem prejuízo a qualquer

69. GUIMARÃES, Eduardo. “Editorial”, *AD*, 11, mai.jun.1955; VICARI, José V. “Humanismo e arquitetura atual”, *Acrópole*, 206, dez.1955; FERRAZ, Geraldo. “The growth of a new tradition”, *Habitat*, 27, fev.1956; KAUFMAN, Elias. “O aluno e a interpretação da arquitetura”, *AD*, 14, nov.dez.1955.

70. P.ex.: CORONA, Eduardo. “Problemas da nossa arquitetura”, *AD*, 6, jul.ago.1954; WAISSMAN, Marina. “Entrevista”, *Acrópole*, 202, ago.1955; MOREIRA, Jorge Machado. “Palavras de Jorge Machado Moreira”, *Acrópole*, 204, out.1955; “*Habitat* inicia um levantamento...”, *Habitat*, 26, jan.1956; LEVI, Rino. “Pontos de vista sobre a arquitetura atual”, *Habitat*, 56, mai.1956; DUARTE, Hélio. “Considerações sobre arquitetura e educação”, *Acrópole*, 210, abr.1956; BARDI, Pietro Maria. “Arquitetura brasileira”, *Habitat*, 48, mai.jun.1958.

71. NERVI, Pier Luigi. “Resistência pela forma”, *Habitat*, 3, mai.jun.1951; BARDI, Pietro Maria. “Nervi e o concreto”, *Habitat*, 3, mai.jun.1951.

72. BARDI, Lina Bo. “Duas construções de Oscar Niemeyer”, *Habitat*, 2, jan.mar.1951; “O colégio Paraguay- Brasil em assunção”, *Habitat*, 10, jan.mar.1953.

uma destas dimensões da obra e, sobretudo, sem que fosse necessário recorrer aos rígidos princípios do “funcionalismo ortodoxo”, “desumano”, igualmente formal, “frio”, nas palavras de Jorge Wilhelm, Luiz Saia, Aluísio da Rocha Leão ou Zenon Lotufo⁷³. A arquitetura era, afinal, uma arte, e o homem, em sua essência e por necessidade espiritual, imaginativo e criador.

Não é de se estranhar, portanto, que o debate organicista italiano ganhe direito a voz localmente, a partir de 1955. Se, já em 1952, tínhamos notícias esporádicas desta crítica aos princípios universais do CIAMS, em nome da escala humana e suas francas ressalvas à excessiva valorização formal brasileira⁷⁴, a partir deste momento, tanto *Habitat* quanto *Acrópole* – atentas às revistas italianas como *Metron* e *DOMUS* – consideravam, mesmo sem concordar com boa parte de suas premissas, ao menos importante reproduzir tais opiniões e fazê-las circular em meio aos profissionais paulistas.

Assim, à obra de Niemeyer, com “caráter egocêntrico” e sensual, criada a partir de um “frenesi assimétrico” em busca tão somente de “uma extraordinária capacidade plástica”, Natalio David Firszt opunha os conceitos orgânicos pautados pelo espaço habitado pelo homem e seus valores⁷⁵. Da mesma maneira, Marco Zanuso e Roberto Guiducci destacavam o desequilíbrio entre a grande fantasia compositiva e a pequena preocupação do ponto de vista executivo das realizações brasileiras e, no mesmo número em que Giancarlo de Carlo condenava a aceitação passiva da atual condição do homem, ao destacar a linguagem do movimento moderno de seus conteúdos de liberdade e coerência⁷⁶, *Habitat* anunciava a nova publicação *L'Architettura* de Bruno Zevi, para quem:

73. SAIA, Luiz. “Ainda Mies Van der Rohe”, *Acrópole*, 195, dez.1954; WILHEIM, Jorge. “Formalismo”. *Acrópole*, 194, nov.1954; LEÃO, Aluísio da R. “A Arquitetura e a Bienal de São Paulo”, *Habitat*; 23, ago.set. 1955; LOTUFO, Zenon. “Viver com arte”, *Habitat*, 39, fev.1957

74. “Rogers”, *Habitat*, 6, jan.mar.1952; WILHEIM, Jorge. “Jovem brasileiro na Europa”, *Habitat*, 7, mai.jun. 1952.

75. “O irracional na obra de Niemeyer”, *Acrópole*, 197, mar.1955.

76. “Formalismo, continuidade do academicismo”. *Habitat*, 28, mar.1956; “Editorial”, *Acrópole*, 219, jan.1957.

“O movimento moderno, depois de vencer sua batalha linguística, amadureceu e tornou-se perplexo e reflexivo sabendo que sem uma aderência à realidade, sem a consciência íntima da tradição, perderá todo o valor, não obstante suas formas teoricamente perfeitas, mas vazias de sentido”⁷⁷.

Simpáticos a tais preocupações, olhares locais se abrem também para algumas propostas norte-americanas no final da década, sobretudo em torno das considerações de Richard Neutra (e sua arquitetura projetada a partir do homem e de suas possibilidades sensoriais⁷⁸) e Frank Lloyd Wright, já comentado por Zevi e recuperado por Geraldo Ferraz em *Habitat*, visto como representante da “ala da moderna arquitetura contra o funcionalismo e o plástico”, com sua arquitetura viva e orgânica⁷⁹. Um debate oscilante entre o acento organicista e as antigas referências de vanguarda que, no entanto, não se pauta pela adesão a tal ou qual tendência e, sim, pela discussão de valores básicos para a prática, a partir de um retorno à perspectiva do homem comum, de sua psicologia, seus problemas biológicos e sentimentais.

Para José Vicari, esta “atmosfera de crítica”, local e estrangeira, e suas justas observações eram benéficas às necessidades mais urgentes da produção contemporânea brasileira, que já começava a “pecar de algo” no balanço entre a função e a estética, demandando novos rumos e prevenindo uma eventual acomodação acadêmica. Era hora de “nossa renascença” a partir do humanismo, em substituição ao abuso da forma e à pregação de um “dogma inabalável”⁸⁰. Da mesma maneira, Hélio Duarte defendia a arquitetura como “invólucro adequado à vida do homem”⁸¹, a escala humana era recuperada por Abelardo de Souza⁸² e

77. “Rumo a uma livre discussão: Bruno Zevi traça o programa de sua revista L’Architettura”, *Habitat*, 28, mar,1956; ZEVI, Bruno. “Uma discussão aberta”, *Habitat*, 28, mar,1956.

78. NEUTRA, Richard. “Edificações futuras -transcendental assunto humano”, *Acrópole*, 231, jan.1958.

79. FERRAZ, Geraldo. “Posição de Frank Lloyd Wright”, *Habitat*, 53, mar.abr.1959.

80. VICARI, José V. “Humanismo e arquitetura atual”, *Acrópole*, 196, jan.1955.

81. DUARTE, Hélio. “Considerações sobre arquitetura e educação”, *Acrópole*, 210, abr.1956.

82. SOUZA, Abelardo. “Crítica de arquitetura”, *Habitat*, 16, mai.jun.1954.

Eduardo Corona concordava com que muita coisa grave estava por ser resolvida, no momento em que Rubem Braga lamentava:

*“Porque a casa que eu não tenho, eu a quero cercada de muros altos, e quero as paredes bem grossas e quero muitas paredes, e dentro da casa muitas portas com pesadas trancas, e um quarto bem escuro para esconder meus segredos e outro para esconder minha solidão”*⁸³.

Enquanto Aluísio da Rocha Leão saía em defesa da “arquitetura psicossomática” para o conforto do corpo e para o “bem-estar das almas”, em substituição aos “clichês de uma pobreza tremenda” da arquitetura funcional⁸⁴, Gregori Warchavchik – que estabelece nestes anos um frutífero diálogo com Richard Neutra – colocava em oposição a tendência orgânica, atenta aos problemas do país e do homem comum, aos “malabarismos plásticos” que abandonavam progressivamente a escala humana⁸⁵, e, Pietro Maria Bardi, apesar de reconhecer o inegável talento local, repudiava as estranhezas e os espaços inúteis, ao afirmar a arquitetura como um problema moral e social a ser vivido pela média e não pela exceção⁸⁶.

O formalista era criticado por um e por outro. O formalista era ora um, ora outro. A compreensão de tal diálogo e as diferentes posições assumidas por seus interlocutores – que pouco entendimento guardam em torno do flexível, frouxo, maleável termo “formalista” – exigem uma análise própria, já bem percorrida pela historiografia, que pressupõe o cruzamento com a densa rede brasileira de

83. CORONA, Eduardo. “Diálogo em função de Rubem Braga, cidadão e cronista que reclama da arquitetura”, *Acrópole*, 223, mai.1957.

84. LEÃO, Aluísio da R. “A arquitetura e a Bienal de São Paulo”, *Habitat*, 23, ago.set.1955;

LEÃO, Aluísio da R. “Por uma arquitetura psicossomática”, *Habitat*, 24, out.nov.1955.

85. WARCHAVCHIK, Gregori. “Importância e diretivas da arquitetura brasileira”, *Acrópole*, 232, fev.1958.

86. BARDI, Pietro Maria. “Arquitetura brasileira”, *Habitat*, 48, mai.jun.1958.

perspectivas teóricas e políticas destes anos 1950, para além do debate restrito ao campo da arquitetura⁸⁷.

Se, de um lado, aqui nos interessa ressaltar a falta de consenso, de outro, é notável que a unanimidade ao redor da “arquitetura moderna brasileira” de raiz “carioca” – agora alvo de olhares críticos – desfazia-se. Paulatinamente, a tomada de distância percebida inicialmente se transforma em um afastamento intencional que, no entanto, poucas certezas guardava dos novos caminhos a serem seguidos. Em São Paulo, em um momento de relativa independência profissional em decorrência do alargamento do número de arquitetos, da estruturação das novas faculdades e da consolidação do IAB, é perceptível a formação de um grupo de arquitetos locais modernos que, ainda que não alinhados claramente em torno de outro partido, distanciam-se do modelo que em meados dos anos 1940 fora eleito como principal mote para uma aglutinação local.

Em um primeiro momento, menos conciliadores e em menor número nas revistas especializadas paulistas, alguns profissionais cariocas, como Firmino Saldanha e Joaquim Cardozo, assumem certo descaso frente a tais críticas locais e estrangeiras, refletindo em parte a postura de Oscar Niemeyer na revista *Módulo*, que já em seus primeiros números de 1955 responde a tais questionamentos⁸⁸. Contudo, entrelaçadas por argumentos similares, tais respostas (que saem em defesa do espírito de invenção e da importância da luta contra o “construtivismo inoperante” e o “medo estético”, essenciais para o desenvolvimento da produção

87. Por exemplo: AMARAL, Aracy A. *Arte para quê? a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970 : subsídio para uma história social da arte no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 2003; WISNIK, Guilherme. *Formalismo e tradição: a arquitetura moderna brasileira e sua recepção crítica*. São Paulo: FFLCH/USP, 2003; KAMITA, João M. “O Formalismo como modo de pensar a forma”. In: *I Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*. Rio de Janeiro: ANPARQ, 2010.

88. “Crítica da arquitetura brasileira”, *Módulo*, 1, mar.1955; “Oscar Niemeyer em foco”, *Acrópole*, 230, dez.1957.

nacional consagrada⁸⁹⁾ não significam que esta produção carioca tenha se mantido “imune” a este ambiente crítico, que se faz muito mais presente nas revistas especializadas paulistas.

Por exemplo, se alguns aspectos da obra arquitetônica de Niemeyer, principal alvo das críticas, respondem imediatamente a tais questionamentos (assumindo, na leitura da historiografia, uma composição mais concisa e rigorosa⁹⁰⁾, esta reação também inaugura uma reflexão escrita sistemática a partir de sua primeira resposta publicada em *Módulo*⁹¹. Apesar de publicizar inicialmente certo desdém, o caminho assumido por seus textos demonstra uma contínua quebra da impermeabilidade, culminando na já famosa autocrítica publicada em *Módulo* e posteriormente em *Acrópole*, em 1958, na qual anuncia uma nova etapa de trabalho a partir da procura constante de concisão e pureza e de maior atenção para “os problemas fundamentais” da arquitetura, com o estabelecimento de normas que buscassem a simplificação da forma plástica e o seu equilíbrio com os problemas funcionais e construtivos, sem, no entanto, recorrer ao falso purismo⁹². Ao relacionar a falta de lastro social para a arquitetura e sua postura anterior de certo desânimo e negligência, que resultara em uma tendência excessiva para a originalidade, Niemeyer anunciava a redução de seus trabalhos, sobretudo daqueles atrelados à iniciativa imobiliária, em grande parte incentivadora de tal exagero.

89. SALDANHA, Firmino. “Algumas considerações sobre a arquitetura moderna no Brasil”, *AD*, 5, mai.jun.1954; CARDOZO, Joaquim. “Arquitetura no Parque Ibirapuera”, *Habitat*, 16, mai.jun.1954; CARDOZO, Joaquim. “Como Paraninfo dos arquitetos de 1956, em Recife, Joaquim Cardozo elabora uma das mais belas páginas sobre arquitetura”, *Acrópole*, 220, fev.1957.

90. QUEIROZ, Rodrigo C. *Oscar Niemeyer e Le Corbusier: encontros*. São Paulo: FAUUSP, 2007.

91. PEREIRA, Miguel A. *Arquitetura, texto e contexto: o discurso de Oscar Niemeyer*. Brasília: UNB, 1997.

92. NIEMEYER, Oscar. “Depoimento”, *Módulo*, 9, fev.1958. Republicado em *Acrópole*, 237, jul.1958.

Mais do que simplesmente republicar o artigo – diga-se de passagem, uma prática não muito recorrente de *Acrópole* neste momento, o que atesta o interesse em seu conteúdo –, este Depoimento vem acompanhado da opinião de Vilanova Artigas, que em “Revisão crítica de Niemeyer” reporta sua grande repercussão nos meios artísticos paulistas, em particular “entre os arquitetos progressistas”⁹³. Para o arquiteto, que já neste momento assumia um papel de relevo no meio profissional e de ensino, esta manifestação marcava uma confiança no destino da cultura e da produção arquitetônica nacional e anunciava o ponto de partida para uma nova fase de seu desenvolvimento, ao se projetar no plano da manifestação cultural⁹⁴.

Artigas, desde 1954, substituíra seu discurso contundente em relação à arquitetura moderna por uma posição mais conciliatória e, mesmo reconhecendo grandes diferenças quanto às opções estéticas e políticas dos profissionais brasileiros, passava a defender a formação de uma “frente-única”, capaz de fazer face à envergadura dos problemas e potencialidades nacionais. Ao menos é isso o que se constata em textos como “Considerações sobre Arquitetura Brasileira” e “Aos Jovens Arquitetos”, ambos publicados na revista *AD* naqueles anos⁹⁵. Nesta resposta a Niemeyer, celebrava sua manifestação que, a seu ver, unia os arquitetos brasileiros e marcava o início de uma nova fase do embate pela independência e alcance da atuação profissional.

É sem dúvida um episódio que simboliza um ponto de inflexão nesta tensão crescente ao longo dos anos 1950. Curiosamente, a união proposta pela resposta de Artigas se estabelece nos últimos anos da década e, ainda que diferenças projetuais e políticas permaneçam, elas perdem importância no debate e raramente se explicitam, provavelmente devido às novas coordenadas políticas e econômicas que conduziam a uma aliança implícita de grupos diversos ao redor de determinadas estratégias de desenvolvimento nacional. De fato, se as revistas passam a analisar, com olhos mais generosos, as recentes obras do arqui-

93. NIEMEYER, Oscar. “Depoimento”, *Acrópole*, 237, jul.1958.

94. ARTIGAS, J. Vilanova. “Revisão crítica de Niemeyer”, *Acrópole*, 237, jul.1958.

95. ARTIGAS, J. Vilanova. “Considerações sobre arquitetura Brasileira”, *AD*, 7, set.out.1954;
ARTIGAS, J. Vilanova. “Aos jovens arquitetos”, *AD*, 17 mai.jun.1956.

teto carioca (cada vez mais publicadas com a aceleração das obras de Brasília), diminuem sensivelmente sua querela em torno do formalismo, que, ao final de 1950, perde intensidade.

Esta nova possibilidade de atuação profissional, com maior escopo e escala, faz com que o aumento de estudos e espaços de debate do problema da habitação e do crescimento urbano e regional corresponda à diminuição do debate de diretrizes projetuais. Os arquitetos, já sob uma organização mais forte de classe, passam então a defender propostas diversas de enfrentamento da questão, sempre em resposta à urgente necessidade de melhores condições de vida em esfera nacional. Assim, se desde o IV Congresso se processa uma nova coesão profissional ao redor do embate por um novo alcance social de sua prática, este debate se intensifica ao longo da segunda metade dos anos 1950.

Uma nova aderência social da produção contemporânea seria por si só a resolução para a falta de rigor ideológico e as soluções puramente formais até então adotadas. Frente ao agravamento dos problemas sociais em todo o país, tratava-se de superar a atuação superficial do arquitetos, desfazendo seu vínculo estreito com os desejos e pretensões da classe dirigente, a partir de uma reunião profissional, ainda que sob muitas divergências políticas, em torno da luta por um alcance real da arquitetura em sintonia com o debate da classe internacionalmente⁹⁶.

Para isso, a emancipação do arquiteto se torna ponto central nas reivindicações, sem a qual uma atuação efetiva seria comprometida⁹⁷. Tal regulamentação autônoma (que não se concretiza) surge atrelada a um novo fôlego acerca dos debates estudantis, que reivindicavam novas frentes para o ensino e para a atuação dos jovens formados. Os estudantes, reunidos em torno do Bureau Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo (BNEAU), buscavam assentar o “incerto”

96. “O Próximo Congresso da União Internacional dos arquitetos”, *AD*, 9, jan.fev.1955; FERRAZ, Geraldo. “Meditação de fim de ano”, *Habitat*, 25, dez.1955; LEVI, Rino. “Pontos de vista sobre a arquitetura atual”, *Habitat*, 30.mai.1956.

97. LEVI, Rino. “Rino Levi paraninfou os arquitetos gaúchos de 58”, *Acrópole*, 242, dez.1958.; LEVI, Rino. “Considerações sobre a lei que regulamenta a profissão do arquiteto”, *Habitat*, 52, jan.fev.1959.

futuro da arquitetura moderna brasileira “em bases realmente consistentes”⁹⁸. Regulamentação profissional, função social do arquiteto, o problema da habitação, as reformas urbana e agrária são temas intrinsecamente relacionados – como se pode verificar nos debates do V Congresso Brasileiro de Arquitetos, realizado em 1957 – e discutidos em todas as revistas paulistas, incluindo *Bem Estar*, que iniciava suas atividades em 1958⁹⁹.

O início dos anos 1960 representa um momento ímpar na autocrítica da produção arquitetônica nacional e no envolvimento do IAB com o debate das políticas públicas e da questão habitacional no Brasil¹⁰⁰. Nestes anos de luta por reformas sociais no país, de intensa politização dos arquitetos em paralelo ao crescente predomínio da esquerda nos setores de criação cultural¹⁰¹, em que se abrem novas possibilidades para um caráter público da atividade crítica, o debate em torno de parâmetros para o projeto arquitetônico se torna quase nulo – o que não se reflete, como veremos no capítulo seguinte, na ausência desta reflexão na prática projetual. Um interregno que se encerrará em 1964, quando, inversamente, reinicia-se um novo debate acerca das possibilidades e limitações do “desenho”, simbolizado em São Paulo pelo embate entre Artigas e o grupo de Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre e Flávio Império¹⁰².

98. “Editorial”. *Habitat*, jan.fev.1958.

99. FERRAZ, Geraldo. “Arquitetura moderna no Brasil”, *Habitat*, 43, jul.ago.1957; “Perspectivas para arquitetos”, *Habitat*, 51, nov.dez.1958; CORONA, Eduardo. “Arquitetura, arte sem ismos”, *AD*, 15, jan.fev.1956.

100. “Habitação e planejamento”, *Habitat*, 61, jul.ago.1960; Ver tb.: SOUZA, Diego Beja Inglez de. *Reconstruindo Cajueiro Seco: arquitetura, política social e cultura popular em Pernambuco (1960-1964)*. São Paulo: Annablume, 2010.

101. SCHWARZ, Roberto. “Cultura e Política 1964-1969” em *O Pai de família*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

102. Um tema já enfrentado amplamente pela historiografia da arquitetura brasileira, pois, de fato, dele decorrerá a defesa de posturas diferentes frente à atuação profissional do arquiteto, por exemplo: ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões*. São Paulo: Editora 34, 2002; KOURY, Ana Paula. *Grupo arquitetura nova: Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro*. São Paulo: Romano Guerra, EDUSP, FAPESP, 2003.

Paralelamente a este debate entre forma e sociedade, outros dois focos de atenção da crítica nas revistas especializadas merecem ser abordados: a emergência de uma historiografia atenta à tradição construída paulista, que aponta para uma revisão da leitura canônica acerca das origens da produção contemporânea, e o discurso da técnica que, dentro o debate do desenho industrial e da industrialização da construção, parece também sacudir os elementos até então tomados como parâmetros para a prática arquitetônica.

2.4 DISPUTAS PELO PASSADO

Até meados dos anos 1940, é notável o silêncio ante o passado nacional nas revistas especializadas locais, que não publicam qualquer reportagem dedicada ao patrimônio construído brasileiro ou às suas relações com a produção de arquitetura. Mas se, contudo, tal silêncio convive com o prestígio da produção eclética no interior dos periódicos, a emergência gradual de uma atitude moderna frente à arquitetura parece reverberar em um crescente interesse pela herança construída brasileira, a partir de outros princípios que não o uso eclético da história. Como vimos, na disputa pela legitimação de uma linguagem arquitetônica nacional e pela construção simbólica do passado, em sintonia com as explicações do Brasil então produzidas pelas ciências sociais em constituição, difunde-se um olhar afinado com o elo traçado por Lucio Costa entre moderno e tradicional, com a valorização da “boa tradição” – colonial ¹⁰³.

103. CAVALCANTI, Lauro. *As preocupações do belo: arquitetura moderna brasileira nos anos 30/40*. Rio de Janeiro: Taurus, 1995; PESSOA, José; VASCONCELLOS, E.; REIS, E.; LOBO, M.(Org.). *Moderno e Nacional*. Niterói: EdUFF, 2006; PESSÔA, José (Org.). *Lucio Costa: Documentos de trabalho*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999; Lira, José Tavares Correia de. *Mocambo e cidade: regionalismo na arquitetura e ordenação do espaço habitado*. São Paulo: FAUUSP, 1997; Recamán, Luiz. *Por uma arquitetura brasileira*. São Paulo: FFLCH, 1995; RUBINO, Silvana. *As fachadas da história: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1968*. Campinas: IFCH, 1992; LEONÍDIO, Otávio. *Carradas de Razões. Lucio Costa e a arquitetura moderna brasileira (1924-1951)*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2005.

Como se sabe, naquele momento de redemocratização e de pós-guerra e em meio à promoção do arquiteto como ator privilegiado na construção do país e de sua identidade, a renovação arquitetônica nacional em sua vertente carioca fora elevada ao posto de representante da cultura brasileira, nacional e internacionalmente, e passava a ser vista por muitos como uma das mais adiantadas manifestações da inteligência nacional. Em São Paulo, tal representação faria eco: atenta aos problemas locais e inspirada na “poesia íntima de nossa terra”, constituíra-se uma “escola brasileira” de arquitetura que, ao seguir seu “verdadeiro caminho”, guiada pelo “espírito inquieto” de pesquisa incessante, permitira a emancipação local da má influência estrangeira, representada pela arquitetura do século XIX¹⁰⁴.

Tal argumentação em torno da relação entre a herança tradicional e a produção contemporânea se liga intimamente ao embate pelo estabelecimento em São Paulo de uma arquitetura moderna. Mas ela não chega a alcançar grande importância na crítica especializada, perdendo força em *Acrópole*, no final dos anos 1940, e sendo somente recuperada na fase inicial de *Habitat*, já sob novo enfoque. Seja no caso do edifício, do mobiliário, das artes plásticas, da tapeçaria, da moda, do cinema, do teatro ou da música, a arte divulgada pela nova revista será frequentemente entrelaçada a princípios extraídos de modos de vivência históricos e, sobretudo, populares. Ao idealizar uma ampla construção da cultura, clamava-se pelo respeito ao antigo que deveria se tornar fato concreto e aspiração moral, sem, no entanto, atuar como modelo imediato para a prática projetual¹⁰⁵.

Ao lado do aumento dos relatos de viagens, de reportagens fotográficas e textos de documentação das construções históricas, *Habitat* traz a preocupação com a salvaguarda do ambiente construído frente à “ânsia incontida” do cres-

104. Como vimos, trata-se de uma leitura presente em vários autores: CARDIM FL., Carlos Gomes. “Por que arquitetura moderna?”, *Acrópole*, 121, mai.1948; MINDLIN, Henrique. “Verdade e Mentira em Arquitetura”, *Acrópole*, 124, ago.1948; PICCHIA, Menotti del. “Da Arquitetura”, *Acrópole*, 145, mai.1950; BARDI, Lina Bo. “Bela Criança”, *Habitat*, 2, jan.mar.1951; SOUZA, Abelardo. “Nossa Arquitetura”, *Habitat*, 2, jan.mar.1951; “Tradição”, *Habitat*, 3, mai.jun.1951.

105. “Prefácio”, *Habitat*, 1, out.dez.1950.

cimento urbano, sem, contudo, eleger tal ou qual arquitetura como referência¹⁰⁶. Neste movimento, emergem apelos pela conservação dos exemplares de uma possível identidade paulista, sobretudo dos que até então não eram considerados dignos de preservação, fosse ele erudito – como o floreal – ou suburbano¹⁰⁷. Era urgente a documentação dos últimos exemplares ao alcance do fotógrafo, pois, para a publicação, a história da arquitetura de São Paulo ainda estava por ser escrita¹⁰⁸.

Ao lado de notas sobre atividades de grupos locais de estudo da arquitetura tradicional – como o CEF da FAUUSP, criado em 1949¹⁰⁹ –, surgem questionamentos ainda tímidos acerca das características eleitas pela historiografia como exemplares na evolução arquitetônica brasileira que, até então, mantinha-se indiferente às particularidades paulistas. Mesmo publicações como *Brazil Builds*, “considerada excelente sobre a nossa evolução arquitetônica”, eram criticadas por não mencionarem as peculiaridades paulistas e menosprezarem os “pobres” exemplares seiscentistas e a arquitetura “reeuropeizada” do século XIX¹¹⁰.

De fato, a constatação local da ineficiência federal em preservar as construções que, então, começavam a ter seu valor recuperado para a cultura paulista toma corpo em ações públicas pela criação de instâncias regionais de proteção, como o SPHAN do Município de São Paulo e a Lei Estadual para Preservação dos Monumentos e Lugares Históricos, ambas saudadas nas publicações¹¹¹. Tratava-se de chamar atenção para o descuido com as reservas históricas e artísticas da cidade e do estado de São Paulo - apesar do trabalho desenvolvido por Mário de

106. Por exemplo: FERRAZ, Geraldo. “Recife”, *Habitat*, 3, mai.jun.1951; BATINI, Tito. “A senhora Odonais em águas do Amazonas”, *Habitat*, 4, jul.set. 1951; “Uma estudante em Viagem”, *Habitat*, 8, jul.set. 1952; “Nossa antiga São Paulo”, *Habitat*, 13, dez.1953; “A Fortaleza do Macapá”, *Habitat*, 13, dez.1953;

107. “Um museu do estilo floreal em São Paulo?”, *Habitat*, 1, out.dez.1950.

108. “Álbum de fotografia”, *Habitat*, 4, jul.set. 1951.

109. “GFAU”, *Habitat*, 1, out.dez.1950. Ver tb.: SODRÉ, João. *Arquitetura e Viagens de Formação pelo Brasil (1938-1962)*. São Paulo: FAUUSP, 2010.

110. PRADO, J. F. de Almeida. “Arquitetos de São Paulo em 1880”, *Habitat*, 3, mai.jun.1951.

111. “Patrimônio”, *Habitat*, 5, out.dez. 1951; “Preservação dos monumentos e lugares históricos de São Paulo”, *Acrópole*, 157, mai.1951.

Andrade desde 1936, na regional local do SPHAN, elaborando o recenseamento das construções de interesse no Estado de São Paulo, a pedido de Rodrigo Mello Franco de Andrade¹¹².

Ao eclodir a querela acerca da valorização formal da produção brasileira e de seu descolamento da realidade sócio-cultural do país, *Acrópole* se aproxima de *Habitat* na defesa de uma nova reflexão histórica, ao proporem uma ação pedagógica metódica capaz de levar a cultura para um campo “efetivo e vivo”¹¹³. Mais do que uma iniciativa restrita às publicações paulistas, o vínculo entre arquitetura e tradição deslancha um debate de grande alcance e pouco consenso, discutido quase sempre politicamente a partir de sua relação com a construção e defesa de uma expressão nacional. Como vimos anteriormente, não é coincidência que o IV Congresso Brasileiro de Arquitetos o tenha eleito como um de seus grande temas, debatendo-o justamente na sessão mais frequentada e calorosa.

Partindo do pressuposto da ausência de raízes na produção arquitetônica contemporânea, são lançadas iniciativas, nem sempre de grande fôlego, que buscam sistematizar informações e subsidiar um trabalho consistente com o material histórico capaz de frear o impulso de superação e novidade em voga¹¹⁴. Listamos, por exemplo, a *Enciclopédia Brasileira* e os *Quatro séculos de arte paulista em verbetes condensados* propostos por *Habitat*; a tradução de *O Vignola Brasileiro* por AD; as pequenas notas históricas que curiosamente se iniciam com a *Missão Francesa*; o *Dicionário da Arquitetura Brasileira*, elaborado por Eduardo Corona e Carlos Lemos e a série *Conheçamos o Brasil* de Adhemar Chaves – todos publicados em *Acrópole*¹¹⁵.

112. ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1946)*. Rio de Janeiro: MEC/SPHAN/ Pró-Memória, 1981.

113. “Por uma Enciclopédia Brasileira”, *Habitat*, 9, out.dez. 1952.

114. “Corpus do Barroco”, *Habitat*, 6, jan.mar. 1952.

115. “Quatro séculos de arte paulista em verbetes condensados”, *Habitat*, 16, mai.jun.1954; FINA, Wilson M. “O Vignola Brasileiro(I)”, *AD*, 7, set.out.1954; FINA, Wilson M. “O Vignola Brasileiro(II)”, *AD*, 8, nov.dez. 1954 ; “Editorial”, *Acrópole*, 222, abr.1957 ; “Conheçamos o Brasil”, *Acrópole*, 254, dez.1959; “Por uma Enciclopédia Brasileira”, *Habitat*, 9, out.dez.1952; “A missão francesa”, *Acrópole*, 188, mai.1954.

Atenta a produções específicas, aos poucos emerge uma historiografia local inaugurada nas revistas por Flavio Motta com “São Paulo e o Art Nouveau”, publicado por *Habitat* em 1953, no qual o autor reconstitui panoramicamente a história do movimento na Europa, a importação deste gosto e seu desenvolvimento no Brasil, alinhavando suas contribuições à evolução da cultura local¹¹⁶. Um campo de atuação que se ampliará consideravelmente ao longo dos anos 1950 e que se ligava, segundo Motta, a um investimento de revisão historiográfica que pretendia desdobrar o entendimento da arte brasileira para além da pauta exclusiva do barroco:

*“Em São Paulo, como restam apenas poucos exemplares de arquitetura dos séculos XVI, XVII e XVIII, a Diretoria [do Iphan] tornou-se, por consequência, um órgão de ação restrita. Todavia – apesar das inúmeras dificuldades de ordem material e de ordem administrativa – não se justifica o descuido e o desinteresse na apreciação dos monumentos em outros estilos, que influíram sensivelmente na formação artística do país”*¹¹⁷

Mais do que resgatar uma produção até então desprezada, Motta lança um novo olhar interpretativo para o Art-Nouveau, relacionando-o ao desenvolvimento da produção contemporânea enquanto primeira manifestação de liberdade inventiva das soluções até então baseadas em cópias e repetições¹¹⁸. Estes primeiros passos locais, de revisão da narrativa que entrelaçava a produção contemporânea e a herança colonial, abrem para alguns arquitetos paulistas novos eixos de estudo histórico. Na medida em que *Habitat* diminui paulatinamente seu

116. MOTTA, Flavio. “São Paulo e o ‘Art Nouveau’”, *Habitat*, 10, jan.mar.1953.

117. Ibidem, p.3. Posteriormente esta pesquisa foi desenvolvida como tese para concurso de Cátedra na FAUUSP: MOTTA, Flavio. *Contribuição ao estudo do Art-Nouveau no Brasil*. São Paulo: FAUUSP, 1957.

118. Era o início de um “projeto educativo” de Flavio Motta – e não só dele como demonstram as iniciativas do próprio MASP, ao qual ele então se vinculava - que buscava, mais do que traçar uma narrativa linear isenta, mobilizar a perspectiva histórica e estética do estudo da arte para compreender e debater questões contemporâneas. BRAGA, Juliana. *Ver não é só ver. Dois estudos a partir de Flavio Motta*. São Paulo. 2010. pp.48-91.

interesse pelo assunto – com a entrada de Geraldo Ferraz que concentrará suas forças em outra briga historiográfica – *Acrópole* se torna o principal veículo de estudos a respeito de uma arquitetura tradicional local, cada vez mais vinculada à experiência bandeirista.

De fato, frente à percepção de um impasse na produção contemporânea, Luiz Saia¹¹⁹ inaugura um novo eixo de interesse na revista, com a publicação, em 1955, de “Notas sobre a evolução da morada paulista” e “A Casa Bandeirista: uma interpretação”. Ao investir no entendimento do desenvolvimento local e de sua arquitetura através de vínculos econômicos, políticos e sociais, o autor propunha ultrapassar as análises estanques e puramente formais, esperando

119. Luiz Saia (São Carlos, 1911 – São Paulo, 1975). Formado engenheiro-arquiteto pela Politécnica da USP em 1948. Chefiou em 1937 a missão de pesquisa folclórica ao norte e nordeste do país. Vincula-se ao IPHAN desde a sua fundação até seu falecimento, dirigindo-o a partir de 1946 (XAVIER, Alberto (org.). *Depoimentos de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: CosacNaify, 2003)

20
"A casa bandeirista" de
Luiz Saia, publicado por
Habitat em dezembro
de 1955.

21
"Capela e residência
dos Jesuítas em Embu",
estudo do GFAU,
publicado por Acrópole
em 1962.

assim possibilitar a superação da postura “balbuciente” e socialmente inócua dos arquitetos paulistas que, para ele, encontravam-se em um encruzilhada na busca desesperada pela forma, a partir do uso de elementos plásticos que “incidentalmente” serviram a alguns projetos nacionais bem sucedidos¹²⁰. Luiz Saia buscaria comprovar que, para além de sua importância documental, existiria um alto nível artístico na experiência construtiva local (até então desprezada por sua falta de “riqueza plástica”), decorrente das “especialíssimas” condições de formação regional¹²¹.

Se, desde 1944, Saia pioneiramente se detinha sobre as especificidades das residências rurais paulistas do século XVI, não é possível dissociar a expansão deste interesse dos eventos comemorativos do IV Centenário paulistano, nos quais estas casas passam a se vincular simbolicamente ao mito do bandeirante¹²². Com efeito, se os meios intelectuais e artísticos do estado discutiam, desde fins do século XIX, a construção de uma leitura específica das características locais, estes anos intensificam o forjamento de uma identidade paulista que, longe de ser consensual, unia de maneira tensa o apelo ao passado e a projeção ao futuro¹²³.

Curiosamente, na segunda metade dos anos 1950, à medida que o mito do bandeirante dá sinais de esgotamento, diluindo-se na visão generalizante promovida pelo progresso, as reportagens que se lançam ao estudo da arquitetura tradicional paulista aumentam consideravelmente – com ainda mais oportunidades de divulgação a partir do lançamento de *Bem Estar*, de Gustavo

120. SAIA, Luiz. “Notas sobre a evolução da morada paulista”, *Acrópole*, 201-208, jul.1955-fev.1956.

121. SAIA, Luiz. “A casa bandeirista”, *Habitat*, 25, dez.1955.

122. MAYUMI, Lia. *Taipa, Canela-preta e Concreto. Estudo sobre o restauro de casas bandeiristas*. São Paulo: Romano Guerra, 2008; SODRÉ, João. “Viagem e repartição: Luiz Saia e o fazer histórico” In: *I Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*. Rio de Janeiro: ANPARQ, 2010.

123. MARINS, Paulo César Garcez. O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista, *Anais do Museu Paulista*, 6/7, 1998-1999. p.9-36

Neves da Rocha, que dará amplo espaço para a discussão do tema¹²⁴. A partir do contexto de afirmação e especialização disciplinar, os arquitetos começam a enveredar por outros caminhos, aprofundando as suas relações com as outras artes, inserindo-se no campo mais amplo da cultura e interessando-se por suas matrizes históricas.

As teses propostas por Saia repercutem em alguns arquitetos formados nesta década de 1950 e é a partir deles – particularmente Júlio Katinsky e Carlos Lemos – que serão questionadas, inclusive em *Acrópole*, tendo em vista a ampliação das fontes documentais e o precoce ingresso destes profissionais na carreira docente, o que lhes possibilitará o desenvolvimento das pesquisas no âmbito acadêmico¹²⁵. É ao mesmo tempo notável a convergência de interesses entre as iniciativas estudantis extracurriculares da FAUUSP e o debate travado na revista, que publicará sequencialmente, no início dos anos 1960, os estudos desenvolvidos pelo GFAU sobre construções tradicionais paulistas¹²⁶.

124. Por exemplo: POLETTI, Humberto Galimberti. “Na alçada das realizações jesuíticas em São Paulo”, *Habitat*, 51, nov.dez.1958; “Croquis dos Fatos”, *Acrópole*, 231, jan.1958; CHAVES, Adhemar. “As ruínas históricas de Bertioga”, *Acrópole*, 266, dez.1960.

125. Em *Acrópole*, Lemos assumirá um papel de destaque. Ao estudar as especificidades locais, colocará em questão os limites do recorte geográfico, questionando a procedência exclusiva de elementos de composição arquitetônica e travando um interessante debate com Saia. LEMOS, Carlos. “Outra casa velha”. *Acrópole*, 245, mar.1959; LEMOS, Carlos. “Casas alpendradas de São Paulo”. *Acrópole*, 260-261, jun.1960; LEMOS, Carlos. “Iporanga”. *Acrópole*, 221, mar.1957; LEMOS, Carlos. “A capela de Ivaporunduva”. *Acrópole*, 219, jan.1957; LEMOS, Carlos. “Partido arquitetônico paulista em Goiás”. *Acrópole*, 274, set.1961; LEMOS, Carlos. “A casa bandeirista nos inventários do segundo século”. *Acrópole*, 228, out.1957; LEMOS, Carlos. “A Casa grande de Brigadeiro Tobias”. *Acrópole*, 238, ago.1958; LEMOS, Carlos. “Notícia de documento interessante”. *Acrópole*, 243, jan.1959.

126. GFAU. “Capela e residência dos jesuítas de Embu”. *Acrópole*, 284, jul.1962; GFAU. “Capela e residência dos jesuítas de Embu”. *Acrópole*, 285, ago.1962; GFAU. “Capela de São Miguel”. *Acrópole*, 287, out.1962; GFAU. “Casa grande e capela do sítio de S. Antonio”. *Acrópole*, 289, dez.1962; GFAU. “A aldeia de Carapicuíba”. *Acrópole*, 291, fev.1963; GFAU. “Casa grande do sítio do Padre Inácio”. *Acrópole*, 294, mai.1963; GFAU. “Engenhos de Ilhabela”. *Acrópole*, 302, jan.1964.

Com a abertura das duas primeiras faculdades de arquitetura em São Paulo, no final da década de 40, ampliara-se o quadro de profissionais e a especificidade do tipo de trabalho sob sua competência, abrindo espaço para um desenvolvimento significativo da história da arquitetura e do urbanismo da cidade, como os já citados trabalhos de Flavio Motta, Carlos Lemos, Júlio Katinsky ou ainda o de Benedito Lima de Toledo e Nestor Goulart Reis Filho¹²⁷. Esta nova produção, mais regular e numerosa, contribui para a construção de um campo local de atuação para o arquiteto historiador que, aos poucos, assume autonomia para percorrer temas e debates próprios e propor novos objetos, materiais e métodos¹²⁸.

Contudo, são olhares ainda voltados para a arquitetura tradicional, que pouco se lançam na análise histórica do momento de renovação arquitetônica da primeira metade do século. Salvo raras exceções, são poucos os trabalhos que investem em uma interpretação de maior fôlego da história da produção moderna local. Ainda extremamente permeadas pelos argumentos do embate travado pela renovação das referências arquitetônicas, as leituras se revestem de um temperamento crítico e são ainda, em sua grande maioria, apoiadas na narrativa de Lucio Costa, reconhecido frequentemente como o grande formulador e intérprete desta produção¹²⁹. Isto ocorre de tal modo que uma mesma matriz interpretativa – que não delegava, entre os principais fatos, obras e personagens eleitos, qualquer importância de maior peso às movimentações paulistas – será, inclusive nas revistas locais, reafirmada ao longo dos anos 1950 pelas críticas, pelos relatos de diversas

127. REIS FILHO, Nestor Goulart. “O campo da Arquitetura e do Urbanismo” in *Cadernos de História de São Paulo*, 1, São Paulo, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1992, p. 11.

128. Como indica o anteprojeto de Lei para criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de São Paulo em 1958 que, muito além de completar as lacunas que o SPHAN não conseguira preencher devido à falta de verba, propunha estabelecer uma independência de diretrizes. LEMOS, Carlos. “Serviço do patrimônio histórico e artístico do Estado de São Paulo”. *Acrópole*, 231, jan.1958.

129. BARDI, Pietro Maria. “Arquitetura Brasileira”, *Habitat*, 48, mai.jun.1958; CORONA, Eduardo. “O Livro de Lucio Costa”, *Acrópole*, 294, mai.1963.

exposições de arquitetura brasileira, no país e no exterior, e pelo lançamento de “Modern Architecture in Brazil”, de Henrique Mindlin, amplamente noticiado¹³⁰.

Trabalhos que se lançam a uma revisão de tal narrativa historiográfica a partir de pesquisas de maior fôlego da produção moderna paulista são ainda raros neste momento. Nas revistas estudadas, podemos elencar “A Arquitetura em São Paulo”, artigo já citado de Roberto Cerqueira César – publicado em janeiro de 1954, em *Acrópole*, no número introdutório da II Exposição Internacional de Arquitetura e que não se afasta das argumentações propostas pela leituras estabelecidas –, e o trabalho empreendido por Geraldo Ferraz durante toda a sua atuação em *Habitat* que, em artigos esparsos e nas séries “Individualidades da arquitetura brasileira” e “Novos Valores da Arquitetura Brasileira”, propõe uma análise histórica da trajetória de profissionais singulares, inserindo suas atuações e obras no quadro da cultura.

Ao lado da constante dedicação à obra de Warchavchik e sua infatigável luta pela reivindicação de um justo lugar para ela nas narrativas históricas, há um esforço sistemático de análise das questões arquitetônicas que envolviam a cidade e o fazer dos arquitetos sob um olhar histórico, sem também propor propriamente um novo eixo interpretativo. Ferraz, ao analisar as trajetórias de Warchavchik, Reidy, Rino Levi, irmãos Roberto, Lúcio Costa e Burle Marx – as “individualidades” – buscava iniciar um “balanço” do período de renovação da arquitetura brasileira, procurando iluminar os aspectos pessoais e coletivos destas contribuições, através de um critério cronológico e de uma “rigorosa objetividade”. Ainda que a seleção destes protagonistas tenha se dado, segundo Ferraz, de modo “arbitrário”, não é desprezível (já que em meio ao debate sobre a valorização formal) que suas atuações tenham sido olhadas a partir de dois eixos constantes: suas preocupações urbanísticas, e suas inclinações ao espírito

130. “Exposições itinerantes de arquitetura brasileira no exterior”, *Habitat*, 52, jan.fev.1959; CORONA, Eduardo. “Divulgação da arquitetura brasileira”, *Acrópole*, 313, jan.1965; FERRAZ, Geraldo. “Arquitetura moderna no Brasil”, *Habitat*, 43, jul.ago.1957.

22
 "A arquitetura em
 São Paulo" de Roberto
 Cerqueira César,
 publicado em 1954 por
 Acrópole.

23
 "Individualidades
 na história da atual
 arquitetura no Brasil -
 Rino Levi" de Geraldo
 Ferraz, publicado em
 1956, por Habitat.

de pesquisa, à uma orientação construtiva e correta da construção, modesta e quase sempre avessa aos arroubos formais¹³¹.

Em 1957, embora reconhecesse a limitação de seu panorama – lembrando as ausências de Oscar Niemeyer, Jorge Machado Moreira, Vital Brasil e “poucos mais” – Ferraz considerava mais importante passar para uma segunda série: a investigação de “novos valores na arquitetura brasileira” (neste caso, Abelardo de Souza e Oswaldo Bratke) que prosseguiam pelos caminhos já abertos e que dariam a contribuição mais efetiva para esta nova fase da atividade profissional no país. Neste sentido, Ferraz dava contornos a uma nova etapa da arquitetura contemporânea nacional, situando o trabalho das “individualidades” na história e abrindo espaço para estas outras atuações que, livres da necessidade de polêmica e de embate estilístico, podiam se dedicar ao estabelecimento mais amplo, consistente e enraizado da prática¹³².

Ao tomar distância desta produção pioneira da primeira metade do século, Ferraz se abria para o entendimento de outras atuações, com novas e diferenciadas perspectivas. Neste sentido, trava certo diálogo com as intenções historiográficas que tomarão forma ao redor dos anos 1960 e que se anunciam nos artigos de Luiz Saia, “Arquitetura Paulista”, e de Flavio Motta, “Rapporto Brasile” (cujas diferenças e contribuições tivemos a oportunidade de discutir brevemente na introdução). São leituras que dão sinais da emergência de uma nova matriz interpretativa, que trazia à luz uma arquitetura paulista, agora coletiva e autônoma, e que, contudo, não ressoará ainda nas revistas especializadas, pelo menos ao longo de nosso recorte temporal¹³³.

131. São publicados: sobre Gregori Warchavchik em março de 1956; Affonso Reidy em abril de 1956; Rino Levi em maio de 1956; MMM Roberto em junho de 1956; Lucio Costa em outubro de 1956; Roberto Burle Marx em novembro de 1956.

132. O número sobre Abelardo de Souza é publicado em fevereiro e sobre Bratke em novembro de 1957.

133. SAIA, Luiz. “Arquitetura Paulista” in XAVIER, A. (org). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac&Naify, 2003; MOTTA, Flávio. “Rapporto Brasile”, *Zodiac*, 6, 1960.

2.5 PERSPECTIVAS DA TÉCNICA INDUSTRIAL

Em meio a um ambiente local que já mostrava sinais de afastamento – alguns mais e outros menos enfáticos –, a dura crítica de Max Bill endereçada à arquitetura brasileira se revela como um dos primeiros abalos efetivos à narrativa montada por Lucio Costa e ao ânimo coletivo que cercava tal produção. Para Max Bill, voltar-se contra o tipo de liberdade formal proposta por alguns brasileiros era defender seu projeto da Gute Form, situado precisamente no ponto de fusão entre o prazer estético e a esfera da necessidade, no equilíbrio entre forma e função, sem qualquer subordinação de uma à outra.

Se na formulação do arquiteto suíço não cabia a ideia de uma separação entre artes livres de finalidade e artes com finalidade, é justamente esta a chave eleita por boa parte das réplicas, ao desqualificá-lo como sendo um simples delineador de formas, um designer¹³⁴. Vista a relação de complementaridade amplamente difundida pelo movimento moderno desde a Deutsche Werkbund¹³⁵, este veto curioso exprime compreensões diversas acerca do design – inferior ao pensamento arquitetônico segundo parte da crítica local – e, por consequência, uma visão ainda presa à concepção tradicional de Belas Artes. Sob este embate em torno da qualificação (ou desqualificação) de Max Bill como designer, conforme alertado por Nobre, reside um nó das questões que naquele momento constituem, para o ambiente arquitetônico brasileiro, o problema construtivo e, nele, a propalada relação arte-indústria¹³⁶.

Se buscássemos os ecos do pronunciamento de Max Bill em suas poucas réplicas imediatas – que de maneira geral incidem contra seus argumentos a partir das mais variadas chaves – pareceria que, de fato, seus questionamentos não encontraram lugar dentre a crítica local¹³⁷. Contudo, tendo em vista o ambiente

134. A mais célebre réplica é a de Lucio Costa: “Oportunidade Perdida”, *Manchete*, 60, 13 Jun.1953.

135. MANFREDO, Tafuri, DAL CO, Francesco. *Architettura Contemporanea*. Milão: Electa, 1976.

136. NOBRE, Ana Luíza de Souza. *Fios cortantes: projeto e produto, arquitetura e design no Rio de Janeiro (1950-70)*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2008;

137. CORONA, Eduardo. “ O testamento tripartido de Max Bill”, *AD*, 4, mar.abr 1954. >

crítico que então se armava, aliado à série de esforços em torno de um projeto moderno nacional, cujos limites e possibilidades ainda se turvavam em meio às esperanças desenvolvimentistas, não é desprezível o aumento das reflexões dedicadas à industrialização da construção e ao desenho industrial durante os últimos anos da década de 1950, bem como o redirecionamento em relação ao componente romântico que perpassa os períodos de implantação e consagração da arquitetura moderna no país.

A concepção do arquiteto inspirado e imerso na aura mítica da criação é abertamente questionada, abrindo caminho para uma visão mais técnica de tal profissional e revelando um significativo deslocamento do racionalismo de matriz francesa para um eixo de coordenadas mais próximo dos fundamentos germânicos. Se o ideário construtivo dará as bases para um momento extremamente produtivo da arte brasileira, ao mesmo tempo trará novas problemáticas para a concepção do projeto, ao reportá-lo frequentemente ao modo de produção da indústria e, portanto, colocando em questão os mitos da originalidade ainda dominantes no meio local¹³⁸.

Em meio à crise do racionalismo e da confiança irrestrita na tecnologia do segundo pós-guerra, tais enfrentamentos entre o arquiteto e a realidade industrial assumem contornos particularmente problemáticos e variados, num solo pouco ou nada predisposto à industrialização da construção. Os anos de 1950 são pontuados por novas perspectivas para o desenho industrial e por iniciativas voltadas à formação de profissionais aptos a uma aproximação entre arte e indústria, de certo modo acompanhando a aceleração do ritmo do desenvolvimento do país – ou os anseios por este “país moderno”¹³⁹.

> Depois de dois anos ainda se sentia a necessidade de resposta ao arquiteto suíço: PERES, Raphael. “Discurso pronunciado na Faculdade Nacional de Arquitetura, no ato da colação de grau dos arquitetos de 1955”, *AD*, 15, jan.fev.1956

138. BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Form and space: collaboration between architecture and the plastic arts*. Houston : Museum of Fine Arts, 2009; MEDEIROS, Givaldo Luiz. *Artepaisagem na trajetória de Waldemar Cordeiro*. São Paulo: FAU/Annablume/FUPAM, 2007.

139. “Um programa”, *Habitat*, 65, 1961; “O sentido de uma exposição”, *Acrópole*, 312, nov. dez.1964

24
 "Max Bill, o Inteligente
 Iconoclasta" publicado
 por Habitat em
 setembro de 1953.

25
 "O testamento
 tripartido de Max Bill"
 de Eduardo Corona,
 publicado por AD em
 abril de 1954.

Vinculadas à qualificação dos ambientes cotidianos, em busca de praticidade, rendimento do espaço e de uma nova beleza ventilada pelos ares de “modernidade”, são as propagandas que primeiro anunciam uma difusão da questão do desenho industrial, a partir de seus anúncios de novos materiais e equipamentos da “casa moderna”. Aos poucos, estes conteúdos deixam as páginas dos anúncios e passam a constar em reportagens especialmente dedicadas ao desenho de mobiliário – projetados por empresas como Branco e Preto, Bom Desenho e Studio Palma –, ao lado de um crescente interesse pela comunicação visual¹⁴⁰. De fato, na medida em que se inicia o processo de profissionalização do desenhista de objetos – ainda muito pouco marcado pelos processos industriais – são lançadas as primeiras iniciativas para uma formação mais institucional, como o curso de desenho industrial do IAC, criado em 1951, ou a ETC vinculada ao MAM-RJ que não chega a ser implementada, ambos de nível profissionalizante.

Se estes são os anos de uma inflexão nas proposições artísticas que passam a dialogar com os problemas colocados pelo ambiente metropolitano e a nascente indústria cultural, os movimentos artísticos de matriz construtiva entram em pauta e estabelecem uma nova relação com a produção arquitetônica local¹⁴¹. Ainda que em *Habitat* e *Acrópole*, estas novas referências apareçam de modo disperso e reticente nos primeiros anos da década de 1950 (refletindo em parte a desconfiança do meio artístico em relação à arte abstrata), alguns anos depois, os últimos números de *AD* são quase inteiramente dedicados à I Exposição Nacional de Arte Concreta, realizada em 1956, e às movimentações do grupo Ruptura. A partir do debate proposto, nas revistas sobretudo por Waldemar Cordeiro e Décio Pignatari, algumas experiências promovem aproximações entre propostas artísticas e o espaço, tendo como base o raciocínio construtivo, sugerindo um maior diálogo com a arquitetura – até pelo fato de vários deles serem, quando não

140. “Branco e preto: decorações e artesanato”, *AD*, 1, ago.set.1953; “Móveis de Max Bill”, *Acrópole*, 177, dez.1952

141. FERNANDES, Fernanda. “Arquitetura e concretismo”, *Desígnio*, 2, 2004.

arquitetos ou estudantes de arquitetura, ligados a esta prática como decoradores, paisagistas, desenhistas de elementos da construção¹⁴².

Nos fins da década de 1950, alguns escritórios e profissionais liberais surgem no mercado, em São Paulo e no Rio de Janeiro, já com uma nova consciência da profissão de desenhista industrial. O próprio IAB, em 1959 e em 1962, acolhendo duas propostas feitas por indústrias de São Paulo, promove concursos de desenho industrial de âmbito nacional e, através de uma comissão específica dedicada ao assunto, realiza um levantamento da atividade no Brasil. Nestes mesmos anos, sem ainda uma formação institucionalizada, vários estudantes e recém-formados da FAUUSP passam a se dedicar a tal prática e à programação Visual¹⁴³.

Por outro lado, ainda que a racionalização já tenha sido adotada pela construção civil em alguns casos desde 1930¹⁴⁴, uma relação maior entre arquitetura e indústria não parece ainda figurar como uma coordenada substancial para a prática de projeto – como atesta a ausência de teses submetidas à mesa com este tema, no IV Congresso Brasileiro de Arquitetos de 1954. Pelo menos nas revistas especializadas, há somente clamores pela padronização dos materiais e componentes básicos da construção para serem arranjados na grande maioria das vezes em sistemas tradicionais¹⁴⁵. Aos poucos, com o aumento das reivindicações por um maior alcance da arquitetura, a ideia da industrialização passa a permear tais anseios pela democratização do acesso a espaços construídos de qualidade, sobretudo de moradia.

142. Por exemplo: PIGNATARI, Décio. “Arte Concreta: objeto e objetivo”, *AD*, 20, nov. dez.1956; CORDEIRO, Waldemar. “Arquitetura e Arte”, *AD*, 22, mar.abr.1957; CORDEIRO, Waldemar. “Mural cinético estrutural”, *Acrópole*, 302, Jan.1964; “Exposição Nacional de Arte Concreta”, *AD*, 20, nov.dez.1956; “Exposição Nacional de Arte Concreta”, *AD*, 22, mar.abr.1957; CORDEIRO, Waldemar. “A arte concreta e o mundo exterior”, *AD*, 23, mai.jun.1957.

143. CAUDURO, João C. “Origem e desenvolvimento do desenho industrial no Brasil”, *Habitat*, 76, mar.abr.1964

144. FREITAS, Maria L. de. *Modernidade concreta: as grandes construtoras e o concreto armado no Brasil, 1920 a 1940*. São Paulo: FAUUSP, 2011.

145. “Arquitetura e Indústria”, *Acrópole*, 185, fev.1954.

26
Número de AD
dedicado quase
integralmente à
Exposição Nacional de
Arte Concreta, no final
de 1956.

Em reportagens espaçadas com caráter técnico, criticando os processos construtivos correntes, os arquitetos gradativamente saem em defesa de uma maior integração da indústria com a construção e a pré-fabricação. Contudo, se o grau de industrialização da construção civil se manteve bastante modesto nos anos 1950, permitindo somente ensaios arquitetônicos e contrastando com o estrondoso crescimento de tal indústria em seu formato tradicional, a preocupação com tal racionalização, ou com a industrialização propriamente dita, aparecerá de forma mais sistemática, inclusive nas revistas, no começo dos anos 1960, a partir de iniciativas isoladas de arquitetura, engenheiros e construtores, ainda assim com pequeno alcance¹⁴⁶.

Da mesma maneira, é somente na virada da década que o debate em torno do desenho industrial se intensificará e permitirá a criação da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) no Rio de Janeiro, quase simultânea à reforma

146. MONTENEGRO FILHO, Roberto A. de Lima. *Pré-Fabricação e a obra de Kneese de Mello*. São Paulo: FAUUSP, 2007. p.84

do ensino da FAUUSP que, dentre diversas medidas, reorientará sua grade curricular, contemplando no departamento de projeto recém criado, o projeto do edifício, da cidade, do objeto industrial e da programação visual¹⁴⁷. Ainda que criadas em evidente diálogo com experiências internacionais anteriores – como a VKhUTEMAS VKhUTEIn (1913-1930); a BAUHAUS (1919-1930) e a Hofschule for Gestaltung em Ulm¹⁴⁸ – e sob o signo de uma íntima relação com a nova fase em curso da industrialização nacional, as perspectivas destas duas instituições de ensino apontavam para uma relação completamente diversa entre o desenho industrial e a prática da arquitetura¹⁴⁹.

De um lado, ao contrário do que aconteceu em São Paulo, onde o ensino do design foi integrado à Faculdade de Arquitetura, na ESDI acabaria prevalecendo na uma indisponibilidade substancial em relação à arquitetura, de tal forma que ocorreria um desligamento gradual dos arquitetos com relação ao projeto da escola. Ao notar a ausência de qualquer estudo específico de arquitetura e construção em seu currículo (em contraste inclusive com sua referência didática de Ulm), Nobre elenca algumas conjecturas: ou uma possível frustração desta geração de arquitetos cariocas com o ensino formal; ou um contraponto voluntário desta nova escola, que se queria como um território livre para a experimentação e afastado destes profissionais já estabelecidos e, até certo ponto, “acomodados” em determinados modos de prática. De todo modo, sob o argumento oficial de que as instituições existentes ligadas ao ensino da arquitetura no Brasil fossem já “suficientes e de qualidade”, foi dispensada a criação de mais um curso de arquitetura – mesmo que este pudesse ser idealizado em novos termos¹⁵⁰.

147. PIGNATARI, Décio. “O desenhista industrial”, *Habitat*, 77, mai.jun.1964. Ver também: PEREIRA, Juliano Aparecido. *Desenho industrial e arquitetura no ensino da FAU USP (1948-1968)*. São Carlos: EESC/USP, 2009.

148. FRAMPTON, Kenneth. “Apropos Ulm: Curriculum and Critical Theory” em *Labour, Work and Architecture: Collected Essays on Architecture and design*. London: Phaidon, 2002.

149. CORONA, Eduardo. “ABDI IAB ESDI FAU UD USE ETC”, *Acrópole*, 317, mai.1965

150. NOBRE, Ana Luíza de Souza. *Fios cortantes: projeto e produto, arquitetura e design no Rio de Janeiro (1950-70)*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2008. P.73

Trata-se, portanto, de uma ideia de graduação centrada no desenho industrial, em total oposição à proposta da FAUUSP, que o conceberá como parte intrínseca da formação profissional do arquiteto. Em São Paulo, uma relação entre a racionalidade do projeto e a visão social da arquitetura justificarão sua aproximação ao método do desenho industrial, sem abrir mão da defesa da condição artística em todas as escalas deste projeto total. É a partir de um debate nacional sobre os caminhos e possibilidades da industrialização da construção civil brasileira que a FAUUSP buscará caracterizar o seu entendimento da arquitetura e de seu ensino¹⁵¹. Assim, o desenho industrial, entre outros objetivos, cumpriria também o papel de repropor a industrialização do projeto e da produção da arquitetura, permitindo, por consequência, seu maior alcance social¹⁵².

Quando o debate do desenho industrial de fato se amplia nas revistas – com as importantes participações de Décio Pignatari, Lúcio Grinover, João Carlos Cauduro (os dois últimos formados na FAUUSP) em *Habitat* e *Acrópole*, onde Eduardo Corona também arrisca algumas opiniões – entra em pauta a necessidade de ampliação do campo de atuação deste profissional e de sua inclusão na regulamentação profissional do arquiteto. Contudo, para eles, os maiores entraves eram justamente a pequena adesão da indústria nos planos de qualificação do objeto produzido e seu grande desinteresse pela criação nacional, fatores que impediam uma atividade profissional consistente¹⁵³. Corona clamava:

*“Deixem que cadeiras ‘barcelonas’ se constituam em preocupação de alguns poucos sonegadores de impostos e imponham, ao homem brasileiro, o móvel brasileiro”*¹⁵⁴.

151. KOURY, Ana Paula. *Arquitetura Construtiva: proposições para a produção material da arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: FAUUSP, 2005.

152. PEREIRA, Juliano Aparecido. *Desenho industrial e arquitetura no ensino da FAU USP (1948-1968)*. São Carlos: EESC/USP, 2009

153. CORONA, Eduardo. “O desenho industrial, o arquiteto e as iniciativas erradas”, *Acrópole*, 292, mar.1963; CORONA, Eduardo. “Desenho Industrial”, *Acrópole*, 304, mar.1964 ; GRINOVER, Lúcio. “Quatro arquitetos brasileiros em Paris”, *Acrópole*, 297, jul.1963

154. CORONA, Eduardo. “O desenho industrial, o arquiteto e as iniciativas erradas”, *Acrópole*, 292, mar.1963.

De fato, tratava-se de criar um mercado consciente da necessidade de tais produtos, o que seria somente possível com uma disponibilidade maior da crescente indústria nacional para as novas perspectivas propostas por estes arquitetos. Animados com os resultados da reforma posta em prática na FAUUSP, faltava agora consolidar a posição deste profissional, permitindo-lhe cumprir sua missão social. É neste sentido que Lúcio Grinover se manifestava:

*“Ora, os arquitetos estão aí, seja na instituição de classe, seja nos seus escritórios como os mais credenciados (...) para defenderem sempre o verdadeiro desenho industrial, já que ele constitui o prolongamento e a complementação do espaço arquitetônico que, hoje, tem sua definição no campo da arte brasileira. Que os industriais percam sua timidez ou má vontade e nos chamem para cooperarmos no campo da indústria, criando o desenho industrial brasileiro, o produto adequado ao povo que evolui”*¹⁵⁵.

Aos poucos são perceptíveis iniciativas em prol da estruturação do campo profissional e, portanto, o aumento do espaço dedicado à discussão da sua regulamentação e à criação de instâncias de representação, inclusive com o apoio do Instituto de Arquitetos. A ABDI/Associação Brasileira de Desenho Industrial seria fundada, em agosto de 1963, com sede em São Paulo, tendo como principal objetivo promover e instituir o design como profissão. Uma breve análise da relação de fundadores indica a estreita relação entre os arquitetos, os artistas concretos paulistas, os desenhistas industriais e os profissionais da comunicação visual¹⁵⁶. Para além da defesa dos interesses específicos do design, esta associação, a partir de cursos, conferências e publicações, como *Produto e Linguagem*, parece

155. GRINOVER, Lúcio. “O desenho industrial”, *Habitat*, 76, mar.abr.1964

156. Constava na lista de associados Alexandre Wollner, Aloísio Magalhães, Antonio Maluf, Décio Pignatari, Fernando Lemos, Francisco Petit, Artigas, João C. Cauduro, Júlio Katinsky, Karl H. Bergmiller, Luiz Sacilotto, Sérgio Rodrigues, Willys de Castro, Ruben Martins, Lúcio Grinover, Sérgio Rodrigues e Michel Arnoult, assim como empresas como Indústrias Romi S/A, Móvel Contemporânea S/A, Plásticos Plavinil, Philips do Brasil S/A, Walita S/A Eletro Indústria e Olivetti Industrial S/A. LACROCE, André. “Funcionalismo no design brasileiro nas décadas de 1950/60”. *Veredas FAVIP - Revista Eletrônica de Ciências*, 1-2, 2008.

investir também na formação de uma consciência mais ampla das questões do desenho industrial¹⁵⁷.

*“Associação Brasileira de Desenho Industrial, Instituto de Arquitetos do Brasil, Escola Superior de Desenho Industrial, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Feira de Utilidade Domésticas, Feira de Utensílios de Escritório etc. são algumas organizações e realizações que se relacionam diretamente com o desenho do produto, com a divulgação da boa forma do produto, com a valorização do produto.”*¹⁵⁸

Se, de um lado, a industrialização da construção se tornava urgente para vários arquitetos paulistas – e as revistas abriam espaço para este “imperativo inadiável”, adensando o debate acerca de suas potencialidades face às novas perspectivas para a atuação do arquiteto¹⁵⁹ –, sua simultaneidade com a institucionalização do meio profissional do design em São Paulo parece apontar para novas perspectivas que se afastavam das problemáticas propostas pela arquitetura consagrada da primeira metade da década que, salvo em raros momentos, avançava por estes caminhos da arte-indústria.

2.6 RESSONÂNCIAS CARIOCAS

Ainda que brevemente, buscaremos percorrer algumas revistas publicadas no mesmo período no Rio de Janeiro – *BAC (Brasil Arquitetura Contemporânea)*, *Forma*, *Módulo* e *IAB-Guanabara* (posteriormente denominada *Arquitetura*) – na tentativa de depreender, em suas movimentações críticas, possíveis diálogos ou ecos destes enunciados paulistas até agora percebidos¹⁶⁰.

157. “Conferências sobre desenho”, *Acrópole*, 302, jan.1964; “Desenho Industrial”. *Acrópole*, 309, ago.1964.

158. CORONA, Eduardo. “ABDI IAB ESDI FAU UD USE ETC”, *Acrópole*, 317, mai.1965

159. ROSSO, Teodoro. “Um imperativo inadiável: a industrialização da construção”, *Acrópole*, 280, mar.1962, SP.

160. É importante ressaltar que estas não são todas as demais revistas publicadas na década de 1950, conforme descrito no capítulo 01. Além delas, restaria percorrer *Anteprojeto* (RJ, 1945-1959); *Arquitetura e Engenharia* (BH, 1946-1965); *Arquitetura* (BH, 1947-1951); >

29
Capa do quarto número
de BAC (1954)

Em 1953, a revista *Brasil Arquitetura Contemporânea* reinaugura o mercado editorial especializado carioca que, desde 1949, com o fim da publicação *A Casa*, encerrara um ciclo intenso, desenvolvido durante os anos 1930 e 1940¹⁶¹. Fundada pelo arquiteto Gladson da Rocha, seu corpo editorial permanecerá relativamente estável durante a elaboração de seus 10 números, sendo o cargo de redator chefe compartilhado pelo engenheiro Joaquim de Almeida Mattos e pelo crítico de arte Mário Barata, também diretores de urbanismo e artes plásticas, respectivamente. A secção de arquitetura será dirigida por Henrique Mindlin, que conta com a colaboração de Álvaro Vital Brasil no terceiro e no quarto números.

> *Espaço-Arquitetura* (Porto Alegre, 1958-1959). Apontamos aqui esta possibilidade para novas pesquisas.

161. Podemos listar as publicações: *Architectura no Brasil* (1921-1926); *A Casa* (1923-1949); *Revista de Arquitetura* (1934-1944); *Arquitetura e Urbanismo* (1936-1940); *Urbanismo e Viação* (1938-1943). Ver também: RABELO, Clévio. *Arquitetos na cidade: Espaços Profissionais em expansão*. São Paulo: FAUUSP, 2011.

30
Capa do quinto número
de Forma (1955)

31
Primeira capa de
Módulo (1955).

Há certa coincidência entre o posicionamento desta publicação e o das revistas paulistas no que tange ao alerta contra o pouco rigor da produção extensiva da arquitetura moderna. Lançada às vésperas da II Bienal de São Paulo, ao mesmo tempo em que a revista se propunha a documentar e difundir tal “fenômeno” – buscando inclusive alcançar o leitor estrangeiro, como indicam as traduções para o inglês e francês –, dava início à “revisão crítica” de suas bases que, frente à generalização da produção moderna nem sempre bem sucedida, necessitava rediscutir seus rumos e suas necessidades de ordem cultural, ética e técnica. Assim como para boa parte dos editores paulistas, era grande a expectativa do periódico carioca em torno do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos, como espaço para o debate coletivo e a correção de rumos da produção contemporânea¹⁶².

Ao colocar em pauta um debate com alcance nacional, a II Bienal e o IV Congresso são os únicos acontecimentos paulistanos que ganham as páginas de *BAC*¹⁶³. Nem antes, nem depois, outra movimentação local merecerá a atenção da revista carioca que, no entanto, reserva um espaço considerável para obras projetadas por arquitetos atuantes na capital paulista. Giancarlo Palanti, Arnaldo Furquim Paoliello, Ícaro De Castro Mello, Oswaldo Arthur Bratke, David Libeskind, Zenon Lotufo, Rino Levi, Gilson Mendes Lages e Walmyr Lima Amaral, Jacques Pilon, Franz Heep, Giancarlo Gasperini, Henrique Mindlin e Alcides da Rocha Miranda somam 25% do total dos projetos publicados.

Ainda que São Paulo não seja foco de atenção, o debate que lá se travava – e que no Rio chegava através das palavras de Jorge Machado Moreira –, em torno da excessiva valorização formal, do pequeno alcance social e da falta de bases sólidas da arquitetura contemporânea brasileira, é o grande alvo de atenção de

162. BARATA, Mário. “O surto e os problemas da atual arquitetura brasileira”, *BAC*, 1, ago. set. 1953. Apresenta neste mesmo congresso a tese “Arquitetura, tradição e realidade brasileira”.

163. “Apresentação”, *BAC*, 2-3, nov.jan 1953-54; MATTOS, Joaquim de A. “Walter Gropius e o Prêmio São Paulo”, *BAC*, 2-3, nov.jan 1953-54; Cardoso, Joaquim. “O conjunto arquitetônico do Ibirapuera”, *BAC*, 2-3, nov.jan 1953-54

seus editores que, entretanto, não estabelecem entre si grande consenso¹⁶⁴. Ao se revezarem na apresentação de cada novo número, estabelecem um diálogo e não parecem se incomodar com a ausência de uma opinião assumida publicamente pela revista. Afinal, *BAC* era justamente o lugar eleito para o debate entre eles.

*“De uns tempos para cá, a crítica internacional, que desde 1943 dispensara à arquitetura brasileira os maiores elogios e os mais irrestritos louvores, começou a manifestar, por vezes, uma tendência diferente. Trata-se de uma realidade que não pode escapar a quem esteja informado do que se passa fora do Brasil. Ora é um artigo em que se ataca de frente certos aspectos da nossa arquitetura; ora é uma objeção que se insinua discretamente nas entrelinhas de um comentário amistoso e favorável; ou então, são dúvidas que se exprimem verbalmente, nas conversas de colegas, nos encontros de viagem”.*¹⁶⁵

Ao reconhecer tal situação, Henrique Mindlin não buscava rebater estas críticas em *BAC* e, sim, alertar para a necessidade de um posicionamento consciente, de modo a evitar “mal-entendidos estéreis” e, sobretudo, impedir que a utilidade eventual dessas restrições se perdesse “no choque das susceptibilidades descabidas e das discussões pessoais”. No mínimo, esta “tomada de posição” levaria a uma definição mais clara para o público das intenções que orientavam o trabalho dos arquitetos nacionais, agora não mais representados por algumas “obras-primas isoladas”¹⁶⁶. Se Mindlin parece se esquivar da polêmica da intenção plástica, Mário Barata – que investe com afinco no debate da síntese das artes na revista – sai em defesa de sua legitimidade, pois era capaz de abrir perspectivas sociais mais largas do que o ultrapassado “purismo arquitetônico”¹⁶⁷. Uma opinião que não parecia ser compartilhada por Álvaro Vital Brasil:

164. MOREIRA, Jorge Machado. “Palavras do arquiteto Jorge Machado Moreira na Cerimônia da distribuição dos Prêmios e de encerramento da III Exposição Internacional de Arquitetura da Bienal de São Paulo”, *BAC*, 6, 1955.

165. MINDLIN, Henrique. “Apresentação”, *BAC*, 5, 1955.

166. *Ibidem*.

167. BARATA, Mário. “Arquitetura como plástica e a importância atual da síntese das artes”, *BAC*, 7, 1956.

*“Deixemos um pouco de lado uma vaidade extemporânea e acalmemos um pouco o nosso espírito nacionalista ou ‘individualista’ para nos submeter não a regras ou disciplinas, mas a um espírito que para perdurar deve manter a sua pureza inicial. Uma arquitetura é fruto de várias gerações e não de indivíduos. Deixemos os decorativos e procuremos, sinceramente, a verdade. Arquitetura além de técnica é ciência, é arte. Mas somente arte não faz arquitetura. Não tenhamos dúvidas de que as soluções malabarísticas que nos permitem a técnica atual podem também nos conduzir aos piores resultados”*¹⁶⁸.

Se em 1956, assim como em São Paulo, emerge a problemática da habitação na revista e, com o início das movimentações da nova capital em 1957, ela abre também suas páginas para um “grande debate técnico” sobre os aspectos da “conveniência ou inconveniência” da mudança da capital federal, colocando-se em grande parte contra tal iniciativa¹⁶⁹. Em 1958, com a saída de seus antigos diretores, dois arquitetos com pouca atuação no Rio de Janeiro assumem o posto: David Libeskind e José Bina Fonyat. Tal condição, aliada à visão crítica que começa a se construir sobre Brasília, grande símbolo desta produção de raiz carioca, pode explicar o encerramento das atividades de BAC que, no entanto, não anuncia o seu fim, apesar de dar sinais de instabilidade financeira. Neste meio tempo, outras duas revistas cariocas atentas à arquitetura tinham sido lançadas: *Forma* e *Módulo*.

A primeira, dirigida por Luíza Elza Massena, é uma publicação que soma apenas 5 números, publicados entre 1954 e 1956. Elaborada por Ana Dulce Francisco Barboza Leite, Harry Cole, Leda Ciarla, Marina Amaral Brandão, Napoleão Moniz Freire, dedica-se às artes em geral e conta com um corpo de colaboradores variável, mas com grande proeminência no meio cultural carioca: Fayga Ostrower, Sílvia Quirino Campofiorito, Joaquim Tenreiro, Mário Barata, Armando Migueis, Genny Marcondes, Guiomar Ferreira De Mattos, Antônio Olinto, Guerreiro Ramos, Mário Pedrosa e José Roberto Teixeira Leite. É notável, sem dúvida, o envolvimento feminino em sua produção. Contudo, ao dedicar um

168. BRASIL, Álvaro Vital. “Apresentação”, BAC, 8, 1956.

169. BARATA, Mário. “Apresentação”, BAC, 9, 1957; MATTOS, Joaquim de Almeida Mattos. “A mirabolante nova capital”, BAC, 9, 1957; “Apresentação”, BAC, 10, 1957; MAIA, Prestes. “Mudancistas e fiquistas”, BAC, 10, 1957.

espaço secundário às contendas contemporâneas acerca da arquitetura, pouco se insere no debate amplo que então se travava nas demais revistas especializadas e tampouco faz menção a qualquer crítica ou produção paulista.

Já *Módulo*, publicada em sua primeira fase de 1955 a 1965, apesar de abrir espaço para a produção artística mais geral, em grande parte se dedicará ao debate arquitetônico, tornando-se, ao lado de *Acrópole* e *Habitat*, uma das mais importantes revistas brasileiras especializadas na década de 1950. Frente à estrutura das revistas paulistas, impressiona o número de pessoas que compunham seus postos administrativos. Apesar de um amplo e variável conselho diretor – composto ao longo dos anos por Rodrigo Melo Franco de Andrade, Rubem Braga, Zenon Lotufo, Marcos Jaimovich, Carlos Leão, Carlos Echenique, João Baldo, Arthur Lício Pontual, Emídio Rocha, Flávio De Aquino, Hélio Uchoa, José De Souza Reis, Mauro Vinhas De Queiroz, Oswaldo Costa, Tibério César Gadelha, Vinícius De Moraes, Gontijo Mendes, J. O. de Meira Penna, Marcos De Vasconcellos e Slioma Selter – destacam-se as atuações de Joaquim Cardozo e Oscar Niemeyer que orientam, em grande parte, os debates travados pela revista ao longo de seus 10 anos.

Talvez pela proeminência de seus editores, *Módulo*, desde seu lançamento, assume posição de destaque, estabelecendo-se rapidamente tanto em esfera nacional quanto internacional. Dentre as publicações pesquisadas, esta revista é a que tem o seu conteúdo mais alinhavado pelos seus responsáveis, que parecem tecer entre os mais variados temas e projetos abordados uma leitura própria acerca da produção contemporânea brasileira. Isto talvez explique o espaço quase nulo dedicado às movimentações críticas paulistas (as referências a São Paulo têm quase sempre um caráter noticioso, concentrado nos eventos de grande porte) e a pequena proporção de projetos publicados realizados em São Paulo – 16%, frente a 70% dedicada à produção do Rio de Janeiro. Não é de se estranhar, portanto, que, ainda que São Paulo seja representada por Carlos Lemos – chefe do escritório de Niemeyer na capital paulista – e pela FAUUSP, através de Cauduro, estes colaboradores não exerçam uma atuação crítica relevante na publicação, pelo menos à primeira vista.

Aparentemente, *Módulo* já nasce no centro das atenções, dado que seu principal editor – Oscar Niemeyer – era ao mesmo tempo um dos arquitetos

brasileiros mais conhecidos e legitimados internacionalmente, além de principal alvo das críticas estrangeiras emitidas nestes anos. A inserção de sumários em francês, inglês, italiano e alemão, desde seu primeiro número, bem como de um caderno de traduções que no nono número será substituído pela redação bilíngue de todo o seu conteúdo, aponta para as grandes ambições da revista nos meios estrangeiros. Segundo Capello, a revista nasce com a pretensão de atingir tal público e, mais do que isso, de reagir às reprimendas sofridas, sobretudo no que tange ao suposto excesso de valorização formal da produção carioca.

De fato, embora a revista não chegue a assumir tal objetivo, nos seus três números iniciais ela insere reportagens que comentam diretamente os pronunciamentos da crítica – estrangeira – e a problemática proposta por ela. Após uma “leitura serena dos artigos” do Report on Brazil, publicado na Architectural Review – com textos de Walter Gropius, Hiroshi Ohye, Ernesto Rogers, Max Bill e Peter Craymer –, o editorial da revista chega à conclusão de que, apesar de todo o alarme, estes pronunciamentos concluíam, nada mais nada menos, que a arquitetura brasileira era “talvez” exuberante demais, ainda que incapaz de ser julgada com “uma régua alemã, japonesa, italiana, suíça ou inglesa”. Era, “no final das contas, uma boa propaganda para a nossa arquitetura”, porque difundia a ideia de que os arquitetos no Brasil faziam, afinal, arte¹⁷⁰.

Assim como em *BAC* – onde Quirino Campofiorito considerará “irrisória” e sem validade a opinião do “ornamentista” Bill, marcada unicamente pela rivalidade pessoal com Le Corbusier¹⁷¹ –, *Módulo* tampouco creditará grande validade aos argumentos estrangeiros. Não cabe aqui percorrer todo o longo caminho crítico assumido pela revista carioca, mas é interessante notar que, ao mesmo tempo em que a opinião internacional é desqualificada e as ressalvas paulistas pouco divulgadas em suas páginas, há uma atenção para este ambiente crítico ao qual pelo menos Niemeyer não se mostrará impassível, como já tivemos a oportunidade de comentar.

170. “Critica da arquitetura brasileira”, *Módulo*, 1, mar.1955

171. CAMPOFIORITO, Quirino. “Max Bill no Rio de Janeiro”, *BAC*, 1, ago.set.1956

*“Estranha insatisfação apossou-se ultimamente de alguns dos nossos arquitetos que, embora cientes do inegável prestígio que a moderna arquitetura brasileira desfruta, passaram de um momento para outro a apresentar-lhes sérias reservas”.*¹⁷²

Sempre frisando sua identidade com Le Corbusier – que inclusive inspira o nome da publicação –, persistirá em *Módulo* uma defesa contínua da prática da arquitetura enquanto ato artístico, poético, criador e livre. Neste sentido, oscilando entre uma maior ou menor concisão, entre uma maior ou menor simplicidade, a revista sempre estará a postos para defender a imaginação na obra arquitetônica, em contraposição às propostas artificiais, enganadoras, “dema-gógicas” de estabelecer um vínculo estreito e fechado entre técnica e criação.

Se, aos poucos, as revistas paulistas se valem cada vez menos do vínculo com a tradição como argumento para o projeto, *Módulo*, a partir do diálogo estabelecido entre Oscar Niemeyer, Joaquim Cardoso e Rodrigo Melo Franco de Andrade, todos vinculados ao IPHAN, este último como seu superintendente vitalício, mantinha a postura de valorização do passado pela “boa tradição”. Percebe-se, no entanto, um deslocamento em seu foco de interesse. As lições profundas do passado não mais parecem comprometidas com a evocação dos conceitos anteriores de honestidade e simplicidade e, sim, com o parentesco entre o moderno e o barroco – perceptível nos efeitos de perspectiva cenográfica, na harmonia entre cargas e suportes e no destemor à linha curva e à assimetria – que trazia novos argumentos para o debate arquitetônico, justamente em um momento de máximas críticas a respeito do excesso de valorização formal¹⁷³.

Com o início do projeto e da construção da nova capital, este debate ganha praticamente toda a atenção da revista que, ao lado da publicação oficial Brasília, editada pela Novacap, coloca-se como principal porta-voz de seus projetos e objetivos. A presença de Brasília no meio editorial especializado é, por si só, um tema de grande amplitude. De maneira geral, há em todas as revistas um grande debate durante todas as etapas de sua implantação e, excluindo *Módulo*,

172. NIEMEYER, Oscar. “Problemas atuais da arquitetura brasileira”, *Módulo*, 3 dez.1955

173. CARDOZO, Joaquim. “Arquitetura Brasileira. Características mais recentes”, *Módulo*, 1, mar.1955.

as opiniões favoráveis e desfavoráveis compartilham seus espaços, sem que seja evidente uma tomada de posição institucional, ainda que *Habitat* teça inúmeras e fervorosas críticas ao empreendimento¹⁷⁴.

Editada no Rio de Janeiro e publicada mensalmente de 1961 a 1968, a revista *IAB-Guanabara*, através de uma distribuição majoritariamente gratuita, almejava desde o princípio um amplo alcance, de forma a atingir “todos os arquitetos do Brasil, instituições de ensino superior, associações de classe nacionais e estrangeiras, firmas construtoras, industriais, órgãos federais e estaduais”¹⁷⁵. Neste sentido, a mudança do nome da publicação, logo em seu segundo ano, é simbólica deste desejo. Neste momento, após um “período de experiência e sacrifício” e almejando “crescer mais, significar mais” escolhia um nome que, menos atrelado à instituição carioca, traduzia “maior amplitude”¹⁷⁶: *Revista Arquitetura*. Apesar de sua distribuição nacional, seu conselho de redação era majoritariamente composto por profissionais atuantes no Rio, reflexo de uma estrutura centrada na seção carioca do IAB¹⁷⁷. Aos poucos, colaboradores do IAB de outras regiões do país são incorporados, e Jorge Wilhelm assume a representação paulista na revista.

Segundo seus editores, não se tratava de criar um órgão que tivesse por finalidade principal apenas a mera divulgação de uma ou outra obra de arquitetura e, sim, uma revista que se constituísse, pelo seu caráter, no verdadeiro veículo de cultura, destinado não só aos profissionais de arquitetura como a todos os que no Brasil se empenhavam nas soluções de seus problemas sociais e culturais¹⁷⁸. Assim, buscava superar uma representação local em busca de contornos mais nacionais, tentando ser um “instrumento útil à atual situação do movimento

174. “Mudar a capital”, *Habitat*, 34, set.1956 ; “Construção da nova cidade: Brasília”, *Habitat*, 35, out.1956 ; FERRAZ, Geraldo. “Construção da nova capital: Brasília”, *Habitat*, 37, dez.1956, “Revisão de Brasília”, *Habitat*, 63 mar.1961

175. “Créditos”, *Guanabara*, 1, ago.1961.

176. “Editorial”, *Arquitetura*, 6, dez.1962.

177. Maurício e Marcelo Roberto, Reidy, Ernani Vasconcelos, Niemeyer e Paulo Santos. Henrique Mindlin e Ícaro de Castro Mello, paulistas que compunham o grupo, tinham uma intensa relação com o Rio de Janeiro, bem como Edgard Graeff e Marcos Konder Neto, formados na FNA e Sylvio de Vasconcellos.

178. “Editorial”, *Arquitetura*, 6, dez.1962.

arquitetônico brasileiro”, em um contexto que, segundo a revista, diversos fatores de alienação entravavam uma efetiva atuação do arquiteto: algumas obras bem sucedidas e de maior valor – muitas apropriadas inadequadamente pela iniciativa privada – contrastavam com a inexistência de condições capazes de assegurar o florescimento de uma arquitetura que viesse a ter significativa importância cultural para o país¹⁷⁹.

É curioso notar como o conteúdo proposto por *Arquitetura* de fato se assemelha com as preocupações presentes nas revistas especializadas paulistas desta década de 1960: se era fundamental transformar as bases da construção civil, emerge ali também o debate em torno da industrialização da construção¹⁸⁰. Da mesma maneira, o desenho industrial se torna tema de diversas reportagens¹⁸¹. Assim como os eixos delineados por *Acrópole* e *Habitat*, a revista *Arquitetura* traçará como pontos de luta a “consciência da necessidade do planejamento, uma política nacional de habitação, a reforma da legislação profissional, a ampliação do mercado de trabalho para o arquiteto, maior divulgação dos princípios básicos da arquitetura, defesa do nosso patrimônio estético, natural e edificado” que delinearão os focos abordados pela revista durante todo o seu período de publicação¹⁸².

Considerando que grande parte dos problemas da produção arquitetônica brasileira não seriam seus pressupostos técnicos ou estéticos e, sim, seu alcance restrito, com exceção do “Inquérito Nacional de Arquitetura”¹⁸³, não serão dedicadas matérias à discussão das prerrogativas arquitetônicas da produção brasileira ou à sua crítica tão evidente nestes anos, pelo menos em São Paulo. No entanto,

179. “Editorial”, *Arquitetura*, 6, dez.1962; “Desafio”. *Arquitetura*, 15, set.1963; “Arquitetura: profissão necessária”. *Arquitetura*, 24, jun.1964;

180. O número 40 de outubro de 1965 é dedicado a pré-fabricação.

181. P.ex.: “Objeto estético vai se tornar utilidade”, *Arquitetura*, 7, Jan.1963; “Desenho Industrial na GB”, *Arquitetura*, 10, abr.1963; “Renovação do “industrial design” no Brasil”, *Arquitetura*, 12, jun.1963; PIGNATARI, Décio. “A profissão de desenhista industrial”, *Arquitetura*, 21, mar.1964; REGO, Flávio M. “Arquitetura e o desenho industrial”, *Arquitetura*, 22, abr.1964; “Arquitetos como desenhistas industriais”, *Arquitetura*, 16, out.1963.

182. “Existe uma Luta”, *Guanabara*, 1, ago.1961.

183. “Inquérito Nacional de Arquitetura”, *Arquitetura*, 1-7, ago.1961-jan.1963.

apesar de tal orientação editorial, é notável a existência de contraposições teóricas em pauta no momento da publicação da revista, e, dentre elas, é curioso que surja pela primeira vez a referência ao “brutalista”, colocado em meio ao leque com outras tantas opções como o “organicista” ou o “racionalista”¹⁸⁴.

*“As discussões e divagações em torno de teses racionalistas ou organicistas, da composição formal ou informal, do material revestido ou bruto cederam lugar às questões sociais e econômicas do fato arquitetônico. (...) A discussão teórica e teorizante das soluções formais e da pesquisa estética passou a um segundo plano mais justo e mais consentâneo com a própria opção de cada um. Compreendemos que o que nos deve aglutinar é a vigilância constante sobre os fatos que decorrem da transformação brasileira. Aí reside a própria razão de ser da arquitetura e do arquiteto brasileiro no momento”.*¹⁸⁵

É importante destacar o pequeno espaço dedicado às notícias que têm São Paulo por tema. Se são poucos os arquitetos paulistas que escrevem na publicação – com destaque para Wilhelm –, as reportagens sobre a cidade têm um caráter mais informativo e sucinto, versando ora sobre eventos ocorridos, com ênfase nos acontecimentos organizados pelo IAB-SP, ora sobre episódios singulares ocorridos na capital paulista, tal qual a passagem de algum personagem ilustre pela cidade. Da mesma maneira, se de modo geral *Arquitetura* dedica pouco espaço à divulgação de projetos, há certa predominância carioca no conjunto: do total de 152 projetos publicados, 53% são de arquitetos do Rio de Janeiro, 16% de arquitetos de São Paulo, 11% de arquitetos estrangeiros e 7% dos demais estados brasileiros¹⁸⁶.

O “Inquérito Nacional de Arquitetura” é o único grande momento em que a publicação abre espaço para o debate acerca dos rumos da produção contemporânea de arquitetura. Organizado por Ferreira Gullar, tinha o intuito de “fazer um levantamento do pensamento dos arquitetos brasileiros sobre a situação de nossa

184. “Painel”, *Arquitetura*, ago.1964

185. “S.Hru: um Seminário de Habitação e Reforma Urbana”, *Arquitetura*, 13, jul.1963.

186. Não conseguimos identificar a origem dos arquitetos de 13% dos projetos apresentados. Um número considerável, mas que não será capaz de retirar tal predominância carioca.

arquitetura de hoje, de suas relações com o contexto socioeconômico do país, seus problemas, definições e perspectivas face à arquitetura contemporânea”¹⁸⁷.

Para responder 10 perguntas consideradas fundamentais pelo corpo editorial, foram chamados dois grupos de arquitetos: Affonso Eduardo Reidy, Gregori Warchavchik, Henrique Mindlin, João Batista Vilanova Artigas, Lucio Costa, os irmãos Roberto, Oscar Niemeyer, Rino Levi, Sérgio Bernardes e Sylvio de Vasconcellos que “atuaram decisivamente na implantação de uma arquitetura viva e atual em nosso país e que, até hoje, são os vanguardistas nesse setor de nossa cultura”; e Acácio Gil Borsoi, Adolpho Rubio Morales, Carlos Maximiliano Fayet, Demétrio Ribeiro, Edgar Graeff, Flávio Marinho Rego, João Henrique Rocha, José Cláudio Gomes, Marcello Fragelli e Marcos Konder Netto, “arquitetos jovens que buscam novas posições frente ao pensamento arquitetônico brasileiro, mas que devido ao limitado tempo de atuação estão restritos, em conhecimento, ao âmbito profissional”¹⁸⁸.

As entrevistas foram publicadas ao longo dos 7 números iniciais da revista *IAB-Guanabara* e contava, na introdução de cada edição, com um curto currículo de cada arquiteto participante. Os únicos arquitetos que foram convidados, mas não participaram, alegando falta de tempo, foram Artigas e Rino Levi e, com isso, os cariocas participam do inquérito com extensa maioria: 10 arquitetos do Rio de Janeiro, 4 arquitetos de São Paulo, 1 de Minas Gerais e 3 de Porto Alegre.

Talvez, as perguntas “fundamentais” colocadas no Inquérito já bastem para ilustrar os pontos de interesse para o debate de então, tal como concebido pela revista: a relação entre a valorização formal e o equacionamento técnico no campo do projeto; a contraposição entre a intuição e o projeto racional; a reflexão acerca das correntes organicistas e racionalistas e sua pertinência frente à realidade do país; a discussão sobre o papel social do arquiteto e sua relação com a realidade brasileira; o fortalecimento da profissão; a síntese das artes; a questão habitacional; a industrialização da construção e alguns pontos de reflexão sobre Brasília.

187. “Inquérito Nacional de Arquitetura”, *IAB-Guanabara*, 1, ago.1961.

188. *Ibidem*.

Mais do que resolvidas, as novas perspectivas e as diversas interrogações que emergiram ao longo dos anos 1950 pareciam ainda suficientemente relevantes para serem pauta de debate nacional que, novamente, passa longe de um consenso final. Sem dúvida, avaliar se existem diferenças substantivas – ideológicas, geracionais, profissionais - entre o posicionamento destes entrevistados pode ser revelador, e deixamos apontada aqui esta possibilidade. De toda maneira, é importante dizer que não há um alinhamento regional, notável de imediato, entre os posicionamentos colocados pelos diversos entrevistados.

Neste sentido, nos parece interessante, para além da análise da crítica publicada, uma breve aproximação à atividade projetual dos arquitetos paulistas que, como veremos, nos apontará outros nexos para o debate de suas possíveis unidades ou pluralidades. Se até agora tentamos percorrer o espaço particular no qual se desenvolveram parte dos laços profissionais e das trocas intelectuais de um conjunto de arquitetos atuantes localmente, buscando neste segundo capítulo traçar os meandros de sua crítica, procuraremos no próximo capítulo, nos aproximarmos das interlocuções estabelecidas entre as várias perspectivas projetuais destes arquitetos (sem no entanto, vale alertar, almejar uma correspondência imediata ou arbitrária com os caminhos da crítica escrita).

3 CONCURSOS DISCURSIVOS

Não raramente, os concursos de arquitetura, abertos e anônimos, são permeados pela crença de que podem revelar e coroar talentos, de maneira mais eficaz do que o mercado e de forma mais justa que a hierarquia profissional estabelecida. Tal convicção em seu potencial “subversivo” – seja pelo mérito verdadeiro ou pelo acaso – implica também na crença de que, por permitir novas falas e as classificar de forma diferente da consagrada no meio profissional, podem ser o ponto de partida para novas concepções que superem os cânones já aceitos.

Para Magali Sarfatti Larson, a principal bifurcação nos concursos de arquitetura é, portanto, determinada por suas regras de ingresso, que reproduzem, em grande medida, as divisões estruturais do mercado. Se, de um lado, o concurso restrito favorece alguns poucos profissionais, com experiência e legitimidade já “comprovada” (incluindo alguns arquitetos “de vanguarda”, quando há o interesse por “novas ideias”), de outro lado, é o concurso aberto, revestido de mitos, que melhor revela as idiossincrasias da arquitetura como profissão¹.

Misturando crenças e cálculo racional (pois, de fato, algum ganho sempre há, nem que seja de experiência), as competições representam, sobretudo, a possibilidade de que o melhor, seja ele quem for, possa ganhar, invertendo simbolicamente a ordem sem no entanto negá-la. Em suma, a noção parece ser de que esta abertura de oportunidades poderia induzir mais inovação e originalidade do que aquilo que se pode esperar da prática já estabelecida (o que não deixa de ser uma ideia claramente “antiprofissional”).

Ainda que seja importante destacar, assim como faz Larson, que o potencial *anti-establishment* não seja confirmado pelo registro histórico (pois competições cujos resultados são de fato um divisor de águas entre o velho e o novo são menos comuns do que aquelas com um prêmio de arquitetura “seguro” em primeiro lugar e o *avant-garde* como vice), sua importância no debate arquitetônico não é nada desprezível². Oferecendo ao trabalho criativo sua própria recompensa, as competições reforçam o entendimento da profissão como arte, negando seu caráter econômico mais imediato, ao mesmo tempo em que se tornam eventos

1. LARSON, Magali Sarfatti. “Architectural Competitions as Discursive Events”, *Theory and Society*, Vol. 23, 4, ago.1994, pp.469-504.

2. Ibidem, pp. 472.

significativos nos círculos arquitetônicos: construídos ou não, os projetos classificados são publicados, difundidos, examinados, discutidos, contribuindo para a acumulação de capital simbólico e para a construção da disciplina.

Mais do que uma renovação que se dá sem conflitos, acompanhar as discussões destes concursos nos ajuda a entender o embate pelo estabelecimento de determinadas proposições estéticas que, ao suplantarem seus concorrentes e as predisposições contrárias (muitas vezes com força semelhante), consolidam-se no meio profissional e, não raro, na história da disciplina³. Competições importantes o são evidentemente pela natureza do projeto, mas também porque seus resultados podem alterar a posição dos “jogadores” no meio especializado da arquitetura, dando a alguns o direito de existência no campo discursivo da profissão. Estas competições são, portanto, eventos discursivos e, na medida em que permitem o despertar de novas falas, têm o potencial de mudar (indireta mais do que diretamente) as noções sobre o que é arquitetura (para aqueles que ouvem estas falas especializadas)⁴.

É neste sentido que pretendemos olhar aqui para os concursos realizados em São Paulo, tal como difundidos pelas revistas de arquitetura: como catalisadores de um debate crítico e como momentos de emergência, concorrência, consagração e demarcação de posições no campo da práxis. De fato, conforme indicado por uma série de pesquisas recentes, a história própria de cada um destes acontecimentos – os projetos, os editais, as atas do júri, os memoriais – revelam construções intelectuais e conflitos importantes de diversos momentos da produção arquitetônica que, não raramente, envolvem um público mais amplo e ocupam espaços nos meios de comunicação, especializados ou de grande circulação⁵.

3. Por exemplo, conforme percorre Lauro Cavalcanti: CAVALCANTI, Lauro. *As preocupações do Belo*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1995. P.20.

4. BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

5. Por exemplo: ATIQUÊ, Fernando. *Memória moderna: a trajetória do Edifício Esther*. São Carlos: Rima, FAPESP, 2004; PACHECO, Paulo César Braga. *O risco do Paraná e os concursos nacionais de arquitetura (1962-1981)*. Curitiba: UFRGS, PUC-PR, 2004; DRUMMOND, Álvaro Pompeiano de Magalhães. *A contundência das soluções >*

Para parte da historiografia, estes eventos, que se ampliam no Brasil ao longo dos anos de 1950, foram singulares para o debate de propostas e para a “legitimação” de uma suposta identidade paulista⁶. Portanto, confrontar as diversas soluções apresentadas simultaneamente para um mesmo problema, do modo como se tornaram visíveis a um público especializado mais amplo, através das revistas, pode nos ajudar a refletir sobre a suposta unicidade ou pluralidade de posições projetuais em confronto no meio profissional local, no período recortado pela pesquisa.

> *estruturais nos concursos nacionais de anteprojetos de arquitetura, 1958 – 1969*. Belo Horizonte: UFMG, 2006; ARTIGAS, Rosa; MELLO, Joana; CASTRO, Ana Cláudia. (org.) *Caminhos do Elevado : memória e projetos*. São Paulo: SEMPLA, 2008; BRAGA, Milton. *O concurso de Brasília: sete projetos para uma capital*. São Paulo: CosacNaify; Imprensa Oficial do Estado; Museu da Casa Brasileira, 2010. Na historiografia internacional: GROSSMAN, Elizabeth G. “Two Postwar Competitions: The Nebraska State Capitol and the Kansas City Liberty Memorial”, *Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 45, No. 3, sep.1986; SHARP, Dennis. “Architectural Competitions: a watershed between old and new”, in HAAN, Hilde de. *Architects in competition*. London: Thames, 1988; FRAMPTON, Kenneth. “Le Corbusier at Geneva: The debacle of the Société des Nations”, in HAAN, Hilde de. *Architects in competition*. London: Thames, 1988; LIPSTADT, Hélène, et al. *The Experimental Tradition (Essays on Architectural Competitions)*. Princeton: Princeton Architectural Press, 1989; JONG, Cees de, MATTIE, Erik. *Architectural competitions*. Köln: Benedikt, Taschen, 1994; TOSTRUP, Elisabeth. *Architecture and Rhetoric. Text and Design in Architectural Competitions*. London: Andreas Papadakis, 1999.

6. São diversas as pesquisas que situam a importância destes certames, por exemplo: ZEIN, Ruth Verde. *A Arquitetura da escola paulista brutalista, 1953-1973*. São Paulo, Rio Grande do Sul: UFRGS, 2005; FIALHO, Valéria Cássia dos Santos. *Arquitetura, texto e imagem: a retórica da representação nos concursos de arquitetura*. São Paulo: FAUUSP, 2007; LUCCAS, Luís Henrique Haas. *O Sul por testemunha: declínio da hegemonia corbusiano-carioca e ascensão da dissidência paulista na arquitetura brasileira anos 50*. Pós. Rev. Programa Pós-Grad. Arquit. Urban. FAUUSP, São Paulo, n.27, jun.2010 .

3.1 OS CONCURSOS DE ARQUITETURA NAS REVISTAS

No Brasil, a necessidade de regulamentação da prática do concurso já era pauta das manifestações em defesa dos interesses da profissão desde os primeiros Congressos Panamericanos de Arquitetos, mas é, ao longo das décadas de 1930 e 1940, que se registra um aumento expressivo no uso de tal procedimento, em parte resultado de sua nova obrigatoriedade na contratação de projetos de grande porte⁷. De tais competições, resultam algumas das obras mais representativas da renovação arquitetônica do período para a historiografia: o Edifício Esther, em São Paulo, projetado por Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho (1936); e, no Rio de Janeiro, o Edifício da ABI (1936) e o Terminal de Passageiros do Aeroporto Santos Dumont (1937), projetados pelos irmãos Roberto; a Estação de Hidroaviões, de Atilio Correia Lima (1937); o Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Nova York, de Lucio Costa e Oscar Niemeyer (1938) ou, o caso mais emblemático do embate pelo estabelecimento de uma postura moderna, o Ministério da Educação e Saúde (projetado após a anulação do concurso que elegera a proposta acadêmica de Arquimedes Memória)⁸.

Em São Paulo, onde nas décadas de 1920 e 1930 episódios como as competições de projeto para o Palácio do Governo do Estado ou para o Paço Municipal

7. A Lei federal nº 125, de 3 de dezembro de 1935, torna obrigatória a realização de concurso entre profissionais legalmente habilitados para a escolha de edifícios públicos de grandes proporções. Sobre a história mais ampla dos concursos no Brasil ver: FLYNN, Maria Helena de Moraes Barros. *Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000: sua contribuição ao desenvolvimento da arquitetura*. São Paulo: FAUUSP, 2000; SANTOS, Valéria Cássia dos. *Concursos de arquitetura em São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 2002.

8. Ainda que tais eventos sejam abordados por quase todos os investimentos historiográficos sobre o período, é importante assinalar a ausência de trabalhos específicos sobre tais acontecimentos e sua difusão nas revistas do período. No entanto, podemos destacar: CAVALCANTI, Lauro. *As preocupações do Belo*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1995; LISSOVSKY, Maurício, SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde, 1935-1945*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, IPHAN, 1996. Ver também: RABELO, Clévio. *Arquitetos na cidade. Espaços profissionais em expansão [Rio de Janeiro, 1925-35]*. São Paulo: FAUUSP, 2011.

de São Paulo mobilizaram a opinião pública e a inteligência profissional⁹, é, sobretudo na segunda metade dos anos 1950, que o debate pelo estabelecimento do concurso enquanto prática corrente se intensifica nas revistas paulistas. Tal discussão está intimamente vinculada ao embate pela regulamentação e legitimação profissional local e se dá, principalmente, em *Habitat*, a partir das intervenções de Geraldo Ferraz, e, em *Acrópole*, quase sempre enunciadas por representantes do IAB-SP.

Ao longo de toda a primeira metade desta década, os concursos divulgados nas revistas paulistas são acompanhados por manifestações descontentes com a falta de normas e com o decorrente clima de desinteresse e desconfiança de tal prática. Se, de um lado, cabia especialmente ao poder público compreender a importância do procedimento para a estruturação da profissão, de outro, era urgente a elaboração correta dos editais e a consolidação de normas básicas para sua realização – o que será realizado pelo IAB-SP somente em 1952, sob a liderança de Rino Levi e Roberto Cerqueira César, em função da grande insatisfação com as irregularidades da competição para escolha do projeto do Paço Municipal de São Paulo¹⁰.

Dentre outras regras, tratava-se de regulamentar os prazos, assegurar ao vencedor o direito autoral sobre seu projeto, a responsabilidade no desenvolvimento da proposta e uma remuneração de acordo com a tabela de honorários do órgão. Este código também discorria sobre a elaboração do edital por profissional habilitado, além de enfatizar a necessidade de um júri composto unicamente por arquitetos, evitando a inserção de elementos de outras profissões – muitas vezes indicados por serem representantes de entidades, nomes políticos ou oriundos

9. ISHIDA, Américo. *Desenho, desejo e desígnio: na arquitetura de Flávio de Carvalho*. São Paulo: FAUUSP, 1995; LIRA, José Tavares Correia de. “Crítica Modernista e Urbanismo: Geraldo Ferraz em São Paulo, da semana a Brasília”. In: *Anais do XI Encontro Nacional da ANPUR*. Salvador: ANPUR, 2005.

10. FINA, Wilson Maia. “Comentários à margem dos concursos públicos”, *Acrópole*, 165, jan.1952.

de famílias influentes da cidade –, de modo a reduzir as interferências de determinações externas no julgamento que deveria se guiar somente pelas regras da disciplina¹¹.

Em 1956 – mesmo ano em que Oscar Niemeyer recebe o encargo de projetar, sem concurso, os diversos edifícios de Brasília –, o assunto entra “em foco” e se torna central para a profissão, segundo Geraldo Ferraz¹². Entre notícias de favorecimento, descumprimento do edital e irregularidades na sua formulação, composição tendenciosa do júri e falta de autonomia do IAB, recusa de arquitetos consagrados a participar da competição, o crítico, a todo momento, trazia à tona seu descontentamento e colocava em pauta a necessidade latente de uma nova postura frente aos concursos de arquitetura¹³. Tratava-se de trazer o debate arquitetônico para a esfera pública; eliminar o “medalhão” garantido pelos favores da autoridade que, por sua vez, empregava-o como cartaz de propaganda; e, sobretudo, dar solo para o surgimento de novos valores para a arquitetura¹⁴.

Alguns números ilustram as mudanças que se processam em meados dos anos 1950. Se entre 1945 e 1954, foram publicados somente 11 concursos nas revistas paulistas de arquitetura, entre 1955 e 1964, 45 competições revelam um aumento substancial no uso da prática para contratação de projetos. Mais do que isso, se, neste primeiro período, frente a 8 concursos restritos, são realizados somente 3 eventos com participação aberta – Monumento a Rui Barbosa (RJ, 1951); Paço Municipal de São Paulo (SP, 1952) e Sede do DER (SP, 1952) –, no decênio seguinte, somente 13 competições restringiam a participação a convidados. Ainda que não tenhamos informações precisas quanto ao número de inscritos ao longo do tempo, a partir dos comentários de tais publicações que, a cada novo certame, louvavam a quantidade recorde de projetos submetidos, podemos pressupor um

11. “Instituto de Arquitetos do Brasil”, *Acrópole*, 166, fev.1952; LEVI, Rino; CÉSAR, Roberto Cerqueira. “Normas básicas para concurso de arquitetura”, *Acrópole*, 166, fev.1952.

12. FERRAZ, Geraldo. “Deve-se sempre proceder a concurso de arquitetura”, *Habitat*, 26, jan.1956.

13. LIRA, José Tavares Correia de. *Crítica modernista e urbanismo: Geraldo Ferraz em São Paulo, da Semana a Brasília*. Salvador: ANPUR, 2005.

14. FERRAZ, Geraldo. “Deve-se sempre proceder a concurso de arquitetura”, *Habitat*, 26, jan.1956.

número de concorrentes em elevação – coerente com o alargamento do meio profissional e com a ampliação do número de competições abertas.

Nestes 20 anos, há também uma evidente maioria de concursos realizados para o estado de São Paulo: são 38 projetos frente a 15 previstos para outras regiões do país e 3 internacionais. Ainda que possamos explicar tal constatação por uma simples questão de proximidade – as revistas locais se interessariam mais pelos concursos paulistas, ou teriam mais facilidade de obtenção de informações –, não parece ser este o caso, pois tal cenário se repete também no levantamento nacional realizado por Maria Helena Flynn¹⁵. As razões para isso não são claras, mas, provavelmente, poderíamos relacioná-las com o ritmo acelerado de crescimento da cidade e do estado paulista e, talvez, com certa indefinição de perspectivas para o Rio de Janeiro que, frente à mudança da capital, parecia enfrentar uma insegurança quanto ao seu futuro (uma posição percebida em várias das manifestações dos arquitetos cariocas).

A frequência por região é difícil de ser dimensionada, e podemos somente levantar alguns pontos a partir das listas de premiação divulgadas que nos indicam uma coincidência entre o estado de realização do concurso e a origem dos profissionais – sobretudo quando olhamos para São Paulo. Contudo, ainda que algumas manifestações revelem uma dificuldade de participação de arquitetos de outros estados (pela falta de informações, pela divulgação morosa ou pela dificuldade de envio de projetos), poderemos notar uma ampla maioria de projetos paulistas vencedores – em concursos regionais ou não –, principalmente a partir da segunda metade da década de 1950 (amenizada somente ao longo dos anos 1960, pela participação cada vez mais ativa de arquitetos do sul do país e de Minas Gerais).

Talvez isso nos indique uma maior aposta dos arquitetos paulistas em tal prática, mas, não podemos descartar a possibilidade de que nossas fontes – as publicações paulistas – tenham se mostrado mais interessadas pelas propostas locais (ainda que não pareça ser este o caso, se novamente compararmos com o levantamento de Flynn). Por outro lado, é de se notar a presença decrescente de

15. FLYNN, Maria Helena de Moraes Barros. *Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000: sua contribuição ao desenvolvimento da arquitetura*. São Paulo: FAUUSP, 2000

1
Concursos abertos e
restritos publicados em
São Paulo entre 1945 e
1965 (fonte: anexo 3)

2
Concursos realizados
dentro e fora do
estado de São Paulo,
publicados em São
Paulo entre 1945 e
1965 (fonte: anexo 3)

participantes do Rio de Janeiro – representado, sobretudo, pelos profissionais mais jovens, com exceção de Sérgio Bernardes – e um interesse maior por estes concursos de arquitetos ainda não plenamente estabelecidos, provavelmente por interpretarem tais eventos como momentos de debate e de uma possível legitimação no meio profissional.

Entre 1961 e 1965, as competições arquitetônicas passam a ser utilizadas sobremaneira pela iniciativa privada, que as mantém, em sua maioria, abertas e nacionais. Ainda que não tenham nunca chegado a ser amplamente adotadas pelo poder público local – entre 1945 e 1965 são abertos 12 concursos públicos frente a 30 para equipamentos privados –, pode ser interessante confrontar esta diminuição com a intensificação das atividades desenvolvidas pelos arquitetos paulistas – principalmente ligados à FAUUSP e ao IAB-SP – para o Programa de Ação do Governo de Carvalho Pinto, em andamento desde 1959. Como parte da política desenvolvimentista nacional levada a cabo nestes anos, um investimento massivo de capitais é dedicado a obras estaduais de infraestrutura e equipamentos urbanos. Muitos dos arquitetos locais, envolvidos com as encomendas diretas deste programa, utilizam-no como difusão de seus raciocínios arquitetônicos e como campo de experimentação¹⁶.

Neste sentido, na medida em os concursos se tornam cada vez mais raros para a eleição de projetos públicos pelo governo paulista e são constantemente empregados pela iniciativa privada (sendo clubes e hotéis os usos mais recorrentes), seu uso indiscriminado para contratação dos serviços profissionais é colocado em dúvida pelos arquitetos organizados ao redor do IAB-SP, que passavam a defender certas restrições. Se era evidente a importância de tal prática na atividade diária do arquiteto e na valorização da realização arquitetônica (haja vista as inúmeras obras de valor levadas a cabo nos últimos anos e sua contribuição para o esclarecimento da opinião pública), sua utilização como procedimento regular para a contratação de todo e qualquer projeto era criticada. Segundo críticos e acadêmicos, como Eduardo Corona e Sylvio de Vasconcellos, esta “reminiscência acadêmica” era válida na medida em que oferecesse aos arquitetos

16. KOURY, Ana Paula. *Arquitetura Construtiva: proposições para a produção material da arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: FAUUSP, 2005

e à sociedade um problema novo, ou fosse, por seu caráter, uma obra de grande interesse público. Nos demais casos, era necessário que o contratante, particular ou não, tivesse confiança no desempenho do profissional arquiteto¹⁷.

Em São Paulo, os concursos são publicados principalmente por *Habitat* e *Acrópole*, e raramente em *AD*, com clara predominância da segunda revista, sobretudo a partir de 1958. Em *Habitat*, a publicação destas competições é irregular e, curiosamente, muitas vezes não abre espaço para a proposta vencedora, tomando partido de tal ou qual projeto que, apesar de não premiado, era mais interessante arquitetonicamente ou mais adequado às solicitações do edital, segundo o juízo da revista. De modo diverso, *Acrópole* raramente emite opiniões acerca dos resultados, restringindo-se a sua divulgação. O seu maior interesse em tais eventos parece coincidir com a mudança de direção da revista por volta de 1953, quando se aproxima da secção local do IAB, e ganha intensidade a partir de 1955.

De modo geral, para além da publicação da proposta vencedora, os conteúdos veiculados são muito variáveis, divulgando irregularmente os editais, as atas de julgamento, os demais projetos premiados, os memoriais justificativos e um ou outro cálculo de estrutura. No entanto, fato importante é que, ao longo da segunda metade da década de 1950, na medida em que estas revistas ampliam seu interesse pelos certames, elas passam a publicar as demais propostas premiadas, dando-lhes destaque semelhante ao dedicado ao projeto vencedor¹⁸. Em meio à crescente autonomia da profissão, esta mudança editorial sinaliza a nova importância dedicada ao projeto, enquanto evento discursivo, e às competições, enquanto momentos importantes para o debate arquitetônico do período. Tendo

17. CORONA, Eduardo. “Concursos de arquitetura e a defesa do trabalho do arquiteto”, *Acrópole*, 283, jun.1962; VASCONCELLOS, Sylvio. “Carta em resposta a Eduardo Corona ‘Concursos de arquitetura e a defesa do trabalho do arquiteto’”, *Acrópole*, 287, out.1962.

18. Em nossa série, os primeiros projetos publicados com esta orientação são o Paço Municipal e Parque Central em Campinas (1957); a Assembleia Legislativa de Santa Catarina (1957); o Grande Hotel Paraguay (1957); o Ginásio de Esportes – Clube Atlético Paulistano (1958) e a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (1958). *Habitat* e *Acrópole* se revezam na publicação destes primeiros projetos.

ou não ganho o concurso, sendo ou não concretizados, os projetos eram, por si sós, considerados válidos como contribuição intelectual ao meio profissional.

A representação das propostas também passa a dialogar com o modo como os projetos vão ser lidos pelo julgamento destes concursos, cada vez mais concorridos. Se antes se restringiam à apresentação de plantas e cortes excessivamente detalhados (que aos poucos se tornam cada vez mais simplificados), croquis e perspectivas (muitas vezes exigidas pelo edital) ganham espaço na justificativa do partido, explicitando de maneira mais imediata e clara a ideia-guia da concepção do edifício. Os memoriais justificativos também ficam menos pragmáticos, inserindo algumas argumentações mais retóricas, com preocupações menos imediatas do que a explicação do agenciamento funcional do programa proposto.

Tais constatações nos ajudaram a recortar os concursos a serem aqui analisados. Como pretendemos debater principalmente os processos de diferenciação e identificação internos ao meio profissional paulista, e, considerando que as distâncias regionais ainda condicionavam substancialmente a participação em tais eventos, selecionamos para análise somente as competições realizadas em São Paulo, quase sempre organizadas pela secção local do IAB.

A delimitação temporal decorre quase naturalmente do levantamento realizado: somente após 1955 temos um material publicado que nos permite o confronto de projetos variados, submetidos a um mesmo certame. Anos estes que, talvez não por coincidência, concentram boa parte dos debates acerca dos novos caminhos a serem seguidos pela arquitetura nacional. Assim, serão analisados: o Paço Municipal de Campinas (1956-57), o Ginásio para o Clube Atlético Paulistano (1958), a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (1961), a Sede de Campo do Jockey Club de São Paulo (1962), o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Energia Elétrica (1963), o Clube XV de Santos (1963) e o Clube da Orla no Guarujá (1963).

É importante alertarmos que nossa análise parte de um material editado pelas revistas, as quais nunca publicam a prancha tal como submetida ao júri. Os desenhos são selecionados e muitas vezes impressos parcialmente, de modo a permitir a diagramação da publicação. Trata-se, pois, de um material heterogêneo; se, em alguns casos, temos uma boa quantidade de plantas, croquis e cortes, às vezes realizaremos nossa análise a partir de uma única perspectiva do conjunto.

Mas, de certa forma, era com tais limitações que estes projetos chegavam para uma camada mais ampla de profissionais, leitores destas publicações e sem acesso direto ao projeto original.

Por fim, dentre estes projetos, pode ser importante notar a regularidade na composição dos júris, sob coordenação do IAB paulista. Em nossa série, somente Affonso Eduardo Reidy, Paulo Antunes Ribeiro (ambos do Rio de Janeiro) e Umberto Aveniente (de Campinas) participam de tais julgamentos apesar de não atuarem localmente. Os demais postos são quase sempre preenchidos por profissionais que desenvolvem fortes vínculos com a secção local e são, em sua grande maioria, os engenheiros-arquitetos que, ao longo dos anos 1940, haviam travado o embate pelo estabelecimento de uma arquitetura moderna na cidade: Eduardo Corona, Eduardo Kneese de Mello, Ícaro de Castro Mello, João Batista Vilanova Artigas, Leo Ribeiro de Moraes, Octávio Lotufo, Oswaldo Arthur Bratke, Plínio Croce e Rino Levi. Somente em meados dos anos 1960, a nova geração (como Roberto Aflalo e Joaquim Guedes) passa a ocupar alguns destes espaços de julgamento.

3.2 PERMANÊNCIA E DISPERSÃO

3.2.1 PAÇO MUNICIPAL DE CAMPINAS (1956-57)

Em novembro de 1956, a revista *Acrópole* noticia os preparativos para o concurso de anteprojetos do Paço Municipal de Campinas. Este “brilhante empreendimento” prometia ser um dos mais importantes concursos já realizados no país, a julgar pelo grande interesse manifestado pelos arquitetos, sobretudo de São Paulo e do Rio de Janeiro, que apontava para um número recorde de participantes¹⁹. Coordenado pela secção paulista do IAB, por solicitação do Prefeito Ruy Novaes, era permeado por grandes expectativas da classe profissional, pelo atendimento de seus anseios manifestados ao longo de toda a primeira metade da década de 1950 quanto à regulamentação de tal procedimento. A competição

19. “Concurso de Anteprojeto para o Paço Municipal de Campinas”. *Acrópole*, 217, nov.1956.

deveria ser exemplar, desde a elaboração de suas regras até a contratação do projeto vencedor²⁰.

Publicado por *Acrópole* em junho de 1957, o edital elaborado pelos arquitetos Rino Levi e Plínio Croce anunciava o prazo de 3 meses para apresentação dos projetos²¹. As condições do terreno eleito para a obra eram enaltecidas: uma quadra de 150 por 140 metros, localizada no centro da cidade e delimitada pela Avenida Anchieta, principal logradouro público, e três outras ruas locais. O Paço abrigaria três funções bem determinadas – o legislativo, o executivo e o centro de comunidade – e não deveria ocupar mais do que um terço do terreno, cujo restante seria destinado ao novo Parque Público Central, preservando o maior número possível das belas árvores existentes.

Ao anunciar o concurso, *Habitat* também não poupava elogios à organização da empreitada, que providenciaria um “verdadeiro ‘cuore’ campineiro”, viabilizado pela “boa orientação urbanística e arquitetônica” do programa estabelecido. Se era louvável a mobilização de parâmetros contemporâneos para as regras de ocupação do lote, era também notável que o edital não exigisse um “estilo” e que, pela primeira vez no país, a avaliação dos projetos fosse realizada de modo autônomo por um júri composto unicamente por arquitetos, todos indicados pelo IAB²².

Apesar do prêmio “não muito atrativo”, 24 projetos foram submetidos – um número considerável para o período²³. Dentre eles, o júri composto por Rino Levi, da secção paulista, Affonso Eduardo Reidy, do departamento central, e Umberto Aveniente, indicado pela delegacia de Campinas, atribuiria o primeiro prêmio à proposta do argentino Ricardo Sievers, arquiteto desde 1947 e atuante localmente, e Rubens Carneiro Vianna, engenheiro-arquiteto, formado na Escola Politécnica da USP em 1938, e que já publicava com razoável frequência nas re-

20. “Concurso Nacional de Anteprojeto para o Paço Municipal de Campinas”, *Acrópole*, 219, jan.1957.

21. “Concurso de Anteprojetos para o Novo edifício do Paço Municipal e parque público central de Campinas”, *Acrópole*, 224, jun.1957.

22. “Novo edifício do Paço Municipal e Parque Público Central em Campinas”, *Habitat*, 43, jul.ago. 1957.

23. “Concurso do Paço Municipal de Campinas”, *Habitat*, 45, nov.dez.1957.

vistas especializadas. Eram também classificados, nas cinco posições seguintes, os projetos de Adolpho Rúbio Morales; da equipe composta por Jorge Wilhelm, Jorge Zalszupin, Roberto Coelho Cardozo, Rosa Grena Kliass, Wladimir Kliass e Abrahão Sanovicz; de Gian Carlo Gasperini; de Salvador Candia; e da equipe composta por Fábio Penteado, Alfredo Paesani, Fernando Moreira, José Maria Gandolfi e Luiz Forte. Assim, apesar de nacional e público, o concurso atribui todos os seus prêmios a projetos elaborados por equipes compostas por arquitetos locais, o que, como vimos, mais do que caso isolado, é uma recorrência nas listas de premiação divulgadas nas revistas especializadas do período entre 1955 e 1965.

5
Concurso do Paço
Municipal de Campinas
publicado na revista
Acrópole em dezembro
de 1957.

ANTE PROJETO PARA O PAÇO MUNICIPAL E PARQUE
CENTRAL DE CAMPINAS

8
Projeto de Jorge
Wilhelm, Jorge
Zalszupin, Roberto
Coelho Cardozo, Rosa
Grena Kliass, Wladimir
Kliass e Abraão
Sanovitz, premiado em
terceiro lugar.

9
Projeto premiado em
terceiro lugar.

Dentre os premiados, somente o primeiro e o terceiro lugares foram publicados, por *Acrópole*²⁴. Ao longo de três páginas dedicadas ao projeto vencedor, são publicadas a implantação, duas perspectivas do conjunto, uma perspectiva esquemática das circulações, a elevação frontal e um corte transversal, além da planta térrea, do segundo pavimento e do andar tipo. Estes desenhos eram acompanhados pelo memorial justificativo e um breve comentário do júri a respeito do projeto. Para o terceiro colocado, são dedicadas quatro páginas, onde são publicados diversos croquis explicativos do partido adotado, aos quais o memorial se reportava a todo momento, duas perspectivas do conjunto, três elevações, a planta do pavimento tipo da torre, as plantas do centro comunitário e algumas explicações a respeito da ousada estrutura adotada, além de seu cálculo.

A partir de um pragmático memorial, Vianna e Sievers²⁵ justificavam o partido adotado que, ao integrar as três funções em uma única projeção, evitava a segmentação excessiva do terreno, liberava a maior área possível ao Parque, facilitava a circulação e permitia, a partir desta unidade arquitetônica, a bem-vinda “majestosidade requerida em edifício público”²⁶. Abrigado sob uma extensa laje-jardim, o embasamento de dois andares e um estacionamento semienterrado continha o poder legislativo e o centro comunal, encerrados em blocos de vidro independentes. O espaço vazio entre eles dava forma a um grande pórtico, demarcando a entrada do conjunto e o acesso à torre prismática de 16 andares, visualmente livre do embasamento, onde seriam abrigadas as dependências do executivo.

24. “Anteprojeto para o Paço Municipal e Parque Central de Campinas”, *Acrópole*, 230, dez.1957.

25. Rubens Gouvea Carneiro Vianna (Avaré, 1914-1987) forma-se engenheiro-arquiteto pela Escola Politécnica (1938) e, apesar de empregado na Engenharia Sanitária do Estado de São Paulo, exerce, ao longo de sua carreira, atividades privadas com diversas parcerias, dentre elas a que se inicia em 1954 com o arquiteto Ricardo Morton Sievers (Buenos Aires, 1947). (FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2005).

26. “Anteprojeto para o Paço Municipal e Parque Central de Campinas”, *Acrópole*, 230, dez.1957.

10
1º lugar - implantação.

11
1º lugar - elevação frontal

12
1º lugar - térreo

13
1º lugar - primeiro
pavimento

14
1º lugar - pavimento
tipo da torre

15 e 16
1º lugar - esquema
de circulação e corte
transversal

17
1º lugar - perspectiva
geral do conjunto

18
1º lugar - perspectiva
geral do conjunto

Apesar de alertar para a orientação desfavorável da torre – protegida por brises horizontais nas quatro faces (o que aponta um objetivo plástico para além de seu uso funcional) –, as considerações do júri acerca do projeto vencedor e sua escolha parecem se guiar pela simplicidade do partido e pela facilidade de correção de erros no equacionamento do programa²⁷. De fato, a proposta é, em grande medida, convencional e mobiliza um vocabulário moderno já corrente entre os arquitetos paulistas – dialogando com projetos como o Conjunto Nacional de David Libeskind, como o Nações Unidas de Abelardo de Souza ou com outras galerias do centro de São Paulo, como o Conjunto Zarvos de Júlio Neves – e, ainda que em menor grau, com a arquitetura moderna brasileira da vertente carioca, apropriada de modo mais rígido.

Neste sentido, em meio aos debates em torno da valorização formal excessiva nos projetos nacionais e da necessidade de formulação de parâmetros mais explícitos para a execução e crítica do projeto arquitetônico, a comissão examinadora deste concurso – e de vários daí em diante – parece se preocupar com uma justificativa lógica de suas escolhas, que deveria se guiar por eixos de análise estabelecidos no momento de elaboração do edital, abrindo um espaço menor para as argumentações poéticas que, por mais interessantes que fossem, não conseguissem ordenar adequadamente todos os itens previstos pelo programa de usos da nova construção²⁸.

É justamente tal ressalva que o júri tece a respeito do terceiro classificado: era mal sucedido no atendimento integral do edital, apesar de sua interessante conceituação. A diferença é evidente entre a proposta vencedora e o projeto elaborado pela equipe formada pelos arquitetos Jorge Wilhelm e Jorge Zalszupin; pelo arquiteto paisagista Roberto Coelho Cardozo; pelos recém-formados Rosa Grena Kliass e Wladimir Kliass e pelo ainda estudante Abraão Sanovicz²⁹. Se de

27. Ibidem, pp.43-35

28. Ibidem, pp.43-35

29. Jorge Wilhelm (ver nota 49, capítulo 01); Jorge Zalszupin (Varsóvia, 1922) chega ao Brasil em 1949 e se torna mais conhecido por seus desenhos de seu mobiliário (LEON, Ethel. *Design brasileiro – Brazilian design: quem fez, quem faz*. Rio de Janeiro: SENAC: Viana & Mosley, 2005); Roberto Coelho Cardozo (Califórnia, EUA) estuda Landscape Architecture na Universidade de Berkeley, emigra para o Brasil na década de 1950 >

um lado, é curiosa a ausência de um vínculo imediato entre seus membros mais experientes (aparentemente era a primeira vez que se lançavam conjuntamente à atividade projetual), por outro, ressalta a proximidade dos mais jovens com Roberto Coelho Cardozo que, desde 1954, inaugurara a cadeira de paisagismo da FAUUSP, na qual será responsável pelo fascínio de toda uma turma da faculdade com a disciplina³⁰.

Nascido nos Estados Unidos e formado em Berkeley, Cardozo contribui substancialmente para o desenvolvimento da prática do paisagismo no meio profissional paulista, adaptando algumas problemáticas da “Escola Californiana” às especificidades do meio local. Tal prática, não mais restrita ao conhecimento técnico, com ele se tornara projetual, diluindo suas fronteiras com a arquitetura e o urbanismo e, simultaneamente, emprestando da arte moderna seus problemas compositivos³¹. Esta *landscape architecture* – livre de princípios fixos,

> e logo depois inicia sua atividade didática na FAUUSP, em 1954. (TREIB, Marc. *The Architecture of Landscape, 1940-1960*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2002); Rosa Grena Kliass (São Roque, 1932) forma-se na FAUUSP em 1955, atua sobretudo na área de paisagismo e leciona posteriormente paisagismo no Mackenzie de 1974 a 1977, e na PUC-PR de 1980 a 1982. (FALBEL, Anat, FALBEL, Nachman. “Rosa Grena Kliass”, *Jewish Women: A Comprehensive Historical Encyclopedia*. Jewish Women’s Archive. Consultado em 5/2/2012); Wladimir Kliass (1929-1985) se forma na FAUUSP em 1956; Abrahão Sanovicz (Santos, 1933 – São Paulo, 1999) se forma na FAUUSP em 1958 e nesta instituição leciona desenho industrial e edificações de 1962 a 1999, atuando também na FAU-Santos. (SILVA, Helena Aparecida Ayoub. *Abrahão Sanovicz: o projeto como pesquisa*. São Paulo: FAUUSP, 2004).

30. Não pudemos encontrar registro de colaborações anteriores entre Jorge Wilhelm, Roberto Coelho Cardozo e Jorge Salzupin que, a partir deste momento, passam a estabelecer uma parceria que perdura por um tempo razoável. Sobre a importância de Cardozo: ZEIN, Ruth Verde (apres.). *Rosa Kliass: desenhando paisagens, moldando uma profissão*. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

31. OLIVEIRA, Fabiano Lemes. *Modelos urbanísticos modernos e parques urbanos: as relações entre urbanismo e paisagismo em São Paulo na primeira metade do século XX*. Barcelona: UPC, 2008; “Depoimento: arquiteta Miranda Magnoli”, *Paisagem ambiente*, 2005, n.20, pp. 7-26.

adaptada por essência ao local, sensível aos valores culturais e ao seu cenário particular – parece ser o caminho adotado pela equipe no projeto do Paço³².

Os elementos formais e técnicos para o projeto das edificações de cada uma das propostas são muito semelhantes e se diferenciam somente pela reverberação do partido adotado na implantação. Com mais ou menos ousadia na formulação estrutural e no desenho dos ambientes, ambas adotam a planta livre exigida pelo edital, a estrutura independente e modulada, a laje plana de cobertura, concentram as circulações e prumadas de serviço, vedam suas fachadas com planos de alvenaria ou superfícies de vidro e soltam suas torres do solo.

Contudo, para além da quadra considerada por Vianna e Sievers, o terceiro premiado, ao intervir em um grande trecho urbano, traça um sistema entre as praças existentes, quase contíguas, e o novo parque, integrando-o na cidade. Neste esquema, o caráter cívico não decorreria da monumentalidade das edificações propostas e, sim, do significado que conquistariam urbanisticamente. Se a primeira equipe pensava em uma “unidade arquitetônica absoluta” e um “conjunto imponente e harmonioso”, com pouco diálogo com o externo e com o entorno, o grupo de Wilhelm se mostrava mais atento aos caminhos e visuais do pedestre na cidade e no terreno, qualificando o espaço livre a partir de sua relação variada com as três edificações projetadas, que abrigam de maneira independente os usos do programa³³.

Tal escolha se reflete, inclusive, nos croquis de representação do projeto. Se o primeiro constrói sua perspectiva a partir de um ponto irreal, ignorando as construções existentes do outro lado da rua, de modo a simular uma esplanada (impossível, inclusive, pelas curvas de nível também ignoradas); o segundo representa o espaço a partir da altura real do olhar de um espectador quando entra na praça proposta. Através da disposição dos diferentes níveis interligados por escadarias, busca dar chão a uma caminhada quase “espontânea” que, aos poucos, descortina o conjunto do Paço em “toda a sua integridade plástica”. Integridade que não decorre da unificação dos usos em uma única edificação e, sim, de uma

32. CARDOZO, Roberto Coelho. “O campo do paisagismo”, *Acrópole*, 198, abr.1955

33. “Anteprojeto para o Paço Municipal e Parque Central de Campinas”, *Acrópole*, 230, dez.1957.

“ambientação” definida a partir da apreensão de um “espírito de tradição” que, neste caso, era conservado por um partido que “integrasse os espaços abertos, formando praças claramente limitadas por muros e edifícios, cujas fachadas pudessem ser totalmente valorizadas plasticamente”³⁴.

Curiosamente, apesar do desenho urbano proposto, através de um olhar para a escala do pedestre e seus fluxos minuciosos, o projeto deste terceiro colocado se perde em um zoneamento interno ao lote, um microcosmo restrito, que rarefaz sua força discursiva. Em um pequeno croqui explicativo, ao negar explicitamente o partido adotado pelo projeto vencedor, o grupo, ao mesmo tempo em que buscava tal “significação urbana”, tentava garantir uma integridade a seus edifícios, que dependeria justamente de sua independência em relação às construções vizinhas, prejudicada com a adoção de um partido “aberto” às fachadas das ruas limítrofes, sobre as quais era impossível obter qualquer controle estético³⁵.

19
3º lugar - Croqui
explicativo do partido
adotado para a
implantação

34. Ibidem, pp.46-49

35. É interessante notar que uma solução muito parecida volta a ser adotada na proposta estudantil para o centro comunal do núcleo residencial para a refinaria Presidente Bernardes, publicado na revista *Bem Estar*, 1, fev.mar.1958 (projeto premiado do grupo formado por Sanovicz, Heberto Lira, Hélio Penteadó, Israel Sancovski, Jaganhara Toledo Ramos, Jerônimo Esteves Bonilha, João Carlos Rodolpho Stroeter, José Caetano Mello filho, Júlio Roberto Katinsky e Lúcio Grinover, desenvolvido sob orientação de Artigas para a competição estudantil na IV EIA).

23
3º lugar - perspectiva
geral do conjunto

24
3º lugar - perspectiva
geral do conjunto

25
3º lugar - corte da
implantação

26
3º lugar - pavimento
tipo da torre

27
3º lugar - elevação do
conjunto

3.2.2 CLUBE ATLÉTICO PAULISTANO (1958)

Este mesmo partido fragmentado é novamente adotado por Wilheim no concurso do Ginásio do Club Atlético Paulistano e é um dos pontos que o diferencia do projeto vencedor, de Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro³⁶, e do segundo colocado, de Pedro Paulo de Melo Saraiva e Júlio José Franco Neves³⁷.

Encerrada em 1958, a competição buscava eleger a melhor proposta para a complementação das edificações do clube, cuja sede havia sido projetada em 1948 por equipe coordenada por Gregori Warchavchik. Apesar da enorme repercussão da obra vencedora – sobretudo depois de construída – nem o edital, nem a ata de julgamento são publicados, e a única notícia que temos do concurso é a reportagem de Geraldo Ferraz, em *Habitat*, que reproduz parcialmente as considerações do júri e os três primeiros classificados.

Novamente composto por Rino Levi e Plínio Croce – que antes elaborara o edital do Paço – a comissão julgadora agora incluía Rubens Carneiro Vianna, vencedor do concurso anterior e que pela primeira vez integrava um corpo de jurados. Segundo *Habitat*, assim como o certame de Campinas, esse concurso havia gerado enorme interesse entre os arquitetos do país, sobretudo locais, e a análise dos 24 projetos apresentados seria dirigida pelos seguintes itens pré-estabelecidos no edital: implantação do conjunto considerando a manutenção dos espaços livres amplos e contínuos; a solução de sistema circulatório e de acessos; unidade arquitetônica e harmonização com o existente; distribuição funcional interna dos vários edifícios; soluções estruturais e uso do subsolo, tendo em vista o nível alto do lençol freático.

36. Paulo Mendes da Rocha (Vitória, 1928) forma-se arquiteto pelo Mackenzie em 1954 e leciona na FAUUSP de 1961 a 1998 (entre 1969 e 1980 é afastado pelo regime militar); João Eduardo de Gennaro se forma arquiteto pelo Mackenzie em 1954. (PIÑÓN, Helio. *Paulo Mendes da Rocha*. São Paulo: Romano Guerra, 2002).

37. Pedro Paulo de Melo Saraiva (Florianópolis, 1933) forma-se arquiteto pelo Mackenzie em 1955 e dedica-se à docência na FAUUSP (1962-1975); UNB (1968-1969), Santos (1990-1993), Mackenzie (1992-) e Anhembi Morumbi (1999-); Júlio José Franco Neves (1932) se forma arquiteto no mesmo ano pelo Mackenzie, chega a ser presidente do IAB, da ASBEA (Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura) e do MASP.

Ainda que coberta de louvores por Geraldo Ferraz, a organização do concurso não era, segundo ele, seu principal mérito e, sim, os projetos apresentados, sobretudo pelas equipes compostas por jovens arquitetos que “formados à sombra dos bons exemplos e da iniciativa dos mais velhos” davam uma contribuição renovadora e esperançosa aos quadros profissionais – uma “vitalidade imprescindível” para o progresso da arquitetura brasileira. Para o crítico, era a “irrupção de um sangue novo na atividade arquitetônica, com um espírito de concepções altamente preparado para as maiores tarefas”³⁸.

De fato, os primeiros colocados se assemelham por sua pouca idade e pelo curto tempo de atividade profissional: Paulo Mendes da Rocha tinha 29 anos e se formara há três na mesma turma de João Eduardo de Gennaro; Pedro Paulo de Melo Saraiva tinha 25 anos, formara-se há dois e era colega de classe de Júlio Neves, que tinha, na ocasião do concurso, 26 anos. Mesmo Jorge Wilhelm, que neste momento acumulava uma experiência considerável com projetos e atividades críticas, formara-se há pouco mais de cinco anos.

É também notável que todos tenham sido formados, não na USP, mas no Mackenzie. De fato, se os arquitetos desta instituição participam ativamente dos concursos, revezando suas parcerias a cada nova competição, parecem estar presentes em ligeira maioria (pelo menos nas listas de premiação) do que os egressos da Fauusp. De fato, são inúmeras as composições entre os participantes destes projetos do Paulistano e arquitetos como Fábio Penteadó, Salvador Candia, Rodolpho Ortenblad, Carlos Millan que, dentre outros, estão presentes em quase todos os concursos e, não raramente, conquistam alguma posição de destaque³⁹.

38. FERRAZ, Geraldo. “Concurso de anteprojetos para as instalações do Club Atlético Paulistano”, *Habitat*, 47, mar.abr.1958.

39. Por exemplo, nestes dez anos, Paulo Mendes da Rocha ganha o concurso para a Assembleia Legislativa de Santa Catarina, ao lado de Pedro Paulo de Melo Saraiva e Alfredo Paesani; o Ginásio do Club Atlético Paulistano, ao lado de João Eduardo de Gennaro; e a Sede Social do Jockey Clube de Goiás. Pedro Paulo de Melo Saraiva ganha o segundo prêmio do Paulistano; o primeiro lugar no concurso para o Estádio de Santo André, em parceria com Júlio Neves; o Edifício 5ª Avenida, em colaboração com >

28
Concurso para o
Ginásio do Clube
Atlético Paulistano,
publicado por Habitat
em março-abril de
1958.

Habitat dedica ao todo dez páginas para a publicação dos projetos dos três primeiros premiados no concurso. A explicação dos projetos é feita por Geraldo Feraz que entrelaça, a todo momento, suas opiniões, a ata do júri e o memorial justificativo dos arquitetos. Do primeiro colocado, temos uma perspectiva geral, uma elevação, três plantas, dois cortes localizados e um corte do conjunto do clube. Do segundo colocado, temos uma implantação geral do conjunto, um corte esquemático da cobertura da arquibancada, e os demais desenhos são todos dedicados à representação do bloco principal (três plantas, uma perspectiva geral, sua elevação, quatro cortes transversais e um longitudinal). Do último premiado, temos as plantas dos dois blocos propostos, os desenhos da cobertura das arquibancadas e uma perspectiva do conjunto.

> Miguel Juliano; e a sede social do Clube XV, com Francisco Petracco. É curiosa também a raridade de equipes mistas, compostas por egressos da FAUUSP e do Mackenzie.

Hitzelberger

Este, mantendo a independência de avaliação da indústria da produção, sustentada por ritmos de crescimento de 100% ao ano.

O projeto de Wilhelm, classificado em terceiro lugar, segue, como na proposta do Paço, uma implantação esparsa organizada ao redor da sede, considerada como núcleo central do conjunto e “único ponto válido de partida para as linhas visuais”. A partir de uma ordem fragmentada contrária ao edifício único das duas primeiras propostas, sugere um zoneamento e um paisagismo que busca “reconquistar o espaço livre”, desimpedindo o solo e a vista, através da transparência das novas edificações. Partindo desta vontade, o desenho dos edifícios é elaborado, segundo o arquiteto, como “estruturas no espaço”, abandonando o trinômio “coluna-viga-laje”. Sem muito diálogo entre si, cascas, coberturas plissadas, elementos pré-fabricados de concreto e plástico, buscavam substituir o critério de “material resistente pelo de forma resistente”: seja na catenária que cobre como uma tenda o grande bloco (em conversa com a casa Cavanelas, de Niemeyer, construída em 1954); na estrutura modulada e pré-fabricada que abriga as quadras e piscina; ou nas arquibancadas cobertas por chapéus flutuantes de dupla curvatura, sustentados por um único – e grande – apoio de concreto⁴⁰.

35
3º prêmio - perspectiva
geral do conjunto.

40. FERRAZ, Geraldo. “Concurso de anteprojetos para as instalações do Club Atlético Paulistano”, *Habitat*, 47, mar.abr.1958. Wilhelm dedica uma atenção particular à representação de intervenções artísticas nos novos edifícios. “Pormenores” que se tornam cada vez menos substanciais no partido arquitetônico eleito pela maioria dos arquitetos.

36
3º prêmio - elevação do
bloco 01.

37
3º prêmio - planta do
bloco 01.

38 e 39
3º prêmio - planta dos
acrêscimos ao bloco 01.

40
3º prêmio - planta do
bloco 02.

41 e 42
3º prêmio - corte e vista
da estrutura proposta
para a arquibancada.

43
3º prêmio - planta da
arquibancada.

44
3º prêmio - vista da
arquibancada.

Se este olhar específico, que resulta em desenhos particulares para cada uso e frequentemente em uma dispersão do programa pelo terreno, iria se tornar cada vez mais raro (inclusive nos projetos subsequentes do próprio Wilhelm), sua preocupação com o desenho estrutural (que, neste caso, beira um certo virtuosismo, sacrificando a concepção do conjunto) e com a racionalização construtiva será também um ponto central para os demais premiados. De fato, ainda que disso não decorram resultados formais semelhantes, tal investimento na expressão arquitetônica a partir da concepção estrutural estará cada vez mais presente nos projetos apresentados daqui em diante, sobretudo paulistas. Com a consultoria de Roberto Zuccolo – professor de sistemas estruturais do curso de arquitetura do Mackenzie desde 1953 e colaborador constante dos arquitetos “modernos” recém-formados pela instituição –, os arquitetos colocados em segundo lugar, Pedro Paulo de Melo Saraiva e Júlio Neves, propõem dois pavilhões similares, implantados ao longo das ruas Colômbia e Argentina, rejeitando explicitamente a solução em diversas unidades isoladas.

Contando com a colaboração de Miguel Juliano e Silva, Luiz Forte Netto e José Maria Gandolfi (os dois últimos colaboradores de Fábio Penteadó no concurso do Paço), a dupla adota um partido que se difunde ao longo dos anos: uma grande cobertura sob a qual são organizados os diversos usos em volumes independentes, conectados pelos espaços vazios que restam entre eles. Ligado à sede por uma passarela e com ampla visão do clube, um extenso jardim elevado se estrutura em vigas protendidas pré-moldadas, apoiadas em dois longos planos estruturais longitudinais que substituem os tradicionais pilares e vigas de fachada. Desenhado conforme as exigências dos esforços, a equipe recupera um “sistema estrutural clássico” em arcos (utilizado nestes mesmos anos nos projetos para Brasília) que lhes permite a adoção de uma solução “simples e sóbria”, capaz de dar a “harmonia desejável” ao conjunto⁴¹.

Uma solução, segundo Geraldo Ferraz, que dava à vedação do edifício uma fascinante singeleza que frisava “a audácia dos jovens arquitetos” e a “sua consciência da nova arquitetura sob o aspecto plástico”, sem qualquer “preocupação exibicionista, cenográfica ou dramatizadora” (em nítido contraponto com suas

41. Ibidem, pp.21

opiniões acerca das edificações da Nova Capital) ⁴². Também elogiado pelo júri, sobretudo quanto à implantação e simplicidade plástica do conjunto, o projeto, no entanto, falhava na desconsideração do nível do lençol freático e na pouca liberação das visuais (ainda que a equipe evidencie em todos os seus cortes tal preocupação).

45
2º prêmio -
implantação.

46
2º prêmio - corte
transversal no bloco
principal, vendo à
esquerda a sede social.

42. Ibidem, pp.21

47
2º prêmio -
embasamento do bloco
principal

48
2º prêmio - térreo do
bloco principal

49
2º prêmio - primeiro
pavimento do bloco
principal

50
2º prêmio - corte
longitudinal do bloco
principal.

51
2º prêmio - perspectiva
aérea do conjunto,
vendo em, primeiro
plano, o bloco principal
e, em segundo plano, a
sede social.

52
2º prêmio - corte
transversal do bloco
principal.

53
2º prêmio - corte
transversal do bloco
principal.

54
2º prêmio - elevação
lateral do bloco
principal.

55
2º prêmio - elevação
frontal do bloco
principal.

56
2º prêmio - perspectiva
lateral do bloco
principal, vendo a
entrada do ginásio.

Se o segundo colocado tampouco conseguira resolver com eficácia a exigência de menor ocupação possível do terreno, Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro solucionam este contraponto entre o grande programa exigido e a exiguidade de espaço, ao recriarem o solo na cobertura de uma plataforma – uma praça semielevada que dá continuidade ao terreno – na qual, em um “furo”, instalam-se a quadra e as arquibancadas e sob a qual são concentradas todas as dependências complementares.

Para o júri, o projeto se destacara pela boa implantação dos diversos elementos que permitia a interpenetração espacial, a manutenção de amplas visuais (exigida no edital), a unidade arquitetônica e a harmonização com o edifício sede. Seu esquema geral de circulação era aperfeiçoado pelo plano ligeiramente elevado que, servindo de base ao ginásio, ramificava-se pelo interior do clube, unindo os ambientes variados. Por fim, elogiava a “ótima composição plástica do ginásio” que evidenciava o “característico e elogiável” sistema estrutural⁴³.

De fato, era uma solução engenhosa que lhes permitia, ao mesmo tempo, não enterrar a construção a ponto de atingir o lençol freático (o que fora determinante para a eliminação de outros projetos) e duplicar o terreno, de maneira tal que a cobertura do ginásio parece aflorar como única construção sobre a laje, de onde se avista o restante do clube. É de se notar que, se pela primeira vez é explícito o uso do concreto aparente na representação do projeto, a cobertura era também um resultado notável no plano estético que decorria principalmente do desenho plástico de seus elementos estruturais (procedimento que será cada vez mais difundido entre as diversas propostas apresentadas para os concursos, ao longo dos anos 1960).

A marquise circular de concreto funciona como anel de compressão da estrutura e, com seu baixo pé-direito, emoldura a perspectiva, intensificando a ideia da continuidade visual. Composta por elementos aparentemente independentes que lhe dão leveza, a estrutura mista em concreto armado e metal se apoia em seis pilares – placas de concreto com limitado ponto de apoio – que recebem

43. Ibidem, pp.17

tirantes de aço de sustentação da estrutura metálica de cobertura do vão central que, aparentemente solta da marquise de concreto, define um vão de luz em todo o perímetro.

Coincidindo com a movimentação intensa do meio arquitetônico nacional simultâneo à inauguração de Brasília e, ao mesmo tempo com o início de seu isolamento internacional, é expressivo que esta obra, quando construída, tenha recebido o “Grande Prêmio Presidente da República” na VI Bienal Internacional de Arte de São Paulo, em 1961. É também este projeto que representa, nas leituras historiográficas, de um lado, o florescimento de Paulo Mendes da Rocha e, de outro, o processo de renovação em curso da arquitetura brasileira, sobretudo em São Paulo, pautada em seu partido essencialmente urbanístico (ainda um tanto indeciso, a nosso ver⁴⁴) e que parte da concepção estrutural como definidora da espacialidade do edifício.

No entanto, assim como os demais projetos, a proposta de Paulo Mendes da Rocha, apesar de anunciar uma série de procedimentos adotados em seus projetos subsequentes, revela ainda uma certa indefinição de suas respostas arquitetônicas (principalmente se comparadas com a trajetória posterior de cada um destes profissionais). Neste sentido as propostas para o Paço de Campinas e para o Clube Paulistano se aproximam. Frente a uma série de questionamentos levantados e vontades expressadas, gestos retóricos que partem de referências avulsas e de uma heterogeneidade de matrizes, parece faltar uma coesão às soluções adotadas, indecisas entre algumas permanências e casuísmos. De certa maneira, são experimentações sem sedimentação, soluções ainda sem consequência, pois, tampouco, é possível ler nelas a formulação de problemas coletivos e o compartilhamento das soluções adotadas.

44. De fato, é interessante pontuar algumas diferenças da proposta vencedora para o projeto construído: as rampas de acesso à quadra ainda não existem, tornando a ligação com o pavimento inferior muito mais tímida do que no projeto final; o desenho do nível semienterrado não é tão regular, ocupando as bordas livres existentes e respeitando os canteiros de árvores e outras construções já existentes.

57

1º prêmio - elevação
do Ginásio.

58

1º prêmio - planta
do embasamento
com as instalações
complementares ao
ginásio.

59
1º prêmio - corte do ginásio.

60
1º prêmio - planta do ginásio.

61
1º prêmio - corte do ginásio.

62

1º prêmio -
implantação, vendo a
escola infantil abaixo
do ginásio e ao lado da
sede social.

63

1º prêmio - corte da
implantação.

64

1º prêmio - perspectiva
do conjunto.

3.3 PERMANÊNCIA E SEDIMENTAÇÃO

3.3.1 ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO (1961)

Com um prazo maior para elaboração do projeto (cerca de 5 meses, ao longo de 1961), prêmios significativamente melhores e um programa de grande relevo, o número de participantes no Concurso de Anteprojetos para a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo chega a 46 projetos, quase o dobro dos eventos anteriores. O Edital, elaborado sob coordenação de Rubens Alberto Botti, é publicado inclusive na revista mineira *Arquitetura e Engenharia*, e seus resultados inauguram o número de estreia da carioca *Guanabara*, sendo também divulgados em *Acrópole* e *Módulo*⁴⁵.

Novamente, a equipe de Rubens C. Vianna e Ricardo Sievers, projetando ao lado de Adolpho Rubio de Morales⁴⁶, apresenta o melhor projeto na visão do júri, composto por Ícaro de Castro Mello, Oswaldo Arthur Bratke e pelo carioca Paulo Antunes Ribeiro. A seguir eram classificados: Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Júnior (a quem recentemente se associara), José Maria Gandolfi, Luiz Forte Netto e Francisco Petracco, com a colaboração de Sidney de Oliveira, Roberto Gandolfi, Luiz Gobeth Filho, Raymond Trad (2º)⁴⁷; os gaúchos Miguel

45. São publicadas notícias do concurso nos seguintes números: *Acrópole* 267, 271, 273, 274, 279; *Módulo* 24 e 30; *Guanabara* 01; e *Arquitetura e Engenharia* 59.

46. Adolpho Rúbio Morales (Chavantes, 1924 – São Paulo, 2011) estuda na ENBA (–) e, após formado, transfere-se para São Paulo onde passa a atuar em escritório próprio, estabelecendo algumas parcerias com Rubens Carneiro Vianna e Ricardo Sievers, Fábio Kok e Eduardo Corona.

47. Eduardo Kneese de Mello (ver nota 36 do capítulo 01); Joel Ramalho Júnior (1934), os irmãos José Maria Gandolfi (1933) e Roberto Luiz Gandolfi (1936), Luiz Forte Netto (1935) são todos formados pelo Mackenzie, respectivamente em 1959, 1958, 1961, 1958. Ao longo dos anos 1950, colaboram com diversos arquitetos paulistas, como pudemos ver até agora. Ao longo dos anos 1960, se transferem para o Paraná onde atuarão coletivamente (PACHECO, Paulo Cesar Braga. *A arquitetura do grupo do Paraná, 1957-1980*. Porto Alegre: UFRGS, 2010); Francisco Petracco se forma em 1958 no Mackenzie; Sidney de Oliveira se forma em 1961 no Mackenzie. Não pudemos localizar informações biográficas de Luiz Gobeth Filho e Raymond Trad.

Pereira e João C. Paiva da Silva (3º)⁴⁸; Jon Maitrejean (4º)⁴⁹; Frederico Ferreira, com a colaboração de José de Oliveira Lima, José Luis Figueiras, Osmar Teixeira, Hiran F. Moreira, José D. Cordeiro, Paulo Porciuncula de Sá e Ayrton Acioly (5º); Maurício Kogan, com a colaboração de Calil Saide e Samuel Szpigel (6º); Hans Broos (7º) e novamente Rubens Carneiro Vianna, Ricardo Sievers e Adolpho Rubio de Morales, que apresentam duas propostas simultâneas (8º).

Localmente, só *Acrópole* publica os quatro primeiros colocados (no Rio de Janeiro, *Módulo* publica os três primeiros e Guanabara veicula o projeto vencedor). O material apresentado de todos os projetos é farto, com planta de situação, perspectivas externas, perspectiva interna, plantas de todos os pavimentos, cortes longitudinais e transversais e memorial descritivo (todos exigidos em edital)⁵⁰.

O edifício foi construído junto ao Parque do Ibirapuera (que desde 1951 recebera os investimentos da comemoração do IV Centenário da cidade), em um terreno de aproximadamente 30.000 metros quadrados, demarcado pelo encontro da Avenida Pedro Álvares Cabral e da Rua Abílio Soares. Ainda que o edital permitisse seu remanejamento urbanístico, através da criação de novas ruas se necessário, além de prever a necessidade de um amplo tratamento paisagístico, este não parece ter sido o foco eleito pelos projetos (com exceção da proposta de Maitrejean) que, pelo menos nas representações apresentadas pelas revistas, estão mais preocupados com a feição da Assembleia e não de sua área envoltória.

Em sua proposta, os vencedores conservam as diretrizes adotadas no projeto

48. Miguel Pereira (Alegrete, 193X) se forma arquiteto em 1957 pela UFRGS. Ainda no período universitário mantém intenso intercâmbio com outros arquitetos de São Paulo, entre os quais, Abrahão Sanovicz e Júlio Katinsky, visitando canteiros de obras de novos projetos, além de escritórios de arquitetura da capital paulista. Muda-se para a cidade de São Paulo nos anos 1980, onde passa a lecionar na FAUUSP. Quando em Porto Alegre faz alguns projeto em colaboração com João Carlos Paiva da Silva (CAMPAGNER, Larissa Garcia. *Panorama da obra do arquiteto Miguel Alves Pereira*. São Paulo: FAUUSP, 2006).

49. Jon Maitrejean (Espanha, 1929) entrou na FAU-USP em 1949 e se formou em 1953. Inicia sua atividade docente na FAUUSP no ano seguinte. (ALMEIDA, E.; TEIXEIRA, Kátia Azevedo. “Jon Maitrejean: a casa como mote de reflexão e experimentação”. *Arquitextos*, v. 102, p. 102.01, 2008).

50. “Anteprojeto para a Assembleia Legislativa de São Paulo”, *Acrópole*, 273, ago.1961.

65
Concurso para a
Assembleia Legislativa
do Estado de São Paulo.
Projetos premiados em
primeiro e segundo
lugar, publicados por
Acrópole em agosto de
1961.

66
Na página direita, o
projeto de Rubens C.
Vianna, Ricardo Sievers
e Adolpho Rubio de
Morales, premiado em
primeiro lugar.

69
Na página esquerda, o memorial do projeto premiado em primeiro lugar. Na página direita, o projeto de Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr., José Maria Gandolfi, Luiz Forte Netto e Francisco Petracco, premiado em segundo lugar.

70
O projeto premiado em segundo lugar.

71
Concurso para a
Assembleia Legislativa
do Estado de São Paulo.
Projetos premiados em
terceiro e quarto lugar,
publicados por Acrópole
em setembro de 1961.

72
Projeto de Miguel
Pereira e João Carlos
Paiva, premiado em
terceiro lugar.

73
 Na página esquerda, o projeto premiado em terceiro lugar. Na página direita, o projeto de Jon Maitrejean, premiado em quarto lugar.

74
 Projeto premiado em quarto lugar.

do Paço Municipal de Campinas. Novamente, seu memorial pragmático justifica o projeto como “resultante” de componentes, situações e características do terreno. Implantado em uma ampla esplanada nobre, o edifício é um prisma de seis pavimentos – um dos quais semienterrado –, inserido em um espelho d’água e acessado por quatro rampas-pontes que organizam as circulações independentes previstas no edital⁵¹.

De maneira a atingir um caráter monumental, Vianna, Sievers e Morales propõem um monobloco horizontal, com “simples entendimento plástico”, que tivesse “presença própria” e simbolizasse uma “entidade representativa da vontade popular”. Revestido inteiramente por elementos vazados e adotando uma estrutura convencional, tratava-se de substituir uma “intenção precipuamente formal-novidativa” por um edifício “tranquilo pela proporção e severo pela implantação”⁵². Internamente, sua planta resultava de um agenciamento estrito do programa, a partir da aglutinação de salas acessadas por longos corredores, sem distinção entre os usos e qualquer intenção plástica na organização espacial – com exceção das entradas e da indicação do uso de materiais nobres.

75
1º prêmio - perspectiva
geral do conjunto.

51. Ibidem, pp.305-309

52. Ibidem, pp.305-309

76
1º prêmio - corte
transversal

77
1º prêmio - corte
transversal

78
1º prêmio - corte
transversal

79
1º prêmio -
implantação.

80
1º prêmio - perspectiva
geral do conjunto.

81
1º prêmio - planta
térrea.

82
1º prêmio - corte
longitudinal.

83 e 84
1º prêmio - perspectiva
do hall nobre de
entrada e planta do
pavimento semi-
enterrado.

85 e 86
1º prêmio - planta do
primeiro e do segundo
andar.

87 e 88
1º prêmio - terceiro
andar e cobertura.

Apesar de todo o significado político do edifício, o projeto ganhador parece não ir além do atendimento pragmático do programa. Trata-se de uma construção opaca ao espectador – interna e externamente – que não exprime sua dimensão simbólica, exceto pelo seu suposto caráter monumental, alcançado pela sobriedade volumétrica e ordenamento regular. A importância e a centralidade dedicada à plenária – que no projeto ganhador se dilui em meio a todos os demais usos secundários – será o elemento que aproxima as propostas dos três próximos classificados. Assim como Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro procederam no projeto do Paulistano, nestes demais projetos da Assembleia é evidente a escolha por destacar seu uso fundamental que, em maior ou menor grau, torna-se evidente a todos, visto de dentro ou de fora do edifício.

Em nítida conversa com a proposta de Le Corbusier para a Assembleia de Chandigarh, Kneese de Mello e sua equipe tornam a plenária peça principal, solta dentro do corpo horizontal, destacando-a em planta e corte com a intenção expressa de que fosse sempre sentida, “desde a praça, o hall nobre, o salão do café e outras dependências”⁵³. A ideia de uma grande cobertura é novamente retomada, sob a qual o programa complementar às seções da Assembleia é organizado em volumes claramente configurados e interligados por rampas e passarelas que atravessam o espaço vazio que dá forma a uma grande praça interna.

Na implantação e na volumetria do bloco horizontal, também parece existir um diálogo com o vocabulário adotado nos palácios de Brasília: no tratamento das esplanadas monumentais; no amplo espelho d’água no qual se insere o prisma horizontal acessado pela passarela solta; na monumentalidade advinda de certa composição clássica, modulada, ritmada da colunata externa, solta do bloco de vidro de vedação por uma circulação periférica aberta a todos os visitantes. Para dar o devido destaque ao edifício principal, a equipe opta pelo projeto de uma torre anexa (com formato de planta semelhante à sede parisiense da UNESCO, de Marcel Breuer, Zehrufuz e Nervi, dialogando também com o Banco da Lavou-ra, de Vital Brasil, em Belo Horizonte) que abrigaria os demais usos, menores e compartimentados por natureza, e que, visível a grandes distâncias, graças à vista ampla da região, tornava-se um marco para a cidade.

53. Ibidem, pp.311-313.

89
2º prêmio - perspectiva
geral do conjunto.

90
2º prêmio -
implantação.

91 e 92
 2º prêmio - pavimento
 semienterrado e térreo.

93 e 94
 2º prêmio - primeiro e
 segundo pavimento.

95 e 96
 2º prêmio - corte longitudinal e pavimento tipo da torre.

97
 2º prêmio - perspectiva geral do conjunto.

98
 2º prêmio - perspectiva da praça interna (hall de acesso).

Miguel Pereira e João Carlos Paiva são os primeiros arquitetos de nossa série eleita para análise sem atuação local (Pereira em pouco tempo se estabelecerá em São Paulo, atuando intensamente nos órgãos de classe e na atividade docente). Fazendo referências explícitas aos edifícios do Ministério da Educação e Saúde, à sede da ONU e ao Senado Federal, o projeto da dupla gaúcha, classificado em terceiro lugar, pretende alcançar o aspecto monumental a partir da tradução em “ideia clara” da excelência do poder legislativo, sem, no entanto, recorrer à grandiosidade de escala. Neste sentido, segundo os arquitetos, a dignidade era procurada na composição simples e harmônica dos dois blocos, tal qual a proposta de Kneese: um horizontal, o bloco principal, que contém a plenária e seus usos imediatos – “o coração do palácio” –, e outro vertical, que contém as demais funções, sobretudo administrativas⁵⁴.

Da grande praça de entrada, percebe-se o volume elíptico do espaço da assembleia em mármore negro, atrás dos planos de cristal de vedação do prisma ligeiramente elevado do solo, acessado por uma grande rampa – “larga, fácil e nítida” – que chega a um hall nobre. No entanto, se a terceira proposta se assemelha ao partido adotado pela equipe anterior no que diz respeito à separação volumétrica do programa e à importância dada ao grande recinto de reunião, o ordenamento dos ambientes na planta livre do embasamento segue uma composição que é, em grande medida, acadêmica, sem qualquer novidade como a procedida pela segunda proposta, que raciocina os espaços substancialmente a partir do corte do edifício. Assim, parece ser um híbrido entre os dois primeiros classificados.

54. “Anteprojeto para a Assembleia Legislativa de São Paulo”, *Acrópole*, 274, set.1961.

99
3º prêmio - perspectiva
geral do conjunto.

100
3º prêmio -
implantação.

101 e 102
3º prêmio - pavimento
sementerrado e
primeiro andar.

103
3º prêmio - segundo
pavimento.

104 e 105
3º prêmio - pavimento
tipo da torre e corte
transversal.

106
3º prêmio - perspectiva
geral do conjunto.

107
3º prêmio - corte
longitudinal
seccionado.

Jon Maitrejean levará ao extremo o caráter simbólico do programa. Ao estudar a implantação a partir dos acessos ao terreno, elimina a clássica esplanada, desenhando “urbanisticamente” os espaços externos que preparam “harmonicamente o aparecimento da praça” interna e envolta por um espelho d’água, sobre a qual se desenrola todo o edifício. A projeção da assembleia sobre este espaço público – nobre e cívico – configura o “hall político” proposto, totalmente aberto às imprevisibilidades do ambiente externo e do qual se avista a plenária – um volume redondo iluminado zenitalmente e pendurado no imenso pórtico, sobre a cabeça dos que entram⁵⁵.

Assim como nos projetos do Paulistano, é de se notar a evidente intenção de relacionar a estrutura com a expressão arquitetônica. Apesar de pensada ao “máximo em suas possibilidades de pré-fabricação”, o projeto da Assembleia de Maitrejean é desenhado plasticamente a partir de imensos pilares seriados que são, ao mesmo tempo, fachada e separação interna dos ambientes. Há um nítido entendimento do projeto pelo corte, que pode ser esquematizado de modo sintético por estas placas porticadas – paralelas e ritmadas, cujo desenho triangular diminui sua secção na medida em que se aproxima do ponto de apoio.

No âmbito dos concursos publicados, é a primeira vez que o discurso estético se entrelaça com o discurso ético, político e social, o que se explicita tanto na obra como no memorial descritivo. Lida pela historiografia como uma das características de uma pretensa identidade local, a ação criadora assumida por Maitrejean neste projeto (e, ainda que com menos ênfase, pelos segundo e terceiro colocados), mais do que cumprir somente sua esperada postura profissional, passaria a formular seus próprios problemas, atribuindo outros objetivos ao projeto, para além do obediência usual ao programa solicitado. Não é desprezível que estes sejam também os anos de projeto do edifício da FAUUSP, de Vilanova Artigas, exemplo máximo desta postura, na qual é notável a emergência de uma intenção simbólica no desenho.

A competição da Assembleia marca o fim dos concursos organizados pelos governos paulistas – municipais ou estaduais – ao menos daqueles julgados relevantes pelos periódicos especializados. Se tal retórica, presente no discurso

55. Ibidem, pp.351-353.

de Maitrejean, não se faz explícita nos projetos apresentados adiante (até pelo caráter de seus usos mais privativos), é perceptível que vários deles tentem, a partir do desenho do edifício, sobretudo em sua relação com a cidade, propor novas formas de sociabilidade, mais generosas ainda que circunscritas.

108
4º prêmio - perspectiva
geral do conjunto.

109
4º prêmio -
implantação.

110 e 111
4º prêmio - térreo e
primeiro pavimento.

112 e 113
4º prêmio - segundo e
terceiro pavimento.

114
4º prêmio - corte
transversal.

115
corte transversal
seccionado.

116
4º prêmio - perspectiva
geral do conjunto.

3.3.2 SEDE DE CAMPO DO JÓQUEI CLUBE DE SÃO PAULO (1962)

Se é nestes anos que emergem com força diversas restrições ao uso indiscriminado do concurso por parte da iniciativa privada, tal confronto não parece ecoar no espaço que as publicações especializadas, sobretudo *Acrópole*, abrem para a divulgação de tais eventos. Dentre eles, quatro certames paulistas são publicados de 1962 a 1965, com informações suficientes para nossa análise: a Sede de Campo do Jockey Club de São Paulo, a Sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo, o Clube XV em Santos e o Clube da Orla no Guarujá. Ainda que não sejam mais frutos da encomenda pública, o olhar para estes programas se assemelha na importância que dedicam ao seu caráter de reunião social, amplamente voltados ao lazer coletivo e ao uso não laboral do espaço.

O concurso da Sede de Campo do Jockey Club de São Paulo é provavelmente o mais dissonante dentre os aqui analisados. Pois, a área destinada ao projeto é imensa e não urbana, fazendo com que o desenho do lote e seu confronto com o entorno não sejam substanciais para a concepção do partido do projeto. Não só: sendo um dos raros cariocas inscritos (devido aparentemente a problemas de comunicação que haviam dificultado a inscrição de arquitetos de outras regiões), Sérgio Bernardes é também o primeiro – e único – profissional com pouca atuação em São Paulo que vence um destes concursos locais⁵⁶. Pode não ser o caso de considerá-lo um “azarão”: muitos dos seus procedimentos e interesses de projeto coincidem com preocupações reconhecidas pela historiografia como sendo peculiares aos arquitetos paulistas e ausentes da gestualidade mais divulgada da produção carioca⁵⁷. Não deve ser coincidência também que sejam estes

56. Sergio Bernardes (Rio de Janeiro, 1919-2002) forma-se pela FNA em 1948.

57. Trata-se de uma das chaves de análise mais recorrentes do contraponto entre a produção de São Paulo e do Rio de Janeiro. Por exemplo: BRUAND, Yves. “À margem do racionalismo: a corrente Orgânica e o Brutalismo paulista” in *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981; FICHER, Sylvia; ACAYABA, M. M. *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1982; MILHEIRO, Ana Vaz. O Estilo Artigas. In *Vilanova Artigas: A cidade é uma casa. A casa é uma cidade*. Portugal: Casa da Cerca, 2000.

os anos em que Bernardes instala, com a ajuda de Eduardo de Almeida e Ennes Silveira de Mello, seu escritório na capital paulista, para desenvolvimento de projetos cais, sobretudo residenciais⁵⁸.

Na sequência são classificados: Ubyrajara Gilioli e Fábio Penteado⁵⁹; Ricardo Sievers e Rubens Carneiro Vianna; Rodeny Guaraldo, Luís Gobeth Filho e Roberto Luís Gandolfi; e, por fim, Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira. Infelizmente, somente os três primeiros colocados seriam publicados na revista *Acrópole* de novembro de 1962, onde tampouco foram divulgados o edital e a ata de julgamento do concurso, cujo júri era composto por Plínio Croce, Marcial Fleury de Oliveira, José Maria da Silva Neves, Roberto Cerqueira César e Oswaldo Correa Gonçalves, todos formados como engenheiros-arquitetos na Escola Politécnica da USP, com exceção de Croce que se graduara no Mackenzie.

O material disponibilizado de cada projeto por *Acrópole* é desigual, devido, provavelmente, à extensão do programa (que inclusive tira a definição dos desenhos publicados, talvez desenhados para uma escala muito diferente). O projeto de Sérgio Bernardes conta com planta de situação, memorial descritivo, planta de todas as intervenções, cortes longitudinais, 3 perspectivas internas, 3 perspectivas externas e ampliação de dois apartamentos tipos. Do segundo colocado, temos seu memorial, uma implantação geral, uma perspectiva do conjunto, alguns croquis explicativos do partido, planta do volume de hóspedes, planta da sede e um corte longitudinal. Já do terceiro colocado nos são apresentadas somente a implantação, a planta da sede e duas perspectivas externas⁶⁰.

58. NOBRE, Ana Luíza de Souza. *Fios cortantes: projeto e produto, arquitetura e design no Rio de Janeiro (1950-70)*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2008.

59. Ubyrajara Gonsalves Gilioli (19XX) ingressou na FAU-USP em 1952 e se formou em 1956. Sobre Fábio Penteado, ver nota 74 do capítulo 1.

60. “Concurso de Anteprojetos para o Clube de Campo do Jockey Club de São Paulo”, *Acrópole*, 288, nov. 1962

117
Anteprojetos
apresentados para
o concurso da sede
de campo do Jôquei
Clube.

118
Na página direita, o
projeto ganhador de
Sérgio Bernardes e
Henrique Pait.

119
Projeto premiado em primeiro lugar.

120
Na página esquerda, o projeto premiado em primeiro lugar. Na página direita, o projeto de Ubyrajara Gilioli e Fabio Pentead, premiado em segundo lugar

121
O projeto premiado em
segundo lugar.

122
O projeto de Rubens
Carneiro Vianna
e Ricardo Sievers,
premiado em terceiro
lugar.

Com a colaboração do arquiteto Henrique Pait (formado na FAU-USP em 1962 e sócio, neste momento, de Artur Fajardo, Eduardo de Almeida, Dácio Ottoni e Ludovico Martino), Sergio Bernardes traça dois objetivos de seu projeto para além do necessário atendimento do programa exigido pelo edital: alcançar uma “formalística de arquitetura brasileira” e buscar sem exceções uma simplificação do módulo construtivo. Assim, uma arquitetura “tipicamente brasileira” deveria reunir a apreensão dos valores transmitidos pelas construções coloniais – “atmosfera”, “singularidade”, “autenticidade” – à utilização dos recursos industriais que, cada vez mais “acessíveis pelo estágio do desenvolvimento brasileiro”, se justificava pelo menor custo da obra, pela limitação da mão de obra qualificada e pela simplicidade de manutenção⁶¹.

Tratava-se de integrar, a um só tempo, o conjunto arquitetônico no elemento natural e cada peça do conjunto às demais. Isso definia tanto a implantação – o clube como a “casa grande” situada no alto do terreno de onde tudo de avista – quanto o desenho das construções. Se os ambientes se abriam de maneira generosa para a paisagem ampla, ao mesmo tempo sua construção decorria do desenho individual das peças arquitetônicas que, quando reunidas sob a regra de uma rígida modulação, formavam três conjuntos longilíneos conectados por um bloco central, o núcleo social. O mesmo módulo regia o desenho da implantação e do paisagismo. Ainda que sejam poucas as informações a respeito do sistema construtivo, nota-se a atenção por uma estrutura pautada na composição de componentes padronizados – pilares de concreto, elementos de madeira, telha industrial aparente e fechamentos modulados – encaixados por um olhar atento aos detalhes construtivos.

Assim, se contrasta com a gestualidade posto que se constrói a partir da articulação de elementos e de uma lógica serial, seu projeto parte do entendimento da construção a partir de sua abordagem construtiva – o que é de se notar, sobretudo se enunciado por um arquiteto carioca. Contudo, se há o rigor ortogonal e a correspondência com a lógica do sistema industrial, o projeto de Bernardes se mostra sensível às circunstâncias locais, propondo uma espacialidade dilatada a desdobrar-se no terreno – que já vinha sendo testada desde a Casa Lota Macedo

61. Ibidem, pp.381-382

Soares, conforme descrito por Nobre⁶². Há, sem dúvida, a ideia de montagem em contraponto ao pensamento a partir do molde, invertendo o raciocínio até então proposto para o concreto armado e diferindo também da concepção de seriação, adotada por alguns dos arquitetos paulistas aqui analisados.

123
1º prêmio - perspectiva

124
1º prêmio -
implantação.

62. NOBRE, Ana Luiza de Souza. *Fios cortantes: projeto e produto, arquitetura e design no Rio de Janeiro (1950-70)*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2008.

125 e 126
1º prêmio - planta
térrea.

127
1º prêmio - planta
inferior com usos
complementares à
piscina.

128
1º prêmio - corte.

129
1º prêmio - perspectiva
do conjunto.

130
1º prêmio - perspectiva
do núcleo social.

131
1º prêmio - perspectiva
da piscina, avistando
a sede.

132 e 133
*1º prêmio - planta
 e perspectiva do
 apartamento tipo 01.*

134 e 135
*1º prêmio - planta
 e perspectiva do
 apartamento tipo 02.*

Ainda que a proposta de Bernardes não seja indiferente a seu entorno, ela não faz qualquer intervenção substancial na área livre e, para além da implantação da construção e da área de lazer ao redor da piscina, a natureza permanece quase inalterada. Talvez, a principal diferença entre o projeto de Sérgio Bernardes e o de Ubyrajara Gilioli e Fábio Penteado resida justamente na intensidade de suas intervenções propostas sobre a paisagem. Isto porque o projeto colocado em segundo lugar é indissociável do redesenho de toda a área do terreno, propondo um plano de composição que permitisse “uma ambientação” total para o Clube, a partir dos recursos paisagísticos. O elemento central do projeto é um imenso lago artificial, obtido pela ampliação de um manancial existente, que, ocupando as cotas mais baixas do terreno, espalha-se e permeia as novas construções, orientando suas implantações e qualificando o espaço livre com a criação de “ilhas” e “praias” para os mais diversos usos. O desenho do terreno “sem querer” vira construção, e as construções são, a todo momento, atravessadas pelo desenho modelado da topografia⁶³.

A sede social e os apartamentos ocupam edifícios separados, e cada um parece ter uma composição própria e com poucas diretrizes em comum (ainda que o material publicado ofereça poucas informações para a análise do sistema construtivo utilizado). Se, de um lado, a hospedaria é desenhada como um prisma puro sobre pilotis, com um amplo vazio central, por outro, a sede social se aproxima da formulação de Bernardes, pensada como um grande pavilhão também montado com um sistema simples de pilar e viga em concreto, a partir de uma rígida modulação. Contudo, se Bernardes parte da composição de ambientes-tipo para se chegar ao todo, o segundo colocado ocupa o invólucro de maneira livre, independente, pouco articulada ao rigor de sua composição estrutural.

63. “Concurso de Anteprojetos para o Clube de Campo do Jockey Club de São Paulo”, *Acrópole*, 288, nov. 1962

136 e 137
2º prêmio - croquis explicativos do desenho do lago ampliado.

138 e 139
2º prêmio - croquis explicativos da implantação e dos usos do lago.

140
2º prêmio - implantação.

141
2º prêmio - perspectiva
da implantação.

142
2º prêmio - planta do
bloco social.

143
2º prêmio - corte do
bloco social.

144
2º prêmio - elevação do
bloco dos hóspedes.

145
2º prêmio - planta
térrea do bloco dos
hóspedes.

146
2º prêmio - planta
superior do bloco dos
hóspedes.

Classificado em terceiro lugar, o projeto de Ricardo Sievers e Rubens Carneiro Vianna parece fundir pontos de cada uma das outras propostas. Se sua sede se assemelha ao projeto de Sérgio Bernardes quanto à rígida modulação orientada por uma retícula pré-definida, ora coberta, ora descoberta, que orienta a ocupação de todos os ambientes através da utilização de peças pré-moldadas de concreto armado, ela também supõe um grande lago, que redefine o terreno como um todo.

Neste caso, interessa-nos destacar a mudança no partido assumido pelos arquitetos que, anos antes, haviam ganho dois dos principais concursos nacionais: o Paço de Campinas e a Assembleia paulista. De fato, a atuação de Vianna e Sievers é um caso interessante. De um lado, estão completamente ausentes das grandes narrativas da história da arquitetura brasileira, apesar da intensa atuação projetual e de sua legitimação supostamente crescente no meio profissional, devido à conquista consecutiva de importantes competições. De outro, se seus projetos não são inovadores e, apesar de atenderem integralmente ao solicitado no edital, pouca repercussão causam na crítica arquitetônica (como é o caso, por exemplo, do projeto de Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro para o Clube Paulistano), tampouco permanecem inertes às movimentações arquitetônicas locais. Como poderemos notar, é curioso como a linguagem adotada pelo escritório muda em um curto espaço de tempo e nos dá sinais de uma difusão mais ampla de algumas orientações projetuais testadas de maneira esparsa até aqui.

147
3º prêmio - perspectiva
do conjunto.

148
3º prêmio -
implantação.

149
3º prêmio - vista do
quarto de hóspedes.

150
3º prêmio - pavimento
térreo do bloco
principal.

3.3.3 SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE ENERGIA ELÉTRICA (1963)

Contrastando com a amplitude do concurso anterior, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Energia Elétrica dava como problema aos arquitetos um terreno estreito e comprido, com frente somente para a Rua Tomás Gonzaga, no bairro da Liberdade, centro de São Paulo. Um lote urbano, exíguo frente ao extenso programa solicitado, com uma ocupação estreitamente condicionada pelas disposições municipais. Tal circunstância resulta na adoção de partidos muito similares pelos concorrentes, ao menos entre os três primeiros colocados, cujos projetos são veiculados na revista *Acrópole* em agosto de 1963: um embaçamento que ocupa quase integralmente o terreno e abriga os usos públicos, com espaços pensados de maneira mais livre e uma relação mais franca com o externo, e uma torre recuada, pouco visível da rua, desenhada a partir de um ordenamento mais rígido.

Assessorado por Eduardo Kneese de Mello, o júri, composto por Rino Levi, Leo Ribeiro de Moraes, Octávio Lotufo e os engenheiros Décio G. Pereira e Mário Savelli, julgaria os 27 trabalhos submetidos levando em conta sua clareza na distribuição interna; a facilidade e independência de acessos e escoamento; o caráter do edifício e a resposta plástica adequada ao seu uso específico; a solução estrutural e, finalmente, o atendimento às posturas municipais⁶⁴. O engenheiro-arquiteto Zenon Lotufo e o arquiteto Ubirajara Ribeiro⁶⁵ são classificados em primeiro lugar, seguidos pela equipe de Ricardo Sievers e Rubens Carneiro Vianna; e

64. “Concurso para Sede de Sindicato”, *Acrópole*, 298, ago.1963.

65. Zenon Lotufo (Botucatu, 1911-1986) forma-se engenheiro-arquiteto na Politécnica da USP em 1936. Nesta mesma instituição leciona Composição de 1938 a 1947, com interrupções. Na década de 1950 entra para o corpo docente da FAU-USP, onde se aposenta como auxiliar de ensino em 1981. Também tem atuação constante no IAB-SP (FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2005). Ubirajara Ribeiro (São Paulo, 1930-2002) forma-se arquiteto pelo Mackenzie em 1954. Na década de 1960 inicia suas atividades docentes no Mackenzie e na FAAP. Atua na área de arquitetura até 1976, quando passa a se dedicar integralmente às artes plásticas (LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário crítico da pintura no Brasil*. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988)

pelo arquiteto Jorge Nasser, com o qual colabora José M. Odriozola⁶⁶. O material apresentado por *Acrópole* das três propostas é semelhante: uma perspectiva externa, plantas, um corte longitudinal e um memorial (que não conseguimos definir se escrito pelos autores ou pela publicação).

Tais propostas representam uma inflexão na linguagem adotada pelos dois primeiros colocados na resolução de um problema que era, em grande medida, comum. De fato, eram poucas as diferenças entre as balizas estabelecidas pelo programa do concurso e as demandas da iniciativa privada para outros edifícios de uso misto, construídos no centro da cidade nestes anos. É justamente por este uso e ocupação, em grande parte ordinários – e por seu caráter não excepcional, não monumental, não cívico –, que podemos perceber uma incorporação mais rotineira de novos parâmetros de desenho (no caso deste projeto, principalmente na elaboração da fachada).

151
Concurso para Sede do
Sindicato, publicado
no número 298 de
Acrópole, em agosto de
1963.

66. Não foi possível obter informações biográficas sobre Jorge Nasser e José M. Odriozola.

154
*Projeto de Rubens
Carneiro Vianna
e Ricardo Sievers,
premiado em segundo
lugar.*

155
*Projeto de Jorge Nasser,
premiado em terceiro
lugar.*

É de se notar a semelhança entre as trajetórias de Zenon Lotufo e Rubens Carneiro Vianna, ambos engenheiros-arquitetos formados ainda nos anos 1930 pela Escola Politécnica da USP. Iniciam suas carreiras com projetos interessados nas novas tendências modernas, mas ainda intimamente entrelaçados com a herança conservadora do curso. Aos poucos, na virada dos anos 1950, atuando com certa intensidade no meio profissional paulista, aproximam-se da arquitetura moderna, sobretudo de sua vertente carioca. Agora, tendo em vista as propostas apresentadas para a Sede do Sindicato, ainda que a resolução do projeto não traga inovações substanciais, é evidente a construção de um outro olhar, atento a novas referências: seja na experimentação do uso de materiais aparentes, no foco diferente adotado para o desenho plástico de suas fachadas (com uma estética diversa da utilizada nos anos 1950) ou, no caso da equipe de Zenon, no interesse por uma elaboração estrutural mais ousada – mesmo que não necessária, conforme declaram os próprios arquitetos em seu memorial.

156 e 157

Projeto de Zenon Lotufo para a Associação Bahiana de Imprensa (em colaboração com Hélio Duarte, 1946) e para o Paço Municipal de Bauru (1954).

158 e 159

Supermercado e Praça de Esportes em São Caetano do Sul (com Ubirajara Ribeiro, respectivamente em 1961 e 1960)

No caso do projeto vencedor, um grande papel é atribuído a Ubirajara Ribeiro (que em meados dos anos 1970 passa a se dedicar integralmente às artes plásticas) na inovação do processo de projeto, na parceria estabelecida com Zenon Lotufo a partir de 1958. Vencedores de vários concursos no mesmo período, dentre eles a AABB e o mercado Municipal de Porto Alegre, a Praça Municipal de Esporte em São Caetano do Sul e a Catedral Presbiteriana de Brasília, as experimentações da dupla são consideradas por Eduardo Modenese Filho como representantes de uma fase de “brutalismo e maturidade”⁶⁷. Ainda que o projeto do Sindicato não nos dê elementos suficientes para concordar ou não com tal categorização, há de fato na fachada do embasamento – único trecho visível do edifício na perspectiva do pedestre – o uso de uma única empena que atravessa toda a largura do lote. Ao mesmo tempo vedação e estrutura, os recortes deste plano são interstícios para a ventilação e a iluminação dos ambientes internos.

160

1º prêmio - perspectiva.

67. MODENESE FILHO, Eduardo. *Entre linhas e curvas: a teoria e a prática na obra de Zenon Lotufo*. São Paulo: FAUUSP, 2008.

161 e 162
1º prêmio - segundo e primeiro subsolo.

163 e 164
1º prêmio - mezanino do subsolo e térreo.

165 e 166
1º prêmio - primeiro pavimento e mezanino.

167
1º prêmio - corte longitudinal.

168 e 169
1º prêmio - plantas
do segundo e terceiro
andar.

170 e 171
1º prêmio - quarto e
quinto andar da torre.

172 e 173
1º prêmio - andar tipo e
cobertura.

174
1º prêmio - elevação
frontal.

Da mesma maneira – mas não com desenhos similares – a segunda proposta também opta por um desenho “moldado” desta fachada, assumindo igualmente o material aparente. De fato, Vianna e Sievers agora assumem uma liberdade de composição e um pensamento espacial que não é nem ao menos sugerido no projeto vencedor da Assembleia Legislativa, desenvolvido há pouco mais de um ano, apesar do programa e da área disponível serem consideravelmente mais significativos. Por fim, mas não menos curiosa, é a proposta elaborada por Jorge Nasser, formado no Mackenzie, que, com seu volume suspenso, com formatos diferentes e revestido por um brise aparentemente metálico, propõe um projeto absolutamente distinto dos que até aqui foram analisados, mas que parece ser caso isolado. Neste projeto o volume térreo não é mais um embasamento sobre o qual se apoia a torre e, sim, uma saliência incrustada no corpo do edifício principal.

Entre permanências e sedimentações, os projetos apresentados para cada um destes concursos – o da Assembleia, do Clube de Campo e do Sindicato – passam a fazer eleições similares e, cada qual a sua maneira, sugerem-nos alguns compartilhamentos antes não percebidos. São propostas que se conversam – seja pela forma, seja pela técnica, seja pela preocupação ética – e compartilham, de maneira ainda frágil, certas soluções e perspectivas para o projeto. Não menos interessante é perceber que alguns engenheiros-arquitetos, como Eduardo Kneese de Mello, Zenon Lotufo ou Rubens Carneiro Vianna – que, na década de 1940, se alinharam combativamente às novas problemáticas da arquitetura moderna, encantando-se também com a produção carioca –, agora, parecem mobilizar novas referências, sobretudo quando em parceria com os novos arquitetos recém formados.

175
2º prêmio - corte
longitudinal.

176
2º prêmio - elevação
frontal.

177 e 178
2º prêmio - segundo e primeiro subsolo.

179 e 180
2º prêmio - térreo e primeiro pavimento.

181 e 182
2º prêmio - mezanino e segundo pavimento.

183 e 184
2º prêmio - cobertura do embasamento e tipo 01 de ocupação da torre.

185
2º prêmio - tipo 02 de ocupação da torre.

186
3º prêmio - corte
longitudinal.

187
3º prêmio - elevação
frontal.

188 e 189
3º prêmio - térreo e
primeiro pavimento.

190 e 191
3º prêmio - segundo e
terceiro pavimento.

192 e 193
3º prêmio - quarto e
quinto pavimento.

194 e 195
3º prêmio - sexto e
sétimo pavimento.

196 e 197
3º prêmio - andares
tipo.

3.4 CONVERGÊNCIAS E DIFRAÇÕES

3.4.1 SEDE DO CLUBE XV (1963)

Ainda que o concurso para a nova sede do Clube XV, em Santos, alcance um alto número de participantes – dentre os 98 inicialmente inscritos são entregues 43 trabalhos de “Porto Alegre até Belém do Pará” – a eleição do júri premiará, novamente, uma ampla maioria de arquitetos locais, com exceção dos mineiros Pawel Martin Liberman e Richard Kohn, que, no mesmo ano, haviam conquistado o primeiro lugar no concurso para a Assembleia Legislativa de Minas Gerais⁶⁸. Pressupondo a integridade e anonimato dos participantes, não é desprezível que, recorrentemente, júris compostos por profissionais locais premiem quase unicamente profissionais locais. De fato, tal identificação entre proposta e leitura da obra pode sugerir a existência de um pensamento particular de arquitetura, ainda circunscrito regionalmente.

Analisados por Ícaro de Castro Mello, Eduardo Corona e Roberto Aflalo, os projetos premiados – de Pedro Paulo de Melo Saraiva e Francisco Petracco, com a colaboração de Helladio Mancebo (1º); Fábio Penteado e Ubyrajara Gilioli (2º); Luís Gobeth Filho, Roberto Luís Gandolfi e Rodney Guaraldo (3º); Maurício Tuck Schneider (4º)⁶⁹; Telésforo Giorgio Cristófani (5º)⁷⁰; Hélio de Maria Penteado, João Walter Toscano, José Caetano de Mello Filho e Júlio Katinsky (Menção Honrosa)⁷¹; Martin Liberman e Richard Kohn (Menção Honrosa) – dão claros exemplos de uma certa convergência e, ao mesmo tempo, da pluralidade de atitudes projetuais entre os arquitetos atuantes em São Paulo, em meados dos anos 1960. Mais do que isso, a análise dos projetos publicados por *Acrópole*, em maio de 1963, dá nítidas evidências da tomada de distância em relação às

68. *Acrópole*, 291, fev.1963.

69. Maurício Tuck Schneider se forma no Mackenzie.

70. Sobre Telésforo Giorgio Cristófani, ver nota 49 do capítulo 1.

71. Hélio de Maria Penteado, João Walter Toscano, José Caetano de Mello Filho e Júlio Katinsky se formam na FAU-USP respectivamente em 1958, 1956, 1958 e 1957. Katinsky leciona nesta instituição a partir de 1962 (SODRÉ, João. *Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962)*. São Paulo: FAUUSP, 2010)

prerrogativas arquitetônicas mais difundidas na segunda metade dos anos 1940, intimamente entrelaçadas ao ideário carioca moderno.

Acrópole apresenta todos os projetos, ainda que desigualmente. Do primeiro colocado, temos o memorial, uma implantação, as plantas, uma perspectiva interna e duas perspectivas externas, dois cortes longitudinais e a elevação lateral. Do segundo colocado, temos o memorial, uma implantação, as plantas, duas perspectivas externas, um corte longitudinal e alguns croquis justificativos do projeto. Do terceiro colocado, aparecem o memorial, uma perspectiva externa, suas plantas e alguns croquis explicativos. Do quarto colocado, temos o memorial, uma perspectiva externa e uma interna, e um corte longitudinal. Do quinto colocado, são reproduzidos duas perspectivas externas, o corte longitudinal e o memorial. Por fim, as menções honrosas são apresentadas com um curto memorial (provavelmente editado) e uma perspectiva externa de cada projeto⁷².

198
Concurso de
Anteprojetos para a
Sede do Clube XV
publicado por *Acrópole*
em maio de 1963.

72. “Concurso de Anteprojetos para a Sede do Clube XV”, *Acrópole*, 294, mai.1963

199
Na página direita, o projeto de Pedro Paulo de Melo Saraiva e Francisco Petracco, premiado em primeiro lugar

200
O projeto premiado em primeiro lugar.

201

O projeto de Fabio Pentead e Ubyrajara Gilioli, premiado em segundo lugar.

202

Na página esquerda, o projeto premiado em segundo lugar. Na página direita, o terceiro premiado, projetado por Luís Gobeth Filho, Roberto Luís Gandolfi e Rodney Guaraldo.

203
Na página esquerda, o terceiro premiado. Na página direita, o projeto de Maurício Tuck Schneider que ganhou o quarto prêmio.

204
Na página esquerda, o projeto de Telésforo Crisóstofi, premiado em quinto lugar. Na última página, as duas menções honrosas.

Se, por um lado, com exceções pontuais, estes projetos, à primeira vista, aproximam-se em várias das escolhas eleitas para seu partido – como, por exemplo, na concepção compacta do objeto; no uso do material bruto, sobretudo do concreto (presente marcadamente em algumas representações); na correspondência entre a forma arquitetônica e a expressão estrutural; em alguns trejeitos no desenho de seus apoios; na adoção de empenas cegas para alguns de seus fechamentos ou na relação mais franca do desenho do térreo com a cidade –, não podemos ignorar, por outro lado, que de tais eleições decorram resultados formais completamente diferentes.

O terreno eleito para a obra era uma quadra inteira de frente para a Avenida Vicente de Carvalho, que margeava a orla. Para Pedro Paulo de Mello Saraiva e Francisco Petracco, a existência da praia, extensa área pública de lazer, dispensava a necessidade de grandes espaços livres internos para recreação e esporte. Com esta simplificação do programa, era possível propor um edifício reduzido que, sem prejuízo à generosidade dos espaços, tivesse a requerida dignidade decorrente de uma unidade e clareza distinta da intensa verticalização do entorno.

A exemplo do projeto de Paulo Mendes para o Ginásio do Clube Paulistano, o primeiro pavimento ocupa totalmente o terreno e conforma um embasamento semi-enterrado, iluminado zenitalmente, sobre o qual se cria uma ampla esplanada superior. O pequeno rebaixamento do terreno permite o aproveitamento total do lote, ocupando os recuos sem, no entanto, infringir as posturas municipais. Sobre este embasamento, um bloco horizontal, pensado intencionalmente no seu contraste com a massa vertical de prédios construídos e cujo desenho valia-se, nas palavras dos arquitetos, da “grande versatilidade do concreto” que lhes levava a uma solução pautada no binômio “forma-estrutura” (uma relação estreita, afirmada com tanta ênfase pela primeira vez em nossa série). De fato, o edifício suspenso era composto quase integralmente por pórticos articulados simétricos que buscavam em sua seriação a riqueza formal pretendida. Ao mesmo tempo estrutura e vedação, os recortes nestas finas placas de concreto paralelas biapoiadas abrigavam os usos do edifício, inclusive a piscina, localizada na cobertura⁷³.

73. “Concurso de Anteprojetos para a Sede do Clube XV”, *Acrópole*, 294, mai.1963

205
1º prêmio - vista do
clube a partir da orla.

206
1º prêmio -
implantação.

207
1º prêmio - perspectiva
da cobertura do
edifício, avistando o
mar ao fundo.

208

1º prêmio - perspectiva
da entrada.

209

1º prêmio - elevação
lateral.

210

1º prêmio - corte
longitudinal.

211
1º prêmio - primeiro
pavimento.

212
1º prêmio - cobertura.

213
1º prêmio - térreo
elevado.

214
1º prêmio - pavimento
semi-enterrado.

215
1º prêmio - corte
longitudinal.

De modo semelhante, ao perceberem o alto potencial imobiliário da área em que se instalaria o clube, Hélio Maria Penteado, João Walter Toscano, José Caetano de Mello Filho e Júlio Roberto Katinsky – todos formados pela FAUUSP entre 1956 e 1958 – propõem uma composição volumétrica muito parecida com o projeto vencedor, desenvolvendo horizontalmente sua construção, de modo a destacá-la da massa vertical vizinha. Igualmente dividido entre uma esplanada (com seus fechamentos desenhados de modo muito próximos às obras de Artigas do período, como a garagem de barcos Santa Paula ou os vestiários do Clube São Paulo, ambos de 1961) e uma caixa horizontal elevada e apoiada unicamente sobre quatro pilares, o projeto nega, de um lado, o diálogo com os edifícios vizinhos, ao adotar empenas laterais e abrir seu olhar em direção à praia, e, de outro, amplia os espaços públicos, democratizando o solo do clube, a partir do acesso irrestrito a seu térreo elevado. Cabe destacar que, aqui também, o binômio forma-estrutura do projeto vencedor está presente.

216
*Perspectiva do projeto
da equipe de Hélio
Maria Penteado.*

Ao contrário dos projetos anteriores, os arquitetos Fábio Penteado e Ubyrara Gilioli buscavam preservar o “espírito típico de clube”, ao destinar uma grande área para o lazer aberto e privilegiar sua ligação quase espontânea com a praia. Neste projeto, classificado em segundo lugar, ainda que adotassem um pavimento irregular semienterrado, os usos fechados ou esporádicos eram abrigados em um edifício de quatro pavimentos que, pela simplicidade de sua solução,

distingue-se das demais propostas apresentadas no concurso (e dos próprios projetos da dupla para outras competições do período).

Contraposta aos demais projetos, a torre projetada é, em grande medida, contida, convencional, adotando a planta livre, os fechamentos inteiramente em vidro, alguns poucos apoios recuados da borda da laje, a concentração das circulações e instalações em prumadas específicas. Ainda que se trate de uma proposta muito peculiar (no conjunto do concurso), é possível reconhecer elementos recorrentes na produção contemporânea, como a comunicação visual entre os dois primeiros pavimentos através de um vão central, a introdução de um terraço intermediário que separa a torre em dois volumes e a solução de iluminação zenital da cobertura, à maneira da FAUUSP, composta por peças piramidais de concreto, fechadas por placas de acrílico.

217
2º prêmio - corte longitudinal.

218
2º prêmio - elevação frontal.

219

*1º prêmio - mezanino
do quarto andar.*

220 e 221

*2º prêmio - cobertura e
quarto andar.*

222

*2º prêmio - terceiro
andar.*

223

*2º prêmio - vista do
edifício a partir da
piscina.*

224
2º prêmio - segundo andar.

225
2º prêmio - primeiro andar.

226
2º prêmio - térreo.

227
2º prêmio - pavimento semi-enterrado.

Com exceção da proposta de Pawel Liberman e Richard Kohn – que adota um corpo irregular, elevado sobre pilares piramidais, protegido por um fechamento metálico em toda a sua extensão –, parece existir nos demais projetos classificados uma intenção escultórica do concreto aparente, menos contida e com certo peso, que os diferenciam dos projetos até aqui analisados. Neles, há que se destacar igualmente a qualidade diferente que propõem para o térreo que, apesar de liberado de construções e aberto para a cidade, não tem seu uso qualificado e se torna espaço de acomodação dos que chegam, caracterizando-se como local de passagem. Um contraste frente à opção da esplanada que, embora dê continuidade ao solo da cidade, a partir de seu destaque do nível público, é qualificada frente à imensidão da praia logo à sua frente.

228

*Perspectiva da proposta
da equipe de Pawel
Liberman.*

Luiz Gobeth Filho, Roberto Luís Gandolfi e Rodney Guaraldo propõem, com a colaboração do engenheiro Gabriel Feitosa, um volume resultante da intersecção de um bloco horizontal elevado do chão que cobre toda a área do terreno (e sobre o qual se situa a piscina) e uma torre que concentra os espaços de sociabilidade, ocupando a parte mais larga do lote. Fechado longitudinalmente por duas imensas empenas de concreto aparente, justificadas no memorial pela incidência solar excessiva, as aberturas francas se localizam na face menor, de frente para o mar, assim como nos demais projetos. Sem qualquer apoio intermediário, as lajes da torre se apoiam nestas empenas longitudinais, liberando completamente o uso dos pavimentos e, no entanto, sem chegar a propor uma espacialidade nova internamente, não conseguem escapar de um notável peso de suas fachadas, talvez intencional, mas aparentemente exagerado frente à escala do uso do edifício.

229
3º prêmio - corte
longitudinal
esquemático.

230
3º prêmio - corte
longitudinal
esquemático.

231
3º prêmio - implantação
esquemática.

232
3º prêmio - perspectiva.

233, 234 e 235
3º prêmio - terceiro,
quarto e quinto andar.

236
3º prêmio - planta de
cobertura esquemática.

237
3º prêmio - segundo andar.

238
3º prêmio - primeiro andar.

239
3º prêmio - térreo

É interessante destacar que, nestes anos, este grupo, junto a José Maria Gandolfi e a Luís Forte Netto, todos formados no Mackenzie, começa a atuar independentemente, deixando de participar como colaboradores em equipes de arquitetos mais experientes, como Carlos Millan, Pedro Paulo de Mello Saraiva, Jorge Wilhelm e Fábio Penteado, em cujos escritórios também estagiavam. Este grupo participaria ativamente de concursos nacionais realizados ao longo de toda a década de 1960, dentre os quais ganham o segundo lugar no Instituto São Leopoldo no Rio Grande do Sul em 1961; segundo lugar no projeto para Centro Comercial no Pará em 1964 e primeiro lugar no Monumento à Fundação de Goiânia em 1965. Migrando para o Paraná, Luiz Forte Netto e os irmãos Gandolfi formariam o que viria a ser um dos maiores escritórios de arquitetura de Curitiba e, mais do que isso, para parte da historiografia, um grupo local fortemente vinculado a uma suposta “arquitetura brutalista paulista”⁷⁴.

Se, apesar de resultados formais diferentes, o partido adotado por Mauricio Tuck Schneider é muito similar ao anterior na maneira de distribuir o programa e o compor volumetricamente – propondo um volume encerrado em duas empenas (aparentemente de pedra) apoiado em um embasamento também contido por dois planos longitudinais (aparentemente de concreto) –, o projeto proposto por Telésforo Cristófani parece se afastar destas duas concepções, ainda que preserve as empenas longitudinais – eleita por todos os projetos como estrutura principal e anteparo aos olhares devassadores dos edifícios vizinhos.

240
4º prêmio - corte
longitudinal.

74. SANTOS, Michelle Schneider. *A arquitetura do escritório Forte Gandolfi. 1962-1973*. São Paulo: Mackenzie, 2011.

241
4º prêmio - perspectiva
do terraço.

242
4º prêmio - perspectiva
externa.

Auxiliado pelo engenheiro Hugo Tedeschi e pelos arquitetos Sérgio Bergamin e Mário Yoshinaga, Telésforo propõe uma geometria curiosa, muito particular (mas que se aproxima, com suas empenas e desenhos de pilares, de outros projetos contemporâneos, como a casa Taques Bitencourt de Artigas e Cascaldi, projetada em 1959, ou o Fórum de Avaré, de Paulo Mendes da Rocha, de 1962). Segundo seu memorial, o projeto pautava-se no “negar e afirmar”: afirmar a não ocupação do solo, criando uma grande e convidativa área de sombra; afirmar a espontaneidade e naturalidade no aspecto formal, resultante da empena definida pela sobreposição de planos dimensionados, de acordo com suas funções e necessidades específicas; negar o monótono entorno a partir destas pesadas empenas estruturais que, no entanto, apoiam-se no solo em somente dois suportes; afirmar um programa contido em si pelo aspecto externo e, ao mesmo tempo, aberto e liberto espacialmente de seu terreno, extravasando, através de seus mirantes, plataformas “sem limites”, em direção ao mar e ao céu⁷⁵.

243

5º prêmio - perspectiva.

75. “Concurso de Anteprojetos para a Sede do Clube XV”, *Acrópole*, 294, mai.1963

244
5º prêmio - perspectiva.

245
5º prêmio - corte longitudinal.

3.4.2 CLUBE DA ORLA (1963)

O concurso de anteprojetos para o Clube da Orla no Guarujá é um caso singular. Com um júri formado por João Batista Vilanova Artigas, Osvaldo Arthur Bratke e Joaquim Guedes, a competição fechada convidaria 12 equipes e, dentre elas, 9 apresentariam suas propostas: Israel Sancovski e Jerônimo Bonilha Esteves⁷⁶, que conquistam o primeiro lugar; Arnaldo Paoliello, Fernando Moreira e Ney Marcondes⁷⁷; Gregori Warchavchik e Wolfgang Schoedon⁷⁸; Jorge Wilhelm, Miguel Juliano e Silva e Paulo Zimbres⁷⁹; Octacílio Rodrigues Lima⁸⁰; Paulo Mendes da Rocha, João Eduardo de Gennaro e Waldemar Hermann⁸¹; Pedro Paulo de Mello Saraiva; Rodolpho Ortenblad Filho e Marcello Fragelli⁸²; Sérgio Ferro Pereira e Rodrigo Brotero Lefèvre⁸³.

76. Israel Sancovski e Jerônimo Bonilha Esteves se formam em 1957 pela FAUUSP.

77. Arnaldo Paoliello e Ney Marcondes são formados pelo Mackenzie. Não foi possível obter informações biográficas de Fernando Moreira.

78. Wolfgang Schoedon (1924) formou-se na Technische Hochschule Darmstadt (Alemanha). Desde o final dos anos 1950 atuava com Gregorio Zolko, com quem vence o concurso para a Assembleia Legislativa do RS em 1958 (LUCCAS, Luís Henrique Haas. *O Sul por testemunha: declínio da hegemonia corbusiano-carioca e ascensão da dissidência paulista na arquitetura brasileira anos 50*. Pós. FAUUSP, São Paulo, n.27, jun.2010)

79. Miguel Juliano (Goiás, 1928 – São Paulo, 2009) muda-se para São Paulo em 1948 e apesar de atuar profissionalmente desde a década de 1950, irá se formar arquiteto somente em 1973, pela Universidade Brás Cubas. Paulo Zimbres atuava em São Paulo, transferindo-se posteriormente para Brasília onde lecionou na UNB. (JULIANO, Miguel. *Arquiteto Miguel Juliano: pensamento e obra*. São Paulo: Schema, 1977)

80. Não foi possível obter informações biográficas de Octacílio Rodrigues Lima.

81. Não foi possível obter informações biográficas de Waldemar Hermann

82. Rodolpho Ortenblad Filho (ver nota 49 capítulo 01). Marcello Fragelli (Rio de Janeiro – 1928) forma-se arquiteto na FNA em 1953. Em 1961, diante da crise gerada no Rio de Janeiro pela transferência da capital para Brasília, muda-se para São Paulo. Leciona no Mackenzie de 1964 a 1967 e a partir de então na FAUUSP, até sua aposentadoria em 1988 (FRAGELLI, Marcello Accioly. *Marcelo Fragelli: quarenta anos de prancheta*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2010)

83. Sérgio Ferro Pereira (Curitiba – 1938) e Rodrigo Brotero Lefèvre (São Paulo, 1938 – Guiné Bissau, 1984) se formam na FAUUSP respectivamente em 1962 e 1961. Ferro >

Se poucas informações ainda restam sobre este concurso, publicadas no final de 1963 por *Habitat* e *Acrópole*, merecem ser ressaltadas, no entanto, algumas coincidências interessantes entre os participantes: com exceção de Gregori Warchavchik e Wolfgang Schoedon, todos haviam se formado a partir da década de 1950, ou seja, estavam no início de sua carreira profissional. Dentre eles, somente Marcelo Fragelli não era egresso das faculdades autônomas de arquitetura paulistas – Fauusp e Mackenzie –, pois se formara na FNA. Por fim, fica claro o recorte regional, sendo todos os convocados atuantes localmente.

Contudo, tendo em vista que tais requisitos incluíam diversos outros profissionais, é possível que a influência do júri nos contornos finais de tal seleção não possa ser descartada. De qualquer maneira, considerando que a prática de concursos restritos normalmente elege seus participantes a partir de sua experiência e legitimidade já “comprovada”, é curioso que um concurso fechado tenha aberto tanto espaço a jovens profissionais, o que pode apontar para a procura de um frescor nas propostas a serem apresentadas.

De fato, as considerações do júri em sua ata de julgamento eram altamente elogiosas, ao constatar o “alto nível profissional” de todos os trabalhos apresentados que atenderam o programa das mais variadas maneiras, “revelando habilidade e imaginação”⁸⁴. *Acrópole*, além de publicar o vencedor (com implantação, perspectivas internas e externas, plantas, cortes e croquis), veicula uma imagem síntese dos demais projetos, o que nos permite tecer algumas considerações. Ressalta à primeira vista que, apesar da simultaneidade com o concurso do Clube XV, um dos partidos lá predominante – a moldagem escultórica do volume único em concreto aparente – aqui está quase ausente (com exceção do projeto apresentado por Octacílio Rodrigues Lima).

> leciona história da arte e de estética nesta mesma instituição de 1962 a 1970 (ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões*. São Paulo: Editora 34, 2004)

84. “Concurso privado de projetos para o Clube da Orla”, *Acrópole*, 300, out.nov.1963

246

Publicação do projeto vencedor de Israel Sancovski e Jerônimo Bonilha Esteves em Habitat

247

Na página direita, o projeto vencedor.

© program

C. parvum

A. integrus

 

Cabe do Ordo = 1.º período

 

Detalhes do pavimento superior, mostrando um primeiro plano a três dos bastiões e o espaço a sudoeste que liga este pavimento à oitava e ao sótão.

De fato, os projetos submetidos a este novo concurso se assemelham por suas composições mais rigorosas, mais próximas a uma tradição construtiva, distintas da gestualidade mais livre presente em algumas propostas do concurso anterior. É pouco provável que se trate de uma coincidência e, tampouco, como pudemos perceber na Sede do Sindicato e no Clube XV, poderíamos afirmar que tal orientação fosse comum a todo o meio paulista. Neste caso, parece-nos mais plausível que tal coesão resulte justamente de uma seleção dos participantes amarrada a uma postura pré-existente destes arquitetos, ou da vontade dos participantes, prevendo a análise do júri, de formular projetos que lhe agradassem.

Ocupando o terreno da antiga piscina municipal, tradicional ponto de encontro dos veranistas contíguo à praia de Pitangueiras, a proposta vencedora de Israel Sancovski e Jerônimo Bonilha Esteves procura guardar certas características pré-existentes, propondo uma larga esplanada com um desnível em relação à praia e à rua, que lhe dava a requerida privacidade e uma generosa vista para o mar. Sobre ela, mantinham-se os programas de maior uso – a piscina, o restaurante a céu aberto, a boate para os bailes informais de sábado à noite.

Abaixo da “plataforma que recria o terreno” (um argumento agora já recorrente entre os projetos analisados), os usos de caráter mais fechado⁸⁵.

255
1º prêmio - perspectiva.

256
1º prêmio - implantação.

85. “Concurso privado de projetos para o Clube da Orla”, *Acrópole*, 300, out.nov.1963

257

1º prêmio - vista do
pavimento superior.

258 e 259

1º prêmio - croquis
explicativos do partido
adotado.

260

1º prêmio - elevação
frontal.

261 e 262
1º prêmio - subsolo e
térreo.

263
1º prêmio - pavimento
superior.

264 e 265
1º prêmio - corte
longitudinal e
transversal.

266
1º prêmio - corte
transversal.

A expressão arquitetônica do pavilhão superior resultava, segundo a equipe, unicamente da composição de pórticos seriados desenhados “de forma peculiar”, mas que se explicavam pela distribuição de cargas. Uma estrutura “simples”, “usual, porém bem marcada”, que dava caráter ao edifício a partir de seu “ritmo e leveza”. Não se trata de um partido adotado somente pelo projeto vencedor: se a seriação de pórticos está presente igualmente nas propostas de Pedro Paulo de Melo Saraiva (a exemplo de seu projeto para o Clube XV) e da equipe de Jorge Wilhelm, a correspondência entre uma regra estrutural e a forma final do edifício é marcante também nas propostas da equipe de Arnaldo Paoliello e de Rodolpho Ortenblad. Por sinal, estas duas últimas equipes adotam um partido muito semelhante, ao proporem peças de concreto, aparentemente pré-moldadas, para montar um edifício vertical. A única diferença reside na curiosa cobertura desenhada pela segunda equipe, composta por uma sequência de curtas águas espelhadas⁸⁶.

A proposta de Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre, apesar de também se pautar pelo uso de elementos diversos, substitui este princípio de seriação por uma composição de planos que, aparentemente, prescinde de uma regra-guia. Se as inovações nas técnicas construtivas que propuseram no decorrer dos anos 1960 ainda não aparecem incorporadas nesse projeto, segundo Ana Paula Koury, já estariam presentes suas principais características espaciais (o que não conseguimos comentar com o material apresentado por *Acrópole*)⁸⁷.

Paulo Mendes da Rocha mantém alguns de seus pressupostos para o desenho do terreno, mas pouco traz do projeto do Clube Paulistano. Aqui se revelam alguns dos traços de suas obras posteriores, nas quais a ênfase no objeto faz contraponto com um peculiar entendimento do lugar. O sítio define em grande medida o partido e o partido desenha em decorrência o sítio, mesmo que a ênfase estrutural esteja de alguma forma sempre presente. Assim, neste projeto do

86. Motivo inclusive de piada para Paulo Mendes da Rocha, conforme relatado por Rodolfo Ortenblad em entrevista concedida a Fernando Serapião e publicada na Revista *Projeto Design*, 344, out.2008.

87. KOURY, Ana Paula. *Grupo arquitetura nova: Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro*. São Paulo: Romano Guerra: EDUSP, FAPESP, 2003.

267
Projeto de Pedro Paulo
de Melo Saraiva

268
Projeto de Jorge
Wilhelm, Miguel
Juliano e Paulo
Zimbres.

269
Projeto de Arnaldo
Paoliello, Fernando
Moreira e Ney
Marcondes.

270
Projeto de Octacilio
Rodrigues Lima.

271

*Projeto de Rodolpho
Ortenblad e Marcelo
Fragelli.*

272

*Projeto de Sergio Ferro
e Rodrigo Lefevre.*

273

*Projeto de Paulo
Mendes da Rocha.*

274

*Projeto de Gregori
Warchavchik e
Wolfgang Schoedon.*

clube, uma larga área livre é sombreada pelo pavilhão suspenso entre a piscina e o mar, apoiado em suas extremidades em contrafortes laterais.

O projeto proposto por Gregori Warchavchik e Wolfgang Schoedon é singular frente aos demais, assim como em sua trajetória, e não deixa de causar estranheza, ao insinuar blocos encerrados por panos de vidro sem qualquer proteção – imagem reforçada pela concentração de toda a cobertura em um pilar central. É notável que, após tão longa atividade profissional, o arquiteto também partia para uma experimentação estrutural – o que pode talvez ser explicado pela presença de Schoedon, que irá colaborar em diversos projetos de Warchavchik a partir de meados da década de 1950, ampliando gradativamente sua responsabilidade nos mesmos. Nesse momento da carreira de Warchavchik, é nítida a tentativa de apostar em frentes muito heterogêneas de projeto, ora remetendo-se ao expressionismo (por exemplo, como o salão do Pinheiros), ora ao brutalismo paulista (como, por exemplo, na Hebraica), ora aqui a Mies.⁸⁸

As decorrências deste concurso podem ser tomadas como simbólicas: o projeto de Israel Sancovski e Jerônimo Bonilha Esteves, assim como todo o processo do concurso que parecia apontar para o interesse em jovens arquitetos e novas propostas, será preterido pelos empreendedores que, após o encerramento do julgamento, encomendarão um novo projeto, que não atendia a nenhum dos requisitos iniciais da seleção: o de Sérgio Bernardes, carioca e com um tempo considerável de experiência.

Este breve percorrido pelos projetos do Clube XV e do Clube da Orla nos dá claros indícios de uma certa convergência e, ao mesmo tempo, da pluralidade de atitudes projetuais, ao entrarmos nos anos 1960. Neste caminho que percorremos desde o concurso do Paço de Campinas de 1956, algumas tentativas formais se perdem – ou perdem a disputa de sua validação coletiva – e outras se difundem. Jovens profissionais, que antes colaboravam como estagiários em escritórios mais experientes, passam a atuar independentemente, adotando seus próprios pressupostos arquitetônicos (mas ainda dialogando com a atividade contemporânea de seus mestres). Por sua vez, os arquitetos experientes, mesmo que já

88. LIRA, José. *Warchavchik: fraturas da vanguarda*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

estabelecidos, caminham por novas soluções projetuais, muitas vezes em contato com estes recém-formados.

Assim, se, desde meados dos anos 1950, estes arquitetos se afastam aos poucos das prerrogativas arquitetônicas mais difundidas a partir da segunda metade dos anos 1940, passam a dialogar entre si (e provavelmente com outras produções contemporâneas), sedimentando algumas soluções e afastando-se de outras. Contudo, ainda que sejam evidentes as aproximações, um olhar, ainda que breve, alerta-nos para diversas difrações, que não podem ser ignoradas. De fato, estes projetos, incisivos, já parecem ter uma força individual que os levam a resultados evidentemente diferentes, mesmo utilizando certo vocabulário em comum.

275

*Projeto de Sergio
Bernardes.*

276
*Projeto de Sergio
 Bernardes.*

277
*Projeto de Sergio
 Bernardes.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso esforço, ao longo deste trabalho, foi o de percorrer a dupla direção das relações entre um grupo intelectual – uma parcela de arquitetos atuantes na cidade de São Paulo entre 1945 e 1965 – e suas manifestações, pensando-as, a partir das revistas especializadas de arquitetura, dentro de uma rede de sociabilidade específica e buscando, deste modo, evitar explicá-las unicamente a partir do diálogo conceitual entre seus textos ou obras. De modo a iluminar possíveis convergências e afastamentos de suas posições projetuais, críticas ou programáticas, os três capítulos procuraram traçar o espaço particular no qual se desenvolveram parte de seus laços profissionais, de suas trocas intelectuais e de seus posicionamentos projetuais.

Foi importante perceber – sobretudo através do *Capítulo 1* – que, em um nítido momento de tensão pela delimitação do campo de sua atuação na cidade, a aproximação de alguns arquitetos não deve ser entendida como aleatória. Tampouco podem ser dissociados deste conflito por distinção, o embate pela adoção da atividade exclusiva de projetista (como condição de vinculação verdadeira à profissão) e seu alinhamento mais coletivo a uma nova opção estética, cuja importância da mobilização do referencial moderno, sobretudo aquele então canonizado como carioca, tivemos a oportunidade de discutir no *Capítulo 2*. Assim, a sociabilidade que se intensifica entre estes arquitetos paulistas a partir de meados dos anos 1940 está claramente atrelada à sua disposição pela redefinição da prática profissional.

A criação da secção local do IAB e sua escolha como espaço central de discussão e construção desta nova atuação parece ser uma das tomadas de posição mais incisiva destes arquitetos no embate que se trava ao longo destes anos pela renovação arquitetônica na cidade. Ao longo de um intenso convívio, o grupo relativamente pequeno e informal dos anos 1940 se alarga e fortalece, institucionaliza-se e se projeta na vida urbana, acolhendo uma comunidade estudantil em formação, elegendo determinados eixos estruturantes dos confrontos intelectuais e profissionais, extrapolando os limites do organismo rumo a outras organizações culturais, ainda que continuando a compartilhar valores pelos quais passa a se reconhecer e a se definir.

A relevância das revistas especializadas paulistas para o adensamento das movimentações profissionais e críticas, locais e nacionais, também se mostrou evidente ao longo da pesquisa. De fato, apesar de suas dificuldades administrativas, as publicações locais no período se multiplicam, assumem intenções, ocupam espaços diversos, dão voz a grupos diferentes, mas se aproximam em suas reflexões, estabelecendo-se como espaços de projeção, de discussão e de sociabilidade (talvez, com força maior do que suas congêneres de outras regiões do país). Assim, se o IAB-SP e estes periódicos são construídos como espaços de atuação a partir dos quais alguns arquitetos, associados voluntariamente, se posicionam no conflito que se trava pelos limites da atuação profissional, as novas instituições de formação parecem ocupar nele um lugar diferente. De certo modo, desde sua criação e ao longo de toda a década de 1950, as escolas – FAUUSP e Mackenzie – ainda serão palcos importantes deste embate que terá desfechos diferentes em cada uma delas, ainda que a sedimentação intelectual do ideário moderno se dê em ambas.

É somente a partir do alargamento do campo e do fortalecimento de sua autonomia que podemos pensar na formulação de uma crítica local relativamente independente, já capaz de tomar distância de alguns modelos de produção – dentre eles o carioca – que antes serviram como argumento e estratégia para o estabelecimento e legitimação de sua prática. Mais do que isso, considerando que a mobilização profissional, os lançamentos editoriais especializados ou os embates pela reformulação do ensino não eram exclusividade paulista, o que nos parece particular é justamente o entrelaçamento (muitas vezes reconhecível no engajamento de determinados indivíduos) de tais iniciativas e sua intensidade, que dão solo singular à produção local, crítica e projetual (sendo importante alertar que entre elas não buscamos qualquer convergência literal).

Tendo isto em vista, os dois últimos capítulos buscaram percorrer estes meandros da crítica e das formulações projetuais locais que, a todo momento, costuram novos questionamentos, sugerem perspectivas diversas (não exclusivas ao meio paulista necessariamente) e formulam suas estratégias de atuação. Em meio a aproximações e distanciamentos críticos, interdições e inclusões teóricas, alguns enunciados são colocados ou não em pauta, ganham ou perdem amplitude,

juntam-se a outros significados, são ou não validados localmente. Dentre as estratégias projetuais igualmente potentes, algumas se estabelecem e outras são esquecidas, algumas ressoam e outras, apesar de vencedoras (no caso dos concursos), pouca legitimidade alcançam no meio profissional.

Neste percurso, podemos perceber com clareza uma mudança nos pressupostos projetuais e um afastamento das diretrizes eleitas no momento da articulação profissional local em meados dos anos 1940. Contudo, se parecem existir, de fato, inflexões coletivas e a eleição de diversas afinidades formais e de discurso, circunscrever tais aproximações em círculos coesos – tal como uma ou várias “escolas” – não nos parece interessante, ainda que possa ter sido útil para determinadas racionalizações históricas em um primeiro momento de aproximação, já procedido. Pois, ao enquadrarmos tal pluralidade, são grandes as chances de perdemos o que há de incisivo em cada um, dado que sua percepção, inevitavelmente, será filtrada pelo modelo.

O quadro montado por esta pesquisa é intencionalmente aberto. Sem nos lançarmos à procura de um único fio de coesão entre estes profissionais locais, tentamos preservar a pluralidade encontrada em nosso material, ainda que, evidentemente, amarrada pela eleição de uma narrativa. Esperamos que a imagem resultante das interseções destes três capítulos abra novas possibilidades de leitura e novos investimentos de pesquisa.

De todo modo, algumas destas questões em aberto foram sentidas durante o desenvolvimento da dissertação e merecem um breve comentário.

É surpreendente, por exemplo, que o IAB-SP (e não apenas o departamento paulista convém notar) tenha recebido até agora tão pouca atenção por parte da historiografia, uma lacuna cujos indícios podem ser sentidos, inclusive no descaso com que tem sido tratado o seu arquivo histórico, frequentemente inacessível ao pesquisador (assim como o das demais organizações de arquitetos). De fato, de maneira geral, os espaços de associação profissional, voluntária ou não, como o Instituto Paulista de Arquitetos, o Instituto de Engenharia, o Conselho Regional de Arquitetura e Engenharia, ou mesmo a Associação Brasileira de Desenhistas Industriais, merecem estudos mais atentos às suas histórias institucionais, às interlocuções e conflitos que estabelecem entre si, aos seus embates internos e ao lugar

que ocupam no campo de produção arquitetônica. Uma constatação que se torna ainda mais curiosa, quando confrontada com o grande número de pesquisas que vêm sendo realizadas sobre as organizações de cultura e as escolas de arquitetura.

No mesmo sentido, a análise das trajetórias pessoais parece dedicar pouca atenção ao papel destas instituições, cujo relevo na redefinição do “projeto criador” do indivíduo nos parece evidente. Nos diversos momentos em que tivemos que recorrer a estes estudos monográficos, o entrelaçamento da atuação de um determinado protagonista com as instituições era quase sempre informativo – participou, lecionou, foi diretor entre este e tal período –, inferindo uma mínima relação, de mão dupla, que deveria se estabelecer entre os dois.

Por fim, as revistas especializadas ainda permanecem muito pouco exploradas pela historiografia da arquitetura brasileira. Ainda que *Acrópole* e *Habitat* tenham sido focalizadas em algumas pesquisas recentes, todas as outras 15 publicações editadas ao longo da década de 1950 permanecem desconhecidas ou abordadas de maneira por demais panorâmica. Sem dúvida, a rede editorial especializada em arquitetura, nos seus mais diversos meios – revistas, editoras, livrarias, importadoras –, é uma frente importante de pesquisa que pode nos ajudar a traçar esta circulação de ideias e sua forma local de recepção (tal como já iniciado por outras áreas do conhecimento¹).

Inevitavelmente, assim que alguns pontos são ligados, uma série de novas questões se abre. Ao longo da dissertação, procuramos apontar alguns destes fios que permanecem soltos, esperando que novos desenvolvimentos possam ser tecidos a partir de cada um.

1. Como por exemplo: PONTES, Heloisa. “Retratos do Brasil: editores, editoras e ‘coleções brasileiras’ nas décadas de 1930, 40 e 50”. In: Sergio Miceli (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré, 2001, vol.1, pp.419-476.

BIBLIOGRAFIA

- ACAYABA, Marlene Millan. *Brutalismo Caboclo e as residências paulistas*. Projeto, 73, mar.1985.
- ALBUQUERQUE, Roberto Portugal. *Uma escola de arquitetura - FAUUSP : edifícios e ensino*. São Paulo: FAUUSP, 2004.
- ALFIERI, Bruno. “João Vilanova Artigas- Ricerca Brutalista”, *Zodiac*, 6, 1960.
- ALMEIDA, Maysa Fonseca de. *Revista Acrópole publica residências modernas: análise da revista Acrópole e sua publicação de residências unifamiliares modernas entre os anos de 1952 a 1971*. São Carlos: EESC, 2008.
- ALMEIDA, Paulo Mendes de. *De Anita ao museu*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- AMARAL, Aracy A. *Arte para quê? a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970: subsídio para uma história social da arte no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 2003.
- Anais do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos*. São Paulo: IAB, 1954.
- ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1946)*. Rio de Janeiro: MEC/SPHAN/ Pró-Memória, 1981.
- ANDRADE, Mário de. “Brazil Builds” in XAVIER, Alberto. *Depoimentos de uma geração: Arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: CosacNaify, 2003.
- ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- ARAUJO, Fanny Schroeder de Freitas. *Telésforo Cristófani (1929-2002): contribuições à arquitetura paulista*. São Paulo: Mackenzie, 2009.
- ARGAN, Giulio Carlo. “Arquitetura Moderna no Brasil” in *Comunità*, Roma, n.24, PP. 48-52, 1954.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio do século XX*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- ARTIGAS, João B. Vilanova. *Caminhos da arquitetura*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.
- ATIQUE, Fernando. *Memória de um projeto moderno: a idealização e a trajetória do Edifício Esther*. São Carlos: EESC, 2002.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira, ZEIN, Ruth Verde. *Brasil: Arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

- BAXANDALL, Michael. *Padrões de Intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Form and space: collaboration between architecture and the plastic arts*. Houston: Museum of Fine Arts, 2009.
- BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo: Est. Liberdade, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974;
- _____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- BRAGA, Juliana. *Ver não é só ver. Dois estudos a partir de Flavio Motta*. São Paulo: FAUUSP, 2010.
- BRASIL, Luciana Tombi. *A obra de David Libeskind: ensaio sobre as residências unifamiliares*. São Paulo: SENAC, 2007.
- BREIA, Maria Teresa de Stockler e. *A transição do ensino da arquitetura Beaux-Arts para o ensino da arquitetura moderna na Faculdade de Arquitetura Mackenzie, 1947-1965*. São Paulo: FAUUSP, 2005.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- BUZZAR, Miguel Antônio. *João Batista Vilanova Artigas: Elementos para a compreensão de um caminho da arquitetura brasileira, 1938-1967*. São Paulo: FAUUSP, 1996.
- CAMARGO, Mônica Junqueira de. *Poéticas da razão e construção : conversa de paulista*. São Paulo, 2009.
- CAMPAGNER, Larissa Garcia. *Panorama da obra do arquiteto Miguel Alves Pereira*. São Paulo: FAUUSP, 2006.
- CANAS, Adriano Tomitao. *MASP: Museu laboratório. Projeto de museu para a cidade: 1947-1957*. São Paulo: FAUUSP, 2010.
- CAPELLO, Maria Beatriz. *Arquitetura em Revista*. São Paulo: FAUUSP, 2006.
- CARDOSO, Luís Antônio Fernandes (org.). *(Re)Discutindo o modernismo: universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil*. Salvador: UFBA, 1977.

- CARRANZA, Ricardo. *Eduardo Corona: Arquitetura Moderna em São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 2000.
- CAVALCANTI, Lauro. *As preocupações do belo: arquitetura moderna brasileira nos anos 30/40*. Rio de Janeiro: Taurus, 1995.
- COLOMINA, Beatriz; BUCKLEY, Craig (ed.). *Clip, Stamp, Fold: The radical architecture of little magazines 196X to 197X*. Barcelona: Actar, 2010.
- COSTA, Lucio. “Razões da Nova Arquitetura”, *PDF*, 1, jan.1936.
- _____. *Arquitetura brasileira*. Rio de Janeiro: MES, 1952.
- _____. “Oportunidade Perdida”, *Manchete*, 60, 13 Jun.1953.
- COSTA, Sabrina Studart Fontenele. *Relações entre o traçado urbano e os edifícios modernos no centro de São Paulo. Arquitetura e cidade (1938-1960)*. São Paulo: FAUUSP, 2010.
- DEDECCA, Paula Gorenstein. *Crítica paulista de arquitetura carioca: recepção e diferenciação da produção brasileira moderna nas revistas especializadas de São Paulo (1945-1960)*. São Paulo: FAU-USP/CNPq, 2006 (Relatório final IC)
- DRUMMOND, Álvaro Pompeiano de Magalhães. *A contundência das soluções estruturais nos concursos nacionais de anteprojetos de arquitetura, 1958-1969*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- DURAND, José Carlos Garcia. *A profissão de arquiteto: estudo sociológico*. Guanabara: CREA, 1974.
- FALBEL, Anat. *Lucjan Korngold: a trajetória de um arquiteto imigrante*. São Paulo: FAUUSP, 2003.
- FERNANDES, Fernanda. “Arquitetura e concretismo”, *Desígnio*, 2, 2004.
- FERRAZ, Geraldo. *Warchavchik e a introdução da nova arquitetura no Brasil*. São Paulo: MASP, 1965.
- _____. *Depois de Tudo*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- FERRO, Sérgio. “Reflexões sobre o brutalismo caboclo”, *Projeto*, 86, abr.1986.
- FERRONI, Eduardo Rocha. *Aproximações sobre a obra de Salvador Candia*. São Paulo: FAUUSP, 2008.
- FIALHO, Valéria Cássia dos Santos. *Arquitetura, texto e imagem : a retórica da representação nos concursos de arquitetura*. São Paulo: FAUUSP, 2007.

- _____. *Concursos de arquitetura em São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 2002.
- FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- _____; ACAYABA, M. M. *Arquitetura Moderna Brasileira*. Projeto Editores Associados, São Paulo, 1982.
- FIORIN, Evandro. *Arquitetura paulista: do modelo à miragem*. São Paulo: FAUUSP, 2009.
- FLYNN, Maria Helena de Moraes Barros. *Concursos de arquitetura no Brasil 1850-2000: sua contribuição ao desenvolvimento da arquitetura*. São Paulo: FAUUSP, 2000.
- FORTY, Adrian; ANDREOLI, Elisabetta. (org). *Arquitetura Moderna Brasileira*. London: Phaidon, 2004
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990
- _____. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FRAMPTON, Kenneth. “Le Corbusier at Geneva: The debacle of the Société des Nations”, in HAAN, Hilde de. *Architects in competition*. London: Thames, 1988
- _____. “Vilanova Artigas y la Escuela de São Paulo” in *João Batista Vilanova Artigas*. 2G, 54, 2010. Barcelona
- _____. *Labour, Work and Architecture: Collected Essays on Architecture and design*. London: Phaidon, 2002.
- FREITAS, Maria Luíza de. *Modernidade concreta: as grandes construtoras e o concreto armado no Brasil, 1920 a 1940*. São Paulo: FAUUSP, 2011.
- GABRIEL, Marcos Faccioli. *Vilanova Artigas: uma poética traduzida*. São Carlos: EESC/USP, 2003
- GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950*. São Paulo: SENAC, 1998.
- GOODWIN, Philip L. *Brazil Builds: Architecture new and old (1652-1942)*. New York: The Museum of Modern Art, 1943
- GORELIK, Adrian. *Das vanguardas a Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005;

- GOUVEIA, Sônia Maria Milani. *O homem, o edifício e a cidade por Peter Scheier*. São Paulo: FAUUSP, 2008
- GRINOVER, Marina Mange. *Uma ideia de arquitetura: escritos de Lina Bo Bardi*. São Paulo, 2010;
- GROSSMAN, Elizabeth G. "Two Postwar Competitions: The Nebraska State Capitol and the Kansas City Liberty Memorial", *Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 45, No. 3, sep.1986
- GUARDANI, Mariana Gonçalves. *Fotógrafos estrangeiros na cidade: campo profissional e imagem fotográfica em São Paulo, 1930-60*. São Paulo: FAUUSP, 2011.
- HERBST, Hélio. *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: contribuições para a historiografia brasileira (1951-1959)*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011. p.195
- HOGGEN, Paul; FUNG, Stanislaw. "Reading Australian architectural journals as historical sources", *Journal of the department of Architecture*. Sydney: University of Sidney, abr.1997. p.16
- IRIGOYEN DE TOUCEDA, Adriana Marta. *Da Califórnia a São Paulo: referências norte- americanas na casa moderna paulista 1945-1960*. São Paulo: FAUUSP, 2005.
- JACKSON, Luis Carlos. "A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965)", *Tempo social*, 1, vl16, jun. 2004.
- JONG, Cees de, MATTIE, Erik. *Architectural competitions*. Köln: Benedikt, Taschen, 1994
- KAMITA, João Massao. *Espaço moderno e país novo: arquitetura moderna no Rio de Janeiro*. São Paulo: FAUUSP, 1999
- _____. "O Formalismo como modo de pensar a forma". In: *I Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo. Arquitetura, Cidade Paisagem e Território: percursos e perspectivas*. Rio de Janeiro: ANPARQ/PROURB-UFRJ, 2010.
- KOURY, Ana Paula. *Grupo arquitetura nova: Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro*. São Paulo: Romano Guerra: EDUSP, FAPESP, 2003
- _____. *Arquitetura Construtiva: proposições para a produção material da arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Fauusp, 2005

- LARSON, Magali Sarfatti. "Architectural Competitions as Discursive Events", *Theory and Society*, Vol. 23, 4, ago.1994, pp.469-504.
- LEMONS, Carlos. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1979;
- _____. *Viagem pela carne*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- LEON, Ethel. *IAC Instituto de Arte Contemporânea: Escola de Desenho Industrial do MASP (1951-1953): primeiros estudos*. São Paulo: FAUUSP, 2006.
- LEONIDIO, Otávio. *Carradas de Razões. Lucio Costa e a arquitetura moderna brasileira (1924-1951)*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2005.
- LIMONGI, Fernando P. "Marxismo, nacionalismo e cultura: Caio Prado Jr. e a Revista Brasileira", *Revista brasileira de Ciências Sociais*, 5, v2, out. 1987.
- LINS, Paulo de Tarso Amendola. *Arquitetura nas Bienais Internacionais de São Paulo (1951-1961)*. São Carlos: EESC, 2008.
- LIPSTADT, Hélène, et al. *The Experimental Tradition (Essays on Architectural Competitions)*. Princeton: Princeton Architectural Press, 1989.
- LIRA, José Tavares Correia de. *Mocambo e cidade: regionalismo na arquitetura e ordenação do espaço habitado*. São Paulo: FAUUSP, 1997.
- _____. "Crítica Modernista e Urbanismo: Geraldo Ferraz em São Paulo, da semana a Brasília". In: *Anais do XI Encontro Nacional da ANPUR*. Salvador: ANPUR, 2005
- _____. *Warchavchik: fraturas da vanguarda*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- _____. "A história e o fazer arquitetura" *Desígnio*, 11/12, mar.2011.
- LISSOVSKY, Maurício, SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. *Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde, 1935-1945*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, IPHAN, 1996 .
- LOURENÇO, Maria Cecília França. *Operários da modernidade*. São Paulo: HUCITEC, EDUSP, 1995
- _____. *Museus acolhem o moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- LUCCAS, Luís Henrique Haas. O Sul por testemunha: declínio da hegemonia corbusiano-carioca e ascensão da dissidência paulista na arquitetura brasileira anos 50. *Pós*. FAUUSP, São Paulo, n.27, jun.2010.
- MACHADO, Lourival Gomes. *Retrato da arte moderna do Brasil*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1947.

- MACHADO, Paula M. *Casa e Jardim: A revista e a divulgação do ideário moderno na década de 1950*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- MANFREDO, Tafuri, DAL CO, Francesco. *Architettura Contemporanea*. Milão: Electa, 1976.
- MARINS, Paulo César Garcez. O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista, *Anais do Museu Paulista*, 6/7, 1998-1999.
- MARTINS, Ana L. *Revistas em Revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2008.
- MARTINS, Carlos A. F. “Hay algo de irracional...apontamentos sobre a historiografia da arquitetura brasileira”. *Block*, 4, Buenos Aires, dez.1999.
- MATERA, Sérgio. *Carlos Millan: um estudo sobre a produção em arquitetura*. São Paulo: FAUUSP, 2005.
- MAYUMI, Lia. *Taipa, Canela-preta e Concreto. Estudo sobre o restauro de casas bandeiristas*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2008.
- MEDEIROS, Givaldo Luiz. *Artepaisagem na trajetória de Waldemar Cordeiro*. São Paulo: FAU/Annablume/FUPAM, 2007.
- MEYER, Regina Maria Prosperi. *Metrópole e Urbanismo: São Paulo anos 50*. São Paulo: FAUUSP, 1991.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- MILHEIRO, Ana Vaz. “O Estilo Artigas”. In *Vilanova Artigas: A cidade é uma casa. A casa é uma cidade*. Portugal: Casa da Cerca, 2000.
- MINDLIN, Henrique. *Modern Architecture in Brazil*. Rio de Janeiro: Colibris, 1956.
- MIRANDA, Clara Luíza. *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*. São Carlos: EESC, 1998.
- MODENESE FILHO, Eduardo. *Entre linhas e curvas: a teoria e a prática na obra de Zenon Lotufo*. São Paulo: FAUUSP, 2008.
- MONTENEGRO FILHO, Roberto Alves de Lima. *Pré-Fabricação e a obra de Kneese de Mello*. São Paulo: FAUUSP, 2007.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ed.34, 2008.
- MOTTA, Flavio. “Arquitetura brasileira para a Expo’70”, *Acrópole*, 372, mai.1970.

- _____. “João Vilanova Artigas e a Escola de São Paulo”, *Módulo, Especial Vilanova Artigas*, p. 23, 1985.
- _____. “Rapporto Brasile”, *Zodiac*, 6, 1960.
- MOTTA, Renata Vieira Da. *O MASP em exposição: mostras periódicas na 7 de abril*. São Paulo: FAUUSP, 2003.
- NASCIMENTO, Ana Paula. *MAM: museu para a metrópole*. São Paulo: FAUUSP, 2003.
- NEVES, Juliana. *Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão: a experiência do Suplemento Literário do “Diário de S. Paulo”, nos anos 40*. São Paulo: Annablume, 2005.
- NOBRE, Ana Luiza de Souza. *Fios cortantes: projeto e produto, arquitetura e design no Rio de Janeiro (1950-70)*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2008.
- OLIVEIRA, Elaine Rodrigues de. *A contribuição de Oswaldo Correa Gonçalves para a arquitetura moderna brasileira*. São Carlos: EESC, 2000.
- OLIVEIRA, Fabiano Lemes. *Modelos urbanísticos modernos e parques urbanos: as relações entre urbanismo e paisagismo em São Paulo na primeira metade do século XX*. Barcelona: UPC, 2008.
- PACHECO, Paulo Cesar Braga. *O risco do Paraná e os concursos nacionais de arquitetura (1962-1981)*. Curitiba: UFRGS, PUC-PR, 2004.
- _____. *A arquitetura do grupo do Paraná, 1957-1980*. Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- PEDROSA, Mário. *Política das Artes*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- PENTEADO, Fábio. *Fábio Penteado: ensaios de arquitetura*. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.
- PEREIRA, Gustavo. *Christiano Stockler das Neves e a formação do curso de arquitetura no Mackenzie College: um estudo sobre a disseminação dos métodos da “École des Beaux-Arts de Paris” e das “Fine-arts Schools” norte americanas*. São Paulo: Mackenzie, 2005.
- PEREIRA, Juliano Aparecido. *Desenho industrial e arquitetura no ensino da FAUUSP (1948-1968)*. São Carlos: EESC/USP, 2009.
- PEREIRA, Miguel Alves. *Arquitetura, texto e contexto: o discurso de Oscar Niemeyer*. Brasília: UNB, 1997.

- PEREIRA, Sabrina S. Bom. *Rodolpho Ortenblad Filho: Estudos sobre as residências*. São Paulo: Mackenzie, 2010.
- PESSÔA, José (Org.). *Lucio Costa: Documentos de trabalho*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999;
- _____; VASCONCELLOS, E.; REIS, E.; LOBO, M.(Org.). *Moderno e Nacional*. Niterói: EdUFF, 2006.
- PINHEIRO, Maria L. Bressan. *Modernizada ou moderna? a arquitetura em São Paulo, 1938-45*. São Paulo: FAUUSP, 1997.
- PONTES, Heloísa. “Retratos do Brasil: editores, editoras e ‘coleções brasileiras’ nas décadas de 1930, 40 e 50”. In: Sergio Miceli (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré, 2001, vol.1, pp.419-476.
- _____. “Cidade e Intelectuais: os “nova-iorquinos” da Partisan Review e os “paulistas” de Clima entre 1930 e 1950”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.18, 53, out.2003.
- _____. *Destinos mistos: os críticos do grupo clima em São Paulo (1940-68)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- _____. *Intérpretes da metrópole: história social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940 – 1968*. São Paulo: EDUSP, 2010.
- QUEIROZ, Rodrigo C. *Oscar Niemeyer e Le Corbusier: encontros*. São Paulo: FAUUSP, 2007.
- QUEIROZ, Suely Robles Reis de. “Política e poder público na cidade de São Paulo: 1889-1954” in PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*, Vol.3: a cidade na primeira metade do século xx. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- QUEZADO DECKKER, Zilah. *Brazil Built: the architecture of the modern movement in Brazil*. London: Spon Press, 2001.
- RABELO, Clévio. *Arquitetos na cidade. Espaços profissionais em expansão [Rio de Janeiro, 1925-35]*. São Paulo: FAUUSP, 2011.
- RAGO, Margareth. “A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950” in PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*, Vol.3: a cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- RECAMÁN, Luiz. *Por uma arquitetura brasileira*. São Paulo: FFLCH, 1995.

- REGINO, Aline N. *Eduardo Kneese de Mello: Do eclético ao moderno*. São Paulo: FAUUSP, 2011.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Metropolização em São Paulo*, São Paulo: FAUUSP, 1971
- _____. “O campo da Arquitetura e do Urbanismo” in *Cadernos de História de São Paulo*, 1, Museu Paulista da USP, 1992.
- RIGOTTI, Ana Maria. “Brazil Deceives”. *Block*, 4, Buenos Aires, 1991.
- ROCHA, Paulo Mendes. “Depoimento”, *CJ Arquitetura*, 3, 1975.
- ROSSETTI, Eduardo Pierotti. *Arquitetura em transe. Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Lina Bo Bardi: nexos da arquitetura brasileira pós-Brasília (1960-1985)*. São Paulo: FAUUSP, 2007.
- RUBINO, Silvana Barbosa. “Gilberto Freyre e Lucio Costa, ou a Boa tradição. O Patrimônio intelectual do SPHAN”. *Oculum*, 2, set.1992.
- _____. *As fachadas da história: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1968*. Campinas: IFCH, 1992.
- _____. *Rotas da Modernidade: Trajetória, campo e história na atuação de Lina Bo Bardi, 1947-1968*. Campinas: UNICAMP, 2002.
- _____. “A Escrita de uma arquiteta”, In: *Lina Por Escrito: Textos Escolhidos*. São Paulo: CosacNaify, 2009.
- SAIA, Luiz. “Arquitetura Paulista” in XAVIER, Alberto (org.). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.
- SANTOS, Michelle Schneider. *A arquitetura do escritório Forte Gandolfi. 1962-1973*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.
- SANTOS, Roberto Eustáquio dos. *A armação do concreto no Brasil: história da difusão do sistema construtivo concreto armado e da construção de sua hegemonia*. Belo Horizonte: 2008.
- SCHWARZ, Roberto. *O Pai de família*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 2002.
- _____. *Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: Pró-Editores, 1997.
- _____. “Moderno, peregrino, educador”, *AU*, 80, out.nov.1998.
- SERAPIÃO, Fernando C. *Arquitetura revista: a Acrópole e os edifícios de apartamentos em São Paulo (1938-1971)*. São Paulo: Mackenzie, 2005.

- SHARP, Dennis. "Architectural Competitions: a watershed between old and new", in HAAN, Hilde de. *Architects in competition*. London: Thames, 1988.
- SILVA, Helena A. Ayoub. *Abrahão Sanovicz: o projeto como pesquisa*. São Paulo: FAUUSP, 2004.
- SILVA, Joana Mello de Carvalho. *O arquiteto e a produção da cidade : a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960)*. São Paulo: FAUUSP, 2010.
- SILVA, Maristela Siolari. *Os periódicos de arquitetura e a formação da arquitetura moderna brasileira: tecnologia e habitação econômica (anos 1920 e 1930)*. São Carlos: EESC, 2008.
- SODRÉ, João. "Viagem e repartição: Luiz Saia e o fazer histórico" em *I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, 2010, Rio de Janeiro.
- _____. *Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962)*. São Paulo: FAUUSP, 2010.
- _____; DEDECCA, Paula Gorenstein. "Cultura e Política nas Publicações dos Estudantes da FAU-USP: 1950-1972". *Revista CPC*, 9 (No prelo).
- SOUZA, Diego Beja Inglez de. *Reconstruindo Cajueiro Seco: arquitetura, política social e cultura popular em Pernambuco (1960-1964)*. São Paulo: Annablume, 2010.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. *A identidade da metrópole: a verticalização em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, EDUSP, 1994.
- STUCHI, Fabiana T. *Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 1950 em São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 2007.
- TAFURI, Manfredo. "The historical Project" in *Oppositions*, 17, 1979, pp.55-75.
- THOMAZ, Dalva. *Um olhar sobre Vilanova Artigas e sua contribuição à arquitetura brasileira*. São Paulo: FAUUSP, 1997.
- TINEM, Nelci. *O Alvo do Olhar Estrangeiro o Brasil na historiografia da arquitetura moderna*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2006.
- TOSTRUP, Elisabeth. *Architecture and Rhetoric. Text and Design in Architectural Competitions*. London: Andreas Papadakis, 1999.
- TREIB, Marc. *The Architecture of Landscape, 1940-1960*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2002

- VIEIRA FILHO, Carlos Alberto. “Vilanova Artigas e a arquitetura paulista”. *Projeto*, 66, ago.1984.
- WILLIAMS, Raymond. “The Bloomsbury fraction” in *Problems in materialism and culture*. London: Verso Editions, 1980.
- WILLIAMS, Richard. *The Aesthetics of poverty in Brazil*. Londres: Reaktion Books, 2009.
- WISNIK, Guilherme Teixeira. *Formalismo e tradição : a arquitetura moderna brasileira e sua recepção crítica*. São Paulo: FFLCH/USP, 2003.
- XAVIER, A. (org). *Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.
- ZAKIA, Sílvia A. Palazzi. “Brazil Builds em Campinas: uma ferramenta simbólica da estratégia de legitimação de implantação do plano de melhoramentos urbanos”, *Pós*, v.17, 27, jun. 2010.
- ZEIN, Ruth Verde. *A Arquitetura da escola paulista brutalista, 1953-1973*. São Paulo, Rio Grande do Sul: UFRGS, 2005.

LISTA DE IMAGENS

CAPÍTULO 01

- 1 *Habitat*, 38, jan.1957
- 2-3 *Acrópole*, 151, nov.1950
- 4 *Acrópole*, 183, jul.1953
- 5 *AD*, 9, jan.fev.1955
- 6 Realizado pela autora a partir do levantamento VASP, 1954
- 7 *Acrópole*, 151, nov.1950
- 8 *Habitat*, 9, out.dez.1952
- 9 *Habitat*, 8, jul.set.1952
- 10 *Boletim do IAB*, 66, set.1959
- 11 *Acrópole*, 184, jan.1954
- 12 *Boletim do IAB*, 68, out.nov.1959
- 13 *Acrópole*, 191, ago.1954
- 14 *Acrópole*, 109, mai.1947
- 15-16 *Boletim do IAB*, 73, mai.1960
- 17-18 *Acrópole*, 193, out.1954
- 19 *Boletim do IAB*, 67, set.1959
- 20 *Boletim do IAB*, 66, jul.1959
- 21 *Boletim do IAB*, 68, out.nov.1959
- 22 *Boletim do IAB*, 70, fev.1960
- 23-26 *Anais do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos*. São Paulo: IAB, 1954.
- 27-28 *BAC*, 5, 1955
- 29 *Boletim do IAB*, 66, jul.1959
- 30-31 *Boletim do IAB*, 75, jun.1961
- 32 Gráficos elaborados pela autora
- 33 *Acrópole*, 295/296, jun.1963
- 34 *Acrópole*, 150, out.1950
- 35 *Acrópole*, 101, set.1946
- 36-39 *Acrópole*, 92, dez.1945
- 40-43 *Acrópole*, 197, mar.1955

44-45 *Acrópole*, 174, out.1952
46 *Pilotis*, 3, set.1949
47-49 *Pilotis*, 4, fev.1950
51 *Habitat*, 8, jul.set.1952
52-55 *Habitat*, 7, mai.jun.1952
56-59 *Habitat*, 26, jan.1956
60 *AD*, 3, jan.1954
61 *AD*, 1, set.1953
62-65 *AD*, 23, mai.jun.1957
66 *Bem Estar*, 1, fev.1958
67 *Bem Estar*, 2, jul.ago.1958
68 *Bem Estar*, 3, nov.dez.1958
69-72 *Bem Estar*, 4, mar.abr.1959

CAPÍTULO 02

1-3 *Acrópole*, 81-82, jan.1945
4 *Acrópole*, 134, jun.1949
5 *Acrópole*, 134, jun.1949
6 *Acrópole*, 138, out.1949
7 *Acrópole*, 102, out.1946
8 *Acrópole*, 123, jul.1948
9 *Acrópole*, 124, ago.1948
10 *Acrópole*, 121, mai.1948
11 *Anais do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos*. São Paulo: IAB, 1954.
12 *Habitat*, 6, jan.mar.1952
13 *Habitat*, 30, mai.1956
14 *Habitat*, 53, mar.abr.1959
15 *Acrópole*, 184, jan.1954
16-18 *Anais do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos*. São Paulo: IAB, 1954.
19 *Habitat*, 10, jan.mar.1953
20 *Habitat*, 25, dez.1955
21 *Acrópole*, 284, jul.1962

- 22** *Acrópole*, 184, jan.1954
- 23** *Habitat*, 30, mai.1956
- 24** *Habitat*, 12, set.1953
- 25** *AD*, 4, abr.1954
- 26** *AD*, 20, nov.dez.1956
- 27** *Habitat*, 76, mar.abr.1964
- 28** *Habitat*, 76, mar.abr.1964
- 29** *BAC*, 4, 1954
- 30** *Forma*, 5, abr.1955
- 31** *Módulo*, 1, mar.1955

CAPÍTULO 03

- 1-4** Gráficos realizados pela autora
- 5-27** *Acrópole*, 230, dez.1957
- 28-64** *Habitat*, 47, mar.abr.1958
- 65-70** *Acrópole*, 273, ago.1961
- 71-74** *Acrópole*, 274, set.1961
- 75-98** *Acrópole*, 273, ago.1961
- 99-116** *Acrópole*, 274, set.1961
- 117-150** *Acrópole*, 288, nov.1962
- 151-155** *Acrópole*, 298, ago.1963
- 156** *Acrópole*, 98, jun.1946
- 157** *Acrópole*, 186, mar.1954
- 158** *Acrópole*, 269, mar.1961
- 159** *Acrópole*, 264, out.nov.1960
- 160-197** *Acrópole*, 298, ago.1963
- 198-245** *Acrópole*, 294, mai.1963
- 246-249** *Habitat*, 74, dez.1963
- 250- 274** *Acrópole*, 300, out.nov.1963.
- 175-277** *Habitat*, 80, jan.1965

ANEXOS

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
81-82	REVISTA ACRÓPOLE (1938-1971)			SÃO PAULO
83	jan. fev. 1945	O I Congresso Brasileiro de Arquitetura		Noticiário
83	mar. 1945	Por uma vida melhor	MORAIS, Leo Ribeiro	Atuação Profissional
84	abr. 1945	Da boa vizinhança entre as artes plásticas	PRADO, Carlos da Silva	Arte-Arquitetura
86	jun. 1945	Urbanismo – problema da arquitetura	PRADO, Carlos da Silva	Urbanismo
86	jun. 1945	Arquitetura – Ciência Social	SUMMERSON, John	Atuação Profissional
86	jun. 1945	A indústria de após-guerra na Grã-bretanha	BRITISH NEWS SERVICE	Noticiário
87	jun. 1945	Quatro Anos de eficiente administração		Noticiário
87	jul. 1945	A ressurreição das cidades.	ROBERTSON, Howard	Urbanismo
89	set. 1945	Os centros sociais de nossas aldeias	WILLIAM-ELLIS, Clough	Urbanismo
89	set. 1945	Divulgação do Urbanismo	AMAZONAS, Epaminondas	Urbanismo
90	out. 1945	A indústria de construções na Inglaterra	BRITISH NEWS SERVICE	Noticiário
92	dez. 1945	O ponto essencial da reconstrução de Londres	BUSH, Donavan	Noticiário
92	dez. 1945	Museu de arte subjetiva	S.I.H.	Arquitetura Contemporânea - Int.
93	jan. 1946	A exposição Brasil Builds em Jundiaí	FILHO, Carlos G. Cardim	Noticiário
96	abr. 1946	As profissões de engenheiro, arquiteto e de agrimensor	FILHO, Carlos G. Cardim	Atuação Profissional
97	mai. 1946	Impressões de uma viagem à Bahia	MELLO, Eduardo Kneese de	viagens
98	jun. 1946	Editorial - Maio 1938/ Maio 1946	BRITO, Roberto A. Correa	Sobre Acrópole
98	jun. 1946	Ecos do VIII aniversário da revista Acrópole		Sobre Acrópole
98	jun. 1946	Tende a arquitetura moderna para o desenho funcional	S.I.H. (WASHINGTON)	Arquitetura - crítica
98	jun. 1946	Arq. Jayme C. Fonseca Rodrigues		Noticiário - obituário
99	jul. 1946	Prof. José Mariano Carneiro da Cunha Filho		Noticiário - obituário
102	out. 1946	Um Grande amigo de São Paulo		Mercado Imobiliário
103	nov. 1946	Porque arquitetura contemporânea		Arquitetura - crítica
103	nov. 1946	Homenagem ao Dr. Clovis Pestana	MELLO, Eduardo Kneese de	Noticiário
103	nov. 1946	Ecos da posse de S. Excia. O Engenheiro Clovis Pestana	CARVALHO, José Maria de	Noticiário
104	dez. 1946	A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo	ROSA, Alexandre Martins	Noticiário
106	fev. 1947	O ambiente doméstico e a sociologia	SANTOS, José de Almeida	História - Mobiliário
107	mar. 1947	A profissão do engenheiro no seio da sociedade moderna	ALVARES, João Caetano	Atuação Profissional
109	mai. 1947	Estão erradas as organizações de casa própria	FILHO, C. G. Cardim	Urbanismo
109	mai. 1947	Carta de Atenas	MELLO, Eduardo Kneese de	Publicação de Documento
109	mai. 1947	Excursão Cultural de Arq. à Europa. sob o patrocínio do IAB		viagens
109	mai. 1947	A fase escultural da arquitetura	STEINHOF, Eugenio	Arquitetura - crítica
110	jun. 1947	Método de Ensino da arquitetura Criadora	STEINHOF, Eugenio	Arquitetura - crítica
112	ago. 1947	Panoramas da Arquitetura residencial Contemporânea	STEINHOF, Eugenio	Arquitetura - crítica
118	fev. 1948	O Arquiteto Oscar Niemeyer	GONÇALVES, Oswaldo Correa	Arquitetura - crítica
121	mai. 1948	Porque arquitetura moderna?	FILHO, C. G. Cardim	Arquitetura - crítica
122	jun. 1948	Visita a São Paulo	SZILARD, Adalberto	Arquitetura - crítica
123	jul. 1948	Arquitetura, Urbanismo e Democracia	MELLO, Eduardo Kneese de	Atuação Profissional
124	ago. 1948	Verdade e Mentira em Arquitetura	MINDLIN, Henrique	Arquitetura - crítica
125	set. 1948	Arquitetura, Urbanismo e o Muro das lamentações	ROBERTO, Marcelo	Arquitetura - crítica
129	jan. 1949	Conselho Técnico de Acrópole no Rio de Janeiro		Sobre Acrópole
129	jan. 1949	Ciência Moderna e arte.	STEINHOF, Eugenio	Arquitetura - crítica
132	abr. 1949	A influência dos mestres.	LOTUFO, Zenon	Arquitetura - crítica
132	abr. 1949	Exposição da Arquitetura Contemporânea		Relato de Evento
133	mai. 1949	Editorial: Maio 1938- Maio 1949	MELLO, Eduardo Kneese de	Sobre Acrópole
133	mai. 1949	Conselho Técnico de Acrópole no Paraná		Sobre Acrópole
133	mai. 1949	Plano e Limitação da Cidade	GONÇALVES, Oswaldo Correa	Urbanismo/Planejamento Urbano

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
ACRÓPOLE

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
ACRÓPOLE

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
134	jun. 1949	Exposição de arquitetura contemporânea em Campinas	MELLO, Eduardo Kneese de	Relato de Evento
134	jun. 1949	Considerações sobre arquitetura moderna	MELLO, Eduardo Kneese de	Arquitetura - crítica
134	jun. 1949	O mercado imobiliário em São Paulo e Lopes		Mercado Imobiliário
136	ago. 1949	O cliente, coltado!		Atuação Profissional
138	out. 1949	Exp. de Arquitetura Contemp. em Santos e São Vicente	CREIGHTON, Thomas H.	Relato de Evento
138	out. 1949	Rotary e arquitetura	MELLO, Eduardo Kneese de	Arquitetura - crítica
138	out. 1949	Comunicam.-nos do departamento de Urb. da Pref. de SP		Urbanismo
141	jan. 1950	O Rio Arquitetônico	Prefeitura de São Paulo	Urbanismo/Planejamento Urbano
144	abr. 1950	O arquiteto no Brasil	ROCHA, Francisca Franco	Atuação Profissional
144	abr. 1950	Comunicam.-nos do departamento de Urb. da Pref. de SP	MELLO, Eduardo Kneese de	Urbanismo/Planejamento Urbano
145	mai. 1950	Da arquitetura	Prefeitura de São Paulo	Urbanismo/Planejamento Urbano
145	mai. 1950	Urbanismo	PICCHIA, Menotti Del	Urbanismo/Planejamento Urbano
145	mai. 1950	Plano Regulador da Cidade de São Paulo	GARCIA, Eiras.	Urbanismo/Planejamento Urbano
148	ago. 1950	VII Congresso Pan-americano de Arquitetos	FILHO, C. G. Cardim	Urbanismo
148	ago. 1950	O dia do Urbanismo	ROCHA, Francisca Franco da	Relato de Evento
148	ago. 1950	Belo Horizonte	GARCIA, Eiras	Urbanismo
149	set. 1950	Regulamentação das Construções.	JUNIOR, Dacio Aguiar de Moraes	viagens
150	out. 1950	O V aniversário da FNA	LIMA, Roberto de Barros	Urbanismo
150	out. 1950	Ecos do V Aniversário da FNA	ALBANO, Maria Adelaide Rabello	Ensin
150	out. 1950	Conclusão e recomendações aprovadas pelo VII		Ensin
151	nov. 1950	Edição Especial de Urbanismo	ROCHA, Francisca Franco da	Relato de Evento
151	nov. 1950	Dia do Urbanismo		Urbanismo/Planejamento Urbano
151	nov. 1950	Decálogo do Urbanista	PAOLERA, Carlos M. Della	Urbanismo/Planejamento Urbano
151	nov. 1950	semana do Urbanismo	FILHO, José Mariano	Urbanismo/Planejamento Urbano
151	nov. 1950	Fala o Dr. Epiteto Fontes		Urbanismo/Planejamento Urbano
151	nov. 1950	Exposição Municipal de Urbanismo na Biblioteca Municipal	FONTES, Epiteto	Urbanismo/Planejamento Urbano
151	nov. 1950	No Instituto de Arquitetos	NASCIMENTO, Walter Socrates	Urbanismo/Planejamento Urbano
151	nov. 1950	No Instituto de Engenharia		Urbanismo/Planejamento Urbano
151	nov. 1950	O Pateo do Colégio e o Centenário	FILHO, C. G. Cardim	Urbanismo/Planejamento Urbano
151	nov. 1950	Passagem inferior do Anhangabaú	FILHO, C. G. Cardim	Urbanismo/Planejamento Urbano
151	nov. 1950	As responsabilidades do Urbanismo		Urbanismo/Planejamento Urbano
151	nov. 1950	O dia do Urbanismo	GARCIA, Heitor A. Eiras	Urbanismo/Planejamento Urbano
152/53	dez.jan.1951	Plano diretor	MELLO, Eduardo Kneese de	Urbanismo/Planejamento Urbano
152/53	dez.jan.1951	O zoneamento	GARCIA, Heitor Eiras	Urbanismo/Planejamento Urbano
152/53	dez.jan.1951	Centro de Debates Culturais	LIMA, Roberto de Barros	Urbanismo/Planejamento Urbano
154	fev. 1951	O progresso e a técnica	MELLO, Eduardo Kneese de	Arquitetura - crítica
154	fev. 1951	Favelas e despejos	LOTUFO, Zenon	Urbanismo/Planejamento Urbano
154	fev. 1951	Le Corbusier e a cidade futura	A Vanguarda	Habitação
154	fev. 1951	III Congresso Interamericano de Municípios	Diário Carioca	Urbanismo/Planejamento Urbano
154	fev. 1951	Planejamento urbano e planejamento regional	ROCHA, Francisca Franco da	Urbanismo/Planejamento Urbano
154	fev. 1951	Concurso de Fachadas da Prefeitura	LODI, Carlos	Urbanismo/Planejamento Urbano
155	mar. 1951	Matérias de Construção		Concurso
155	mar. 1951	Autonomia do município em face do urbanismo	LOTUFO, Zenon	Construção Civil
156	abr. 1951	O plano de sua casa.	FILHO, Carlos A. G. Cardim	Urbanismo/Planejamento Urbano
156	abr. 1951	Grandiosa solução do problema da vivenda econômica	LOTUFO, Zenon	Arquitetura - crítica
156	abr. 1951	Urbanismo para o povo	ROCHA, Francisca Franco da	Urbanismo/Planejamento Urbano
157	mai. 1951	13o. aniversário	GARCIA, Heitor A. Eiras	Urbanismo/Planejamento Urbano
157	mai. 1951	A cidade que mais cresce no mundo	FILHO, Carlos A. G. Cardim	Sobre Acrópole
				Urbanismo/Planejamento Urbano

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
157	mai.1951	São Paulo, cidade agradável	GARCIA, Heitor A. Eiras	Urbanismo/Planejamento Urbano
158	jun.1951	Evolução da arquitetura	LOTUFO, Zenon	Arquitetura - crítica
159	jun.1951	I Bienal do Museu de Arte moderna de São Paulo		Relato de Evento
159	jul.1951	A arquitetura moderna	GONCALVES, Oswaldo Correa	Arquitetura Contemporânea - nac.
159	jul.1951	São Paulo precisa de um plano diretor	IAB-SP	Urbanismo/Planejamento Urbano
159	jul.1951	A moderna arquitetura estrutural	STEINHOF, Eugenio	Arquitetura - crítica
159	jul.1951	Acrópole na Islândia		Noticiário
160	ago.1951	A formação do arquiteto	LOTUFO, Zenon	Ensino
160	ago.1951	Edifício Clemente de Faria	JUNIOR, Dacio A. de Moraes	Arquitetura - crítica
160	ago.1951	Cidade Planejada, Cidade organizada	IAB-SP	Urbanismo/Planejamento Urbano
160	ago.1951	Estética na arquitetura	POSENER, Julius	Arquitetura - crítica
163	nov.1951	Edição especial de urbanismo		Urbanismo/Planejamento Urbano
163	nov.1951	Coopere na urbanização de São Paulo	MELO, Luiz de Anhaia	Urbanismo/Planejamento Urbano
163	nov.1951	O urbanismo...esse desconhecido	GARCIA, Heitor A. Eiras	Urbanismo/Planejamento Urbano
163	nov.1951	Unem-se os urbanistas!		Concursos
164	dez.1951	Anteprojeto do futuro paco municipal de SP	Prefeitura de São Paulo	
164	dez.1951	A função do arquiteto.		Atuação Profissional
165	jan.1952	Comentários à margem dos concursos públicos	FINA, Wilson Maia	Regulamentação Concursos
165	jan.1952	Exercício ilegal da profissão	Revista Engenharia	Regulamentação Profissional
166	fev.1952	Posse da nova diretoria do IAB		Instituto de Classe - IAB
166	fev.1952	Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento de SP	IAB-SP	Regulamentação de Concursos
166	fev.1952	Normas básicas para concurso de arquitetura		Regulamentação de Concursos
167-68	mar.abr.1952	Apelo justo e digno	LEVI, Rino; CESAR, R. Cerqueira	Urbanismo/Planejamento Urbano
167-68	mar.abr.1952	Urbanismo para o povo: a opinião pública	GARCIA, Heitor A. Eiras	Urbanismo/Planejamento Urbano
169	mai.1952	Quatorze Anos	PEREIRA, Ciro Ribeiro	Sobre Acrópole
169	mai.1952	Funções Vitais	GARCIA, Heitor A. Eiras	Urbanismo/Planejamento Urbano
170	jun.1952	São Paulo, alvo das atenções dos urbanistas	GARCIA, Heitor A. Eiras	Urbanismo/Planejamento Urbano
170	jun.1952	Espacos Livres	GARCIA, Heitor A. Eiras	Urbanismo/Planejamento Urbano
170	jun.1952	Época Angustiosa	GARCIA, Heitor A. Eiras	Urbanismo/Planejamento Urbano
170	jun.1952	Exposição de arquitetura realizada no Minist. Educação	SANTOS, José de Almeida	Relato de evento
171	Jul.1952	São Paulo se prepara para o IV Centenário		Relato de evento
171	Jul.1952	A Bandeira do urbanismo	Prefeitura de São Paulo	Urbanismo/Planejamento Urbano
172	ago.1952	VIII Congresso pan-americano de arquitetura	GARCIA, Heitor A. Eiras	Relato de evento
172	ago.1952	A maninha e a arquitetura moderna		Arquitetura - crítica
172	ago.1952	Arquitetura Moderna Brasileira	SANTOS, José de Almeida	Arquitetura Contemporânea - nac.
173	set.1952	Rainha Destronada	S.M.	Urbanismo/Planejamento Urbano
173	set.1952	Edição especial de urbanismo	FINA, Wilson Maia	Urbanismo/Planejamento Urbano
173	set.1952	Urbanismo em ação		Urbanismo/Planejamento Urbano
173	set.1952	Problema do planejamento geral da cidade	FILHO, Carlos A. G. Cardim	Urbanismo/Planejamento Urbano
174	out.1952	Deixa a direção da revista Acrópole o Sr. Roberto Correa Brito	LODI, Carlos	Urbanismo/Planejamento Urbano
174	out.1952	Acrópole e seu fundador	PEREIRA, Ciro Ribeiro	Sobre Acrópole
174	out.1952	Passel às mãos deste infatigável companheiro de luta...	GARCIA, Heitor A. Eiras	Sobre Acrópole
174	out.1952	Riscos oferecidos a saúde em residenciais modernos	BRITO, Roberto A. Correa	Sobre Acrópole
176	dez.1952	Urbanismo preventivo, urbanismo curativo	KOPP, J.	Arquitetura - crítica
177	jan.1953	Móveis de Max Bill para produção em série	MELLO, Eduardo Kneese de	Urbanismo/Planejamento Urbano
178	fev.1953	Posse da nova diretoria do IAB	revista DOMUS	Desenho Industrial
178	fev.1953	Temas do III Congresso Brasileiro de arquitetos		Instituto de Classe - IAB
178	fev.1953	Problemas de Urb.: A urbanística e o homem moderno	VICARI, José V.	Relato de evento
178	fev.1953			Urbanismo/Planejamento Urbano

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
ACRÓPOLE

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
ACRÓPOLE

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
179	mar. 1953	Problemas de Urb.: A urbanística e o homem moderno	VICARI, José V.	Urbanismo/Planejamento Urbano
179	mar. 1953	O paço municipal de São Paulo	FLHO, Carlos A. G. Cardim	Concurso
179	mar. 1953	Aspectos básicos atuais do planejamento urbano	LODI, Carlos	Urbanismo/Planejamento Urbano
182	jun. 1953	A arquitetura no âmbito da arte	VICARI, José V.	Arquitetura - crítica
183	jul. 1953	II Bienal de São Paulo	—	Relato de evento
183	jul. 1953	Coube a Walter Gropius o "Prêmio São Paulo" ...	—	Relato de evento
183	jul. 1953	IV Congresso Brasileiro de arquitetos	—	Relato de evento
183	jul. 1953	Arquitetura do pós-guerra nos Estados Unidos	—	Relato de evento
183	jul. 1953	ENTRE JULHO DE 1953 E JANEIRO DE 1954 A REVISTA NÃO É PUBLICADA.	—	Relato de evento
184	jan. 1954	A Arquitetura em São Paulo.	ORTENBLAD FL., Rodolpho	Arquitetura Contemporânea - nac.
184	jan. 1954	A Arquitetura Moderna.	CESAR, Roberto Cerqueira.	Publicação de Documento
184	jan. 1954	Acerca da arquitetura moderna.	LEVI, Rino.	Publicação de Documento
185	fev. 1954	Exposição do IV Centenário	WARCHAVCHIK, Gregori.	Relato de evento
185	fev. 1954	Premios da II Exposição Internacional de Arquitetura	—	Relato de evento
186	mar. 1954	Conclusões do Congresso da UIA 1953	—	Relato de evento
186	mar. 1954	Considerações sobre pontos fundamentais do plan. urban.	IAB-SP	Urbanismo/Planejamento Urbano
186	mar. 1954	"Architettura Italiana a S. Paulo"	LODI, Carlos	Livros
187	abr. 1954	Considerações sobre pontos fundamentais do plan. urban.	LODI, Carlos	Urbanismo/Planejamento Urbano
188	mai. 1954	Boletim Mensal n.º 5 - A missão Francesa 1816	IAB-SP	Ensino
188	mai. 1954	Considerações sobre pontos fundamentais do plan. urban.	LODI, Carlos	Urbanismo/Planejamento Urbano
190	jul. 1954	NEDAB	IAB-SP	Noticiário
190	jul. 1954	III Salão Paulista	IAB-SP	Relato de evento
191	ago. 1954	Editorial	—	Sobre Acrópole
191	ago. 1954	Urbanismo - Agente de progresso	LODI, Carlos	Urbanismo/Planejamento Urbano
192	set. 1954	Arquitetos viajando	IAB-SP	Viagens
192	set. 1954	Síntese das artes plásticas	LEVI, Rino.	Arte-Arquitetura
193	out. 1954	Editorial	—	Noticiário
193	out. 1954	NEDAB	IAB-SP	Noticiário
193	out. 1954	"Perto de três milhões de pessoas..."	—	Relato de evento
194	nov. 1954	Dia do urbanismo	LODI, Carlos	Urbanismo/Planejamento Urbano
194	nov. 1954	Formalismo	WILHEIM, Jorge	Arquitetura - crítica
194	nov. 1954	Um Plano para o ensino de arquitetura	GROPIUS, Walter	Ensino
195	dez. 1954	Editorial	—	Urbanismo/Planejamento Urbano
195	dez. 1954	NEDAB - relações com o IAB	IAB-SP	Instituto de Classe - IAB
195	dez. 1954	Exposição de jovens arquitetos paulistas - normas	IAB-SP	Noticiário
195	dez. 1954	Arquitetura e nacionalidade - debate	IAB-SP	Noticiário
195	dez. 1954	Alinda Mies Van der Rohe	IAB-SP	Arquitetura - crítica
195	dez. 1954	Um Plano para o ensino de arquitetura (2)	GROPIUS, Walter	Ensino
195	dez. 1954	Arquitetura Japonesa em São Paulo	LEÃO, Aluisio da Rocha	Arquitetura Contemporânea - Int.
196	jan. 1955	Editorial	—	Industrialização da Construção
196	jan. 1955	Arquitetura e nacionalidade	IAB-SP	Relato de evento
196	jan. 1955	Realizações do NEDAB	IAB-SP	Relato de visitas
196	jan. 1955	Humanismo e Arquitetura Atual	VICARI, José V.	Arquitetura - crítica
197	mar. 1955	Alinda Mies Van Der rohe e o Formalismo	IAB-SP	Arquitetura - crítica
197	mar. 1955	O irracional na obra de Niemeyer	IAB-SP	Arquitetura - crítica
198	abr. 1955	Editorial	—	Mobiliário
198	abr. 1955	Um debate: ensino de Arquitetura	IAB-SP	Ensino
199	mai. 1955	Problemas Urbanos de São Paulo	IAB-SP	Urbanismo/Planejamento Urbano

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
199	mai.1955	Urbanismo é arquitetura coletiva	IAB-SP	Urbanismo/Planejamento Urbano
200	jun.1955	Editorial		Sobre Acrópole
201	jul.1955	Notas sobre a evolução da morada paulista (I)	SAIA, Luiz	História - Arquitetura tradicional
202	ago.1955	Notas sobre a evolução da morada paulista. (II)	SAIA, Luiz	História - Arquitetura tradicional
203	set.1955	Exposição jovens arquitetos paulistas.	IAB-SP	Relato de evento
203	set.1955	O IV Congresso da UJA	IAB-SP	Ensin
203	set.1955	Notas sobre a evolução da morada paulista (III)	SAIA, Luiz	História - Arquitetura tradicional
204	set.1955	Mies Van der Rohe por Philip Johnson		Arquitetura - crítica
204	out.1955	Palavras do Arquiteto Jorge Machado Moreira	MOREIRA, Jorge Machado	Arquitetura - crítica
204	out.1955	Notas sobre a evolução da morada paulista (IV)	SAIA, Luiz	História - Arquitetura tradicional
205	nov.1955	Editorial		Industrialização da Construção
205	nov.1955	Notas sobre a evolução da morada paulista (V)	SAIA, Luiz	História - Arquitetura tradicional
206	dez.1955	NEDAB	IAB-SP	Urbanismo/Planejamento Urbano
206	dez.1955	Notas sobre a evolução da morada paulista (VI)	SAIA, Luis.	História - Arquitetura tradicional
207	jan.1956	Editorial		Urbanismo/Planejamento Urbano
207	jan.1956	Histórias para a História	IAB-SP	História - Arquitetura tradicional
207	jan.1956	Notas sobre a evolução da morada paulista (VII)	SAIA, Luiz	Livros
207	jan.1956	Teoria e filosofia da arquitetura	VICARI, José V.	História - Arquitetura tradicional
208	fev.1956	Editorial		Industrialização da Construção
208	fev.1956	Notas sobre a evolução da morada paulista (VIII)	SAIA, Luiz	História - Arquitetura tradicional
209	mar.1956	Editorial		Industrialização da Construção
209	mar.1956	A construção e a pré-fabricação	ZELATI, Aldo Coti	Industrialização da Construção
210	abr.1956	editorial		Livros
210	abr.1956	O IAB e a nova capital	IAB-SP	Brasília
210	abr.1956	Considerações sobre arquitetura e educação	DUARTE, Helio.	Arquitetura - crítica
211	mai.1956	Editorial		Industrialização da Construção
211	mai.1956	Notas relacionadas com a tetônica demográfica de SP (II)	SAIA, Luiz	Urbanismo/Planejamento Urbano
212	jun.1956	Notas relacionadas com a tetônica demográfica de SP (III)	SAIA, Luiz	Urbanismo/Planejamento Urbano
214	ago.1956	Novamente a Capital federal	IAB-SP	Brasília
214	ago.1956	Relatório da Diretoria 1955-56		Instituto de Classe - IAB
217	nov.1956	Brasília	IAB-SP	Concursos
217	nov.1956	Aberrações arquitetônicas desorientam o paulistano.	CORONA, Eduardo.	Urbanismo/Planejamento Urbano
217	nov.1956	Urbanismo em São Paulo.	SAIA, Luiz	Urbanismo/Planejamento Urbano
217	nov.1956	S. Giedion - Walter gropius: Mensch und werk	LOHBAUER, Philipp	Arquitetura Contemporânea - Int.
218	dez.1956	Editorial		Relato de evento
218	dez.1956	Um equivoco: o projeto padronizado	CORONA, Eduardo.	Industrialização da Construção
218	dez.1956	Arquitetura de salão	LEMONS, Carlos	Relato de Evento
219	jan.1957	Editorial.		Arquitetura Contemporânea - nac.
219	jan.1957	"Modern Architecture in Brazil"	IAB-SP	Livros
219	jan.1957	Um sonho que se tornou realidade	S.P.	Arquitetura Contemporânea - nac.
219	jan.1957	Na "Era do Cadillac": o contrabando da arquitetura	IAB-SP	Regulamentação Profissional
219	jan.1957	Henrique Mindlin. Modern Architecture in Brazil	CORONA, Eduardo.	Livros
220	fev.1957	Editorial		Urbanismo/Planejamento Urbano
220	fev.1957	Padronização de projetos	IAB-SP	Industrialização da Construção
220	fev.1957	Urbanismo	IAB-SP	Ensin
220	fev.1957	Dificuldades da formação de Urbanistas	IAB-SP	Ensin
220	fev.1957	Como Parinifto dos arquitetos de 1956 em Recife. Joaquim cardozo elabora uma das mais belas páginas sobre arq.	IAB-SP	Regulamentação Profissional

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
ACRÓPOLE

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
ACRÓPOLE

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
221	mar. 1957	Lucio Costa vence o concurso de Brasília	IAB-SP	Concurso
222	abr. 1957	Editorial		História
223	abr. 1957	Dicionário de Arquitetura Brasileira: Introdução	CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos	História
223	mai. 1957	Problemas atuais	IAB-SP	Urbanismo/Planejamento Urbano
223	mai. 1957	Diálogo em função de Rubem Braga, cidadão e cronista que reclama da arquitetura	IAB-SP	Arquitetura - crítica
223	mai. 1957	Para uma justa proporção ...	CORDEIRO, Waldemar	paisagismo
223	mai. 1957	Urbanismo em São Paulo	SAIA, Luiz	Urbanismo/Planejamento Urbano
224	jun. 1957	Editorial		Habitação
224	jun. 1957	Latin American Architecture since 1945	ORTENBLAD FL., Rodolpho	Relato de evento
225	jul. 1957	Considerações sobre um plano diretor	IAB-SP	Urbanismo/Planejamento Urbano
225	jul. 1957	Debates sobre planejamento urbano	IAB-SP	Urbanismo/Planejamento Urbano
226	ago. 1957	V Congresso Brasileiro de Arquitetos	IAB-SP	Relato de evento
226	ago. 1957	A IV Bienal de São Paulo	MACHADO, Lourival Gomes	Relato de evento
227	set. 1957	Editorial		Regulamentação Profissional
227	set. 1957	Resolução do Conselho Federal de Eng. E Arq.	IAB-SP	Regulamentação Profissional
228	out. 1957	Editorial		Urbanismo/Planejamento Urbano
228	out. 1957	Instituto de Arte Contemporânea	IAB-SP	Ensino
228	out. 1957	"Artistas de Domingo" no GFAU	IAB-SP	Relato de evento
228	out. 1957	A casa bandeirista nos inventários do segundo século	LEMOS, Carlos	História - Arquitetura tradicional
229	nov. 1957	Carta aberta	LINS, Florismando	Relato de evento
229	nov. 1957	I Seminário de Ensino da Arquitetura	IAB-SP	Ensino
229	nov. 1957	Exposição de Art. Brasileira em Madrid como Art. Atlântica	CABALLERO, Ernesto Gimenez	Arquitetura Contemporânea - nac.
230	dez. 1957	editorial		Regulamentação - Concursos
230	dez. 1957	Recebemos do colega Luiz Saia a seguinte carta	SAIA, Luiz	História - Arquitetura tradicional
230	dez. 1957	Encontro com Mies Van Der Rohe	LOHBAUER, Philipp	Viagens
230	dez. 1957	Oscar Niemeyer em foco	NIEMEYER, Oscar.	Arquitetura Contemporânea - nac.
230	dez. 1957	Niemeyer acumula vida	COSTA, Lucio.	Arquitetura Contemporânea - nac.
231	jan. 1958	Editorial		Urbanismo/Planejamento Urbano
231	jan. 1958	Edificações futuras - transcendental assunto humano.	NEUTRA, Richard.	Arquitetura - crítica
231	jan. 1958	Tomás Maldonado: Max Bill	LEVI, Edmondo Livio	livros
232	fev. 1958	Editorial		Atuação profissional
232	fev. 1958	Que audácia!	IAB-SP	Regulamentação Profissional
232	fev. 1958	Importância e diretrizes da arquitetura brasileira.	WARCHAVCHIK, Gregori.	Arquitetura - crítica
232	fev. 1958	Arte como ciência. Modulor da arquitetura de Le corbusier, aplicada	HADDAD, Eduardo Demetrio.	Arte-Arquitetura
233	mar. 1958	Editorial		Industrialização da construção
233	mar. 1958	A exposição mundial de Bruxelas	IAB-SP	Arquitetura Contemporânea - Int.
233	mar. 1958	Philip C. Johnson: Mies Van der Rohe	ORTENBLAD FL., Rodolpho	Livros
234	abr. 1958	Considerações de arquiteto brasileiro que trabalha nos Estados	IAB-SP	Atuação profissional
235	mai. 1958	Editorial		Sobre revistas
235	mai. 1958	50 números de nosso boletim	IAB-SP	Instituto de Classe - IAB
235	mai. 1958	Atividades do CPEU da FAUUSP	IAB-SP	Relato de evento
236	jun. 1958	Editorial		Relato de evento
236	jun. 1958	O sétimo salão paulista de arte moderna	WILHEIM, Jorge.	Relato de evento
237	jul. 1958	Editorial		Atuação profissional
237	jul. 1958	O concurso (e escândalo) de Santo André	WILHEIM, Jorge.	Concurso
237	jul. 1958	Depoimento	NIEMEYER, Oscar.	Arquitetura - crítica
237	jul. 1958	Revisão crítica de Niemeyer	ARTIGAS, Vilanova.	Arquitetura - crítica

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
238	ago.1958	A propósito do I aniversário da Lei 5261		Urbanismo/Planejamento Urbano
239	ago.1958	Palácio legislativo: monumento do povo.	GRAEFF, Edgar.	Concursos
239	set.1958	A publicidade nas revistas técnicas		Sobre revistas
239	set.1958	resolução do V congresso da U.I.A.	IAB-SP	Relato de evento
239	set.1958	Comentários sobre as resoluções do V congresso da U.I.A.	LODI, Carlos.	Regulamentação Profissional
240	out.1958	A nova lei que regulamentará a profissão de arquiteto no Brasil	IAB-SP	paisagismo
240	out.1958	O Paisagismo na atualidade	PEKNY, Edgar	História - Arquitetura tradicional
241	nov.1958	Resposta a uma crítica.	SAIA, Luiz	Sobre Acrópole
241	nov.1958	Editorial - 20 anos.		Industrialização da Construção
241	nov.1958	A prefabricação nas construções industriais	MAZZOCCHI, Maurício	Concursos
242	dez.1958	Novas recomendações às normas de concursos de arq.	IAB-SP	Atuação profissional
242	dez.1958	Rino Levi paraminhou os arquitetos gaúchos de 58	LEVI, Rino.	Regulamentação de Concursos
243	jan.1959	Concursos de Arquitetura		Arquitetura - crítica
243	jan.1959	Toronto: Entrevista com Frank Lloyd Wright	BRETOM, Pierre	História - Arquitetura tradicional
243	jan.1959	Notícia de documento interessante	LEMONS, Carlos	Industrialização da Construção
244	fev.1959	Conversando com o arquiteto		Regulamentação profissional
244	fev.1959	J. Vilanova Artigas paraminhou os alunos da FAU	ARTIGAS, Vilanova.	Arquitetura - crítica
245	mar.1959	Estética e vegetação Urbana		Ensino
245	mar.1959	Em greve os estudantes de arquitetura do Recife		Relato de evento
245	mar.1959	Exposição da arquitetura brasileira no exterior		Regulamentação profissional
246	abr.1959	Projeto de Lei da regulamentação profissional do arquiteto	IAB-SP	Regulamentação profissional
246	abr.1959	Frank Lloyd Wright		História - Trajetórias
247	mai.1959	Curso int. de Planejamento urbano e urbanismo no IAB-SP		Ensino
248	jun.1959	Giulio Carlo Argan: Walter Gropius v el Bauhaus	LEVI, Livio E.	História - Trajetórias
249	jul.1959	Em torno do plano de ação do governo paulista		Noticiário
249	jul.1959	Richard Neutra: Realismo Biológico	LEVI, Livio E.	Arquitetura - crítica
252	out.1959	Algumas observações de viagem	R. F. G	Viagens
252	out.1959	Congresso de Associações de eng., arq. e agronomos		Relato de evento
252	out.1959	Congresso Internacional da AICA		Relato de evento
253	nov.1959	A nossa maioridade		Sobre Acrópole
254	dez.1959	Conhecemos o Brasil		História - Arquitetura tradicional
254	dez.1959	A arte e a educação.		Arte-Arquitetura
256/57	fv.mr.1960	Edição Especial Brasília	COSTA, Lucio.	Brasília
256/57	fv.mr.1960	21 abril, 1960		Brasília
256/57	fv.mr.1960	Porque Brasília	MELLO, Eduardo Kneese de	Brasília
256/57	fv.mr.1960	Uma interpretação	WILHEIM, Jorge	Brasília
256/57	fv.mr.1960	Brasília 1970 - Um roteiro	WILHEIM, Jorge	Brasília
260	jun.1960	Capelas alpendradas de são paulo	LEMONS, Carlos	História - Arquitetura tradicional
261	jul.1960	Evolução do conceito de planejamento das cidades capitais	BOCCARA, Augusto	Urbanismo/Planejamento Urbano
262	ago.1960	Ruínas de são joão, um dos sete povos	CHAVES, Adhemar	História - Arquitetura tradicional
263	set.1960	Arquitetos brasileiros visitaram a china		viagens
263	set.1960	Funcionará no próximo ano o curso de urbanismo da fau		Ensino
265	dez.1959	Evolução do conceito de planejamento das cidades capitais	BOCCARA, Augusto	Urbanismo/Planejamento Urbano
274	set.1961	Partido arquitetônico paulista em góias	LEMONS, Carlos	História - Arquitetura tradicional
276	nov.1961	arquitetura na VI Bienal do MAM-SP	GONCALVES, Oswaldo Correa	Relato de evento
277	dez.1961	arquitetura na VI Bienal do MAM-SP (2)	GONCALVES, Oswaldo Correa	Relato de evento
278	jan.1962	Problema da habitação no Brasil		Habitação
279	fev.1962	Um imperativo inadiável: a industrialização da construção	ROSSO, Teodoro	Industrialização da construção

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
ACRÓPOLE

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
ACRÓPOLE

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
280	mar. 1962	Arquiteto e indústria	WILHEIM, Jorge	Industrialização da construção
280	mar. 1962	Um imperativo inadiável: a industrialização da construção	ROSSO, Teodoro	Industrialização da construção
281	abr. 1962	Os pioneiros do movimento moderno - William Morris		História - Trajetórias
281	abr. 1962	Il mesa redonda panamericana de arquitetos		Relato de evento
282	mai. 1962	Os pioneiros do movimento moderno - Victor Horta		História - Trajetórias
282	mai. 1962	manifesto do instituto de arquitetos		Ensin
283	jun. 1962	Os pioneiros do movimento moderno - Henri Richardson		História - Trajetórias
283	jun. 1962	concursos de arquitetura e a defesa do trabalho do arquiteto	CORONA, Eduardo	Regulamentação - Concursos
284	jul. 1962	Os pioneiros do movimento moderno - Adolf Loos		História - Trajetórias
285	ago. 1962	Os pioneiros do movimento moderno - Louis Sullivan		História - Trajetórias
286	set. 1962	Os pioneiros do movimento moderno - Robert Maillart		História - Trajetórias
287	out. 1962	Os pioneiros do movimento moderno - Erich Mendelson		História - Trajetórias
287	out. 1962	Carta em resposta à Eduardo Corona	VASCONCELLOS, Sylvio	Regulamentação - Concursos
288	nov. 1962	Os pioneiros do movimento moderno - Peter Behrens		História - Trajetórias
289	dez. 1962	Os pioneiros do movimento moderno - Ebenezer Howard		História - Trajetórias
290	jan. 1963	Os pioneiros do movimento moderno - Berlage		História - Trajetórias
291	fev. 1963	Os pioneiros do movimento moderno - Charles Mackintosh		História - Trajetórias
291	fev. 1963	VII Congresso Brasileiro da UIA		Relato de evento
291	fev. 1963	O novo regulamento recém elaborado na FAUUSP ...	CORONA, Eduardo	Ensin
292	mar. 1963	Os pioneiros do movimento moderno - Antoni gaudi	CORONA, Eduardo	História - Trajetórias
292	mar. 1963	O desenho industrial, o arquiteto e as iniciativas erradas	CORONA, Eduardo	Desenho Industrial
292	mar. 1963	Lucian korngold		Noticiário - obtuário
293	abr. 1963	Os pioneiros do movimento moderno - Otto Wagner		História - Trajetórias
293	abr. 1963	Nosso colega, arq. Oscar Niemeyer ...	CORONA, Eduardo	Noticiário
294	mai. 1963	Os pioneiros do movimento moderno - Tony Garnier		História - Trajetórias
294	mai. 1963	O Livro de Lucio Costa	CORONA, Eduardo	Livros
295/296	jun. 1963	25 aniversário		Sobre Acrópole
295/296	jun. 1963	Revistas de Arquitetura no Brasil		Sobre revistas
295/296	jun. 1963	O sítio urbano inicial da aglomeração paulistana	AB'SABER, Aziz Nacib	História - Cidades
295/296	jun. 1963	Notas para teorização de São Paulo	SAIA, Luis	História - Cidades
295/296	jun. 1963	São Paulo: seus pontos de encontro	WILHEIM, Jorge	História - Cidades
295/296	jun. 1963	Originalidade do sítio da cidade de São Paulo	AB'SABER, Aziz Nacib	História - Cidades
297	jul. 1963	Os pioneiros do movimento moderno - Frank Lloyd Wright		História - Trajetórias
297	jul. 1963	Sobre o ensino de arquitetura	CORONA, Eduardo	Ensin
297	jul. 1963	Congresso em Cuba: não é com Vinagre que se apanha mosca	SAIA, Luiz	Atuação profissional
297	jul. 1963	quatro arquitetos brasileiros em Paris	GRINOVER, Lucio	Desenho Industrial
298	ago. 1963	Os pioneiros do movimento moderno - Henri Van de Velde		História - Trajetórias
298	ago. 1963	40 anos de "Vers une architecture"	CORONA, Eduardo	História - Trajetórias
299	set. 1963	Os pioneiros do movimento moderno - Joseph Hoffman		História - Trajetórias
299	set. 1963	A construção da cidade universitária	CORONA, Eduardo	Noticiário
300	out. nov. 1963	Os pioneiros do movimento moderno - Hans Poelzig		História - Trajetórias
300	out. nov. 1963	A nova lei de regulamentação profissional (I)	CORONA, Eduardo	Regulamentação Profissional
300	out. nov. 1963	VII Congresso da UIA: Notas de Viagem	WILHEIM, Jorge	Relato de evento
301	dez. 1963	A arquitetura nas Bienais de São Paulo	GONCALVES, Oswaldo Correa	Relato de evento
301	dez. 1963	A nova lei de regulamentação profissional (II)	CORONA, Eduardo	Regulamentação Profissional
301	dez. 1963	Arquitetura: fruto de análise (sergio Bernardes)		História - Trajetórias
301	dez. 1963	Os pioneiros da arquitetura moderna no Brasil	CORONA, Eduardo	Relato de evento
302	jan. 1964	IAB de São Paulo toma posição		Urbanismo/Planejamento Urbano

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
302	jan. 1964	A nova lei de regulamentação profissional (II)	CORONA, Eduardo	Regulamentação Profissional
302	jan. 1964	Mural cinético estrutural	CORDEIRO, Waldemar	Arte-Arquitetura
303	fev. 1964	Habitação popular		Habitação
303	fev. 1964	Uma experiência didática	CORONA, Eduardo	Ensino
303	fev. 1964	Projeto da Nova Paulista	WILHEIM, Jorge	Urbanismo/Planejamento Urbano
304	mar. 1964	Trienal e tempo livre		Noticiário
304	mar. 1964	Desenho industrial	CORONA, Eduardo	Desenho Industrial
304	mar. 1964	Artes plásticas na arquitetura	KNISPEN, gerson	Arte-Arquitetura
305	abr. 1964	Plano nacional de habitação		Habitação
305	abr. 1964	Normas de conduta profissional para o arquiteto	CORONA, Eduardo	Regulamentação Profissional
306	abr. 1964	Plano nacional de habitação		Habitação
307	jun. 1964	Alto aponta inimigos		Arquitetura Contemporânea - Int.
307	jun. 1964	Exposição Finlandesa		Arquitetura Contemporânea - Int.
307	jun. 1964	A propósito de concursos de arquitetura	CORONA, Eduardo	Concursos
308	jul. 1964	Faleceu Reidy		Noticiário - obitório
308	jul. 1964	Marcelo Roberto		História - trajetória
308	jul. 1964	Afonso Eduardo Reidy	CORONA, Eduardo	História - trajetória
308	jul. 1964	Mesa Redonda		Relato de evento
309	ago. 1964	Desenho industrial		Desenho Industrial
309	ago. 1964	A arquitetura na Finlândia e os arquitetos brasileiros		Relato de evento
309	ago. 1964	Direção de obras	CORONA, Eduardo	Regulamentação Profissional
309	ago. 1964	Em torno da exposição finlandesa	GUÉDES, Joaquim	Arquitetura Contemporânea - Int.
309	ago. 1964	Roberto Burle Marx em livro	CORONA, Eduardo	Livros
309	ago. 1964	Planejamento territorial	BIRKHOLZ, Lauro Bastos	Urbanismo/Planejamento Urbano
310	set. 1964	Arquitetura formas funções		Sobre revistas
311	out. 1964	Visitantes	CORONA, Eduardo	Viagens
311	out. 1964	Dificuldades do arquiteto ou A triste figura do cliente desavisado	CORONA, Eduardo	Regulamentação Profissional
312	nov. dez. 1964	Falecimento: Carlos Millan		Noticiário - obitório
312	nov. dez. 1964	Carlos Millan	CORONA, Eduardo	História - trajetória
312	nov. dez. 1964	O sentido de uma exposição		Ensino
313	jan. 1965	Grupo técnico de habitação		Habitação
313	jan. 1965	Divulgação da arquitetura brasileira: 2 Livros	CORONA, Eduardo	Arquitetura Contemporânea - Int.
314	fev. 1965	chances perdidas na nova lei de incorporações	CORONA, Eduardo	Urbanismo/Planejamento Urbano
314	fev. 1965	Homenagem		Arquitetura Contemporânea - Int.
315	mar. 1965	Niemeyer		História - trajetória
315	mar. 1965	Arquitetura e comodidade	CORONA, Eduardo	Arquitetura - crítica
315	mar. 1965	Arquitetura na união soviética	WILLEN, Paul	Arquitetura Contemporânea - Int.
316	abr. 1965	Problemas da cidade universitária	CORONA, Eduardo	Noticiário
317	mai. 1965	ABDI IAB ESDI FAU UD USE ETC	CORONA, Eduardo	Desenho Industrial
317	mai. 1965	Carlos Millan: Arquiteto	WILHEIM, Jorge	História - trajetória
318	jun. 1965	Executiva Nac. de estudantes de arg. e urbanismo	CORONA, Eduardo	Ensino
318	jun. 1965	Edipo Ingenieros: um complexo na área de arquitetura	SAIA, Luiz	Ensino
319	jul. 1965	Doxiadis		Urbanismo/Planejamento Urbano
319	jul. 1965	Acerca da habitação popular	CORONA, Eduardo	Habitação
319	jul. 1965	Uma falsa crise	ARTIGAS, Vilanova	Arquitetura Contemporânea - Int.
319	jul. 1965	Notas sobre arquitetura	IMPERIO, Flavio	Arquitetura Contemporânea - nac.
319	jul. 1965	Notas sobre arquitetura	LEFEVRE, Rodrigo	Arquitetura Contemporânea - nac.
319	jul. 1965	Notas sobre arquitetura	FERRO, Sérgio	Arquitetura Contemporânea - nac.

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
ACRÓPOLE

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
ACRÓPOLE
PILOTIS
HABITAT

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
319	jul.1965	Pintura	FERRO, Sérgio	Arte-Arquitetura
319	jul.1965	Cenografia	IMPERIO, Flavio	Arte-Arquitetura
320	ago.1965	UIA Congresso Melancólico	CORONA, Eduardo	Relato de evento
321	set.1965	Falecimento: Le Corbusier		Noticiário - obituário
321	set.1965	Projeto altera índice de utilização dos terrenos em SP		Urbanismo/Planejamento Urbano
321	set.1965	Oscar Niemeyer, 90 dias em Israel		Noticiário
322	out.1965	Falecimento: Rino Levi		Noticiário - obituário
322	out.1965	Le Corbusier	CORONA, Eduardo	História - trajetória
322	out.1965	Rino Levi	CORONA, Eduardo	História - trajetória
322	out.1965	Arquitetura na VIII Bienal	GONÇALVES, Oswaldo Correa.	Relato de evento
323	nov.1965	Desenho industrial		Desenho Industrial
323	nov.1965	LOTUS - Um anuário de arquitetura contemporânea	CORONA, Eduardo	Sobre revistas
324	dez.1965	São Paulo Metrópole 65,66,67,68...	CORONA, Eduardo	Urbanismo/Planejamento Urbano
324	dez.1965	Arquitetura em Portugal	VASCONCELLOS, Sylvio	Arquitetura Contemporânea - Int.
324	dez.1965	Cinco arquitetos pintores	-	Arte-Arquitetura
PILOTIS (1949-1950)				
3	set.1949	Outra vez Pilotis		SÃO PAULO Arquitetura - crítica
3	set.1949	Integrar o Homem	GIEDION, Siegfried	Arquitetura - crítica
3	set.1949	Antonio Sant'Elia	BARDI, Pietro Maria	Artes
3	set.1949	Morandi - o Grande Lírico da Pintura Italiana Contemp.	SAMBONET, Roberto	Artes
3	set.1949	Aspectos da Música Contemporânea	SCHONORREBERG, Roberto	Artes
4	fev.1950	As quatro Bestas		Arquitetura - crítica
4	fev.1950	Uma casa de Neutra		Arquitetura Contemporânea - int
4	fev.1950	O que é arquitetura moderna?		Arquitetura - crítica
4	fev.1950	Marcel Breuer: da Bauhaus à casa no jardim	CANDIA, Salvador	Arquitetura Contemporânea - int
4	fev.1950	Introdução à arte do cinema	SALLES, Francisco L.de Almeida	Artes
4	fev.1950	Schoenberg e o expressionismo	KOELLREUTTER, H. J.	Artes
REVISTA HABITAT (1950-1965)				
1	out.dez.1950	prefácio		SÃO PAULO Sobre Habitat
1	out.dez.1950	Casas de Vilanova Artigas		Arquitetura Contemporânea - nac.
1	out.dez.1950	Novo Mundo do espaço de Le Corbusier		Arquitetura - crítica
1	out.dez.1950	Do pequeno ao grande, numa corrida		Urbanismo/Planejamento Urbano
1	out.dez.1950	Crônicas - Le Corbusier		Relato de evento
1	out.dez.1950	Crônicas - Uma estação		Atuação Profissional
2	jan.mar.1951	Bela criança	BARDI, Lina Bo	Arquitetura Contemporânea - nac.
2	jan.mar.1951	Nossa Arquitetura	SOUZA, Abelardo de	Arquitetura Contemporânea - nac.
2	jan.mar.1951	Duas construções de Oscar Niemeyer	BARDI, Lina Bo	Arquitetura Contemporânea - nac.
2	jan.mar.1951	programa de melhoramentos para São Paulo	A. de S.	Urbanismo/Planejamento Urbano
2	jan.mar.1951	Acerca da arquitetura moderna	WARCHAVCHIK, Gregori	Publicação de documentos
2	jan.mar.1951	Beleza provinda da função e beleza como função	BILL, Max	Publicação de documentos
2	jan.mar.1951	Crônicas: Niemeyer	Alencastro	Livros
2	jan.mar.1951	Crônicas: Atrás da fachada	Alencastro	Arquitetura - crítica
3	mai.jun.1951	Porque o povo é arquiteto?		Arquitetura Contemporânea - pop
3	mai.jun.1951	Nervi e o concreto	BARDI, Pietro Maria	Arquitetura - técnica
3	mai.jun.1951	Resistência da forma	NERVI, Pier Luigi	Arquitetura - técnica
3	mai.jun.1951	Instituto de arte contemporânea	RUCHTI, Jacob.	Instituições
3	mai.jun.1951	Arquitetura	Alencastro	Arquitetura Contemporânea - nac.
4	jul.set.1951	Um presságio de progresso	TEIXEIRA, Anísio	Atuação Profissional

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
4	jul.set.1951	O que é o convênio escolar	AMADEI, José	Arquitetura Contemporânea - nac.
4	jul.set.1951	O problema escolar e a arquitetura	DUARTE, Helo	Arquitetura - crítica
4	jul.set.1951	As arquiteturas do Convênio escolar		Arquitetura Contemporânea - nac.
4	jul.set.1951	Arquitetura e religião		Arquitetura Contemporânea - nac.
4	jul.set.1951	Carta Aberta		Relato de evento
4	jul.set.1951	Niemeyer	Alencastro	Arquitetura Contemporânea - nac.
4	jul.set.1951	Igrejas	Alencastro	Arquitetura Contemporânea - nac.
4	jul.set.1951	Antes	Alencastro	Atuação Profissional
4	jul.set.1951	Escolas	Alencastro	Ensino
4	jul.set.1951	Urbanismo	Alencastro	Urbanismo/ planejamento
5	out.dez.1951	Da necessidade de crítica sobre arquitetura	CORONA, Eduardo	Arquitetura - crítica
5	out.dez.1951	Residência em São Paulo		Arquitetura Contemporânea - nac.
6	jan.mar.1952	O centenário		Relato de evento
6	jan.mar.1952	Uma casa no rio de Janeiro		Arquitetura - crítica
6	jan.mar.1952	Verde em São Paulo	MOTTA, Flavio	Arquitetura - crítica
6	jan.mar.1952	Rogers	Alencastro	Arquitetura - crítica
6	jan.mar.1952	CIAMS	Alencastro	Arquitetura Contemporânea - int
6	jan.mar.1952	Le Corbusier	Alencastro	Livros
6	jan.mar.1952	Giedion	Alencastro	Relato de evento
6	jan.mar.1952	Confirmação	Alencastro	Relato de evento
6	jan.mar.1952	Urbanismo	Alencastro	Urbanismo/Planejamento Urbano
7	mai.jun.1952	Arquiteturas de Sergio Bernardes	GONCALVES, Osvaldo Correa	Arquitetura - crítica
7	mai.jun.1952	Necessidade da crítica na arquitetura		Arquitetura - crítica
7	mai.jun.1952	Paulo Prado, patrocinador da Semana de Arte moderna	PRADO, J.F. de A	História - trajetórias
7	mai.jun.1952	Jovem Brasileiro na Europa	WILHEIM, Jorge	Viagens
7	mai.jun.1952	Fachadas?	Alencastro	História
8	jul.set.1952	Aranha céu e o espírito		Urbanismo/Planejamento Urbano
8	jul.set.1952	Casa na Bahia		Arquitetura - crítica
8	jul.set.1952	Uma exposição de Burtle Marx	E.V.	Paisagismo
9	out.dez.1952	Por uma enciclopedia brasileira		Arquitetura - crítica
9	out.dez.1952	Construir com simplicidade		Arquitetura - crítica
9	out.dez.1952	A localização do paço municipal de São Paulo		Urbanismo/Planejamento Urbano
9	out.dez.1952	Artezanato e indústria		Artesanato e Indústria
9	out.dez.1952	Branco e preto		Desenho Industrial
9	out.dez.1952	Rogers	Alencastro	Viagens
10	jan.mar.1953	São Paulo e o Art Nouveau	MOTTA, Flavio.	História - Arquitetura tradicional
10	jan.mar.1953	O colégio Brasil-paraguay em Assunção		Arquitetura - crítica
11	jun.1953	Hospital radialista, Rio de Janeiro		Arquitetura Contemporânea - nac.
11	jun.1953	A mais moderna Linha de montagem da América do sul		Arquitetura e Indústria
11	jun.1953	Modernistas de Hoje	Alencastro	Arquitetura Contemporânea - nac.
11	jun.1953	A cidade levanta seus cismos ao céu		Urbanismo/Planejamento Urbano
12	set.1953	Quendo Sr. Urbanista		Urbanismo/Planejamento Urbano
12	set.1953	Uma nota de "interiors"		Arquitetura Contemporânea - nac.
12	set.1953	O arquiteto Milton Roberto		História - trajetórias
12	set.1953	Uma igreja no interior		Arquitetura Contemporânea - nac.
12	set.1953	Max Bill: o inteligente iconoclasta	AQUINO, Flavio de	Arquitetura - crítica
12	set.1953	Depoimento inédito sobre a semana de arte moderna	THIOLLIER, Rene.	História
12	set.1953	Crônicas: Max		Arquitetura - crítica

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
HABITAT

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
HABITAT

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
12	set. 1953	Crônicas: Acaíca		Sobre revistas
12	set. 1953	Crônicas: Pampulha		Arquitetura - crítica
12	set. 1953	Crônicas: Crítica		Arquitetura Contemporânea - int
13	dez. 1953	Arquitetura e arquitetura de jardins		Paisagismo
13	dez. 1953	Crônicas: Urbanismo		Urbanismo/Planejamento Urbano
14	jan. fev. 1954	Dois mestres da arquitetura contemporânea falam aos arquitetos brasileiros	–	Relato de evento
14	jan. fev. 1954	Alvar Aalto	AALTO, Alvar	Relato de evento
14	jan. fev. 1954	Para onde vai a arquitetura		Relato de evento
14	jan. fev. 1954	O arquiteto na sociedade industrial	GROPIUS, Walter.	Arquitetura - crítica
14	jan. fev. 1954	O arquiteto, a arquitetura e a sociedade	BILL, Max.	Arquitetura - crítica
14	jan. fev. 1954	Arquitetura: síntese de todas as artes		Arquitetura - crítica
15	mar. abr. 1954	Dedicação	BARDI, Lina Bo; BARDI, Pietro Maria	Sobre Habitat
15	mar. abr. 1954	"Os editores desta revista, aceitando..."	KLEIN, Rodolfo	Sobre Habitat
15	mar. abr. 1954	Cidade universitária no Rio de Janeiro		Noticiário
15	mar. abr. 1954	O homem anti-natureza	BARDI, Pietro Maria	Arquitetura - crítica
16	mai. jun. 1954	Crítica de arquitetura	SOUZA, Abelardo.	Arquitetura - crítica
16	mai. jun. 1954	Arquitetura no parque Ibirapuera	CARDOSO, Joaquim.	Relato de evento
17	jul. ago. 1954	Núcleo de estudos e divulgação da arquitetura brasileira	SOUZA, Abelardo.	Noticiário
20	jan. fev. 1955	A arquitetura na sociedade industrial (I)	SANTOS, Paulo	História
20	jan. fev. 1955	Residência em Jacarepagua		Arquitetura Contemporânea - nac.
20	jan. fev. 1955	Debate sobre arquitetura	SOUZA, Abelardo.	Arquitetura - crítica
21	mar. abr. 1955	Visão do futuro e realidade do presente	MELLO, Luiz de Anhaia.	Urbanismo/Planejamento Urbano
21	mar. abr. 1955	A exposição "Brasil constrói" em Zurique-suíça		Relato de evento
21	mar. abr. 1955	Arq. Abelardo de Souza		Sobre Habitat
21	mar. abr. 1955	IV Congresso da UIA		Relato de evento
22	mai. jun. 1955	Mies Van Der Rohe	SAIA, Luis.	Arquitetura - crítica
22	mai. jun. 1955	Aforismas sobre a forma	ROHE, Mies Van der	Arquitetura - crítica
22	mai. jun. 1955	A obra de Mies Van der Rohe		BIOGRAFIA
22	mai. jun. 1955	Notas: Arquitetura e engenharia soviética		Arquitetura - crítica
22	mai. jun. 1955	A importância e o alcance do certame paulista	MILLET, Sergio	Relato de evento
22	mai. jun. 1955	Crônica de arquitetura: Limitação das cidades		Urbanismo/Planejamento Urbano
23	ago. set. 1955	A arquitetura e a bienal de São Paulo	LEÃO, Aluisio da Rocha	Arquitetura Contemporânea - nac.
23	ago. set. 1955	2º. Concurso internacional para escolas de Arquitetura	FERRAZ, Geraldo	Ensino
23	ago. set. 1955	Acreditado nas Bienais	MACHADO, Lourival Gomes	Relato de evento
23	ago. set. 1955	A arquitetura e a sociedade industrial (II)	SANTOS, Paulo F	História
23	ago. set. 1955	Crônica de Arquitetura: O prestígio do arquiteto	MELO, Eduardo Kneese	Atuação Profissional
23	ago. set. 1955	Crônica de Arquitetura: Exposição brasileira na Suíça		Relato de evento
24	out. nov. 1955	Ensino de Arquitetura e urbanismo	FERRAZ, Geraldo	Ensino
24	out. nov. 1955	Aspectos da arquitetura contemporânea inglesa	FERRAZ, Geraldo	Arquitetura Contemporânea - int
24	out. nov. 1955	Condições comentadas do IV congresso da UIA	FERRAZ, Geraldo	Relato de evento
24	out. nov. 1955	UIA - a posição social do arquiteto		Atuação Profissional
24	out. nov. 1955	Le Corbusier constrói uma igreja	FERRAZ, Geraldo	Relato de evento
24	out. nov. 1955	A arquitetura na sociedade industrial		Arquitetura Contemporânea - int
24	out. nov. 1955	Por uma arquitetura psicossomática	SANTOS, Paulo F.	História
24	out. nov. 1955	Cidade Radiosa	LEÃO, Aluisio da Rocha	Arquitetura - crítica
24	out. nov. 1955	Quatro principais funções da cidade	ARAN, Robert.	Arquitetura Contemporânea - int
24	out. nov. 1955	Um ensaio brilhante do Departamento de habitação popular	GONÇALVES, Oswaldo Correa	Urbanismo/ planejamento
24	out. nov. 1955		FERRAZ, Geraldo.	Arquitetura Contemporânea - nac.

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
24	out.nov.1955	Sobre a arquitetura espanhola	SERRA, Victor de La	Arquitetura Contemporânea - int
24	out.nov.1955	Arquitetura Moderna no Mexico		Arquitetura Contemporânea - int
25	dez.1955	A casa bandeirista	SAIA, Luis.	História - Arquitetura tradicional
25	dez.1955	Meditação de fim de ano	FERRAZ, Geraldo	Atuação Profissional
25	dez.1955	IX Congresso Panamericano de Arquitetura		Relato de evento
25	dez.1955	Duas datas da arquitetura brasileira		História
25	dez.1955	Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo		Relato de evento
25	dez.1955	Exposição de Arquitetura brasileira no EUA		Urbanismo/Planejamento Urbano
25	dez.1955	Dia do Urbanismo		Livros
25	dez.1955	Walter Gropius: o homem e a obra	FERRAZ, Geraldo	Sobre Habitat
26	jan.1956	Por uma participação ativa nestas páginas		Relato de evento
26	jan.1956	Latin America Architecture since 1945		
26	jan.1956	Habitat inicia um levantamento sobre as condições do ensino universitário em exposições feitas pelos responsáveis das diversas faculdades da CAU I.	FERRAZ, Geraldo	Ensino
26	jan.1956	Habituação para o homem de nosso tempo		Habituação
26	jan.1956	Deve-se sempre proceder a concurso de arquitetura	FERRAZ, Geraldo	Regulamentação de Concursos
26	jan.1956	A "Casa do Arquiteto" de Roberto Winkler		arquitetura contemporânea - nac.
26	jan.1956	Conjunto residencial vila Isabel		arquitetura contemporânea - nac.
26	jan.1956	Noticiário: Anais do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos		Relato de evento
26	jan.1956	Pela moralização da profissão de arq. e engenheiro civil		Atuação Profissional
26	jan.1956	"Latin American Architecture since 1945"		Relato de evento
26	jan.1956	Premiado o projeto "Centro da Penha" no XX Salão Paulista		Relato de evento
27	fev.1956	The growth of a new tradition		Arquitetura - crítica
27	fev.1956	Frank Lloyd Wright e a arquitetura mundial	TSELOS, Dimitri	história
27	fev.1956	Habitat prossegue no levantamento		Ensino
27	fev.1956	Noticiário: Pró e contra o projeto 474-55		Atuação Profissional
27	fev.1956	Noticiário: restaurada a sede do IAB de São Paulo		Atuação Profissional
28	mar.1956	Arquitetura e economia		Habituação
28	mar.1956	Bruno Zevi traça o programa de sua revista L'Architettura		Arquitetura Contemporânea - int
28	mar.1956	Uma discussão aberta		Sobre Habitat
28	mar.1956	Ind. na história da atual arq. no Brasil: G. Warchavchik.	FERRAZ, Geraldo	História - trajetória
28	mar.1956	Marcelo Roberto aos universitários: Interdependência da		Urbanismo/Planejamento Urbano
28	mar.1956	Formalismo, continuidade do academismo	FERRAZ, Geraldo	Arquitetura - crítica
28	mar.1956	Noticiário: "Habitat seleciona o seu noticiário. ..."		Sobre Habitat
28	mar.1956	Noticiário: Aumenta o ensino de arquitetura		Ensino
29	abr.1956	Ind. na história da atual arq. no Brasil: A. E Reidy	FERRAZ, Geraldo	História - trajetória
30	mai.1956	Mentalidade do planejamento		Urbanismo/ planejamento
30	mai.1956	Uma divergencia na solução da casa popular no Est. de SP		Habituação
30	mai.1956	De arquitetura, no mackenzie		Ensino
30	mai.1956	Rumo a planificação em escala estadual		Urbanismo/ planejamento
30	mai.1956	Ind. na história da atual arq. no Brasil: Rino Levi	FERRAZ, Geraldo.	História - trajetória
30	mai.1956	"A vida e o habitat humano". A arquitetura residencial de R. Neutra		Arquitetura - crítica
30	mai.1956	Noticiário: A crítica de Gordon Graham		Atuação Profissional
31	jun.1956	opiniões e diretrizes do presidente da república		atuação Profissional
31	jun.1956	Ind. na história da atual arq. no Brasil: MMM Roberto	FERRAZ, Geraldo	História - trajetória
31	jun.1956	Moderna Arquitetura no Brasil por H.Mindlin		Livros
31	jun.1956	Noticiário: Problema de ensino de arquitetura		Ensino

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
HABITAT

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
HABITAT

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
32	jun. 1956	Aspectos negativos duma legislação		Arquitetura - crítica
32	jun. 1956	Vinte anos de atividades do SPHAN	JEAN, Yvonne.	História - arquitetura tradicional
32	jun. 1956	As cinco lições da forma	CARVALHO, Benjamim A.	Arquitetura - crítica
32	jun. 1956	Noticiário: Arquitetos paulistas nos EUA		Viagens
32	jun. 1956	Projeto Final na Faculdade de Arq. Mackenzie		Ensino
32	jun. 1956	Os conjuntos de habitação popular em funcionamento		Habitação
33	ago. 1956	Considerações e trechos de Vitruvius		História
33	ago. 1956	Escola de engenharia de São Carlos		Arquitetura - crítica
33	ago. 1956	I Congresso Panamericano de estudantes de arq. e urb.		Relato de evento
33	ago. 1956	Novas diretorias do IAB Rio de Janeiro e em São Paulo		Atuação Profissional
34	set. 1956	Novas diretorias do IAB		Atuação Profissional
34	set. 1956	Senado Federal no RJ		Arquitetura Contemporânea - nac.
34	set. 1956	Museu de arte moderna, RJ	FERRAZ, Geraldo.	Arquitetura Contemporânea - nac.
34	set. 1956	Iniciativa dos estudantes de arquitetura		Ensino
34	set. 1956	Mudar a capital		Brasil
34	set. 1956	Regulamentação da profissão de arquiteto "atualizada"	FERRAZ, Geraldo.	Atuação Profissional
35	out. 1956	construção da nova cidade: Brasília		Brasil
35	out. 1956	Ind. na história da atual arq. no Brasil: Lucio Costa	FERRAZ, Geraldo.	História - trajetória
35	out. 1956	o que é arquitetura	COSTA, Lucio	Arquitetura - crítica
36	nov. 1956	Dentro de um mês: 3 milhões de habitantes		Urbanismo/Planejamento Urbano
36	nov. 1956	Ind. na história da atual arq. no Brasil: R. Burt Marx.	FERRAZ, Geraldo	História - trajetória
36	nov. 1956	Conferência sobre o ensino de arquitetura provoca greve		Ensino
37	dez. 1956	reforma no ensino de arquitetura		Ensino
37	dez. 1956	Construção da nova capital: Brasília	FERRAZ, Geraldo	Brasil
37	dez. 1956	Uma indústria que acompanha o esforço criador da moderna arq.		Industrialização da construção
38	jan. 1957	Planejamento, arquitetura e engenharia	MELO, Luis de Anhaia.	Urbanismo/Planejamento Urbano
38	jan. 1957	Função da arquitetura no XXI século paulista	FERRAZ, Geraldo	Relato de evento
39	fev. 1957	Viver com arte	LOTUFO, Zenon.	Arquitetura - crítica
39	fev. 1957	Novos valores na atual arq. no Brasil: Abelardo R. de Souza	FERRAZ, Geraldo.	História - trajetória
40/41	mar. abr. 1957	Concurso de Brasília		Brasil
40/41	mar. abr. 1957	Um projeto paulista vence um concurso		Concurso
42	jun. 1957	Ética profissional		Atuação Profissional
43	jul. ago. 1957	O clássico Mies Van der Rohe e os misionários	KULTERMANN, Udo	Arquitetura Contemporânea - int
43	jul. ago. 1957	Os sucessores de Mies Van Der Rohe nos Estados Unidos		Arquitetura Contemporânea - int
43	jul. ago. 1957	Arquitetura moderna no Brasil	FERRAZ, Geraldo.	Livros
44	set. 1957	IV Bienal de São Paulo		Relato de evento
44	set. 1957	Arquitetura na IV Bienal: Arquitetura Mundial 1957	FERRAZ, Geraldo	Relato de evento
45	nov. dez. 1957	Mais uma etapa vencida		Sobre Habitat
45	nov. dez. 1957	Novos valores na atual arq. no Brasil: Oswaldo Bratke	FERRAZ, Geraldo.	História - trajetória
45	nov. dez. 1957	Bureau internacional dos Estudantes de arq. e urb.		História - trajetória
46	jan. fev. 1958	Editorial		Ensino
46	jan. fev. 1958	O MAM do RJ		Ensino
47	mar. abr. 1958	A nova sede do clube atlético paulistano		Arquitetura - crítica
47	mar. abr. 1958	Arquitetura na Europa		Arquitetura - crítica
47	mar. abr. 1958	Encontro de intelectuais		Relato de evento
48	mai. jun. 1958	Lugar da arquitetura		Atuação Profissional
48	mai. jun. 1958	Arquitetura brasileira	BARDI, Pietro Maria.	Arquitetura - crítica
49	jul. ago. 1958	Conselho nacional de arquitetura	FERRAZ, Geraldo.	Atuação Profissional

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
50	set.out.1958	habitat n1 / habitat n10		Sobre Habitat
50	set.out.1958	Seminário Internacional de arquitetos e urbanistas		Relato de evento
50	set.out.1958	Sergio Bernardes		Arquitetura Contemporânea - nac.
50	set.out.1958	Brasília exposta em Zurique		Brasília
51	nov.dez.1958	Perspectivas para arquitetos		Habitação
51	nov.dez.1958	Catedral de Brasília		Brasília
52	jan.fev.1959	considerações sobre a lei que regulamenta a profissão de arquiteto		Atuação Profissional
52	jan.fev.1959	Em defesa da arquitetura		Atuação Profissional
52	jan.fev.1959	Exp. itinerantes de arq. moderna brasileira no exterior	MÓDULO	Relato de evento
52	jan.fev.1959	Frank Lloyd Wright, mestre da arquitetura moderna		BIOGRAFIA
53	mar.abr.1959	posição de Frank Lloyd Wright	FERRAZ, Geraldo	História
55	jul.ago.1959	O alto conceito da arquitetura brasileira na europa	PACHECO, Armando	Arquitetura Contemporânea - nac.
56	set.out.1959	Bienal ano X	FERRAZ, Geraldo	Relato de evento
56	set.out.1959	Arquitetura na V bienal		Relato de evento
56	set.out.1959	Antonio Gaudi, a originalidade acima de tudo		Relato de Evento
56	set.out.1959	Henry Van de Velde, o "décor" para a dignidade da vida		Relato de Evento
56	set.out.1959	Ludwig Mies van der Rohe		Relato de Evento
56	set.out.1959	Robert Burle Marx - Sala Especial		Relato de Evento
57	nov.dez.1959	Habitat ano décimo		Relato de Evento
57	nov.dez.1959	Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte		Sobre Habitat
59	mar.abr.1960	Aspectos humanos da tábua carioca		Relato de Evento
59	mar.abr.1960	depoimento	FERRAZ, Geraldo	Habitação
60	mai.jun.1960	Evocando Richard neutra	LOZANO, Eduardo.	Arquitetura Contemporânea - nac.
61	jul.ago.1960	Habitação e planejamento		Arquitetura - crítica
62	set.out.1960	Novo ano e novo governo		Habitação
63	mar.1961	Revisão de Brasília		Urbanismo/ planejamento
64	1961	Habitação vs. Tugurio		BRASILIA
65	1961	Um programa		Habitação
66	1961	II congresso internacional de criticos de arte		Ensinso
66	1961	Niemeyer constrói para si uma casa em estilo colonial		Relato de Evento
67	mar.1962	Habitação, subproduto da independência econômica		Atuação Profissional
68	jun.1962	Editorial: Habitação no Brasil		Habitação
68	jun.1962	O convento de La Tourette de Le Corbusier	FERRAZ, Geraldo	Habitação
69	set.1962	A boa forma industrial	ROSSI, Aldo	Arquitetura Contemporânea - int
69	set.1962	Richard neutra permanece renovador aos 70 anos	FERRAZ, Geraldo	Desenho Industrial
70	dez.1962	Ainda e sempre o problema habitacional		Arquitetura Contemporânea - int
70	dez.1962	Sobre os concursos públicos de arquitetura		Habitação
70	dez.1962	"No mundo da arquitetura": atentado	PEREIRA,Miguel; SILVA J.C.Paiva da	Cocurso
70	dez.1962	Criação de carreira de arquiteto no funcionalismo publico		Atuação Profissional
70	dez.1962	Retrospectiva do arq. Reidy		Atuação Profissional
70	dez.1962	A transição da cor do quadro para o espaço e o sentido de construtividade	OITICA, helio	História - trajetória
71	mar.1963	a cultura em crise		Arte-Arquitetura
71	mar.1963	a personalidade e a obra de Reidy	GASSIOT-TALABOT, Geraldo	Atuação Profissional
71	mar.1963	embaixada do Brasil em Beirute	CAMPOS, Olavo Redig de	História - trajetória
71	mar.1963	construção em massa de moradias populares na AL		Arquitetura - crítica
71	mar.1963	arquitetura e problema social	ROBERTO, Mauricio	Habitação

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
HABITAT

ANEXO 1
Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).
HABITAT

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
71	mar. 1963	arquitetura playboy		Atuação Profissional
72	jun. 1963	o jovem octogênio gropius		História - trajetória
72	jun. 1963	plano diretor para a pauliceia desvairada		Urbanismo/Planejamento Urbano
72	jun. 1963	seminário de habitação e reforma urbana		Habitação
72	jun. 1963	escola de desenho industrial		Desenho Industrial
73	set. 1963	habitação, sempre habitação	FERRAZ, Geraldo	Habitação
73	set. 1963	estudo de marcas e logotipos	MARTINS, Rubem	Desenho Industrial
73	set. 1963	juíza defende a arquitetura		Atuação Profissional
74	dez. 1963	condicionantes dos desenvolvimentos		Arquitetura - crítica
74	dez. 1963	Bienal de Arquitetura: sala especial Sergio Bernardes	FERRAZ, Geraldo	Relato de Evento
74	dez. 1963	Concurso das Escolas de Arquitetura na VII Bienal de SP		Ensino
74	dez. 1963	urbanismo e habitação popular		Habitação
74	dez. 1963	projeto para execução da reforma urbana		Urbanismo/Planejamento Urbano
74	dez. 1963	a habitação popular no Rio de Janeiro		Habitação
74	dez. 1963	o drama da habitação popular		Habitação
74	dez. 1963	planificação do aterro da glória no rio de janeiro		Urbanismo/Planejamento Urbano
74	dez. 1963	tendências do urbanismo britânico		Urbanismo/Planejamento Urbano
74	dez. 1963	o palácio Itamarati em Brasília		Brasília
74	dez. 1963	arte na arquitetura latino-americana		Arte-Arquitetura
75	jan. fev. 1954	habitação para todos		Habitação
75	jan. fev. 1954	ulysses burlamaqui: um arquiteto e três projetos		Arquitetura - crítica
75	jan. fev. 1954	urbanismo: reforma urbana		Urbanismo/Planejamento Urbano
75	jan. fev. 1954	urbanismo: o caso doxiadis		Atuação Profissional
75	jan. fev. 1954	urbanismo: a pobreza de áreas verdes em São Paulo		Urbanismo/Planejamento Urbano
76	mar. abr. 1964	ainda o plano nacional de habitação		Habitação
76	mar. abr. 1964	problemas plásticos da arquitetura moderna	SPANUDIS, Theon	Arquitetura - crítica
76	mar. abr. 1964	origem e desenvolvimento do desenho industrial no Brasil	CAUDURO, João Carlos	Desenho Industrial
76	mar. abr. 1964	desenho industrial	GRINOVER, Lucio	Desenho Industrial
76	mar. abr. 1964	arquitetura de exteriores	MAGNOLI, Miranda Martinelli	Paisagismo
77	mai. jun. 1964	problemática habitacional		Habitação
77	mai. jun. 1964	ruido e urbanismo	LEVI, Rino	Urbanismo/Planejamento Urbano
77	mai. jun. 1964	arquitetura visionária		Arquitetura - crítica
77	mai. jun. 1964	monumentos em São Paulo		Urbanismo/Planejamento Urbano
77	mai. jun. 1964	o desenhistas industrial	PIGNATARI, Decio	Desenho Industrial
77	mai. jun. 1964	arquitetura de exteriores	MAGNOLI, Miranda Martinelli	Paisagismo
78	jul. ago. 1964	habitação e democracia		Habitação
78	jul. ago. 1964	desaparecem dois grandes arquitetos	FERRAZ, Geraldo	Noticiário - obituario
78	jul. ago. 1964	vida e arte de marcelo roberto		Arquitetura Contemporânea - nac.
78	jul. ago. 1964	vida e arte de A. E. Reidy		Arquitetura Contemporânea - nac.
78	jul. ago. 1964	o jardineiro burle marx	BARDI, Pietro Maria	Paisagismo
79	set. out. 1964	o homem e a paisagem		Paisagismo
79	set. out. 1964	concurso "boa forma" em arquitetura		Desenho Industrial
79	set. out. 1964	em busca da boa forma		Desenho Industrial
79	set. out. 1964	boa forma em desenho industrial		Desenho Industrial
80	nov. dez. 1964	ensino de arquitetura na UB		Ensino
80	nov. dez. 1964	mensagem e crítica		Regulamentação Profissional
80	nov. dez. 1964	a paisagem urbana		Arquitetura Contemporânea - int
80	nov. dez. 1964	feita de arquitetos		Arquitetura Contemporânea - nac.

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
81	jan.fev.1965	Dedaração dos arquitetos reunidos em Delos, grécia	UIA	Regulamentação Profissional
81	jan.fev.1965	artes aplicadas: Bienal de Punta de Leste	FERRAZ, Geraldo	Arte-Arquitetura
81	jan.fev.1965	uma opinião neutra		Arquitetura - crítica
82	mar.abr.1965	Bienal de arquitetura		Relato de evento
83	mai.jun.1965	Fornipiac patrocina concurso de desenho industrial		Desenho Industrial
83	mai.jun.1965	a propósito do artigo "problemas plásticos da arquitetura moderna"	FIUCA, Luigi	Arquitetura - crítica
84	jul.dez.1965	Falta de perspectiva profissional		Regulamentação Profissional
84	jul.dez.1965	De luto a arquitetura mundial: desaparecem Rino Levi e Le Corbusier	FERRAZ, Geraldo	Noticiário - obituário
AD - ARQUITETURA E DECORAÇÃO (1953-1958)				
1	set.1953	Uma cidade a serviço do homem.	CORONA, Eduardo	Arquitetura Contemporânea - int.
2	nov.1953	Um novo congresso de arquitetos	CORONA, Eduardo	Atuação profissional
3	jan.1954	O júri da bienal e as soluções criadoras	CORONA, Eduardo	Arquitetura - crítica
3	jan.1954	Arquitetura Brasileira Contemporânea	CORONA, Eduardo	Arquitetura Contemporânea - nac.
4	abr.1954	O testamento tripartido de Max Bill	CORONA, Eduardo	Arquitetura - crítica
5	mai.jun.1954	Os direitos autorais do arquiteto	CORONA, Eduardo	Regulamentação profissional
5	mai.jun.1954	Algumas considerações sobre arquitetura moderna no Brasil	SALDANHA, F.F.	Arquitetura - crítica
6	jul.ago.1954	Problemas da Nossa arquitetura	CORONA, Eduardo	Arquitetura - crítica
6	jul.ago.1954	Núcleo de Estudos e divulgação da arquitetura no Brasil	NEDAB	Arquitetura - crítica
7	set.out.1954	A tragédia do Ibirapuera	CORONA, Eduardo	urbanismo/ planejamento
7	set.out.1954	Considerações sobre arquitetura Brasileira	ARTIGAS, J. Vilanova	Arquitetura - crítica
8	nov.dez.1954	O arquiteto e a crítica	CORONA, Eduardo	Arquitetura - crítica
9	jan.fev.1955	As quatro funções da cidade	GONCALVES, Osvaldo Correa	urbanismo/ planejamento
9	jan.fev.1955	O passado glorioso reavivando o espírito de nossa tradição	FILHO, Pd. José Alves Motta	História
9	jan.fev.1955	O próximo congresso da UIA	AD	Atuação profissional
10	mar.abr.1955	Um código de edificações	CORONA, Eduardo	urbanismo/ planejamento
10	mar.abr.1955	A importância da faculdade de Arquitetura	NÃO INFORMADO	Ensino
11	mai.jun.1955	Editorial	GUIMARÃES, Eduardo	Arquitetura - crítica
11	mai.jun.1955	Monumento a Rui Barbosa: o concurso visto sob novo aspecto	REIS, José de Souza	Concurso
12	jul.ago.1955	Editorial	SAIA, Luis	Relato de evento
12	jul.ago.1955	Propósito da III Bienal: os prêmios internacionais	MACHADO, Lourival Gomes	Relato de evento
13	set.out.1955	O problema Social na Arquitetura	NIEMEYER, Oscar	Arquitetura - crítica
13	set.out.1955	Arquitetura brasileira através dos congressos nacionais	ROCHA, Gustavo Neves da	Arquitetura - crítica
14	nov.dez.1955	O aluno e a interpretação da arquitetura	KAUFMAN, Elias	Arquitetura - crítica
14	nov.dez.1955	25 anos de arq. da ABI a urbanização do cabo frio	ROBERTO, Marcelo	Arquitetura Contemporânea - nac.
14	nov.dez.1955	Carta do arquiteto Sívrio de Vasconcellos	VASCONCELOS, Sívrio de	Arquitetura - crítica
15	jan.fev.1956	Que é você	CORBUSIER, Le	Arquitetura - crítica
15	jan.fev.1956	Studio para o clube dos artistas e amigos da arte	SAIA, Luis	Concurso
15	jan.fev.1956	Arquitetura, arte sem ismos	CORONA, Eduardo	Atuação profissional
15	jan.fev.1956	Discurso pronunciado na FNA no ato da colação de grau 1955	PERES, Raphael	História
16	mar.abr.1956	Editorial	SAIA, Luis	urbanismo/ planejamento
16	mar.abr.1956	Arquitetura — Fenômeno Social	GRAEFF, Edgar A	Arquitetura - crítica
17	mai.jun.1956	Uma nova tabela de honorários para os arquitetos	CORONA, Eduardo	Atuação profissional
17	mai.jun.1956	Aos jovens arquitetos	ARTIGAS, João Vilanova	Atuação profissional
18	jul.ago.1956	AD está no seu terceiro ano de vida	SALLES, Edna	Sobre AD
18	jul.ago.1956	Mais um ano de luta	SAIA, Luis	Sobre AD
19	set.out.1956	Aos jovens arquitetos	GUIMARÃES, Eduardo	Atuação profissional

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
HABITAT
AD

ANEXO 1
*Críticas selecionadas
nas revistas publicadas
em São Paulo
(1945-1965).*
AD

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR	TEMA
20	nov.dez.1956	Arte Concreta: objeto e objetivo.	PIGNATARI, Décio	Arte Concreta
20	nov.dez.1956	Exposição nacional de arte concreta	AD	Arte Concreta
21	jan.fev.1957	A liberdade de criação em arquitetura	CORONA, Eduardo	Arquitetura - crítica
21	jan.fev.1957	Exposição nacional de arte concreta	AD	Arte Concreta
21	jan.fev.1957	O concretismo e o problema da organização da cultura	CORDEIRO, Waldemar	Arte Concreta
22	mar.abr.1957	Arquitetura e Arte	CORDEIRO, Waldemar	Arte - Arquitetura
22	mar.abr.1957	O V. Congresso Brasileiro de Arquitetos e arquitetura popular	CORONA, Eduardo	Arquitetura - crítica
22	mar.abr.1957	Três categorias artísticas na arquitetura	GRAEFF, Edgar	Arquitetura - crítica
24	jul.ago.1957	Forma, função e projeto geral	PIGNATARI, Décio	Arte - Arquitetura
24	jul.ago.1957	Crítica de arte e arquitetura	VASCONCELOS, Silvio de	Arquitetura - crítica
25	set.out.1957	IV Bienal de São Paulo	PIGNATARI, Décio	Relato de evento
25	set.out.1957	Arte. Arquitetura e vida	CORDEIRO, Waldemar	Arte - Arquitetura
26	dez.1957	Jovens Arquitetos de Minas	KUBISTCHEK, Juscelino	Arquitetura - crítica
BEM ESTAR: URBANISMO - HABITAÇÃO (1958-1960)				
1	fev.1958	Ao leitor		SAO PAULO
1	fev.1958	Editorial		Arquitetura Contemporânea - nac.
1	fev.1958	Urbanismo Colonial no Brasil	SMITH, Robert C.	Urbanismo/ planejamento
1	fev.1958	Brasília em transição	CUNHA, Mario W. Vieira da	Urbanismo/ planejamento
1	fev.1958	Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século	SAIA, Luiz	Brasília
2	jul.ago.1958	Casas de residência no Brasil do século XX	ROCHA FL., Gustavo Neves da	História - arquitetura tradicional
2	jul.ago.1958	O complexo urbano paulista	NOGUEIRA, Brenno Cyrino	História - cidades
3	nov.dez.1958	Minha Terra	MILA, Ariosto	Urbanismo/ planejamento
3	nov.dez.1958	A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP	GRAVINA, Pedro José Bento	Ensino
3	nov.dez.1958	O Equipamento da Habitação	LIMA, Luiz Gastão de castro	habitação
3	nov.dez.1958	O I Encontro de estudantes e arquitetos realizado em SP		Atuação profissional e ensino
4	mar.abr.1959	Editorial		habitação
4	mar.abr.1959	Para uma nova política da habitação popular	GOMES, José Claudio	habitação
4	mar.abr.1959	O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina	ROCHA FL., Gustavo Neves da	História - arquitetura tradicional
4	mar.abr.1959	Os arquitetos e a regulamentação profissional	LEVI, Rino	Regulamentação profissional
4	mar.abr.1959	A margem de um inquérito entre jovens arquitetos	CUNHA, Mario W. Vieira da	Ensino
5-6	mai.jun.1959	Editorial	DUARTE, Helio	Arquitetura - crítica
5-6	mai.jun.1959	Aprendizagem industrial e a evolução industrial no Brasil	GRINOVER, Lucio	Industrialização
5-6	mai.jun.1959	A evolução industrial de São Paulo	LIMA, Heitor Ferreira	Industrialização
5-6	mai.jun.1959	A arquitetura das escolas SENAI		Arquitetura Industrial

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR
BRASIL ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA (1953-1957)			
PROJETOS DE ARQUITETOS ATUANTES EM SÃO PAULO			
1	ago-set/1953	igreja de são domingos	Sergio Bernardes
1	ago-set/1953	residência em iundiaí	Vasco Venchiarutti
4	1954	prédio de apartamento	Giancarlo Palanti
4	1954	residência do arquiteto	Analdio Furquim Paoliello
4	1954	piscina coberta	Itaro De Castro Mello
5	1955	atelier junto a residência no morumbi	Oswaldo Arthur Bratke
5	1955	residência em belo horizonte	David Libeskind
5	1955	fabrica de fertilizantes de cubatão	Zenon Lotufo
5	1955	loqui club de uberaba	Itaro De Castro Mello
7	1956	conl. residencial para operarios em s. jose dos campos	Rino Levi
7	1956	conl. residencial p/ refinaria e exploração de petróleo união s.a.	David Libeskind
8	1956	associação atletica do banco do brasil	Gilson Mendes Lages e Walmyr Lima Amarel
8	1956	la maison de france	Jacques Pilon, Heep, Gasperini
10	1957	aeroporto de congonhas	Hernani do Val Penteadó
PROJETOS PAULISTAS E CARIOCAS			
5	1955	centro de educação de leme	Alcides Da Rocha Miranda
7	1956	conl. residencial para a cia siderurgica mannesman -mg	Henrique Mindlin
9	1957	novu edificio do senado federal	Henrique Mindlin
REPORTAGENS SOBRE SÃO PAULO			
2-3	jan. 1954	apresentação	Brasil, Arquitetura Contemporanea
2-3	jan. 1954	walter gropius e o premio sao paulo	Joaquim De A Mattos
2-3	jan. 1954	o conjunto arquitetônico do ibirapuera	Joaquim Cardoso
REPORTAGENS SOBRE A CRÍTICA PAULISTA			
5	1955	debato de problemas de arquitetura em são paulo	Brasil, Arquitetura Contemporanea
REPORTAGENS COM ELEMENTOS DA CRÍTICA PAULISTA			
1	ago-set/1953	o surto e os problemas da atual arquitetura brasileira	Mario Barata
1	ago-set/1953	max bill no rio de janeiro	Quirino Campoiorito
4	1954	editorial	Brasil, Arquitetura Contemporanea
4	1954	arquitetura, tradição e realidade brasileira	Mario Barata
5	1955	apresentação	Henrique Mindlin
5	1955	apresentação	Hector Hernandes
6	1955	palavras do arquiteto jorge machado moreira na cerimonia da	Jorge Machado Moreira
7	1956	apresentação	Henrique Mindlin
7	1956	arquitetura como plástica e a importância atual da síntese das artes	Mario Barata
7	1956	opina o diretor da escola de belas artes da universidade do brasil	Alfredo Galvão
8	1956	apresentação	A.V.B.
8	1956	da participacao de artistas plásticos na obra de arquitetura e	Francisco R. Macedo
9	1957	apresentação	Mario Barata
9	1957	a mirabolante nova capital brasileira	Joaquim De Almeida Mattos
10	1957	apresentação	J.M.A.
10	1957	mudancistas e fiquistas	Prestes Maia
OUTRAS REPORTAGENS IMPORTANTES			
1	ago-set/1953	apresentação	Brasil, Arquitetura Contemporanea
1	ago-set/1953	a crise da arte contemporânea	Lucio Costa
2-3	jan. 1954	introdução à segunda bienal	Sergio Millet
2-3	jan. 1954	minha concepção da ideia do "bauhaus"	Walter Gropius

ANEXO 2
São Paulo nas revistas
publicadas no Rio de
Janeiro (1945-1965).
BAC

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR
2-3	jan. 1954	o arquiteto na sociedade industrial	Walter Gropius
2-3	jan. 1954	walter gropius	Le Corbusier
2-3	jan. 1954	laudo redigido pelo arquiteto José Luis Sert atribuindo o prêmio são paulo ao arquiteto walter gropius	José Luis Sert
4	1954	o arquiteto e o nosso ambiente visual	Walter Gropius
5	1955	ensino do desenho	Lucio Costa
6	1955	aspectos da arquitetura moderna no mexico	Hector Hernandez
6	1955	ensino do desenho	Lucio Costa
7	1956	situação da arquitetura brasileira	Demetrio Ribeiro, Nelson Souza, Enilda Ribeiro
7	1956	exposição latino americana. no moma-ny, desde 1945	Brasil, Arquitetura Contemporanea
7	1956	solução para os revestimentos	Brasil, Arquitetura Contemporanea
8	1956	uma experiência de integração	Lvgia Clark
8	1956	impressões sobre a instrução de um arquiteto	Walter Gropius
8	1956	o livro de henrique e. mindlin	C.M.B.
8	1956	modern architecture in brazil	L. C. (Lucio Costa?)
9	1957	arquitetura e os tempos	Mies Van Der Rohe
10	1957	reflexões em torno da nova capital	Mario Pedrosa
FORMA: ARQUITETURA, ARTES PLÁSTICAS, TEATRO (1954-1956)			
PROJETOS DE ARQUITETOS ATUANTES EM SÃO PAULO			
Nenhuma			
REPORTAGENS SOBRE SÃO PAULO			
Nenhuma			
REPORTAGENS SOBRE A CRÍTICA PAULISTA			
Nenhuma			
REPORTAGENS COM ELEMENTOS DA CRÍTICA PAULISTA			
1	jun. 1954	Funcionalismo e Plasticismo	Forma
2	ago. 1954	Nedab: para divulgar arquitetura	Forma
3	out. 1954	A primeira exposição do NEDAB	Forma
OUTRAS REPORTAGENS IMPORTANTES			
1	jun. 1954	Arquitetura Americana	Forma
2	ago. 1954	Uma profissão fascinante	Joaquim Tenreiro
4	dez. 1954	Pré-fabricação em arquitetura	Paulo Santos
5	mar. 1956	Seidler: revolução arquitetônica na Austrália	Georges Landau
MÓDULO (1955-1965)			
PROJETOS DE ARQUITETOS ATUANTES EM SÃO PAULO			
1	mar/1955	residência do arquiteto	Oswaldo Bratke
2	ago/1955	residência dr. milton guper	Rino Levi
2	ago/1955	residência h. almeida	Vilanova Artigas
4	mar/1956	residência em xavantes	Adolpho Rubio De Moraes
4	mar/1956	botucatu tenis clube	Zenon Lotufo
6	dez/1956	hotel hortolândia	Sioma Selter, Nestor Lindenberg
7	fev/1957	museu da aeronáutica	Giancarlo Palanti, Zenon Lotufo, Aldo Calvo
8	jul/1957	plano piloto de brasil	Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar, L.R. Canvalho Franco
8	jul/1957	plano piloto de brasil	Henrique Mindlin, Giancarlo Palanti
13	abr/1959	palácio do comércio	Carlos Cascaldi, Vilanova Artigas, Mario Vagner V. Da Cunha, Paulo De
13	abr/1959	escola técnica de jundiá	Eduardo Kneese De Mello, Carlos Sena
13	abr/1959	loja em são paulo	Eduardo Corona, Mario Guarnieri
13	abr/1959		Jorge Seiszigupin

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR
14	ago/1959	palácio da agricultura em brasil	Eduardo Kneese De Mello
16	dez/1959	jockey club de são paulo	Carlos Millan, Jorge Wilhelm, Maurício Schneider
19	ago/1960	clube em porto alegre	Zenon Lotufo, Ubirajara Ribeiro
24	ago/1961	assembléia legislativa do estado de são paulo	Adolpho Rubio De Moraes, Rubens C. Vianna, Ricardo Sievers
24	ago/1961	assembléia legislativa do estado de são paulo	Eduardo Kneese De Mello, José Maria Gandolfi, Joel Ramalho, Luiz Forte
24	ago/1961	edifício de apartamentos	Eduardo Kneese De Mello, Joel Ramalho
27	mar/1962	ginásio coberto do paulistano atlético clube sp	Paulo A.M. Da Rocha, Joao E. De Gemmaro
28	jun/1962	ginásio estadual de guarulhos sp	Villanova Artigas
28	jun/1962	teatro municipal e centro de arte em santos	Oswaldo Correa Goncalves, Julio R. Katinsky, Abraão Sanovicz
28	jun/1962	residência em são paulo	Marcos De Vasconcellos
31	dez/1962	concurso internacional Peugeot	Roberto Afonso, Plinio Croce, Giancarlo Gasperini, Eduardo Suarez
35/63	dez/1963	embaixada do paraguay	Fernando Saturnino De Brito
35/63	dez/1963	residência em assunção	Fernando Saturnino De Brito
38	dez/1964	pavilhão de veneza	Henrique Mindlin
38	dez/1964	hospital da sociedade portuguesa de benef. de santos	Hans Broos
REPORTAGENS SOBRE SÃO PAULO			
1	mar/1955	mutilado o parque do ibirapuera	Módulo
2	ago/1955	notícias do IAB de s. paulo	Módulo
2	ago/1955	III bienal de são paulo	Módulo
15	out/1959	V bienal de são paulo	Máuro Cesar
21	dez/1960	regulamento da vi bienal de são paulo	Módulo
25	out/1961	arquitetura na vi bienal de são paulo	Módulo
25	out/1961	prêmios da vi bienal de são paulo/ artes plásticas	Módulo
34	ago/1963	encontros de arquitetura	Módulo
34	ago/1963	programação visual	Módulo
REPORTAGENS SOBRE A CRÍTICA PAULISTA			
Nenhuma			
REPORTAGENS COM ELEMENTOS DA CRÍTICA PAULISTA			
1	mar/1955	crítica a arquitetura brasileira	Módulo
2	ago/1955	crítica - autocrítica	Oscar Niemeyer
3	dez/1955	problemas atuais da arquitetura brasileira	Vários
16	dez/1959	arquitetos e críticos de arte falam sobre brasil	William Holford
17	abr/1960	problemas e perspectivas de brasil	
OUTRAS REPORTAGENS IMPORTANTES			
1	mar/1955	le corbusier	Oscar Niemeyer
1	mar/1955	arquitetura brasileira	Joaquim Cardozo
2	ago/1955	o arquiteto e a sociedade contemporânea	Lucio Costa
3	dez/1955	arquitetura latino-americana desde 1945	Módulo
4	mar/1956	entrevista excl. do sr. iuscelino kubitschek à modulo	Flavio De Aquino
4	mar/1956	dois episódios da história da arq. mod. brasileira	Joaquim Cardozo
5	set/1956	a capela de ronthamps	Oscar Niemeyer
5	set/1956	oscar niemeyer - work in progress	Le Corbusier
6	dez/1956	oscar niemeyer fala sobre a nova capital do brasil	Jose Guilherme Mendes
7	fev/1957	considerações obre a arquitetura brasileira	Oscar Niemeyer
8	jul/1957	edição especial sobre brasil	Módulo
9	fev/1958	depoimento	Oscar Niemeyer
10	ago/1958	forma estática-forma estética	Joaquim Cardozo
11	dez/1958	a cidade contemporânea	Oscar Niemeyer

ANEXO 2
São Paulo nas revistas
publicadas no Rio de
Janeiro (1945-1965).
MÓDULO

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR
12	fev/1959	exposições de arquitetura brasileira	J.O. De Meira Penna
13	abr/1959	da arte concreta a arte neoconcreta	Ferreira Gullar
14	ago/1959	brasil vista por um inglês	J.M. Richards
14	ago/1959	plano piloto para a poesia concreta	Haroldo De Campos/ Decio Pignatari/ Augusto De Campos
14	ago/1959	concretismo	Waldemar Cordeiro
15	out/1959	a imaginação na arquitetura	Oscar Niemeyer
15	out/1959	o congresso extraordinário da aica	J.O. De Meira Penna
16	dez/1959	lições do congresso internacional de críticos	Mário Pedrosa
16	dez/1959	a arte e a educação	Lucio Costa
16	dez/1959	a propósito de Brasília	Amancio Williams
17	abr/1960	surge Brasília	Aline Saarinen
18	jul/1960	Brasília e o desenvolvimento nacional	Roland Corbisier
18	jul/1960	minha experiência de Brasília	Oscar Niemeyer
18	jul/1960	a inauguração de Brasília na imprensa mundial	Módulo
19	ago/1960	sobre Brasília	William Holford
21	dez/1960	forma e função na arquitetura	Oscar Niemeyer
23	jun/1961	o novo humanismo científico e tecnológico	Lucio Costa
24	ago/1961	Brasília: um retorno	Stamio Papadaki
26	dez/1961	Joachim Cardozo	Rodrigo Mello Franco De Andrade
26	dez/1961	Joachim Cardozo	Oscar Niemeyer
26	dez/1961	Joachim Cardozo	Jorge Amado
26	dez/1961	o mestre de obras Joachim Cardozo	Samuel Rawet
26	dez/1961	Joachim Cardozo, crítico de arte	Mário Barata
27	mar/1962	habitação pré-fabricada em Brasília	Oscar Niemeyer
31	dez/1962	contradição na arquitetura	Oscar Niemeyer
32	mar/1963	papel e função da universidade de Brasília na luta pelo	Darcy Ribeiro
32	mar/1963	aos meus amigos do Brasil	Le Corbusier
32	mar/1963	le Corbusier	Oscar Niemeyer
33	jun/1963	arquitetura brasileira na Europa	Módulo
34	ago/1963	algumas idéias novas sobre arquitetura	Joachim Cardozo
34	ago/1963	mestre do humanismo e da paz	Jorge Amado
35/63	dez/1963	escola superior de desenho industrial	Flavio De Aquino
37	ago/1964	VII biennial de São Paulo e outra configuração	Mário Barata
37	ago/1964	arquitetura e desenvolvimento	Maurício Vinhas De Queiroz
38	dez/1964	esdi - escola superior de desenho industrial	Flavio De Aquino
38	dez/1964	o tempo livre brasileira na trienal	Jayme Maurício
1AB	GUANABARA (1961-1962) E ARQUITETURA (1962-1965)		RIO DE JANEIRO
Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR
PROJETOS DE ARQUITETOS ATUANTES EM SÃO PAULO			
1	ago. 1961	assembleia legislativa de São Paulo	Adolpho R. Moraes, Rubens Carneiro Viana, Ricardo Sievers
3	dez. 1961	ginásio coberto do clube paulistano	Paulo Mendes Da Rocha E João Eduardo Gennaro
7	jan. 1963	edifício monumental Peugeot em Buenos Aires	Roberto Aflalo, Plinio Croce, Gasperini, Eduardo P. Suatez
11	mai. 1963	habitação no Iacana	Brenno Azerino Nogueira
11	mai. 1963	o pavilhão do Brasil na feira de Tóquio	Manoel K. Correa
16	out. 1963	projeto: ioquei clube de goias	Paulo Mendes Da Rocha E João Eduardo Gennaro
20	fev. 1964	igreja presbiteriana nacional de Brasília	Adolpho R. De Moraes, Marcos Kondor Nt. e Hircio F. De Miranda
20	fev. 1964	igreja presbiteriana nacional de Brasília	Ulirialara Mota Lima Ribeiro
23	mai. 1964	ginásio paulo sarazate - fortaleza	Itaro De Castro Mello

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR
27	set. 1964	cherp- hidrelétrica de ibitinga unidade residencial	Decio Tozzi E Luis Carlos Ramos
28	out. 1964	monumento a cidade de goiania	Luis Forte Netto, Jose Maria Gandolfi E Roberto Luis Gandolfi
29	nov. 1964	estádio na cidade universitaria sp	Karo De Castro Mello E Alfredo Paesani
35	mai. 1965	hospital geral dos servidores do estado do pe	Milton De Almeida Pinheiro, Paulo De Mello Bastos, Paulo Zimbres
35	mai. 1965	maternidade universitaria de são paulo	Rino Levi e Roberto Cerqueira Cesar
37	jul. 1965	nacional shopping center de madureira	Mindlin, Giancarlo Palanti e Arquitetos Associados.
38	ago. 1965	centro civico de santo andre	Rino Levi, R. Cerqueira Cesar, e L.R. Carvalho Franco
41	nov. 1965	habitação individual	Joaquim Guedes
41	nov. 1965	habitação individual	Ruy Ohtake
41	nov. 1965	edifício para fins comerciais	Telesforo Cristofani
42	dez. 1965	edifício columbus	Rino Levi
42	dez. 1965	cinema art palácio	Rino Levi
42	dez. 1965	sedes sapientia	Rino Levi
42	dez. 1965	teatro cultura artística	Rino Levi
42	dez. 1965	usina de leite da tecelagem parahyba	Rino Levi
42	dez. 1965	banco sul americano	Rino Levi
REPORTAGENS SOBRE SÃO PAULO			
1	ago. 1961	noticiário: bial de são paulo	
2	set. 1961	arquitetura na IV bial de são paulo	
2	set. 1961	noticias: novas diretorias iab-sp	IAB-GB
3	dez. 1961	noticias: ipesp	
5	abr. 1962	noticias: o crea pune em sp	
6	dez. 1962	conclusões da I jornada nacional da habitação	IAB
6	dez. 1962	noticias: centro de est. brasileiros do gfau	
6	dez. 1962	noticias: acrópole 286	
7	jan. 1963	noticias: acrópole 288	
7	jan. 1963	noticias: artigos paraninfia 36 novos arquitetos	
7	jan. 1963	noticias: salão paulista de belas-artes -arquitetura.	
7	jan. 1963	Os maiores no salão de belas artes de SP	
8	fev. 1963	le corbusier em são paulo	Geraldo Ferraz
8	fev. 1963	arquitetura e desenvolvimento	Mauricio Vinhas De Queiroz
8	fev. 1963	mam passa para a universidade	Ferreira Gullar
8	fev. 1963	acrópole 289	
8	fev. 1963	pininfarina, chia e fissore em são paulo	
8	fev. 1963	iab-sp protesta	IAB-SP
9	mar. 1963	destaque: são paulo 1962: construções	
10	abr. 1963	o caso de um museu	
11	mai. 1963	3 soluções para o conjunto residencial do iacana	
11	mai. 1963	XII salão paulista de arte moderna	IAB
12	jun. 1963	plano diretor para salvar do caos a cidade de são paulo	Freitas Nobre
12	jun. 1963	notas: arquitetura	M.N.B.
12	jun. 1963	noticiário do conselho superior: bial de são paulo	IAB
14	ago. 1963	noticias: movimento de construção em são paulo	Folha De São Paulo
14	ago. 1963	noticias: quase nada de novo no salão de arte moderna	Folha De São Paulo
15	set. 1963	noticias: seminário de urbanismo em são paulo	
16	out. 1963	os 25 anos de acrópole e uma mentalidade publicitária.	M.N.B.
16	out. 1963	os arquitetos e as eleições municipais de são paulo	Jorge Wilheim
17	nov. 1963	novas construções licenciadas em são paulo	

ANEXO 2
São Paulo nas revistas
publicadas no Rio de
Janeiro (1945-1965).
GUANABARA/
ARQUITETURA

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR
19	jan. 1964	galeria: bienal: conchavos.	Ferreira Gullar
19	jan. 1964	arquitetura: o planejamento é a base de qualquer realização	Alberto Botti
19	jan. 1964	notícias: iab sp faz anos	
19	jan. 1964	notícias: iab sp oferece cooperação	
26	ago. 1964	introducao ao painel.	
29	nov. 1964	destaque: o homem e a paisagem paulistana.	
31	jan. 1965	destaque: carlos millán	
32	fev. 1965	destaque: novos arquitetos	Joaquim Guedes
34	abr. 1965	o plano diretor de santo andré	
40	out. 1965	notícias: falecimento de rino levi	
41	nov. 1965	arquitetura na viii bienal	
42	dez. 1965	o arquiteto rino levi	Rino Levi
42	dez. 1965	pensamento de rino levi: carta	Rino Levi
42	dez. 1965	pensamento de rino levi: mudam os tempos	
42	dez. 1965	individualidades na historia atual da arquitetura no brasil: Rino Levi	Geraldo Ferraz
42	dez. 1965	Rino Levi: uma nova dignidade a habilação	Bruno Allieri
REPORTAGENS SOBRE A CRÍTICA PAULISTA			
nenhuma			
REPORTAGENS COM ELEMENTOS DA CRÍTICA PAULISTA			
1	ago. 1961	inquérito nacional de arquitetura: acacio gil borsoi, adolpho rubio de morales, affonso eduardo reidy	Alfredo L. Britto (Org)
2	out. 1961	inquérito nacional de arquitetura: carlos maximiliano fayet, demetrio ribeiro e edgar graeff	Alfredo L. Britto (Org)
3	dez. 1961	inquérito nacional de arquitetura: flavio marinho reso	Alfredo L. Britto (Org)
4	fev. 1962	inquérito nacional de arquitetura: gregori warchavchik, henrique mindlin	Alfredo L. Britto (Org)
5	abr. 1962	inquérito nacional de arquitetura: joao henrique rocha, josé claudio gomes, lucio costa, mmm roberto	Alfredo L. Britto (Org)
6	dez. 1962	inq. nac. de arq.: marcello aciolly fragelli, marcos kondner netto	Alfredo L. Britto (Org)
7	jan. 1963	inq. nac. de arq.: oscar niemeyer, sergio bernardes, silvio de vasconcellos	Alfredo L. Britto (Org)
OUTRAS REPORTAGENS IMPORTANTES			
1	ago. 1961	editorial: existe uma luta...	IAB-GB
1	ago. 1961	palestra (urbanismo)	Adina Mera
1	ago. 1961	o governo, a cidade e o instituto	
2	out. 1961	falecimento de saarinen	
2	out. 1961	editorial: turismo	
2	out. 1961	planejamento regional: uma nova tarefa	Lewis Munford
2	out. 1961	arquitetura brasileira	Mauricio Roberto
2	out. 1961	uma nova escola a espera de um ensino melhor	
2	out. 1961	o instituto, as caixas economicas e os planos diretores	
3	dez. 1961	editorial	
3	dez. 1961	arquitetura finlandesa	
3	dez. 1961	a madeira como material de construção	Alvar Aalto
3	dez. 1961	uma nova arquitetura: finlandia na vanguarda	

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR
4	fev.1962	gilberto freire e os arquitetos	Henrique Mindlin
4	fev.1962	convênio	IAB-GB
5	abr.1962	o problema nacional da habitação	IAB-GB
5	abr.1962	na guanabara	IAB-GB
5	abr.1962	ampliação do mercado de trabalho: convênios	IAB-GB
5	abr.1962	lúcio costa: livro	
5	abr.1962	VI congresso internacional de arquitetos	
6	dez.1962	editorial	
6	dez.1962	o problema da habitação e o arquiteto: + 2 documentos	IAB-GB
6	dez.1962	plano diretor para gb	Paulo Alberto Monteiro De Barros
6	dez.1962	premio cinquentenário brafor	
6	dez.1962	notícias: salão acadêmico	
7	jan.1963	editorial: rio de janeiro 1963	
7	jan.1963	ausencia de uma critica	Ferreira Gullar
7	jan.1963	um quarto de século depois, corbu visita o brasil	Le Corbusier
7	jan.1963	o problema da habitação e o arquiteto	Alceu Amoroso Lima/ Antonio Carolino Goncalves
7	jan.1963	objeto estetico vai se tornar utilidade com a escola de desenho	
7	jan.1963	destaque: arquitetura e desenvolvimento	Mauricio Vinhas Queiroz
7	jan.1963	noticiário: capanema indaga em discurso	
8	fev.1963	editorial: o plano trienal e a habitação	
8	fev.1963	formulação para uma eventual mudança de politica externa ou a	Mauricio Roberto
8	fev.1963	o arquiteto na sociedade norte-americana	Thomas H. Creighton
8	fev.1963	Le corbusier e o brasil	Lucio Costa/ Herodlio Sales/ Gustavo Capanema/Geraldo Ferraz/Miranda
8	fev.1963	favelas	José Arthur Rios
8	fev.1963	arquitetura e desenvolvimento	Mauricio Vinhas Queiroz
8	fev.1963	noticias: curriculo de arquitetura continua com cinco anos	
9	mar.1963	editorial: a partilha e o plano	Não Informado
9	mar.1963	reportagem: arquitetura dinamiquesa	Corpo Editorial
9	mar.1963	o problema da habitação e os arquitetos: a batalha da habitação	Claude Bourdet
9	mar.1963	documentação: habitação na urss	Eduardo Kneese De Mello
9	mar.1963	noticias: congresso internacional de engenharia aeroportuaria	
10	abr.1963	editorial: mensagem	Corpo Editorial
10	abr.1963	copacabana, jiuica...início de uma nova era?	Corpo Editorial
10	abr.1963	humor	Claudius
10	abr.1963	as favelas do rio, encaminhamento para a solução	Mauricio Roberto
10	abr.1963	o problema da habitação no brasil	M.N.B.
10	abr.1963	equipamento de interiores: ensino e industrialização.	Joaquim Tenreiro
10	abr.1963	ensino: desenho industrial na gb	
10	abr.1963	o desenvolvimento economico e urbano. implicações sociais	Catharine Bauer
10	abr.1963	destaque: o correio da manhã perde a linha	
11	mai.1963	editorial: reforma urbana	Corpo Editorial
11	mai.1963	para uma nova politica da habitação popular	José Claudio Gomes
11	mai.1963	arte industrial na checoslováquia	Ferreira Gullar
11	mai.1963	galeria: desenho industrial	Ferreira Gullar
11	mai.1963	destaque: o criador e sua obra	Oscar Niemeyer
11	mai.1963	cartas: "caros colegas..."	Rino Levi
12	jun.1963	editorial: a participação do arquiteto	

ANEXO 2
São Paulo nas revistas
publicadas no Rio de
Janeiro (1945-1965).
GUANABARA/
ARQUITETURA

ANEXO 2
São Paulo nas revistas
publicadas no Rio de
Janeiro (1945-1965).
**GUANABARA/
ARQUITETURA**

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR
12	jun. 1963	o problema da habitação e os arquitetos: um médico contra os arquitetos	Robert Henri Hazemann
12	jun. 1963	o terreno da rua do passeio e os arquitetos	Carlos Lacerda
12	jun. 1963	carta aberta aos arquitetos brasileiros	Pierre Vago
12	jun. 1963	seminário da habitação e reforma urbana	IAB-GB
12	jun. 1963	destaque: arquitetura brasileira em manchetes	
12	jun. 1963	renovação do industrial design no brasil	
13	jul. 1963	editorial: um seminário de habitação e reforma urbana	
13	jul. 1963	história: obra do arq. luiz nunes	Antonio Pedro Gomes De Alcantara
13	jul. 1963	luiz nunes	J. Bezerra Baltar
13	jul. 1963	joaquim cardoso e o d.a.u.	Joaquim Cardoso
13	jul. 1963	uma diretoria de arquitetura	Luiz Nunes
13	jul. 1963	o problema da habitação e os arquitetos: politica social do mocambo	
13	jul. 1963	Oscar niemeyer laureado com premio lenine	Oscar Niemeyer
13	jul. 1963	destaque: urbanização caos ou progresso?	M.N.B.
13	jul. 1963	destaque: iab-carta	Maurício Roberto
14	ago. 1963	s.hru: seminário de reforma urbana	
14	ago. 1963	historia: obra do arq. atílio correia lima	Bruno Correia Lima
14	ago. 1963	desenho industrial: arte ou tecnologia	Misha Black
14	ago. 1963	entrevista: arquitetos rumenos no iab-gb	IAB-GB
14	ago. 1963	reportagem: bauhaus, 50 anos depois	Ferreira Gullar
14	ago. 1963	destaque: habitação popular	
14	ago. 1963	destaque: arquitetura - bichos	A.L.B.
15	set. 1963	editorial:desafio	
15	set. 1963	Seminário de habitação e reforma urbana/ documento final do editorial: nossas cidades	
16	out. 1963	editorial: terra livre	
16	out. 1963	cauleiro seco, uma experiencia em autoconstrução	OMS
16	out. 1963	habitação e saúde	
16	out. 1963	desenho industrial: arquitetura e desenho industrial	Flavio Mainho Rego
16	out. 1963	carta de um arquiteto ou de como possuir autênticas obras helênicas na época da vi república brasileira	Marcelo Fragelli
16	out. 1963	crítica: a arquitetura na grã-bretanha de hoje	Nikolaus Pevsner
17	nov. 1963	editorial: terra livre	
17	nov. 1963	a lei do inquilinato e a habitação	Arq. Mauricio Nogueira Batista
17	nov. 1963	noticias: desenhistas industriais fundam associação	
17	nov. 1963	cartas: "na seção destaque..."	Lygia Clark
18	dez. 1963	editorial: arquitetura, 1963	
18	dez. 1963	habitação terá lei específica	
18	dez. 1963	iab-gb manifesta-se sobre a lei do inquilinato	Arq. Arthur Lima Cavalcanti
18	dez. 1963	s.hru dá frutos em porto alegre	IAB-GB
18	dez. 1963	urbanismo por telegrama	
18	dez. 1963	destaque: exploração imobiliária dá filme	Arq. Jorge Wilhelm
18	dez. 1963	estante: lucio costa, sobre arquitetura	M.N.B.
19	jan. 1964	premição do iab e divulgação da arquitetura	
19	jan. 1964	premio iab-gb 1963	IAB-GB
20	fev. 1964	dois fatos	
20	fev. 1964	aspectos do VII congresso da uia	Britto, Alfredo L.

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR
20	fev. 1964	o caso doxiadis	IAB-GB
20	fev. 1964	frank loyd wright no brasil	Miranda Neto
21	mar. 1964	o governo, os arquitetos e o planejamento territorial	
21	mar. 1964	caso doxiadis II	IAB-GB
21	mar. 1964	escola superior de desenho industrial: experiência de um ano e perspectivas	Claudius S. P. Cecon
21	mar. 1964	a tal da reforma urbana	Jorge Wilhelm
21	mar. 1964	a profissão do desenhista industrial	Decio Pignatari
22	abr. 1964	a necessidade de planejar	
22	abr. 1964	planos diretores para as cidades pequenas e médias do brasil	Antonio Bezerra Balhar
22	abr. 1964	a arquitetura e o desenho industrial II	Flavio Mammo Rego
22	abr. 1964	planejamento e controle da produção	Alberto Vieira De Azevedo
22	abr. 1964	bibliografia comentada sobre planejamento urbano	
23	mai. 1964	ainda a reforma habitacional	
23	mai. 1964	cinco fórmulas falsas para a habitação	Richard D. Ahern
24	jun. 1964	arquitetura: profissão necessária	
24	jun. 1964	as influências mútuas das arq. do oriente e do ocidente	Kunio Mayekawa
24	jun. 1964	o planejamento e sua importância na formação do arq.	Jorge Wilhelm
24	jun. 1964	assembleia nacional do iab	IAB-GB
24	jun. 1964	giedion: continuidade e evolução da vocação do arquiteto	Siegfried Giedion
24	jun. 1964	neutra: arquitetura e biologia	Richard Neutra
25	jul. 1964	o futuro da cidade e a arquitetura	
25	jul. 1964	a cidade e a doença mental	
25	jul. 1964	gb- faculdade de arquitetura e urbanismo	Mauricio Nogueira Batista
26	ago. 1964	a necessidade de um novo movimento de arquitetura	
26	ago. 1964	marcelo roberto	
27	set. 1964	o arquiteto e sua luta	
27	set. 1964	monumentos: tema de debate em veneza	Gian Carlo Gasperini
27	set. 1964	carta de veneza	
27	set. 1964	tempo perdido	
27	set. 1964	sonhadores sim, com muita honra	Mauricio Roberto
27	set. 1964	affonso eduardo reidy	Marcos Konder Netto
28	out. 1964	a cidade e a integração cultural	M.N.B.
28	out. 1964	marcelo roberto e sua obra pioneira	
28	out. 1964	esplendor e miséria do arquiteto brasileiro	Marcelo Roberto
28	out. 1964	o pensamento de marcelo roberto	Jaime Mauricio
29	nov. 1964	arquitetura, publicidade e literatura especializada	
30	dez. 1964	os arquitetos e a expansão urbana brasileira	
30	dez. 1964	affonso eduardo reidy (1909-1964)	
30	dez. 1964	depoimento sobre affonso eduardo reidy	João Carlos Vital
30	dez. 1964	depoimento sobre affonso eduardo reidy	Alim Pedro
30	dez. 1964	o estilo e a obra de affonso eduardo reidy	Gerald Gassiot-Talabot
30	dez. 1964	um guia da arquitetura japonesa	Ryuichi Hamacuchi
31	jan. 1965	o arquiteto e o móvel	
31	jan. 1965	notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro	Lucio Costa
31	jan. 1965	movel brasileiro: um pouco de sua história	Joaquim Tenreiro
31	jan. 1965	o móvel em série, uma experiência	Michel Arnoult
31	jan. 1965	escola superior de desenho industrial	Flavio De Aquino

ANEXO 2
São Paulo nas revistas
publicadas no Rio de
Janeiro (1945-1965).
GUANABARA/
ARQUITETURA

ANEXO 2

São Paulo nas revistas
publicadas no Rio de
Janeiro (1945-1965).

GUANABARA/
ARQUITETURA

Nº	DATA	TÍTULO	AUTOR
32	fev. 1965	a problemática cultural da arquitetura	
33	mar. 1965	congressos int. e a realidade arquitetônica brasileira	
33	mar. 1965	arquitetura enlutada: affonso eduardo reidy	
34	abr. 1965	urbanismo, arquitetura e desenvolvimento	Rubem Braga, Pierre Mas
34	abr. 1965	arquitetura na finlandia	Maurício Roberto
34	abr. 1965	arquitetura finlandesa	Kyösti Ålander
34	abr. 1965	oscar niemeyer - grande prêmio int. de arquitetura	
36	jun. 1965	arquitetos: formação e demanda	
36	jun. 1965	marcelo roberto	Paulo Santos
37	jul. 1965	habitação e crise da construção	
38	ago. 1965	planejamento urbano	
38	ago. 1965	marcelo roberto II	Paulo Santos
39	set. 1965	formação do arquiteto	
39	set. 1965	le corbusier	
39	set. 1965	desenvolvimento exige bom desenho industrial	Raul Loureiro
40	out. 1965	a p-nb 140 e o futuro da construção	
40	out. 1965	pré-fabricação	
40	out. 1965	pré-fabricação: alguns aspectos em discussão no iab	
40	out. 1965	pré-fabricação: uma nova linguagem	Flavio Marinho Rego
40	out. 1965	a pré-fabricação: objetivos e perspectivas	Theodoro Rosso
40	out. 1965	rino levi	M.N.B.
41	nov. 1965	o iab e os arquitetos	
41	nov. 1965	as razões da pnb-40	
41	nov. 1965	um roteiro de pesquisas p/ o planejamento urbano	Maurício Roberto
42	dez. 1965	arquitetura 1965	Francisco Withaker Ferreira
42	dez. 1965	mensagem do presidente dos estados unidos	Lyndon Johnson
42	dez. 1965	um roteiro de pesquisas p/ o planejamento urbano II	Francisco Withaker Ferreira

ANO	PROJETO	LOC	TIPO	INSC	JURI	PARTICIPANTES NOTICIADOS	ACROP	HABIT	AD
1945	Vestário de Tênis - Clube Pinheiros	SP	PR	-	-	Icaro de Castro Mello (1) Francisco Azevedo & Palma Travassos (N.INF)	93 / 94	-	-
1946	Sede do IAB-SP	SP	PR	13	Oscar Niemeyer, Helio Uchoa, Firmino Saldanha	Abelardo de Souza, Gagliano Ciampaglia, Roberto C. Cesar, Helio Duarte, Rino Levi, Zenon Lotufo, Jacob Ruchti, Miguel Forte (1)	119 / 121	-	-
1950	Conjunto Aquático	SP	PR	-	-	Icaro de Castro Mello (N.INF) Carlos Frederico Ferreira (1)	174	-	-
1951	Monumento Rui Barbosa - Segundo Concurso	RJ	PN	-	-	Pedro Guimarães e Jacques Gottard (1) Flavio Marinho Rego, José Pedrosa e Antonio Bandeira. (Finalista) Helio Duarte, Ernesto Carvalho Mange, Fracarolli (Finalista) José de Souza Reis (Finalista) Acacio Gil Borsol (Finalista)	-	12	11
1952	Paço Municipal da Cidade de São Paulo	SP	PN	-	-	Oscar Niemeyer, Carlos A. Gomes Cardim Filho, Alfredo Ciglio, Julio Cesar Lacrete, Carlos Lodi, Mario Henrique Pucci, Eduardo Corona (Comissão) Miguel Badra Junior (N.INF.) Adhemar M. da Cunha, Geraldo Prado Guimarães (1)	164 / 165 / 179	9	3
1952	Sede DER	SP	PN	-	Ariovaldo de Almeida Viana, Francisco P. Maia, Luis A. Melo, Fernando Martins Gomes	Afonso Iervolino, Miguel Badra Junior, Helio Duarte, Carvalho Mange (2)	167	-	-
1953	SPEC - Estádio	SP	PR	-	-	João Batista Vilanova Artigas (1)	184	11	-
1953	Igreja São Domingos	SP	PR	-	-	Sergio Bernardes (1)	19	-	-
1953	Torre do Relógio USP	SP	PR	-	-	Rino Levi (1)	184	27 / 34	-
1954	Santuário São Judas Tadeu - Cosme Velho	RJ	PR	-	-	Angelo Murgel e Ulisses Burlamarqui Sergio Bernardes	-	17 / 35	-
1954	Congregação Israelita de SP	SP	PR	-	-	Henrique E. Mindlin(1o) Gregori Wachavchik	199 / 254	21	-
1955	Sede da Associação Atlética do Banco do Brasil	RJ	NE	-	Aloisio C. B. Ribeiro, Ernani Vasconcellos, Francisco Bolonha, Sergio Bernardes, Valentim de Oliveira	Carlos Frederico Ferreira, Raif Cesar Habi (1) Gilson Mendes Lages, Walmir Lima Amaral (2) Luis Carlos Brugger Neves, Jorge Alberto Cadaval Mereb (3)	-	27	-
1955	Senado Federal	RJ	PN	-	-	Sergio Bernardes, Rolf Huther, Nicolai Fikoff (COL) (1) Henrique Mindlin (ARQ), Samuel Levi, Walmyr L. Amaral, Marc D. Fondoukas, Sergio Campos, Anny Siakoff, Fernando Tabora (2)	217	26 / 34	-
1956	Monumento Mortos da II Guerra Mundial	RJ	PN	-	-	Helio Ribas Marinho e Marcos Konder Netto (1) Francisco Bolonha (N.INF)	276 / 312	31 / 32	-
1956	Teatro Santos	SP	PN	-	-	Oswaldo Correa Gonçalves, Julio Katinsky e Abraão Sanoviz(1)	277	26,63, 66	-
1957	Paço Municipal e Parque Central em Campinas	SP	PN	24	Rino Levi, Afonso Eduardo Redy, Umberto Aveniente	Rubens Carneiro Viana, Ricardo Sievers (1) Adolfo Rubio de Moraes (2) Jorge Wilhelm, Jorge Zalupin, Roberto Coelho Cardoso, Rosa Grena Klüss, Wladimir Klüss e Abraão Sanoviz (3) Giancarlo Gasperini (4) Salvador Candia (5) Fabio Moura Penteado, Alfredo Paesani (6)	217 / 219 / 224 / 228 / 230	43 / 45	-

ANEXO 3
Concursos de arquitetura publicados nas revistas paulistas (1945-1965).

ANEXO 3
Concursos de
arquitetura publicados
nas revistas paulistas
(1945-1965).

ANO	PROJETO	LOC	TIPO	INSC	JURI	PARTICIPANTES NOTICIADOS	ACRÓP	HABIT	AD
1945	Vestibário de Tênis - Clube Pinheiros	SP	PR	-	-	Icaro de Castro Mello (1) Francisco Azevedo & Palma Travassos (N.I.NF)	93 / 94	-	-
1946	Sede do IAB-SP	SP	PR	13	Oscar Niemeyer, Hélio Uchoa, Firmino Saldanha	Abelardo de Souza, Gagliano Ciampaglia, Roberto C. Cesar, Helio Duarte, Rino Levi, Zenon Lotufo, Jacob Ruchti, Miguel Forte (1)	119 / 121	-	-
1950	Conjunto Aquático	SP	PR	-	-	Icaro de Castro Mello (N.I.NF) Carlos Frederico Ferreira (1)	174	-	-
1951	Monumento Rui Barbosa - Segundo Concurso	RJ	PN	-	-	Pedro Guimarães e Jacques Gottard (1) Flavio Marinho Rego, José Pedrosa e Antonio Bandeira. (Finalista) Helio Duarte, Ernesto Carvalho Mange, Fracaroli. (Finalista) José de Souza Reis. (Finalista) Acacio Gil Borsol (Finalista)	-	12	11
1952	Paço Municipal da Cidade de São Paulo	SP	PN	-	-	Oscar Niemeyer, Carlos A. Gomes Cardim Filho, Alfredo Ciglio, Julio Cesar Lacrete, Carlos Lodi, Mario Henrique Pucci, Eduardo Corona (Comissão) Miguel Badra Junior (N.I.NF.) Adhemar M. da Cunha, Geraldo Prado Guimarães (1)	164 / 165 / 179	9	3
1952	Sede DER	SP	PN	-	Arioaldo de Almeida Viana, Francisco P. Maia, Luis A. Melo, Fernando Martins Gomes	Afonso Iervolino, Miguel Badra Junior, Helio Duarte, Carvalho Mange (2)	167	-	-
1953	SPEC - Estádio Irreia São Domingos	SP	PR	-	-	João Batista Vilanova Artigas (1) Sergio Bernardes (1)	184 / 19	11	-
1953	Torre do Relógio USP	SP	PR	-	-	Rino Levi (1) Angelo Murgel e Ulisses Burlamarqui	184 / 17 / 35	27 / 34	-
1954	Santuário São Judas Tadeu - Cosme Velho	RJ	PR	-	-	Sergio Bernardes	-	-	-
1954	Congregação Israelita de SP	SP	PR	-	-	Henrique E. Mindlin(10) Gregori Wachavchik	199 / 254	21	-
1955	Sede da Associação Atlética do Banco do Brasil	RJ	NE	-	Aloisio C. B. Ribeiro, Enani Vasconcellos, Francisco Bolonha, Sergio Bernardes, Valentim de Oliveira	Carlos Frederico Ferreira, Raif Cesar Habi (1) Gilson Mendes Lages, Walmir Lima Amaral (2) Luis Carlos Brugges Neves, Jorge Alberto Cadaval Mereb (3)	-	27	-
1955	Senado Federal	RJ	PN	-	-	Sergio Bernardes, Rolf Huther, Nicolai Filkoff (COL) (1) Henrique Mindlin (ARQ), Samuyl Levi, Walmyr L. Amaral, Marc D. Fondoukas, Sergio Campos, Anny Siakoff, Fernando Tabora (2)	217 / 276 / 312	26 / 34	-
1956	Monumento Mortos da II Guerra Mundial	RJ	PN	-	-	Helio Ribas Marinho e Marcos Konder Netto (1) Francisco Bolonha (N.I.NF)	276 / 312	31 / 32	-
1956	Teatro Santos	SP	PN	-	-	Oswaldo Correa Gonçalves, Julio Katinsky e Abraão Sanovitz(1)	277 / 26,63, 66	-	-
1957	Paço Municipal e Parque Central em Campinas	SP	PN	24	Rino Levi, Afonso Eduardo Reidy, Umberto Aveniente	Rubens Carneiro Viana, Ricardo Sievers (1) Adolfo Rubio de Moraes (2) Jorge Wilhelm, Jorge Salzipin, Roberto Coelho Cardoso, Rosa Grená Klüss, Wladimir Klüss e Abraão Sanovitz (3) Giancarlo Gasperini (4) Salvador Candia (5) Fabio Moura Penteado, Alfredo Paesani (6)	217 / 219 / 224 / 228 / 230	43 / 45	-

ANO	PROJETO	LOC	TIPO	INSC	JURI	PARTICIPANTES NOTICIADOS	ACROP	HABIT	AD
1957	Assembleia legislativa de Santa Catarina	SC	PN	12	Rui Hulse, Volnei de Oliveira, L. Romanowiki, Rino Levi, Castellar Otto, Celso Ramos	Pedro Saraiva, P. Mendes da Rocha, Alfredo Paesani (1) Valmi Bittencourt (2) Rubens Castellar Pilla (3)	228/ 232	-	-
1957	Grande Hotel Paraguay	PAR.	INT.	-	-	Rubens C. Viana, Adolfo R. Morales e Ricardo Sievers (1) Jaime L. Valdez, Julian Schreveria, Herman Manriquez e Frederico Lorca (2) José de Souza Reis (3) Rubem A. Dufam (4) Julio Neves e Pedro Paulo de Melo Saraiva. (1) Mauricio T. Schneider; Lindenber e Rubens Carneiro Viana; Ricardo Sievers e R. Morales (2) Paulo M. da Rocha e João Eduardo de Genaro (1) Pedro P. de M. Saraiva e Julio J. F. Neves (ARQ) Miguel Juliano e Silva, Luis Forte Neto e José Maria Gandolfi (2) Jorge Wilhelm (3)	-	-	26
1958	Estádio Municipal em Santo André	SP	PN	-	-	Rino Levi, Roberto C. Cesar e Luiz R. Carvalho Franco	237 / 238 / 239	50	-
1958	Ginásio de Esportes - Clube Atlético Paulistano	SP	PN	24	Rino Levi, Plinto Croce e Rubens Carneiro Viana	Paulo M. da Rocha e João Eduardo de Genaro (1) Pedro P. de M. Saraiva e Julio J. F. Neves (ARQ) Miguel Juliano e Silva, Luis Forte Neto e José Maria Gandolfi (2) Jorge Wilhelm (3)	231 / 276 / 295 / 342 /	47	-
1958	Hosp. Albert Einstein	SP	PR	-	-	Rino Levi, Roberto C. Cesar e Luiz R. Carvalho Franco	233 / 239	48 / 50	-
1958	Assembleia legislativa do Rio Grande do Sul	RS	PN	36	Adalmino Bandeira de Moura, Acacio Gil Borsoi, Alcides da Rocha Miranda, Manoel José de Carvalho Meira, Rino Levi, Sylvio de Vasconcellos	Gregório Zolko, Wolfgang Schoedon - SP (1) Emil A. Bered - RS (M.HONROSA) Ari Mazzini - RS (M.HONROSA) Edson de Araujo Queiroz - MG (M.HONROSA) Pawel Martyn Liberman - SP (M.HONROSA) Mauro Gomes Batista - MG (M.HONROSA) Jorge Wilhelm, Pedro Saraiva, Mauricio T. Schneider (M.H) Rubens de C. Monteiro, Artus Wiszderowitz e Eduardo Monteiro José Carneiro Viana e Rubens Carneiro Viana Sergio Barros Monteiro, Roberto Frade Monte, Miguel Juliano e Silva, José Antonio Caruso e Paulo Zimbres	228 / 234 / 238 / 241 / 245 / 248	-	-
1958	Sede de Campo do Instituto de Engenharia	SP	PN	-	-	Rubens de C. Monteiro, Artus Wiszderowitz e Eduardo Monteiro José Carneiro Viana e Rubens Carneiro Viana Sergio Barros Monteiro, Roberto Frade Monte, Miguel Juliano e Silva, José Antonio Caruso e Paulo Zimbres	238	-	-
1959	COSIPA em Cubatão	SP	PR	-	-	José Luiz Fleury de Oliveira, Rodolpho Ortenblad Filho (2)	253	-	-
1959	Edifício 5 Avenida	SP	PR	-	-	Pedro Paulo de Melo Saraiva e Miguel Juliano e Silva. (1)	255	-	-
1959	Iate Clube - Londrina	PR	PN	-	-	Abraão Sanovicz, João W. Toscano, Julio R. Katinsky (1)	249/ 253	-	-
1959	Sede - Banco London & South America	SP	PR	-	-	Henrique Mindlin (1) Sergio Bernardes (N.INF) Afonso Reidy (N.INF) Irmão Roberto (N.INF)	264/ 300	-	-
1959	Sede IPESP	SP	PN	24	Eduardo Kneese de Mello, Gustavo Caron, e Lauro Bastos Birkholz	Rubens Carneiro Viana e Ricardo Sievers(1)	254	-	-
1959	Joquei Clube de SP	SP	PR	10	Lauro da Costa Lima, Mauricio Roberto e Oswaldo Arthur Bratke	Carlos Millan, Jorge Wilhelm, Mauricio T. Schneider (1)	259	-	-
1960	Edifício Metrópole	SP	PR	-	-	Salvador Candia e Giancarlo Gasperini(1)	59	-	-
1960	Mercado de Bauru	SP	PN	-	-	João Cacciola e Ariosto Milla(1)	263	-	-
1960	Praca em S.C.Sul	SP	PR	-	-	Zenon Lotufo e Ubirajara Ribeiro (1)	264	-	-
1960	Clube Harmonia	SP	PR	-	-	Fabio Penteado, Luis Forte Neto e José Maria Gandolfi	260	-	-

ANEXO 3
Concursos de
arquitetura publicados
nas revistas paulistas
(1945-1965).

ANEXO 3
Concursos de
arquitetura publicados
nas revistas paulistas
(1945-1965).

ANO	PROJETO	LOC	TIPO	INSC	JURI	PARTICIPANTES NOTICIADOS	ACROP	HABIT	AD
1961	Assembleia Legislativa de São Paulo	SP	PN	46	Icaro de Castro Melo, Oswaldo Arthur Bratke e Paulo Antunes Ribeiro	Adolpho R. Morales, Rubens C. Viana e Ricardo Sievers (1) Eduardo Kneese de Mello, José Maria Gandolfi, Joel Ramalho Jr, Luiz Forte Netto, Francisco Petracco (2) Miguel Pereira, J.C. Paiva da Silva - RS (3) Ana Mantel, Bernardo Tuny Wettrich e Milton Feferman Jorge Wilhelm, Miguel Juliano e Silva Miguel Pereira, J.C. Paiva da Silva - RS (1)	267/271 /273/27 4/279	-	-
1961	Clube Macabi	SP	PR	-	-	Luiz F Netto, José M. Gandolfi, Francisco Moreira, Joel Ramalho(2) Luiz Carlos Zubaran e David Leo Bondar - RS (3) Charles René Hugaud - RS (4) Beno. Spérinake e Luiz Carlos Xavier (5) Alberto Parussini, Jayme Leventon, Udo Sylvio Mohr (6) Giuseppina P. de Moreira, Norma Cavalcanti de Albuquerque, Orlando Magdalena e Paulo A. Moreira (7)	283	66 / 68	-
1961	Hotel Guarujá	SP	PR	-	-	Miguel Pereira, J.C. Paiva da Silva - RS (1)	275	64	-
1961	São Leopoldo	RS	PN	154 insc/ 16 part.	Arnold W. Schneider, Alfredo Mattis, Emil Bered, Claudio Luiz Araujo, Armenio Wendhausen				
1961	Monumento Pedro de Toledo	SP	PN	-	-	Miguel Pereira, J.C. Paiva da Silva - RS (1)	272/277 /276	66	-
1961	Sede de Campo do Joquei Clube SP - Campinas	SP	PN	-	-	Seráto Bernardes, Henrique Pait (Colaborador) (1) Fabio Penteado e Ubysraira Giglioli (2) Rubens Carneiro Viana e Ricardo Sievers (3)	288	-	-
1962	Concurso Internacional Peugeot	ARG.	INT	-	Marcel Breuer, Eugenio Beaudoin, Afonso Eduardo Redy, Martin Noel, Alberto Prebisch, Francisco Rossi e Francisco Garcia Vasquez	Plinio Croce, Roberto Afalo, Giancarlo Gasperini, Eduardo Suarez(1) J. Binoux e M. Folliason José M. Fernandez Plaza, Julio Bravo Giral, Pablo Pintado Georges Bize e Jacques Ducollet Milton Pinto, Leonardo Turovlin, Enrique Besuievski Carlos Arana Holder, Antenor Orrego Speludin, Juan Torres Higueras e Luiz Vasquez Pancorbo José Luis Bacigalupo, Alfredo L. Guidaldi, Jorge O. Riopadre, Hector Ugarte, Juan M.C. Monie, Fernando Ferrero, Alicia M. Mainero	272/ 280/ 281	67 / 68	-
1963	Paço Municipal de Santo André	SP	PR	10	Giancarlo Gasperini, Oswaldo Bratke e Rodolpho M. Dini	Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar e Luiz R. Carvalho Franco (1)	320	-	-
1963	Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica de SP	SP	PN	27	E. Kneese de Mello, Rino Levi, Leo R. de Moraes, Octavio Lotufo, Decio Pereira e Mario Savelli	Zenon Lotufo e Ubysraira Ribeiro (1) Rubens Carneiro Viana e Ricardo Sievers (2) Jorge Nasser (3) Sergio Ferro, Rodrigo Lefevre e Waldemar Hermann (M.H)	297/ 298	-	-
1963	Clube da Orla no Guarujá	SP	PR	9 / 12 conv	J.B. Vilanova Artigas, Oswaldo Arthur Bratke e Joaquim Guedes	Israel Sancovski e Jeronimo Bonilha Esteves (1) Arnaldo Paolillo, Fernando Moreira e Ney Marcondes (S.INF.) Gregori Warchavchik e Wolfgang Schoedon (S.INF.) Jorge Wilhelm, Miguel Juliano e Silva e Paulo Zimbres (S.INF.) Octacilio Rodrigues Lima (S.INF.) P. Mendes da Rocha, João de Cernaro, Waldemar Herrmann (S.I.) Pedro Paulo de Mello Saraiva (S.INF.) Rodolpho ortenblad Filho e Marcello Fragelli (S.INF.) Sergio Ferro Pereira e Rodrigo Brotero Lefevre (S.INF.)	300	74 / 80	-

ANO	PROJETO	LOC	TIPO	INSC	JURI	PARTICIPANTES NOTICIADOS	ACROP	HABIT	AD
1963	Clube XV em Santos	SP	PN	43	Icaro de Castro Mello, Eduardo Corona e Roberto Afalo	Pedro Paulo de Mello Saraiva e Francisco Petracco (1) Fabio Penteado e Ubyrajara Giglioli (2) Luiz G. Filho, Roberto Luiz Gandolfi e Rodney Gualardo (3) Mauricio Turk Schneider (4) Telesforo Giorgio Cristofani (5) Helo de Maria Penteado, João W. Toscano, José Caetano de Mello Filho, Julio R. Katinsky (M.H.)	291 / 294 / 366	-	-
1963	Sede CI.Pirineiros	SP	NE	-	-	Icaro de Castro Mello Paulo Mendes da Rocha (1) Ariel Veiga da Costa Campos (2) Renan de Barros Oliveira (3) Silas Rodrigues (4)	299	-	-
1963	Joquei clube de goias	GO	PN	-	Heitor Annes Vignoli, Jon Maitrejan, Mauricio Nogueira Batista	Richard Kohn e Pawel Martyn Liberman (1) Laercio Macedo Gontijo (2) Jorge Wilhelm, Miguel Juliano e Silva e Paulo Zimbres (3)	342	-	-
1963	Assembléia Legislativa de Minas Gerais	MG	PN	29	J. Vilanova Artigas; Francisco Bolonha, Mauro Gomes Baptista	Ubyrajara Motta Lima Ribeiro (1) Adolpho Rubio de Morales e Fabio Kok de Sá Moreira (M.H.) Marcos Konder Neto (M.H.)	279 / 283 / 298	69 / 73	-
1964	Igreja Presbiteriana Nacional	DF	PR	-	Eudaldo Lima, Sabino Barroso, Benjamin Ribeiro, Leslie Inke e Edgar Graeff	-	302	-	-
1964	Monumento Martires do Nazismo	SP	PN	-	Joaquim Guedes, Mauricio T. Schneider, David Stuhlberger	Jorge Wilhelm (1)	312	-	-
1964	Motel tipo	SP	PE	23	Rino Levi, Alberto Botti, Victor Civita	Joaquim Guedes (1)	312 / 316	-	-
1964	Centro Comercial	PA	PN	-	Alberto Botti, Eduardo Corona e Elgson Ribeiro Gomes	Manoel de Figueiredo e Noemio Xavier da Silveira Fl.(1) Luiz Forte Nt. José Gandolfi e Lubomir Ficinski Dunin(2) Adolfo R. Morales Gustavo Monteiro e Fabio kok (3) Edmundo Giordano Nelson Andrade, Satio Fujii, Wilson Jorge(M.H.) Fabio Moura Penteado, Alfredo Paesani (6)	310	-	-
1964	Clube Harmonia	SP	PN	-	-	-	260 340 384	-	-
1964	Clube Sirio Libanes em Santos	SP	PN	-	Paulo M. da Rocha, Jorge Wilhelm, Evaristo V. Costa	Siegbert Zanettini, Candido Malta Campos Filho, Manoel Kosciusko	313	-	-
1964	Hospital do Servidor Publico	PE	PN	-	-	Milton de Pinheiro, Paulo Bastos e Paulo Zimbres (1) Maria Lucia Motta de Athayde e José F. Nunes de Carvalho (2) Leo Bonfim, William Munford, Oscar Arine,Jane Vilarés (3)	283 / 308	70	-
1964	Playa Giron	cuba	INT	-	-	Fabio Penteado, Ubyrajara Giglioli, José Ribeiro, Tito Livio Frascino, Vasco de Mello e José Carlos Ribeiro de Almeida	292	-	-
1964	Monumento à Fundação de Goiania	GO	PN	-	Jayme Zettel, Mauricio Nogueira Batista e Eduardo Corona	Luiz Forte Netto, José M. Gandolfi, Roberto L. Gandolfi (1) Alcino Leite, Rogério Garcia, Vasco de Mello,Walter Capriera (2) Ariel Rubinstein e Tito Frascino (3)	307 / 309 / 310 /	-	-
1965	Clube Associação Paulista de Medicina	SP	PN	-	-	Manoel R. S. de Figueiredo, Noemio X. da Silveira F. (4) Israel Sancovski e Jeronimo Bonilha Esteves, Pedro Galvão Cury, Nelson Daruj, Silvano Wendel Filho (1)	312 315	-	-

ANEXO 3
Concursos de
arquitetura publicados
nas revistas paulistas
(1945-1965).

ANEXO 3
Concursos de
arquitetura publicados
nas revistas paulistas
(1945-1965).

ANO	PROJETO	LOC	TIPO	INSC	JURI	PARTICIPANTES NOTICIADOS	ACROP	HABIT	AD
1965	Quartel General da II Região	SP	PN	28	Cid Osório, Heinz Haitenberg, Ricardo C. Valente, Salvador Candia, Israel Sancovski, Jan Maitrejean, Ari Barros	Paulo de Mello bastos, Leo Bonfim Jr., Oscar Arine (1)	316/	81 / 82	-
						David Ottoni e Dacio Ottoni (2)	321/		
						Pawel Martyn Liberman e Richard Kohn (3)	351/		
						Adolpho Rubio Morales e Fabio E. Kok de Sá Moreira (4)	366		